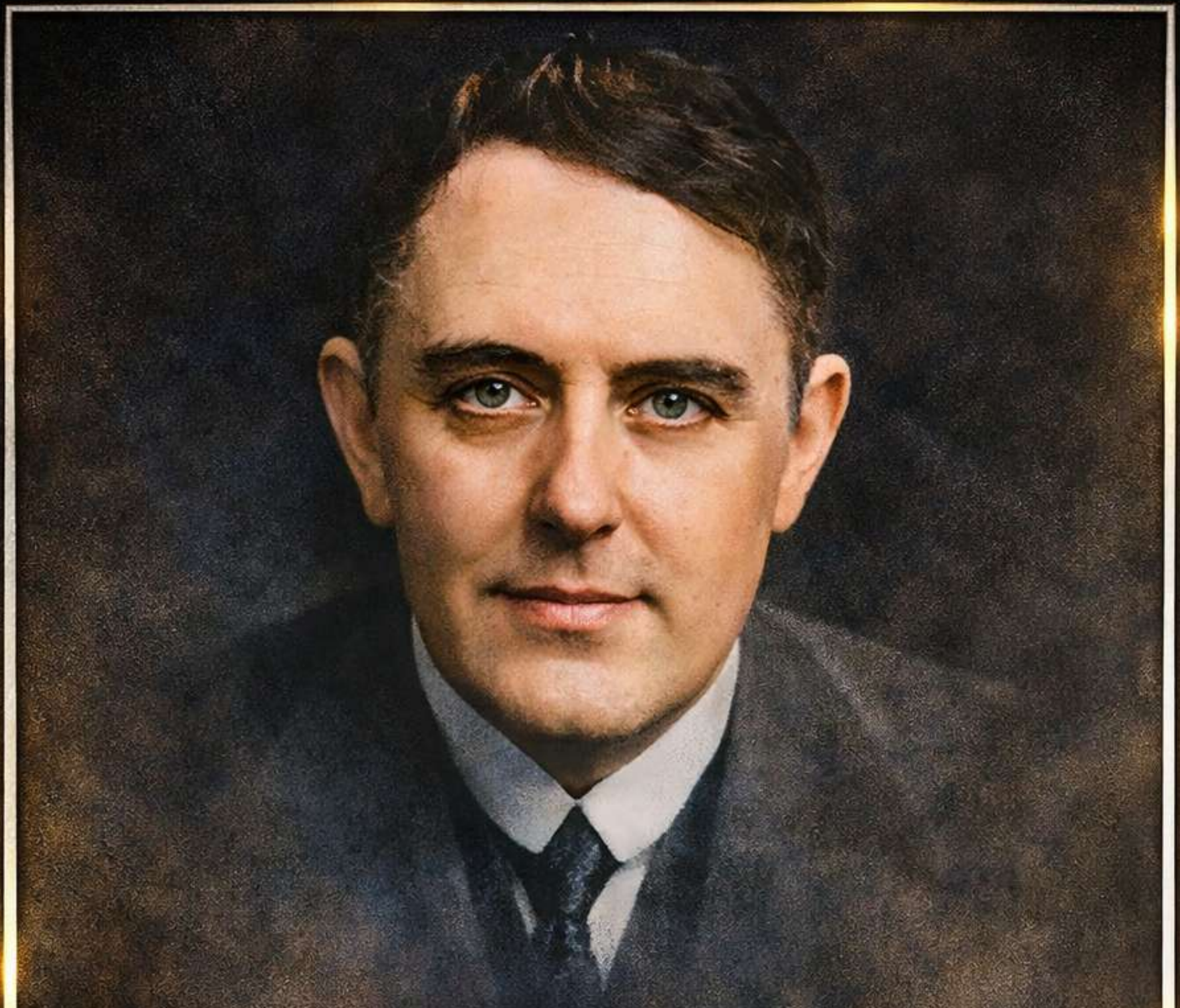


CONFISSÕES

MEMÓRIAS DE UM VIDENTE MODERNO

CHEIRO

(CONDE LOUIS HAMON)

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

CONFISSÕES:

MEMÓRIAS DE UM VIDENTE MODERNO

(Conde Louis Hamon)

Nascido William Jjohn Warner,

(título de nobreza inventado por ele próprio, que afirmava falsamente ter ascendência aristocrática francesa e linhagem cigana para aumentar o seu misticismo.)

"CHEIRO," (Foi o seu pseudónimo mais famoso (pronunciado como *"Quiro"*) foi inspirado diretamente na palavra grega *cheiromancy*, que significa quiromancia (a leitura das mãos).

1 de Novembro de 1866- 08 Outubro 1936

ÍNDICE

CAPÍTULO I
A "CRIAÇÃO DE UM VIDENTE". ALGO SOBRE A MINHA JUVENTUDE E A MINHA RAZÃO PARA ADOTAR UMA CARREIRA TÃO INCOMUM
CAPÍTULO II
FACTOS CURIOSOS SOBRE A MÃO QUE NÃO SÃO GERALMENTE CONHECIDOS. EMBARCO NUM NAVIO MERCANTE COLETIVO[^1] PARA VER O MUNDO
CAPÍTULO III
TORNO-ME ÚTIL A BORDO DO NAVIO. OS MARINHEIROS RUDEZES TORNAM-SE MEUS AMIGOS. O MEU ESTUDO DAS MÃOS É A CHAVE QUE ABRE OS SEUS CORAÇÕES
CAPÍTULO IV
A MAGIA DA ÍNDIA. MAIS UMA VEZ, O MEU ESTUDO DAS MÃOS TRAZ-ME AMIGOS 32
CAPÍTULO V
ENTREVISTAS COM O REI EDUARDO VII. LEIO AS SUAS MÃOS ATRÁS DE CORTINAS. OS SEUS "NÚMEROS FATÍDICOS" DÃO A DATA DA SUA MORTE
CAPÍTULO VI
A VISITA DO REI EDUARDO A PARIS. OS MEUS SERVIÇOS EM PROL DA "*ENTENTE CORDIALE*". LANÇO UM JORNAL NO INTERESSE DA PAZ
CAPÍTULO VII
A RAZÃO PELA QUAL "A LEI" NÃO SE INTERPÔS COMIGO. COMO CONVERTI SIR GEORGE LEWIS
CAPÍTULO VIII
O REI LEOPOLDO DA BÉLGICA AJUDA-ME COM UM "*IRISH STEW*"[^2]. A INFLUÊNCIA DE GABY DESLYS SOBRE DOIS REIS
CAPÍTULO IX

ENTREVISTAS COM O CZAR DA RÚSSIA. COMO PREVI O SEU DESTINO. CONHEÇO RASPUTINE E PREVEJO A SUA MORTE

CAPÍTULO X

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE RASPUTINE. A SUA INFLUÊNCIA SOBRE A CZARINA. A VERDADEIRA CAUSA DA QUEDA DA RÚSSIA

CAPÍTULO XI

EXPERIÊNCIAS ESTRANHAS NA RÚSSIA. O "ANJO DA REVOLUÇÃO". OS ESFORÇOS DO CZAR PARA UMA PAZ MUNDIAL. SOU FORÇADO A PRESENCIAR UMA EXECUÇÃO NA FORTALEZA DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

CAPÍTULO XII

A GRANDE CATEDRAL DE KIEV. A IMAGEM SAGRADA EM PELE HUMANA É BAIXADA PARA QUE EU A BEIJE

CAPÍTULO XIII

TIFLIS E A MARAVILHOSA MONTANHA KASBEK. É-ME CONCEDIDA UMA CONCESSÃO QUE VALE UMA FORTUNA, MAS SOU FEITO PRISIONEIRO POR BANDIDOS NA ROTA DA GEÓRGIA

CAPÍTULO XIV

COMO CONHECI LORD KITCHENER. A ÚNICA IMPRESSÃO DA SUA MÃO QUE ALGUMA VEZ FOI OBTIDA. COMO PREVI A SUA DATA EXATA DA MORTE

CAPÍTULO XV

SOU RECEBIDO POR SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII. CONVERSA SOBRE O TEMA DOS "NÚMEROS FATÍDICOS". SUA SANTIDADE APRESENTA-ME AO CARDEAL SARTO, DESTINADO A SUCEDER-LHE NO "TRONO DE SÃO PEDRO"

CAPÍTULO XVI

UMA ENTREVISTA EXTRAORDINÁRIA COM O REI UMBERTO DA ITÁLIA. A SUA ÚNICA PERGUNTA: "QUANDO INHAREI DE MORRER?"

CAPÍTULO XVII

COMO CONHECI MUZAFFER-ED-DIN, O XÁ DA PERSIA, E PORQUE ME CONCEDEU A DECORAÇÃO DE "O LEÃO E O SOL"

CAPÍTULO XVIII

SIR H. M. STANLEY, O FAMOSO EXPLORADOR, APRESENTA-ME A GLADSTONE 117

CAPÍTULO XIX

UMA HISTÓRIA ESTRANHA DE INFLUÊNCIA PRÉ-NATAL

CAPÍTULO XX

MAIS ENTREVISTAS COM PERSONALIDADES FAMOSAS. LORD RANDOLPH CHURCHILL. CECIL RHODES. JOSEPH CHAMBERLAIN — AS MINHAS PREVISÕES PARA O SEU FILHO, ATUALMENTE SIR AUSTEN. LORD BALFOUR. SIR LIONEL PHILLIPS, O BISPO DE BIRMINGHAM. O REVERENDO PADRE VAUGHAN. O DUQUE DE NEWCASTLE. LORD PIRRIE E "BOSS" CROKER DE TAMMANY HALL

CAPÍTULO XXI

UM JANTAR COM LUÍS FILIPE, DUQUE DE ORLEÃES E PRETENDENTE AO TRONO DE FRANÇA. CONHEÇO O BARÃO VON BISSING, A INFANTA

EULÁLIA DE ESPANHA E O PRÍNCIPE ALEXIS KARAGEORGEVITCH DA SÉRVIA

CAPÍTULO XXII

UMA EXPERIÊNCIA DIVERTIDA COM SIR ERNEST SHACKLETON, O EXPLORADOR. UMA NOITE COM FLAMMARION, O CÉLEBRE ASTRÓNOMO, NO OBSERVATÓRIO DE JUVISY

CAPÍTULO XXIII

COMO CONHECI O FALECIDO SIR EDWARD MARSHALL HALL, Q.C.[^3]. ESTOU QUASE A SER ARROLADO COMO CO-RÉU NUM TRIBUNAL DE DIVÓRCIO. UMA INSTÂNCIA CURIOSA DE CLARIVIDÊNCIA

CAPÍTULO XXIV

PORQUE É QUE O JUIZ CONSELHEIRO PRESIDENTE DA INGLATERRA[^4], LORD RUSSELL OF KILLOWEN, ME DEU IMPRESSÕES ASSINADAS DAS SUAS MÃOS

CAPÍTULO XXV

SARAH BERNHARDT — UMA ENTREVISTA EM CONDIÇÕES ESTRANHAS

CAPÍTULO XXVI

A FESTA DE BLANCHE ROOSEVELT E OSCAR WILDE. UMA PREVISÃO SURPREENDENTE E O SEU CUMPRIMENTO

CAPÍTULO XXVII

UM CASO CURIOSO DE PREVISÃO

CAPÍTULO XXVIII

O RECONHECIMENTO DE LILLIE LANGTRY. MELBA, NORDICA, PERUGINI, LILLIAN RUSSELL, CALVÉ, A GRANDE DUSE E JANOTHA, PIANISTA DA CORTE DO IMPERADOR DA ALEMANHA

CAPÍTULO XXIX

ENTREVISTAS COM W. T. STEAD — O SEU FIM TRÁGICO NO FATÍDICO "*TITANIC*" FOI PREVISTO. MARK TWAIN, ELLA WHEELER WILCOX, A FAMOSA POETISA AMERICANA, MARY LEITER, QUE SE TORNOU VICE-RAINHA DA ÍNDIA

CAPÍTULO XXX

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NOTÁVEIS NOS ESTADOS UNIDOS. A MINHA PRIMEIRA CONFERÊNCIA EM BOSTON. CONHEÇO JULIA WARD HOWE, A AUTORA DO "HINO DE BATALHA", E OUTRAS PESSOAS INTERESSANTES

CAPÍTULO XXXI

UMA CONFERÊNCIA EM SYRACUSE QUE QUASE SIGNIFICOU O FRACASSO

CAPÍTULO XXXII

COMO A VAIDADE DE UM HOMEM QUASE DESTRUIU A MINHA CARREIRA

CAPÍTULO XXXIII

UMA VISITA A DETROIT E CHICAGO. CONHEÇO O SR. ARMOUR, MARSHALL FIELD, H. G. SELFRIDGE, JOE LEITER, O MAJOR LOGAN, E UMA PREVISÃO CUMPRIDA NA DATA EXATA

CAPÍTULO XXXIV

VISITA A SALEM, ONDE A ÚLTIMA BRUXA NOS ESTADOS UNIDOS FOI QUEIMADA NA FOGUEIRA. UMA MULHER BONITA ENVIADA PARA ME ATRAIR NUMA ARMADILHA

CAPÍTULO XXXV

UMA JOGADA EXTRAORDINÁRIA. AS ACÇÕES DE UMA COMPANHIA METALÚRGICA QUE REALMENTE PRODUZIA OURO

CAPÍTULO XXXVI

UM CONVITE PARA UMA CHAUTAUQUA[^5]. UMA ASSEMBLEIA METODISTA NA FLÓRIDA E ALGUMAS EXPERIÊNCIAS CURIOSAS

CAPÍTULO XXXVII

VISITO WASHINGTON. ENTREVISTAS COM O PRESIDENTE E A SRA. CLEVELAND, O ADMIRAL DEWEY E MEMBROS DO GOVERNO

CAPÍTULO XXXVIII

O HOMEM COM A "LINHA DA CABEÇA DUPLA"

CAPÍTULO XL

O CRIME TEM UM FASCÍNIO PECULIAR PRÓPRIO. COMO WHITTAKER WRIGHT ENCONTROU O SEU WATERLOO

CAPÍTULO XLI

MATA HARI, A FAMOSA MULHER ESPIA. ELA CONTA-ME A HISTÓRIA DA SUA VIDA

CAPÍTULO XLII

VISITO MONTE CARLO PARA PROVAR O MEU SISTEMA DE NÚMEROS. A SUA FUNDAÇÃO ASTROLÓGICA

CAPÍTULO XLIII

A LEGENDA DE MONTE CARLO. O SEGREDO QUE SE PERDEU

CAPÍTULO XLIV

UM NEGÓCIO NUMA MINA SUL-AFRICANA. UMA SENHORA PAGA A SUA APOSTA DE CEM LIBRAS. SOU SUPERADO EM ASTÚCIA POR UMA AVVENTUREIRA FRANCESA

CAPÍTULO XLV

ESTRANHAS FATALIDADES DA GRANDE GUERRA. COMO PREVI RE UMA MORTE VIOLENTA PARA LENA GUILBERT FORD, AUTORA DA FAMOSA CANÇÃO, "KEEP THE HOME FIRES BURNING"

CAPÍTULO XLVI

COMO O CAPITÃO LIONEL BOWLES GANHOU A CRUZ DE VITÓRIA, PARA SER MORTO POR UMA BOMBA NUMA RUA DE LONDRES

CAPÍTULO XLVII

A ESTRANHA HISTÓRIA DA DUQUESA D'AVARAY, PRINCESA DE MONT-GLYON

CAPÍTULO XLVIII

COMO ME CASEI — E PORQUÊ

CONCLUSÃO

PREFÁCIO

NO decurso da minha longa carreira profissional como "Cheiro", recebi inúmeras cartas de pessoas de todas as classes e condições sociais, pedindo-me para publicar as minhas reminiscências e experiências. Ao analisar estas cartas, fiquei muito impressionado com o facto de ser aquilo a que eu próprio chamo "o lado humano" ou mais puramente pessoal das entrevistas com os meus vários clientes o que mais atraía os meus correspondentes.

É por esta razão que, ao oferecer este volume de reminiscências ao público, determinei que elas deveriam assumir mais a forma de conversas informais, ou poderia chamar-lhes "confissões", tanto minhas como dos meus consultantes, do que as linhas habituais que as Memórias regra geral seguem.

Nenhuma afirmação é feita nas páginas seguintes que eu não esteja preparado para fundamentar, sendo a única reserva que, no caso de algumas das "confissões" dos meus clientes, tenho o direito de ocultar os seus nomes ou cobrir a sua identidade, exceto nos casos em que tenho permissão para as tornar públicas.

O meu papel ao escrever estas "confissões" é simplesmente o de um cronista — relatar em linguagem simples o que aconteceu, registar o que me foi dito. Se por vezes os meus próprios pensamentos se fizerem ouvir através da minha história, é porque uma "confissão" de qualquer espécie deve ser mais ou menos uma questão pessoal — quer se confesse a um sacerdote, a um Deus, ou ao ouvido sempre simpático do nosso próprio semelhante.

"CHEIRO"

INTRODUÇÃO

PELO MAJOR W. H. CROSS, M.Sc., A.T.S.M., ENGENHEIRO DE MINAS DAS MINAS TSONG DA MONGÓLIA

OS editores deste livro notável, *Confissões: Memórias de um Vidente Moderno*, pediram-me para escrever algumas palavras como introdução geral. A minha única qualificação para ter o direito de o fazer baseia-se no facto de que, embora seja pura e simplesmente um homem de negócios, dediquei toda a minha vida a um profundo interesse pelo Ocultismo e pelo estudo de pessoas dotadas de poderes ocultos.

Vivendo nos últimos quinze anos na Mongólia, nas fronteiras daquela terra misteriosa conhecida como Tibete, entrei em contacto próximo com

muitos daqueles Mestres que beberam profundamente das fontes eternas do Ocultismo que fluíram e continuam a fluir desde o primeiro alvorecer da civilização.

Lá longe, naqueles mosteiros tibetanos no "telhado do Mundo" onde tão poucos estrangeiros têm autorização para entrar, desde que me lembro que ouço o nome de "Cheiro" ser pronunciado com respeito e admiração.

Eu nunca tinha conhecido este homem misterioso que escolhera ocultar a sua identidade sob um pseudónimo, mas tive o prazer de traduzir alguns dos seus livros para chinês para benefício dos meus amigos entre os Lamas e Abades da Mongólia. Eles recompensaram-me colocando na minha posse um conjunto das famosas tabuletas chinesas feitas por Confúcio.

Estas maravilhosas "tabuletas ocultas", baseadas na Lei da Vibração, um estudo mais compreendido e utilizado por este povo profundamente instruído do que por qualquer outro, previram com uma precisão que é avassaladora os principais acontecimentos que tiveram lugar na história do mundo até aos dias de hoje. Para meu espanto, descobri que estas "tabuletas" corroboravam as afirmações feitas em *As Previsões Mundiais de Cheiro*, que ele publicou em 1926, estabelecendo os acontecimentos futuros na história para os próximos cem anos.

A leitura deste livro decidiu-me a tentar procurar e travar conhecimento com o Vidente que fora dotado de tão notável previsão, especialmente porque muitas das previsões no seu livro foram, mesmo nos últimos anos, cumpridas.

Mas onde estaria este homem para ser encontrado, essa era a questão? Enquanto ponderava sobre este ponto na minha mente, "um Abade encarnado" no Mosteiro de Toussoun Nor anunciou-me, um dia, que um dos seus monges tinha sido enviado para a Califórnia para encontrar um homem cujas vibrações ocultas eram de uma ordem tão elevada que talvez ele pudesse ser o Vidente que eu procurava e que eles também queriam encontrar para um propósito próprio. Este Abade disse-me que eu reconheceria o homem em questão não só pela sua elevada vibração, mas por uma imagem esculpida extremamente antiga de um Buda chinês que seria encontrada onde ele vivia.

Como tenho direito a longas férias da minha Companhia de dois em dois anos, determinei que, em vez de ir para a Europa, como é meu costume habitual, no outono de 1930 visitaria a Califórnia.

À minha chegada à Califórnia, descobri que o nome de "Cheiro" era bem conhecido por todo o lado, contudo ninguém parecia saber onde ele vivia, já que corria o rumor de que se tinha retirado do trabalho profissional e tinha vindo recentemente da Inglaterra para benefício da sua saúde.

Durante alguns meses estive ocupado na procura de minas de volfrâmio para a minha Companhia quando, um dia, me cruzei com o monge do Mosteiro de Toussoun Nor, que me informou ter descoberto um homem cujas vibrações estavam tão em conformidade com as indicações dadas pelas tabuletas chinesas que ele acreditava que só podia ser o Vidente que ambos procurávamos.

Um dia, ele apontou-me onde o homem vivia. "Ali dentro", disse ele, "encontrará o encarnado que procura." Estávamos de pé diante dos portões de uma casa com aspeto de um mundo antigo, cercada por mais de dois acres de jardins e meio oculta por palmeiras e árvores belas numa das principais avenidas de Hollywood, Califórnia.

Como sabia por relatos que em várias partes do mundo muitos impostores tinham usado ou imitado o nome de "Cheiro", determinei fazer uso da pista que o Abade de Toussoun Nor me dera, nomeadamente, a imagem esculpida de um Buda chinês que eu deveria encontrar na casa do verdadeiro homem.

Caminhando pela avenida de árvores floridas, entrei e fui recebido por um homem que se assemelhava de perto às fotografias de "Cheiro" que eu vira nos seus livros. Sem quaisquer "rodeios", perguntei: "Tem um Buda chinês aqui?"

"Sim", respondeu o homem; "se está interessado em tais coisas, espero que seja capaz de traduzir o significado dos caracteres chineses antigos gravados nas costas da imagem."

Entrei numa sala que era evidentemente usada como escritório; a imagem esculpida, feita de uma pedra extremamente pesada, estava em cima de uma prateleira diante de mim, com os pés rodeados de flores frescas.

Examinei-a cuidadosamente; era muito antiga, não podia haver dúvidas quanto à sua grande idade. Voltei-a ao contrário; nas costas da imagem encontravam-se duas filas de caracteres chineses pertencentes a um período tão remoto que eram extremamente difíceis de traduzir.

Pelo que fui capaz de descortinar, a imagem tinha sido feita algures por volta de cem anos a.C. A parte que fui capaz de traduzir dizia o seguinte:

"Aquele que olha — pensa — e encontra o bem em todos os homens. O pensamento abençoado atrai o sucesso e a fortuna. A honra chega ao homem em cuja guarda este Buda for encontrado."

Sendo o resto em caracteres chineses antigos compostos, já não em uso, apesar do meu conhecimento da língua não fui capaz de decifrar, mas de qualquer modo eu sabia que tinha encontrado o verdadeiro "Cheiro".

Perguntando a sua data de nascimento, testei então as suas vibrações pelas tabuletas chinesas que trazia comigo. Descobri que eram mais elevadas do que as de qualquer homem que eu alguma vez conhecera, indicando que o homem diante de mim devia ser a reencarnação de alguma personagem invulgar de um passado muito distante.

"Como conseguiu que esse Buda esculpido ficasse na sua posse?", perguntei.

"Foi-me dado em circunstâncias estranhas pouco antes de deixar Londres para a Califórnia", respondeu o homem que eu agora conhecia como "Cheiro".

"Porque veio para a Califórnia?", deixei escapar.

"Porque? Porque sabia que era o único lugar no mundo onde as vibrações e as condições climáticas restaurariam a minha saúde", respondeu ele.

"Estas tabuletas chinesas", continuei, "dizem-me que deve ter estado extremamente doente em 1925, um ano que perfaz no seu caso, por soma, a má vibração de um 8. De facto, está indicado que deveria ter morrido nesse ano. Isso é verdade?"

"Perfeitamente verdade", respondeu ele. "No dia 23 de junho desse ano, por alguma razão que nunca compreendi, entrei numa espécie de estado comatoso, mas não causado por qualquer forma de doença. Os médicos declararam que o meu coração tinha cessado de bater e que a vida se extinguira. Conforme o espírito saía do meu corpo, pareceu-me ver, como numa espécie de visão, um homem vestido como um Lama a fazer passes sobre mim com as suas mãos. As suas palavras formaram-se na minha mente de que a minha vida me seria devolvida como já fora uma vez antes num templo budista na Índia, onde, após uma longa cerimónia de

iniciação, eu caíra num estado de coma que durou catorze dias. O Lama pareceu dizer: 'Pela segunda vez serás restaurado à vida; quando a terceira vez chegar — não voltarás'."

Após um período considerável, de quanto tempo não tive consciência, o médico à minha cabeceira pensou ter detetado um ligeiro movimento no coração, depois, firmemente, este tornou-se cada vez mais forte e, para espanto dos presentes, "eu voltei à vida".

"As 'tabuletas', de acordo com a sua data de nascimento", interrompi, "indicam que o terceiro teste não virá senão daqui a muitos anos. Quais são os seus planos agora, desde que veio para a Califórnia?"

"Ter tempo para escrever", respondeu ele rapidamente. "Para devolver ao mundo o que colhi através das minhas próprias experiências, para viajar ainda mais, e finalmente espero chegar à Mongólia ou ao Tibete, pois sinto o 'chamamento' desses países há muito, muito tempo."

"Mal preciso de perguntar se acredita na reencarnação?", foi a minha pergunta seguinte. "Tem, por vezes, alguma recordação das suas vidas anteriores?"

"Decididamente que sim", respondeu ele, "mas isso é algo de que não desejo falar. As pessoas pensam que isso sabe demasiado ao lado imaginativo da vida, por isso guardo as minhas visões para mim próprio. Talvez", acrescentou ele pensativamente, "eu possa ser o meio, mais tarde, de provar a realidade de tais coisas, mas o tempo ainda não chegou para isso."

Rápido como um relâmpago, os meus pensamentos voltaram às palavras do Abade de Toussoun Nor. "Ali dentro", dissera ele, apontando para onde "Cheiro" vivia, "encontrará o encarnado que procura." Talvez essas palavras estranhas ocultassem o segredo da carreira de sucesso de "Cheiro" — uma "alma antiga", uma daquelas cujas muitas reencarnações lhe tinham ensinado as lições da humanidade. De que outra forma poderia ele ter abraçado um estudo que, durante longas eras, fora espezinhado e desprezado, e feito dele a chave para abrir os corações de Reis, Presidentes, Líderes do Comércio e de todas as classes?

[1]: No original "tramp steamer", que designa um navio cargueiro que não opera em linhas ou rotas fixas, navegando para onde quer que haja carga disponível.

[2]: Prato tradicional irlandês, geralmente um guisado de carne de carneiro ou borrego com batatas e cebolas.

[3]: Queen's Counsel (Conselheiro da Rainha), título honorífico atribuído a advogados seniores de grande distinção no sistema jurídico britânico.

[4]: No original "Lord Chief Justice of England", cargo que corresponde ao magistrado judicial do topo da hierarquia dos tribunais na jurisdição de Inglaterra e Gales.

[5]: Movimento de educação e entretenimento de adultos que foi muito popular nos EUA no final do século XIX e início do século XX, frequentemente realizado ao ar livre ou em tendas.

Fiquei surpreendido quando ele me disse que estava agora *«no seu sexagésimo quarto ano»*. Tinha ouvido muitos relatos sobre a sua vida e energia radiantes para com aqueles que o vinham consultar. Conhecia pessoalmente casos em que destroços de humanidade saíram da sua presença com um propósito renovado para começar *«a batalha da vida»* novamente. Talvez eu tivesse, sem querer, tropeçado em mais um segredo do seu sucesso. Poderia talvez resumir-se nessas palavras simples, *«dar»*. Enquanto considerava tais coisas, um texto passou-me pela mente: *«Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber»*. Pareceu-me que este era o pensamento básico sobre o qual toda a vida deste homem estava construída.

Antes de partir, examinei uma pilha de alguns milhares de cartas de todas as partes do mundo; todas, sem exceção, testemunhavam a precisão das suas previsões, a vida e a esperança renovadas que ele tinha dado através dos seus conselhos aos seus inumeráveis consultantes.

Não é meu propósito, ao escrever esta introdução, tecer a este homem quaisquer elogios lisonjeiros. Ele não precisa deles. O seu trabalho está acima de tais coisas: uma lição em si mesmo dessas forças misteriosas que subjazem à vida, que tão poucos de nós percebem e ainda menos compreendem.

W. H. CROSS, Engenheiro de Minas das Minas de Tsong da Mongólia.

CONFISSÕES:

MEMÓRIAS DE UM VIDENTE MODERNO

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE UM *«VIDENTE»*. ALGO SOBRE A MINHA JUVENTUDE E A MINHA RAZÃO PARA ADOTAR UMA CARREIRA TÃO INCOMUM

PROCURAREI evitar assuntos familiares e pessoais tanto quanto possível, dando apenas os detalhes que sejam necessários para os leitores compreenderem como e por que razão o Destino encontrou os seus materiais sobre os quais construir.

Do lado do meu pai, sou de ascendência normanda, e provenho de uma família que pode traçar a sua linhagem até Rollo, o primeiro Duque da Normandia. Como ele se tornou cristão para casar com a filha do Rei de França, apenas mencionarei *en passant* um ancestral pagão, conhecido como Hamon, o Rei do Mar, que com um único golpe do seu machado de guerra decepou a cabeça de S. Hellier para impedir que este convertesse os seus marinheiros ao cristianismo. [^1]

Os registos históricos mostram que este incidente teve lugar a 13 de julho de 526 d.C. Posso, contudo, acrescentar que um dos seus descendentes, o tio de Guilherme I, ao juntar-se ao «Conquistador» com uma frota de quatrocentas naus e uma grande força de homens, decidiu a Invasão da Inglaterra. Recebeu como recompensa seis dos maiores condados da Inglaterra e foi nomeado Príncipe de Glamorganshire. Posteriormente, este homem, Robert de Hamon, tornou-se *«tão bom cristão»* que estabeleceu o primeiro mosteiro na Grã-Bretanha, lançou os alicerces da Catedral de Tewkesbury, e é hoje honrado por uma procissão de bispos que, uma vez a cada cem anos, faz uma peregrinação em redor do seu túmulo. A última destas cerimónias teve lugar tão recentemente quanto 25 de março de 1925.

Quem poderá dizer se esta mistura de cristão e pagão não terá sido, em anos posteriores, responsável por eu me dedicar a *«estudos pagãos»* como a Astrologia, o Ocultismo e *«todas as obras do Diabo semelhantes»*, como foram caracterizadas por Henrique VIII quando se tornou «Fundador da Igreja de Inglaterra».

O principal estudo do meu pai foi o da alta matemática; durante muitos anos resolveu problemas intrincados com Gladstone, mesmo até aos últimos anos de vida desse grande estadista.

Do lado da minha mãe, que provinha de herança grega e francesa, herdei a poesia, o romance, o misticismo e a filosofia. A fusão subsequente nos fogos da vida destas combinações produziu, naturalmente, um ser predestinado para uma carreira que não correria por vias convencionais.

A minha mãe, desde os seus primeiros dias, interessou-se profundamente pela leitura de obras sobre Astrologia, Numerologia e o Estudo da Mão. Consequentemente, quase assim que comecei a ler, ela permitiu-me deleitar-me na pequena biblioteca de tais livros que tinha colecionado. No meu décimo aniversário, a minha mãe passou-me a sua pequena biblioteca e anotou no seu caderno o seguinte:

«O meu filho tem nas suas mãos esquerda e direita o sinal da 'Cruz Mística'. Por esta razão, entreguei-lhe todos os livros sobre ocultismo que possuo, e especialmente aqueles sobre o Estudo da Mão. Acredito que ele fará bom uso destes livros. Mesmo agora, nos seus primeiros anos, notei como ele estuda tais obras mais do que todas as outras. Ele certamente se tornará um escritor e, pelo que prevejo na sua mão, fará um nome para si mesmo em ligação com esses assuntos».

Tinha apenas pouco mais de onze anos de idade quando causei sensação na minha família ao escrever um tratado cheio de ilustrações sobre as Linhas da Mão, um assunto, devo admitir, nada agradável ao modo de pensar do meu pai.

Pouco depois, talvez para combater as minhas *«tendências ocultas»*, o meu pai decidiu que o seu único filho fosse treinado para alguma vocação religiosa. O que seria exatamente isso não o preocupava minimamente; ele tinha uma vaga ideia de que eu poderia ser útil a converter o *«chinês pagão»*, sendo a única razão, talvez, o facto de o pai dele ter perdido uma quantia considerável de dinheiro numa especulação na China.

Fui, por conseguinte, despachado para uma escola extremamente estrita, onde lhe asseguraram que todo esse absurdo de *«ocultismo»* seria rapidamente tirado da minha cabeça.

Na sua ideia de me dar tal treino, ele estava, creio eu, certo, pois tenho a certeza de que nenhum rapaz começou a vida com um temperamento mais devocional, ou um mais apto, como missionário, para ser fervido vivo para o jantar de alguma raça canibal.

Embora, à primeira vista, possa parecer uma estranha anomalia, sustento que foram os elementos essenciais desse temperamento devocional

que me fizeram agarrar ao estudo das mãos com uma obstinação que, no fim, superou toda a oposição.

Para a minha mente jovem, era um mistério como a própria religião; continha a linguagem da Alma na sua casa-prisão, e as linhas da mão pareciam-me, muitas vezes, um mapa da vida mais tangível do que os artigos do dogma que eu era forçado a memorizar.

Foi assim que, quanto mais eu estudava credos, mais os estranhos fios do Destino pareciam ligar o pensamento, a ação e a vida, e mais me convencia de que a Natureza tinha as suas páginas secretas que nem a Ciência nem a Região tinham ainda desvendado.

Não consigo descrever com que deleite descobri texto após texto nesse maravilhoso *«Livro dos Livros»* que falava do progresso ascendente dos povos e daqueles estranhos acontecimentos *«para que a Vontade de Deus se cumprisse»*.

Poderia eu alguma vez esquecer aquela noite em que, pela primeira vez, a minha mente compreendeu a ideia do Destino das raças, e a evidência do Desígnio Divino nos céus estrelados acima e em tudo na Natureza?

No dia seguinte, o *«Livro dos Livros»* teve um significado maior para mim do que nunca. A predestinação tornou-se uma força tal nos meus pensamentos que, antes de me dar conta do que estava a dizer, dei batalha ao meu espantado professor e fui punido com a perda da hora de recreio pelo meu atrevimento.

De todo o mal vem o bem — isto é, se conseguirmos distinguir o bem quando ele realmente vem —, por isso, durante o meu castigo, em vez de escrever exercícios, esbocei o que considerava que deveriam ter sido as mãos de alguns dos grandes homens do Destino, e fiquei tão absorvido na minha tarefa que não percebi a presença do velho professor a olhar por cima do meu ombro.

Em vez da repreensão que eu esperava, o velho sentou-se ao meu lado e fez-me explicar-lhe os desenhos, linha por linha.

Depois, tornou-se ainda mais amigável e, para meu absoluto espanto, estendeu as suas próprias mãos compridas e de aspeto curioso, e de uma forma bastante gentil perguntou-me o que conseguia extrair delas.

Para meu espanto, descobri rapidamente traços que eram até humanos. Para mim, ele fora sempre algo tão alto e poderoso que a ideia de este

monumento de sabedoria ter vivido como os outros homens nunca me passara pela mente por um momento.

Ele era uma estrutura anatómica comprida e magra, na qual eu pensava que alguém tinha pendurado um casaco de professor apenas para cobrir os ossos; uma Esfinge de olhos cinzentos e óculos, que a história dizia *«ter outrora capitaneado o Oito de Cambridge rumo à vitória»* — mas a história conta tantas mentiras que nenhum de nós, rapazes, acreditava na história.

Contudo, à medida que me entusiasmava com o assunto, esqueci que a história também dizia que ele nunca conhecera emoção de espécie alguma, que nunca amara, que nunca casara, pois logo lhe estava a falar de um amor na sua vida como poucos homens encontraram e quiseram continuar a viver a vida depois disso.

Parei, pois algo correra mal com o meu sujeito; as mãos tinham sido puxadas para o lado, e contemplei, pela primeira vez, o que significam as lágrimas quando homens severos choram.

Depois daquela manhã, tornámo-nos amigos. Dispensou-me de muitos exercícios difíceis e traduziu para meu benefício muitos livros antigos em grego e latim sobre Mãos.

Um treino religioso não haveria, contudo, de ser o meu destino. Na própria véspera de me apresentar a um exame que teria decidido a minha carreira, recebi a notícia de que o meu pai estava arruinado por uma especulação de terras que envolveu centenas de outros; e assim, quase de coração partido com o fim súbito das minhas ambições juvenis, regressei a casa.

Desapontado e sem rumo, derivei durante algum tempo como um navio sem leme num mar ocioso, até que finalmente, um dia, uma corrente subjacente, vinda de onde não sei, me acordou novamente. Entrei no escritório do meu pai e disse-lhe que queria governar o meu próprio barco e ver o mundo por mim mesmo.

O meu pai considerou que já não tinha o direito de moldar a minha carreira à sua vontade — ele tinha tentado, mas o Destino fora demasiado forte —, ele deixaria o Destino seguir o seu caminho. Assim, com uma pequena quantia de dinheiro e uma boa e substancial bênção, icei as minhas próprias velas e, deixando o porto tranquilo de casa, derivei para o largo mar do mundo, como tantos outros fizeram antes de mim.

Estaria fora de propósito entrar nas minhas experiências intermédias; o *«Apelo de Londres»* estava nos meus ouvidos e, por isso, o mais depressa possível, abandonei a tentação de rotas mais tranquilas e rumei direto àquela grande cidade, onde o Destino encontra a Ambição em combate igual.

Diz-se que *«os acontecimentos vindouros projetam as suas sombras diante de si»*. Uma noite, enquanto esperava em Liverpool pelo comboio de Londres, os meus olhos vislumbraram um livro com uma mão desenhada na capa, o qual comprei imediatamente. Era uma tradução de um daqueles livros antigos sobre quiromancia que tinham sido impressos com os primeiros tipos móveis; chamava-se em alemão *Die Kunst Ciromantia,* e, quando o comboio iniciou a sua viagem, fiquei absorto no seu conteúdo.

O único outro ocupante da carruagem era um cavalheiro que se sentava em frente, de costas para a locomotiva; trazia enrolada nos ombros uma manta pesada que quase lhe ocultava o rosto. Quando, no entanto, o meu livro terminou, ao pousá-lo, notei que os seus olhos astutos estavam fixados atentamente no desenho da mão que adornava la capa.

Quando o pus de lado, ele falou de uma forma genial, mas um tanto zombeteira.

— Então, evidentemente, acredita na leitura das mãos. Um tipo de estudo peculiar deve ser. Mas suponho — acrescentou ele — que pode encontrar os seus seguidores, tal como as pessoas acreditam na forma da cabeça e noutras coisas do género.

— Sim — respondi —, acredito que o caráter se manifesta em cada porção do body, mas naturalmente mais especialmente nas mãos, que são, afinal, as ferramentas que executam os desejos do cérebro. Certamente não há nada de implausível ou ilógico em tal crença.

— Não — disse ele a rir. — Comparada com algumas crenças, essa soa moderada e razoável. Mas as mãos dizem o futuro? Esse é o ponto que me atrairia, se eu conseguisse convencer-me a acreditar numa coisa dessas.

— Bem — respondi —, na medida em que o nosso futuro é feito e influenciado pelo nosso caráter, e pelas tendências que herdámos, certamente acredito que sim; e como o sucesso é na realidade o resultado da preponderância dos nossos pontos fortes sobre as nossas fraquezas, penso que se poderia estar seguro ao dizer que, olhando para o estudo apenas deste ponto de vista, as mãos podem ser capazes de mostrar qual destas duas forças ganhará o domínio.

— Muito bem — respondeu ele —, a sua teoria interessou-me verdadeiramente.

Estendendo as mãos, acrescentou: — Diga-me, se quiser, qual delas ganhará a vitória no meu caso.

Consigo ainda agora ver aquelas mãos delgadas, de aspeto intelectual, que este estranho colocou diante de mim; e como elas me interessaram — linha após linha claramente marcada, cheia de caráter e de acontecimentos criados pelo caráter.

Comecei com a Linha da Mentalidade. Mostrei-lhe a sua força superior quando comparada com as de alguns dos desenhos do meu livro, e expliquei que denotava o seu poder de vontade, de organização e de comando sobre as pessoas. Depois, chamei a sua atenção para uma bem marcada Linha do Destino, profundamente traçada na sua mão até um pouco além do centro da palma, e expliquei que indicava uma forte individualidade, uma carreira que deveria desempenhar um papel marcante na vida — um destino, de facto, que o faria destacar-se como um líder acima do rebanho comum da humanidade.

— Mas o fim — disse ele, quase nervosamente. — O que mostra essa linha a desvanecer-se... o que significa?

Ri-me ao responder, pois mal conseguia acreditar, e tinha a certeza de que ele também não, apesar do seu interesse.

— Oh — disse eu —, a paragem desse sinal simplesmente significa descanso para si; outro Napoleão enviado para Santa Helena, suponho.

— Mas porquê? — exigiu ele, de forma algo excitada. — Qual será o meu Waterloo?

— Uma mulher, sem dúvida alguma — respondi. — Pode ver por si mesmo como a Linha do Coração quebra a Linha do Destino mesmo abaixo daquele ponto onde ela se desvanece.

Retirando a mão, o estranho riu-se — um riso baixo e calmo —, o riso de um homem que tinha a certeza de si mesmo.

Pouco depois o comboio chegou a Londres e, enquanto preparávamos as nossas malas e casacos, ele disse:

— É estranho, mas essa sua ciência tem sido curiosamente precisa sobre algumas coisas — exceto sobre a parte da mulher. Aqui tem o meu

cartão; verá agora como em algumas coisas ela coincide — mas a mulher, não... um homem com a minha vida não tem tempo para mulheres.

Com um alegre *«Adeus»*, saltou para fora, chamou um *hansom* e partiu.

Olhando para o cartão, li: *«Charles Stewart Parnell»*. [^2]

Foi alguns anos mais tarde, após o caso de divórcio O'Shea e a sua queda, que fui capaz de compreender o significado de a Linha do Coração tocar o destino de um homem assim.

CAPÍTULO II

FACTOS CURIOSOS SOBRE A MÃO NÃO GERALMENTE CONHECIDOS. EMBARCO NUM NAVIO MERCANTE VAGABUNDO PARA VER O MUNDO

HÁ muitos factos curiosos relacionados com a mão de que as pessoas raramente ou nunca ouviram falar, pelo que penso que não estará fora de propósito se tocar neles aqui, antes de entrar mais profundamente nas minhas próprias reminiscências.

Meissner, o grande cientista alemão, provou que certas substâncias moleculares minúsculas estavam distribuídas de uma maneira peculiar na mão. Descobriu que nas pontas dos dedos havia 108 por polegada quadrada, com 400 papilas; que estas emitiam certas crepitações, ou vibrações, distintas; que nas linhas vermelhas das mãos elas eram mais numerosas e, por estranho que pareça, encontravam-se em fiadas individuais retas nas linhas da palma.

Foram feitas experiências quanto a estas vibrações, e provou-se que, após um pouco de estudo, era possível detetar e reconhecer distintamente as crepitações em relação a cada indivíduo, que elas aumentavam ou diminuíam em cada fase de saúde, pensamento ou excitação, e tornavam-se silenciosas no momento em que a morte dominava a sua vítima.

Cerca de vinte anos mais tarde, foram feitas experiências com um homem em Paris, que tinha um sentido de audição anormalmente agudo —

a compensação da Natureza pela falta de visão, visto ter nascido cego. Num espaço de tempo muito curto, através de prática contínua, este homem conseguia detetar a menor alteração ou irregularidade nestas crepitações, e através destas alterações era capaz de dizer com maravilhosa precisão que idade uma pessoa tinha aproximadamente, quão perto de uma doença ou mesmo da morte ela poderia estar.

O estudo destes corpúsculos foi também adotado por Sir Charles Bell, que demonstrou que cada corpúsculo continha a terminação de uma fibra nervosa, e estava em contacto imediato com o cérebro.

Este grande especialista demonstrou também que cada porção do cérebro estava em contacto com os nervos da mão, e que as linhas na palma estavam mais particularmente ligadas aos nervos que vão do cérebro à mão do que a qualquer outra porção do corpo.

A deteção de criminosos através da recolha de impressões dos dedos e por marcas de polegar é agora utilizada pela polícia de quase todos os países, e milhares de criminosos têm sido rastreados e identificados por este meio.

[1]: Este incidente fez com que o porto e principal cidade de Jersey, nas Ilhas do Canal, fossem chamados St. Helier.

[2]: Charles Stewart Parnell, nascido a 27 de junho de 1846, Vale de Avoca, Irlanda, falecido a 6 de outubro de 1891, constou que de «coração partido».

Hoje em dia, na Scotland Yard, pode-se ver uma biblioteca dedicada a livros sobre esta vertente do assunto e às coleções que a polícia tem reunido; contudo, no meu próprio curto espaço de tempo, lembro-me de como esta ideia era escarnecida quando o Monsieur Bertillon e a polícia francesa começaram a identificação de criminosos por este método.

Se o preconceito ignorante contra um estudo completo da mão pudesse ser superado, a polícia seria ainda mais auxiliada pelo estudo das linhas da palma e pelo conhecimento do que estas linhas significam, especialmente no que diz respeito à mentalidade e à inclinação do cérebro numa direção ou noutra.

É um facto bem conhecido que, mesmo que a pele das mãos seja queimada ou removida por um ácido, em pouco tempo as linhas reaparecerão exatamente como eram antes, tal como acontece com as cristas ou *«espirais»* na pele do interior das pontas dos dedos e do polegar.

Em ligação com os terríveis assassinatos de Houndsditch em 1911, o Inspetor-Chefe de Polícia, respondendo ao magistrado, disse que tinha recolhido as impressões digitais do prisioneiro no tribunal. As mãos não foram lavadas nem preparadas de forma alguma. O que se segue é uma reprodução do *Daily Telegraph* de 25 de fevereiro de 1911.

— Qual é a sua autoridade para a proposição de que as impressões de dois dedos diferentes nunca são iguais?

— Digo que nunca encontrei tal coisa. Estou apenas a dar-lhe a minha própria experiência.

— Quero saber que passos deu para chegar a essa conclusão.

— Poderei talvez ajudá-lo desta forma. Temos 170 000 conjuntos de impressões registados no gabinete. Durante os últimos dez anos, desde a introdução do sistema, parámos 62 000 identificações — reconhecimentos — e, tanto quanto se sabe, sem erro. Penso que isto transmitirá à sua mente que lidamos com números bastante elevados, e sinto-me justificado em dizer-lhe que nunca encontrámos duas impressões colhidas de dedos diferentes que coincidissem uma com a outra.

Passarei por alto as minhas primeiras experiências em Londres.

Cedo comecei a sentir vivamente o que é estar sozinho no coração de uma grande cidade, sem amigos e sem perspetivas de os fazer. Foi neste estado de espírito que me encontrei, uma manhã, a deambular junto às margens do Tamisa, até que, no fim, quase tinha alcançado as grandes docas de Tilbury.

Aqui, nesta porta de entrada para o oceano, navios e barcos de todas as descrições carregavam, descarregavam, chegavam ou partiam.

Um desejo curioso apoderou-se do meu coração: o de cruzar também esta porta de entrada e ir ao encontro do misterioso *«Desconhecido»* que jazia mais além.

Um navio mercante vagabundo, desgastado e de aspeto degradado, prestes a partir, atraiu a minha atenção. Um homem de aspeto vigoroso na ponte gritava ordens — algo me impeliu para a frente. Desci a prancha e dirigi-me em linha reta para o homem. Ele estava demasiado ocupado para reparar em mim; outra ordem — a prancha foi recolhida; outro grito — o cabo da doca foi largado — as máquinas já tinham começado a pulsar. Assustado e desesperado, senti que tinha de fazer algo. Aproximei-me novamente do homem. Instintivamente soube que ele devia ser o Capitão;

ninguém a não ser um Capitão poderia rugir daquela maneira, pensei. Aproximei-me muito dele antes que reparasse em mim; tentei parecer o mais respeitoso e humilde possível e esperei que ele falasse.

De repente ele falou, se é que posso descrever aquilo como fala:

— O que é que, em nome de Belzebu, queres... quem diabo és tu? — gritou ele.

— Senhor — disse eu muito educadamente —, quero ir para o mar.

— Vai para o inferno! — disse ele, e voltou-me as costas.

A esta altura, o barco já estava a alguma distância do cais; os homens recolhiam cordas, fechavam as amuradas laterais, puxavam a carga para debaixo de cobertura, mas ninguém prestava a mínima atenção a mim.

Caminhei pelo convés até à popa do barco e sentei-me sobre uma grande pilha de corda molhada.

A noite caía rapidamente, o rio alargava-se em direção ao mar, o suspiro do vento contra o mastro chegava até mim como um grito de dor. Luzes verdes e vermelhas piscavam da costa que desaparecia rapidamente; salpicos de espuma fustigavam-me o rosto. O meu desejo fora, de facto, concedido — eu estava no mar — mas — sozinho.

CAPÍTULO III

TORNO-ME ÚTIL A BORDO DO NAVIO.

OS MARINHEIROS RUDEZ TORNAM-SE MEUS AMIGOS.

O MEU ESTUDO DAS MÃOS É A CHAVE

QUE ABRE OS SEUS CORAÇÕES

QUANTO tempo fiquei sentado naquela bobina de corda na popa do navio, não sei.

Finalmente, molhado da espuma, com frio e muita fome, determinei-me, viesse o que viesse, a esticar as pernas e a caminhar de um lado para o outro do convés.

A hora era tardia. Eu ainda não tinha aprendido a ver as horas pelos sinos do navio. Ouvi soar as oito badaladas na noite, um pressentimento de passos, algumas sombras escuras a passar rapidamente, e depois tudo

voltou ao silêncio, exceto pelo pulsar monótono das máquinas e pelo embate ocasional de uma vaga contra a lateral do barco.

A luz a irradiar de algumas vigias numa cabina atrás da ponte atraiu a minha atenção. Era a mesma ponte onde eu tinha encontrado o homem a quem chamara Capitão no início da noite. Instintivamente senti que aquele homem, que falara de forma tão brutal, estava fadado a desempenhar algum papel importante na minha vida. Uma ideia curiosa entrou-me na mente, fazendo-me querer espreitar pelas vigias apenas para lançar outro olhar ao seu rosto rústico e fustigado pelo tempo.

Subi uma curta escada até à ponte, contornei suavemente a parte de trás da cabina e colei o rosto a uma das janelas. O meu homem estava lá, com certeza, apenas parecendo mais zangado e brutal, se é que isso seria possível.

O seu boné de galão dourado estava puxado para a parte de trás da cabeça; o casaco, totalmente aberto, mostrava uma camisa às riscas até à cintura. Na mesa diante dele erguia-se uma pilha de papéis e alguns livros que pareciam livros de contabilidade; à sua direita estava um prato cumulado de sanduíches e uma grande garrafa de cerveja.

De tempos a tempos, agarrava numa sanduíche ou engolia um gole de cerveja; toda a sua atenção estava, contudo, centrada na massa de papéis diante dele, mas o seu rosto mostrava que trabalhava numa tarefa que não era de todo do seu agrado.

«Pergunto-me se poderia ajudá-lo», pensei. Sempre inclinado a agir pelo impulso do momento, num segundo estava de pé no limiar da porta; a luz de um grande candeeiro a óleo oscilante (não havia instalações elétricas nos navios naqueles dias) caía em cheio no meu rosto. Ele não me viu; a sua cabeça estava inclinada sobre os papéis e, quanto a mim, estava demasiado paralisado de medo para falar.

De repente, ele levantou-se para alcançar um livro numa prateleira. Os nossos olhos encontraram-se — se ele tivesse visto um fantasma, não teria dado um suspiro maior.

— Santo Deus! — rugiu ele. — Não te disse para ires para o inferno?

— Sim, senhor — respondi submissamente —, mas não consegui sair do navio.

Isto pareceu parecer-lhe uma piada; um sorriso passou-lhe pelo rosto.

— Bem, estás no inferno agora, de qualquer maneira — rugiu ele —; antes da manhã vais estar tão enjoado como um cachorro envenenado. O que diabo te trouxe para o navio, afinal?

— Eu queria ir-me embora e ver o mundo — desabafei. Depois, apontando para os papéis sobre a mesa, gaguejei: — Sou bom com números. Tenho a certeza de que poderia ajudá-lo, se me deixasse tentar.

Tinha tocado num ponto sensível do seu coração.

— Bom com números — sorriu ele ironicamente. — Bem, deixa-me ver se és. Soma estas colunas — e empurrou uma folha grande para diante de mim. — Mostra-me o que és capaz de fazer.

Uma coluna ele já tinha feito. Corri-a de novo; ele tinha cometido um erro na coluna das libras.

— Quanto? — questionou ele.

— Quase cem libras — sorri, o mais suavemente possível.

Ele puxou o boné de galão dourado ainda mais para trás na cabeça.

— Olha aqui, rapaz — disse ele —, fico feliz por teres vindo a bordo. Sou o capitão e o proprietário desta banheira. Não tenho de dar satisfações a nenhum Conselho de Administração, como teria de fazer se encontrasse um «passageiro clandestino». Não tenho de te deixar no primeiro porto em que tocarmos e entregar-te à polícia, como seria o meu dever fazer noutras circunstâncias. Tiveste sorte ao escolher este barco, seja lá como o fizeste. Vais aguentar firme comigo até ao fim da viagem e encarregar-te destes números por mim? Será uma longa viagem, rapaz; descarregamos e carregamos em cada porto. É uma banheira velha e podre que pretendo vender no fim da viagem, mas se te limitares a apoiar-me, farei com que valha a pena. Dá-me a tua mão para selar o acordo.

— Onde disse que seria o fim da viagem? — perguntei.

— Bombaim; esse será o último porto.

— Índia — disse eu, enquanto segurava a sua mão —, o único lugar no mundo onde eu preferiria chegar mais do que qualquer outro. Aguentarei firme, Capitão, não tenha medo disso.

— Come uma sanduíche, rapaz — e empurrou o prato para diante de mim.

Não precisei de um segundo convite. Ele tocou a campainha, outra porção fez a sua aparição e, como eu não bebia, ele pediu café.

Senti que estava num sonho. O Destino tinha, de facto, sido meu amigo ao guiar-me para um navio com destino àquela terra de mistério e ocultismo que eu tanto ansiara ver.

Não entrarei em detalhes sobre a viagem; foi talvez a mais feliz que alguma vez vivenciei. O homem que eu considerara tão brutal, cujos juramentos por vezes pareciam fazer tremer o próprio navio, tinha o coração mais bondoso que creio ter conhecido.

Os marinheiros rudez eram igualmente bons para mim. Faziam-me *«ler as suas mãos»* e falar-lhes das namoradas e esposas que tinham deixado para trás. À noite, quando o trabalho terminava, costumávamos deitar-nos no convés de proa e olhar juntos para as estrelas. Contava-lhes o que sabia sobre o grande Arquiteto do Universo que tudo planeara; como nem um planeta ou um sol podiam variar uma fração de tempo no seu percurso através da eternidade — e que nos é dito que *«um pardal não poderia cair ao chão sem que Ele o saiba»*.

Estes homens rudez, filhos do mar e do perigo perpétuo, pareciam nunca se cansar de ouvir a história. Pode não ter feito com que cessassem de praguejar quando a carga se deslocava ou as bombas se recusavam a funcionar. Talvez, contudo, quando a Mãe Oceano chamou pela última vez, alguns deles se tenham lembrado da história do *«pardal»* e tenham sido confortados.

CAPÍTULO IV

A MAGIA DA ÍNDIA.

NOVAMENTE O MEU ESTUDO DAS MÃOS TRAZ-ME AMIGOS

NÃO seria adequado nestas páginas dar mais do que um breve esboço das minhas experiências na Índia. Pelas cartas que tenho recebido de todas as partes do mundo, sinto-me compelido a passar apressadamente por estes episódios mais pessoais e chegar o mais rapidamente possível à *«confissão»* e às experiências relativas à minha carreira profissional.

Poderá ser meu privilégio, um dia, ser chamado a escrever extensamente sobre a minha vida na Índia, mas até agora *«o apelo não veio»,* e se vier, encherá facilmente um livro por si só.

Quero apenas que os meus leitores visualizem, se quiserem, os meus sentimentos quando entrei pela *«porta de entrada da Índia»,* como Bombaim é tão bem chamada — sozinho, sem um amigo ou uma única carta de recomendação.

Não tentarei descrever a grande cidade que se estendia na distância diante de mim. As histórias da Índia e os guias de viagem já pintaram o quadro melhor, talvez, do que eu poderia fazer.

Era muito cedo de manhã quando deambulei por aquele grande cais — o Apollo Bunder — sozinho.

Sozinho — sem amigos, sem dinheiro — tudo o que tinha ganho no navio tinha-o gasto durante a viagem — contudo, de certa forma, feliz. O Destino tinha sido tão bom ao trazer-me à Índia que, durante a primeira hora ou pouco mais, aquele sentimento inexprimível de *«Deus está no Seu Trono — tudo está bem com o mundo»* manteve o meu coração bem alto.

E no entanto, devo confessá-lo? — à medida que sentia os raios abrasadores do sol ficarem cada vez mais quentes, o estranho Babel de línguas desconhecidas tornar-se cada vez mais ruidoso, aquele grande inimigo de tudo o que é bom — o medo — começou a fazer a sua aparição. Comecei a duvidar, comecei a maravilhar-me com o Destino que tinha forçado de forma tão misteriosa os meus passos em direção à Índia.

Se você, caro leitor, alguma vez esteve absolutamente sozinho num país estranho, compreenderá o sentimento de desamparo que se ia apoderando lentamente dos meus sentidos.

No fim do cais, perto da cidade, sentei-me num banco de pedra e esforcei-me por recolher os meus pensamentos. Em toda a multidão de muitas cores que passava e repassava, ninguém prestava a menor atenção a mim de forma alguma. Eu era apenas *«outro estrangeiro»* que tinha vindo para a Índia, e nada mais.

Contudo, daquela multidão heterogénea, havia uma pessoa que vinha na verdade saudar-me. Um velho, trajado como eu pensava ser um sacerdote brâmane, estava mesmo a caminhar em minha direção. Mal consegui acreditar ao início, mas os nossos olhos encontraram-se e isso pareceu decidir a sua ação.

Ele estendeu a mão com um agradável *«bom dia»,* em inglês, e nenhuma música soou alguma vez mais doce aos meus ouvidos do que aquelas palavras simples.

Sentámo-nos juntos no banco; ao início a conversa foi as

habituais expressões comuns, a vista esplêndida da Baía, a cidade e coisas do género. Eu tinha acabado de mencionar que tinha chegado naquela manhã, quando ele fez a pergunta direta:

— Por que razão veio para a Índia?

— Ora — disse eu —, tem sido sempre o meu desejo mais ardente. Além disso — e apontei para a Linha do Destino na minha mão direita —, suponho que estou a seguir o meu Destino.

Novamente o estudo que eu tanto amava tinha aberto outra porta para mim.

Nunca esquecerei a expressão que passou pelo rosto do velho. Ele estendeu as suas mãos para que eu as lesse. Disse-lhe tudo o que pude sobre as datas de mudanças na sua vida, doenças no passado e outras coisas.

— Maravilhoso! — foi tudo o que ele murmurou. Passado algum tempo, falou-me de si mesmo, que era um descendente da antiga casta Joshi, que tinha mantido o Estudo da Mão, juntamente com o da Astrologia, vivo desde uma data muito distante.

Descreveu onde vivia e apontou para os Gates Ocidentais, ou cadeia de montanhas baixas a norte da cidade. Falou-me dos seus associados, de quão simplesmente viviam, dos estudos ocultos em que acreditavam e praticavam.

Como é evidente, fiquei fascinado. Lembrou-me imenso um livro que a minha mãe me tinha deixado ler, que tratava dos Iogues da Índia.

Exprimi o desejo de ir morar ali com em sua companhia. Ele estendeu a mão. Muito simplesmente, disse:

— Venha, será bem-vindo entre nós. O que quer que seja o nosso conhecimento será seu, desde que passe por certos testes de força de vontade e de fé.

Foi assim que tive o inestimável privilégio de viver, por mais de dois anos, na sociedade de homens que não eram apenas devotos do ocultismo indiano, mas que eram mestres de qualquer ramo dele que tivessem feito especialmente seu.

Foi aqui, sob circunstâncias longas demais para relatar num livro desta natureza, que fiz o voto de que, se alguma vez regressasse à minha própria civilização, me dedicaria por um período de três Sete, a saber, vinte e um anos, como uma espécie de Missionário do Ocultismo e mais especialmente como um expoente do Estudo da Mão.

Depois de completar desta forma a minha *«educação»*, se posso usar esse termo, foi-me possível regressar a Londres, devido à morte de um parente que me tinha deixado uma quantia considerável de dinheiro.

Livre para realizar qualquer capricho que pudesse ter, procedi imediatamente a fazer uma coleção de mãos para o meu estudo favorito e, durante algum tempo, visitei hospitais, asilos e até prisões, fazendo impressões de todos os tipos e condições de humanidade.

Em cerca de um ano, encontrei-me na posse de muitos milhares de impressões de mãos; contudo, não tinha o desejo de trabalhar profissionalmente, pois achava que a vida simples que tinha levado na Índia me tinha desqualificado completamente para a rotina e a convencionalidade da vida nas grandes cidades.

O meu amor por viajar ainda me mantinha sob o seu domínio; por isso, na primeira oportunidade que se apresentou, voltei os meus passos para outra terra de mistério, a saber, o Egito, e por um certo tempo ocupei-me a investigar túmulos arruinados, templos e coisas do género, naquela terra onde, em eras passadas, os antigos Mestres da Astrologia construíram a Grande Pirâmide.

No meu regresso de El Karnack ao Cairo, recebi a notícia inquietante de que o homem a quem eu tinha deixado encarregue de cuidar dos bens que tinha herdado se tinha apropriado indevidamente de tudo o que eu possuía e eu fora deixado sem um cêntimo.

Foi neste momento, e pela primeira vez na minha vida, que o meu estudo das mãos foi chamado a um propósito prático; e nos meus aposentos no Cairo ganhei dinheiro suficiente para me permitir regressar a Londres para cuidar dos meus assuntos.

Assuntos, contudo, não os havia. Todos os meus ativos tinham desaparecido; e o infeliz homem que tinha provocado tal resultado tinha desaparecido da arena da vida pela porta do suicídio.

Sendo esse o caso, dispus-me a encarar a vida a partir de uma nova perspetiva. Desenvolvi uma tendência literária que mal tinha sonhado

possuir. Em todo o caso, permitiu-me viver, e até desfrutar da vida de uma forma muito simples.

Ligado à minha nova vocação, surgiu novamente um uso prático do meu estudo das mãos. Um homicídio misterioso foi cometido no East End de Londres. Uma marca de mão ensanguentada na tinta branca de uma porta atraiu a atenção de um detetive; ele tinha ouvido falar de mim e pediu-me para ver se conseguia extrair algo da impressão da mão.

Um exame das linhas na mão do homem morto convenceu-me de que a marca não poderia ter sido feita pela sua mão, mas como havia uma semelhança em algumas das marcações, cheguei à conclusão de que o crime fora indubitavelmente praticado por um parente próximo, muito provavelmente um filho. Esta pista levou à detenção e subsequente confissão de um filho de um casamento anterior, que até então tinha sido o menos suspeito.

Embora isto tenha despertado novamente o meu interesse pelas mãos, ainda assim nada estava mais longe dos meus desejos do que praticar tal estudo sob uma perspetiva profissional. Evidentemente, eu não estava ainda pronto para pregar a verdade daquilo em que acreditava. (Como se pode ver facilmente o desenho do Destino quando se olha para trás.) Faltava-me autoconfiança; a sensibilidade era demasiado extrema, tinha ainda de ser um pouco mais triturada pelas *«moendas da vida»* — essas moendas de experiência amarga que esmagam alguns até à morte ou moem outros até se ajustarem à ranhura na Roda da Fortuna que os poderá um dia carregar em frente em direção ao sucesso.

Assim foi em todo o caso comigo. O dom da escrita, ou chamem-lhe o que quiserem, antes de muito começou a mudar ou, por enquanto, extinguiu-se; tinha desempenhado o seu papel, um passo talvez em direção ao seguinte, mas fosse o que fosse, a faculdade que escrevia já não servia aos compradores. Pode ser que fizesse um trabalho melhor, não sou o juiz — aqueles que pagam têm evidentemente o direito em tais matérias; mas o facto cru permanecia: os manuscritos voltavam por cada correio, e os poemas que alguns jornais religiosos tinham sempre aceitado antes eram devolvidos, por vezes com uma linha escrita a lápis a dizer: *«Estilo alterado, não adequado para as nossas páginas»*.

Uma manhã cinzenta de outubro encontrou-me a regressar de Fleet Street em direção ao Strand, totalmente desalentado após uma entrevista com o editor de um jornal religioso, um homem que se tinha interessado o suficiente por algo que eu tinha escrito para me pedir que o visitasse.

Tinha achado o Rev. Dr. Richardson, editor do *Great Thoughts,* o editor mais humano que alguma vez conhecera. Para meu profundo espanto, ele tinha puxado uma poltrona para perto da minha e, da maneira mais gentil, tinha falado comigo como um pai faria com o seu filho. Apontou as alterações que tinham ocorrido nos meus versos e artigos nos últimos meses, e onde, em lugar do tom devocional em que eu tinha escrito ao início, apareciam agora ideias e expressões que ele dizia não poderem possivelmente ser redigidas pela mesma pessoa.

Este esplêndido ancião, que podia tão facilmente reconhecer a evolução nas raças ou nos mundos, não conseguia perceber a mesma evolução no cérebro; para ele, eu era um jovem que escolhia deliberadamente *«o caminho largo»*, e o seu dever estava cumprido quando mo tinha dito, e contudo foi quase com lágrimas nos olhos que acrescentou que eu estava entre *«os dois caminhos»*, por outras palavras: naquela estreita faixa de terreno espinhoso entre o *«caminho largo»* que conduz a — ele implicou graficamente onde, por um movimento significativo da sua mão — e aquele outro caminho que é evidentemente tão estreito que acomoda apenas muito poucas pessoas.

Na minha própria mente, enquanto regressava a Fleet Street, traduzi as suas palavras para ser exatamente o que eu sentia, a saber, que eu estava na *«vala»* e mal tinha sequer as forças que me restavam para sair dela gatinhando.

Mas a vida é sempre assim — as mudanças no seu percurso são muitas vezes apenas ocultadas pelas ruturas que pensamos não conseguir superar. Em poucos minutos, eu estava prestes a sair gatinhando da «minha vala», mas de que lado fiquei, deixarei que os meus leitores decidam de acordo com as suas próprias opiniões, pois há muito que aprendi que, tal como as diferentes cordas na música fazem a sua própria harmonia, também as diferentes opiniões das pessoas vibram de acordo com a posição em que elas próprias foram colocadas na harpa da Vida.

Só fazemos discórdias quando tentamos forçar os nossos pontos de vista sobre o certo ou o errado aos nossos semelhantes. Melhor então deixar que cada um fira a sua própria corda — deixando para o grande Músico do Universo o encontrar da melodia.

Tinha acabado de passar a Somerset House na minha caminhada cansativa em direção aos meus aposentos quando encontrei um homem de aparência decididamente judaica que olhou fixamente para mim quando passei. Como eu, de alguma forma, sempre associara os judeus ao dinheiro,

perguntei-me por que razão este homem olhara para mim de forma tão curiosa, e continuei a caminhar, revirando o seu olhar na minha mente. Os judeus tinham sido sempre um quebra-cabeças estranho para mim. Quando andava na escola, tinha feito um estudo especial da sua história. Tinha-me aprofundado na sua religião por causa do seu significado oculto. Tinha passado noites sem dormir sobre as maravilhas da sua *Kabbala* e, no entanto, perguntara sempre: por que razão é esta raça a mais cética e materialista que se pode encontrar no mundo hoje em dia?

Novamente estes pensamentos me assaltaram — esta raça que Deus instruíra através do ocultismo, cujas doze tribos representavam os doze signos do Zodíaco, cuja cada ação fora predita com antecedência, cujos profetas eram mais elevados do que os seus sacerdotes, cuja cada letra no seu alfabeto hebraico estava associada a um número e ao seu significado oculto. Seria possível, pensei, que ao perderem a chave dos mistérios ocultos da sua própria religião, tivessem pago a penalidade com a perda da grandeza, a perda do país e as mil e uma privações por que desde então passaram?

Tinha-me perguntado frequentemente por que razão eram chamados «o povo escolhido de Deus» e, como não há afirmação na Sagrada Escritura que não tenha a sua mensagem peculiar, chegara à conclusão de que foram «escolhidos» como a raça através da qual o Criador manifesta o Seu desígnio tanto nas raças como nos homens.

Estes eram os filhos do Destino, pregando inconscientemente o propósito de Deus a todos os povos, e a prova viva do desígnio em todos os acontecimentos do seu passado, do seu presente e do que há de ser.

Pensamentos como estes fervilhavam na minha mente, quando senti um toque no meu ombro e vi o judeu que eu passara de pé ao meu lado.

— O quê, não se lembra de mim? — disse ele.

— Não posso dizer que sim — respondi.

— Bem — respondeu ele —, eu tenho razões para me lembrar de si. Leu as minhas mãos no Egito e as coisas que me disse aconteceram, até mesmo o meu caso de divórcio no mês passado.

— Bem, então, agora acredita no estudo, suponho?

— Oh, não, não acredito — disse ele. — Não consigo acreditar em tais coisas; mas há dinheiro nisso, meu amigo. Você deveria fazer uma fortuna. Está a fazê-lo agora? Quero que alguns amigos o vejam.

— Não — disse eu —, não estou a fazer nada; pelo menos, apenas alguma escrita para jornais.

Ele riu-se. — Só os tolos é que escrevem — disse ele, e antes que eu pudesse recolher os meus pensamentos, já ele tinha uma proposta cintilante colocada diante de mim.

Caminhámos até ao seu escritório — nas paredes havia algumas pinturas antigas e mofadas, na mesa pedaços de porcelana, alguns escaravelhos egípcios e um busto de mármore grego. Ele era um funcionário do Governo, mas ganhava dinheiro com qualquer coisa em que pudesse pôr as mãos.

Meia hora mais tarde, voltei para a rua, tendo assinado um contrato com ele para começar imediatamente em Londres, contrato esse que, já agora, me obrigava a dar-lhe 50 por cento de todo o dinheiro que eu ganhasse durante doze anos a partir daquela data.

Ainda assim, deve-se dar-lhe crédito pelo seu espírito de iniciativa.

No mesmo dia, parti com uma coragem recém-encontrada para encontrar aposentos adequados para trabalhar, no West End. Mas encontrar aposentos não era tarefa fácil.

Naqueles dias, o Estudo da Mão era uma «grandeza desconhecida e inaudita» em Londres.

Era uma arte relegada para os ciganos e associada na mente dos senhorios a tudo o que era mau. Bastava mencionar o propósito para o qual eu queria as instalações para receber uma recusa severa e, em alguns casos, uma palestra religiosa sobre intrometer-me em tais obras do diabo.

Finalmente, descobri uma senhoria escocesa (outra raça cuja perspicácia passei desde então a respeitar quase tanto como respeito a dos judeus).

Ela era uma boa católica com uma bolsa pequena e um marido tísico, mas, mediante o meu acordo em pagar o dobro do aluguer, ela arranjou o assunto com a sua consciência.

Mas a consciência de uma mulher escocesa não é uma coisa que se embale tão facilmente para dormir. Cedo descobri que ela salpicava água benta noite e manhã à minha porta, e, ao mudar-me para instalações maiores um mês mais tarde, cobrou-me pesadamente por danos causados na carpete.

Estava instalado, era verdade, mas surgiu outra dificuldade: eu não tinha um nome sob o qual trabalhar, pois, como o meu pai ainda era vivo, não seria justo adotar o meu próprio.

O meu amigo judeu e eu discutíamos a questão dia após dia. Nomes bíblicos sugeria ele às dúzias; a dado momento esteve particularmente interessado num *nom de guerre* de «Salomão», mas, felizmente para mim, ele tinha visto esse nome ser-lhe aplicado no seu recente caso de divórcio por causa da sua emulação do desejo desse monarca de estudar o livro da sabedoria chamado Mulher, pelo que acabou por decidir que um nome tão distinto era demasiado arriscado para um homem tão jovem como eu.

Como os dias passavam e nenhum nome era encontrado, ele começou a ficar impaciente com o que chamava a minha «fantasia caprichosa».

Citava a opinião de Shakespeare sobre nomes cada vez que nos encontrávamos, e escrevia longas cartas sobre «a procrastinação ser o ladrão do tempo», a «grandeza da oportunidade» e por aí fora, e no entanto, quando o nome certo de facto surgiu, ele foi o último homem em Londres a reconhecê-lo.

Uma noite, mais preocupado do que o habitual com as suas censuras, o meu cérebro cansado sonhou com nomes às centenas, até que, de repente, me pareceu ver em grego e em inglês o nome «CHEIRO» destacar-se diante de mim.

Na manhã seguinte, anunciei a minha descoberta. Ele repetiu o nome vezes sem conta e depois informou-me de que eu era um tolo, que ninguém o conseguiria pronunciar, que não tinha significado e era inútil.

Em vão expliquei que *Cheir* era a palavra grega para mão, e que «Cheiro» se tornaria assim identificado pelas pessoas inteligentes com o expoente da mão.

— Tolo! — foi a única resposta que ele se dignou a dar e, temendo que «Salomão» pudesse ser novamente ressuscitado, corri para os impressores mais próximos e assim o nome «CHEIRO» ficou lançado.

Mandei fazer uma placa de latão com o nome «Cheiro» gravado em relevo com letras grandes; esta foi colocada na porta da rua.

Não estava na sua posição há uma hora antes de atrair a atenção de um homem que era bem versado na língua grega. A palavra intrigou-o; ele subiu as escadas até aos meus aposentos. Expliquei o que a placa significava e ele insistiu em que as suas mãos fossem lidas no local.

Ele foi o meu primeiro cliente, por isso talvez me tenha saído extraodinariamente bem nessa ocasião. Fez-me o grande elogio de dizer que eu não tinha cometido um único erro em nada do que dissera da sua vida passada ou do seu caráter muito intrincado.

Sem qualquer objeção, concordou em dar-me impressões das suas mãos para a minha coleção. Assinou-as com as suas iniciais, A. J. B., explicando muito simplesmente que era Arthur James Balfour, Presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas.

Ele era, como todos sabem, um dos líderes mais distintos do Partido Conservador na Câmara dos Comuns, mais tarde ainda Primeiro-Ministro, e mais avante na sua carreira, como Lord Balfour, visitou Washington para fazer o acordo da Dívida de Guerra entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Num jantar nessa noite, após ter estado comigo, relatou a sua entrevista — com o resultado de que, no dia seguinte, os meus aposentos foram sitiados por clientes. A partir desse momento, fiquei sobrecarregado de trabalho e, no fim do primeiro mês, o meu amigo hebreu tinha recebido de volta todo o dinheiro que tinha adiantado, juntamente com os 50 por cento que tinha estipulado no acordo.

Ele estava extremamente feliz com o que gostava de chamar «o seu investimento oculto».

A sua felicidade, contudo, não estava fadada a durar muito. Uma tarde, ele entrou apressado, num estado muito excitado, e enfiou-me um jornal da noite sob os olhos. — Olhe ali — disse ele, apontando para um parágrafo —; vou ser arruinado.

Olhando para a coluna, descobri que algum repórter, ao escrever sobre a voga que eu tinha iniciado em Londres, citava, para mostrar a sua extrema erudição no assunto (?), um extrato de uma antiga Lei do Parlamento para provar que todas as profissões desse género eram nada menos do que ilegais.

— Meu querido rapaz — disse o meu amigo hebreu —, vou ser arruinado. Sou um funcionário do Governo. Deveria reformar-se com uma pensão no próximo ano. Perderei tudo se for apanhado a ajudar e a incitar uma pessoa a quebrar uma Lei do Parlamento. Já me pagou de volta o meu dinheiro com juros; pelo amor de Deus, rasgue o contrato e queime-o, e se se meter em sarilhos, nunca mencione o meu nome ou que alguma vez me conheceu.

Em menos de cinco minutos o contrato foi queimado, apertámos as mãos e eu era novamente um homem livre.

Depois de o contrato ter sido desfeito, as pessoas vinham cada vez mais para ouvir o que eu tinha a dizer.

CAPÍTULO V

ENTREVISTAS COM O REI EDUARDO VII.

LEIO AS SUAS MÃOS DETRÁS DE CORTINAS.

OS SEUS «NÚMEROS FATÍDICOS» DÃO A DATA DA SUA MORTE

SUPONHO que não é segredo agora que o Rei Eduardo era extremamente supersticioso em certas matérias. Talvez fosse mais correto escrever que ele tinha um interesse intenso pelo Ocultismo, acreditando fervorosamente em períodos afortunados e desafortunados, em acontecimentos pressagiados por premonições, e assim por diante. Mesmo a Rainha Vitória, mulher de espírito forte embora o fosse, incorria frequentemente no desagrado do seu consorte ao lamentar um espelho partido ou o derramamento de sal.

Relatarei agora, o mais simplesmente possível, o meu primeiro encontro com o Rei Eduardo VII. Dificilmente preciso de mencionar que as minhas experiências com ele, na casa de uma anfitriã da alta sociedade e mais tarde na sua própria biblioteca, foram comentadas de forma bastante livre, e aumentaram grandemente a minha reputação como um Vidente Moderno.

A primeira entrevista foi gerada em segredo, mas o Acaso — ou terá sido o Destino? — perturbou os planos cuidadosamente traçados da senhora responsável pela minha apresentação ao filho mais velho da Rainha Vitória, na altura S.A.R. o Príncipe de Gales.

O cenário da minha primeira sessão com o falecido Rei não foi na sua própria residência, como se poderia imaginar, mas na casa de Lady Arthur Paget, em Belgrave Square. Lady Paget era uma americana encantadora, uma das herdeiras Stevens de Chicago.

O segredo era a nota tónica do encontro, e não me foi dito o nome do proprietário das mãos que eu ia ler. As minhas instruções simples, à

partida, eram para ir a casa de Lady Paget numa determinada noite após o jantar.

Quando cheguei, a anfitriã encontrou-me no átrio e conduziu-me à sala de fumo no fim do corredor. Apesar de toda a sua aparente calma, eu percebia que ela estava mais do que um pouco excitada.

— Agora — disse ela, com um sorriso encantador —, quero que me faça um grande favor, 'Cheiro'. Gostaria que se sentasse detrás destas cortinas que instalei, e lesse, tão completamente e tão convincentemente quanto estiver ao seu alcance, las mãos de um cavalheiro que vem aqui expressamente para este propósito.

Embora, para o leitor, isto possa parecer ter sido um pedido invulgar, a minha compostura não foi afetada. Muitos dos meus clientes adotavam todo o tipo de planos para manterem a sua identidade secreta para mim. A única coisa que me impressionou foi a natureza elaborada dos preparativos neste caso.

— Ficará sozinho com ele — continuou Lady Paget —, e deve dizer francamente o que vê, sem ter qualquer consideração pelos sentimentos dele. Ora, fará o seu melhor, não fará?

— Certamente — respondi —, farei tudo o que puder.

Deixado a sós, fui para detrás das cortinas e organizei a luz elétrica de modo a ser capaz de ver as mãos do meu sujeito com a melhor vantagem possível. Tendo feito isto a meu gosto, sentei-me e esperei.

Poucos momentos depois, ouvi duas pessoas a entrar na sala. Lady Paget direcionou as mãos do seu companheiro através das fendas que tinham sido cortadas na cortina para o efeito, e retirou-se imediatamente.

Procedi ao exame das mãos diante de mim tão calmamente como o teria feito se a entrevista tivesse tido lugar nos meus próprios aposentos com um dos meus consultantes diários.

O homem detrás da cortina parecia estar vivamente interessado. Uma ou duas vezes fez perguntas e, ocasionalmente, retirava as mãos para notar as marcações por si mesmo. Eu, também, estava a ficar mais do que habitualmente excitado, pois as linhas nas mãos apontavam para uma carreira invulgar.

Gradualmente, comecei a indicar os anos importantes para certas mudanças e acontecimentos, os quais pareciam estar fora do controlo dele.

Tinha atingido o ponto de explicar os dias e datas de importância pessoal, quando ocorreu um incidente inesperado que temporariamente me roubou a tranquilidade.

Terças, quintas e sextas-feiras, disse eu, eram os dias mais importantes de cada semana para ele; os seus números importantes eram os seis e os noves; enquanto os meses que representavam estes números, sendo de 21 de março a 20 de abril, de 21 de abril a 20 de maio, e de 21 de outubro a 20 de novembro, tinham contido, e conteriam, os acontecimentos mais importantes que afetavam a sua vida.

— Estranho — disse uma voz profunda e algo gutural —, mas isso é notavelmente verdadeiro.

Nesse momento, ele permitiu que as suas mãos descansassem com demasiado peso sobre a cortina. Os alfinetes de fixação soltaram-se, a cortina caiu aos nossos pés — e encontrei-me a olhar para o rosto bem conhecido do Herdeiro Aparente britânico, como ele era na altura.

Os meus olhares traíram os meus sentimentos, pois, da maneira mais gentil que se possa imaginar, ele disse: — Não tem necessidade de estar nervoso. Saiu-se magnificamente. Proceda com essa curiosa e interessante ideia de números — continuou ele —, esqueça quem eu sou e esteja tão à vontade como estava antes de a cortina cair de forma tão inoportuna.

A sua maneira graciosa teria restaurado a compostura da pessoa mais nervosa.

Puxando para perto uma pequena mesa e arranjando algum papel, elaborei pelo meu sistema um diagrama mostrando quando aconteceriam os acontecimentos mais transcendentais da sua vida, e com que exatidão eles cairiam em certos meses do ano e não noutros.

Juntos calculámos os pormenores absorventes, e ele próprio indicou o ano 69, dizendo:

— Como esta é a única data em que estes dois números curiosos se juntam pela primeira vez, os quais diz ser as notas tónicas da minha vida, suponho que esse deva ser o fim?

Quão longínquo parecia; no entanto, ele próprio, com uma precisão sobrenatural, tinha escolhido a data. Pois o Destino tinha ordenado que o Rei Eduardo estaria no seu 69.º ano quando morresse.

Pelo meu sistema de números, o mês de abril, o mês em que ele foi acometido pela sua doença fatal, tem sido desde tempos imemoriais representado pelo número 9. O mês de maio, no qual ele morreu, é similarmente representado por um 6. A soma dos dois algarismos da idade, 69, é igual a 15; 1 mais 5 é igual a 6. Ele faleceu a 6 de maio, uma sexta-feira, a qual, nos escritos mais antigos, é também simbolizada pelo número 6.

Na conclusão, agradeceu-me mui cortesmente pelas minhas delineações, observando que eu tinha sido extremamente preciso ao lidar com acontecimentos passados, mesmo que os meus prognósticos tivessem sido de natureza sombria.

— Poderemos encontrar-nos novamente — disse ele, enquanto eu me retirava, e acrescentou pensativo: — Portanto, sessenta e nove significará 'O Fim'.

Foi alguns anos mais tarde que tive novamente a honra de o encontrar, e ele era ainda Príncipe de Gales.

A Guerra dos Bôeres tinha acabado de eclodir, e milhares de soldados britânicos partiam em cada navio para a África do Sul.

A Princesa de Montglyon, que desfrutava da amizade do Príncipe de Gales desde a sua infância, tinha vindo a Londres com um plano inteligente para enviar carregamentos de bolachas para as tropas.

Para levar por diante os seus planos, ela tinha angariado o interesse do Príncipe e, como tinha confiança implícita em mim, eu também fora inscrito para a assistir na obtenção de opções junto dos grandes fabricantes de bolachas da Inglaterra.

Uma tarde, eu estava na sala de estar dela no Berkeley Hotel, ocupado em colocar diante dela os detalhes das opções que eu tinha sido capaz de assegurar, quando a porta se abriu e o Príncipe de Gales entrou.

Ela estava prestes a apresentar-me, quando o Príncipe se riu.

— Ora, este é o homem que não me deixa viver além dos sessenta e nove!

— Que pena não ser o Kaiser — retorquiu ela. — Ele já teria sido executado por lesa-majestade.

Infelizmente para os planos dela! O Príncipe tinha vindo para lhe dizer que o Ministério da Guerra tinha acabado de descobrir grandes depósitos de

bolachas que tinham sido esquecidos, e já vários carregamentos das mesmas estavam a caminho da frente de combate.

Algumas noites mais tarde, aconteceu que eu passava pelo Marlborough Club no momento em que o Príncipe saía. Vindo em minha direção, pediu-me para o acompanhar.

— Gostaria de ter outra conversa consigo sobre a sua teoria de números — disse ele. — Venha comigo até à minha biblioteca, onde não seremos perturbados.

Um pedido Real é uma ordem Real, pelo que obedeci. Deu-me grande prazer fazê-lo, e fiquei lisonjeado pelo interesse que o Príncipe estava a mostrar pelo meu estudo.

Juntos entrámos na Marlborough House e procedemos para a biblioteca. Entregando-me primeiro um excelente charuto e depois algum papel, pediu-me para calcular os «números» de diferentes pessoas cujas datas de nascimento mencionou.

Desde as seis horas até perto das oito, calculei firmemente, até que lhe foi trazida uma mensagem de que tinha de se vestir para o jantar.

Quando, finalmente, se levantou para sair, apertou-me a mão de uma maneira graciosa. Depois, fazendo-me acender outro charuto, caminhou comigo até ao átrio, onde me estendeu a mão novamente e me desejou «adeus».

Durante esta conversa, ele fez-me calcular, sem o meu conhecimento, os mapas do Kaiser e do Czar da Rússia, bem como os de membros da Família Real britânica; dava-me a data de nascimento, mas não o nome de pessoa alguma.

Ficou extremamente interessado quando lhe expliquei a antiga teoria astrológica de que os países são governados por planetas e divisões do zodíaco. Expliquei que tanto a Alemanha como a Inglaterra estavam sob o mesmo signo zodiacal — a Casa de Carneiro — e que, como ambas eram governadas pelo planeta Marte, estas nações estavam fadadas a lutar pela supremacia, ou a estar em competição ativa uma contra a outra, mas que o melhor plano seria formarem uma aliança conjunta. Ele ficou tão interessado nesta ideia que me fez escrevê-la para todas as principais nações do mundo.

CAPÍTULO VI

A VISITA DO REI EDUARDO A PARIS.

OS MEUS SERVIÇOS EM PROL DA *«ENTENTE CORDIALE»*. LANÇO UM JORNAL NO INTERESSE DA PAZ

A SEGUIR ao relato precedente da minha entrevista com o Rei Eduardo VII, poderá não estar fora de propósito se relatar aqui como fui mais tarde instrumental em ajudar a impulsionar o seu agora famoso projeto da *Entente Cordiale* entre a Inglaterra e a França e, de facto, sendo, posso dizê-lo com segurança, um dos primeiros promotores da ideia, pelo menos em Paris.

Naturalmente, nunca esquecera a condescendência de Sua Majestade e a sua maneira amável para comigo e, quando residia em Paris, pouco depois do «incidente de Fachoda», que tanto excitara o sentimento francês contra a Inglaterra, fiz o meu melhor, à minha pequena escala, para assegurar que pelo menos o seu nome fosse respeitado nas várias reuniões e reuniões sociais a que assistia.

Durante a minha educação inicial, um dos meus tutores — um velho que conhecia bem o mundo — dissera-me uma vez: «Meu rapaz, dar-te-ei uma regra de ouro para a viagem rude da vida. É esta: 'Faz o bem àqueles que te fazem o bem; e quanto àqueles que te fazem mal — tem pena da sua falta de discernimento.' Se seguires esta regra, pode não fazer de ti um milionário, mas pelo menos dar-te-á uma grande satisfação».

Nunca esquecera as palavras do meu velho tutor; a sua máxima tornou-se um dos princípios fixos da minha vida e devo admitir que por vezes tenho ido a extremos para a pôr em prática.

O sentimento em Paris na altura de que escrevo era tão amargo contra qualquer pessoa que por acaso parecesse «inglesa» que muitas vezes vi americanos, ao caminharem pelos boulevards, segurarem algum jornal americano proeminentemente nas mãos para que os transeuntes pudessem ver que, embora falassem a língua, não pertenciam contudo à «odiada raça de ladrões de terras que tinham roubado Fachoda».

Por esta altura, eu tinha adquirido e tornado-me proprietário exclusivo do *American Register and Anglo-Colonial World*, um jornal que fora fundado durante os últimos anos do Império e que tinha a distinção de ser o jornal mais antigo publicado em inglês no Continente.

Como este jornal era tão bem conhecido e tão respeitado pelo povo francês pela imparcialidade da sua política e pelos seus esforços contínuos para promover um bom entendimento entre as raças latina e anglo-saxónica, concebi a ideia de que ele poderia ser empregue de alguma forma para superar o mau sentimento já mencionado.

Tinha notado, como tantos outros, que embora o Rei Eduardo como homem fosse muito estimado e as suas anteriores visitas fossem continuamente comentadas, contudo, quando classificado coletivamente com a «pérfida Álbion», ele ostentava um aspeto completamente diferente.

Veio-me portanto à mente que poderia ser uma boa ideia recolher as opiniões dos principais líderes políticos e homens públicos sobre qual seria, na sua opinião, a receção que o Rei Eduardo teria se visitasse Paris naquele momento.

Em perseguição deste plano, fiz enviar uma carta por parte do *American Register* que, para o dizer brevemente, fazia as seguintes perguntas:

Que, conhecendo a profunda simpatia e o profundo interesse que Sua Majestade o Rei Eduardo sempre demonstrara pela França, qual seria, na sua opinião, a receção que lhe seria concedida se ele visitasse Paris naquele período?

E se tal visita não faria muito para acalmar o mau sentimento que existia, e ser o início de uma *entente,* tanto política como comercialmente, para o benefício final de ambas as nações?

Foram enviadas alguns milhares destas cartas e, em poucos dias, e para meu próprio espanto, as respostas chegaram em catadupa de todas as partes da França.

E que respostas foram essas, também. Alguns foram ao ponto de escrever nada menos do que oito páginas de argumentação, quer a favor quer contra a ideia; alguns responderam de forma muito sucinta, um mero «sim» ou «não»; enquanto outros foram tão injuriosos quanto à própria ideia de um jornal fazer tais perguntas num momento assim que o meu próprio cabelo por vezes quase se erguia.

A maioria, contudo, falava do próprio Rei em termos de respeito e admiração, e muitos iam ao ponto de dizer que, se tal visita fosse possível, fariam o seu melhor para fazer dela um triunfo pessoal para Sua Majestade,

mesmo que pudessem não ser capazes de esquecer «a última ação da *politique anglaise*».

Como Sir Edmund Monson, o então Embaixador Britânico em França, fora sempre extremamente cordial comigo, sem consultar ninguém fiz um maço com estas cartas, mostrei-lhas e perguntei se ele as enviaria a Sua Majestade.

Sir Edmund, embora extremamente atencioso comigo, disse-me francamente que, com a tensão e o mau sentimento que existiam, não acreditava que pudesse advir qualquer bem do meu plano, e assim, com o meu maço de cartas, regressei a casa.

Por esta altura, aconteceu ser apresentado ao Monsieur Delcassé, que era então Ministro dos Negócios Estrangeiros. Ele congratulou-me calorosamente pela atitude tomada pelo meu jornal e, pelo que ele disse, tanto ali como na segunda entrevista, determinei-me a levar por diante o meu plano e enviar eu próprio as cartas a Sua Majestade.

Analisei-as com muito cuidado, mas admito que retive todas aquelas que eram redigidas de forma demasiado precipitada ou calorosa, e que, folgo em dizer, ainda tenho na minha posse, especialmente porque muitos daqueles que as escreveram alteraram desde então as suas opiniões e são hoje firmes defensores da *entente.*

Para que o Rei Eduardo se lembrasse, talvez, de quem era o seu correspondente, escrevi na minha carta: «Sua Majestade lembrar-se-á talvez de mim como o homem que Sua Majestade disse que 'não o deixaria viver além dos sessenta e nove'», e assim as cartas foram enviadas.

Passou quase um mês. Não soube de nada; mas entretanto o *American Register and Anglo-Colonial World* continuou os seus artigos e publicou as cartas mais importantes e favoráveis que tínhamos recebido, e cópias especiais destas edições foram enviadas a quase todos os homens de destaque no mundo político em França e na Inglaterra. Muitos dos principais jornais franceses comentaram a iniciativa do *American Register,* e um número bastante grande citou as cartas e artigos publicados nas suas próprias colunas.

Uma tarde recebi uma mensagem solicitando-me que me dirigisse à Embaixada Britânica e, das próprias mãos de Sir Edmund, recebi as cartas devolvidas pelo Rei, «com os seus agradecimentos pelo incómodo que eu tivera com o assunto».

Sir Edmund acrescentou: — Nos próximos dias ouvirá dizer que estão a ser feitos preparativos para a visita de Sua Majestade a Paris.

Seria supérfluo para mim fazer qualquer comentário sobre «a visita» em si, pois quase todos os escritores e jornais do mundo emitiram juízo sobre o seu efeito de longo alcance.

Devo, contudo, discordar das «descrições entusiásticas» dadas por tantos sobre a «receção calorosa» concedida a Sua Majestade quando a sua carruagem percorreu as ruas de Paris pela primeira vez, a 1 de maio de 1903.

Foi tudo, de facto, menos uma receção calorosa, ou mesmo morna. É verdade que a Avenue du Bois de Boulogne e os Champs-Élysées estavam repletos de gente, mas eram na sua maior parte uma multidão muito silenciosa; muito poucos sequer ergueram os chapéus.

Todos sabiam que o Presidente Loubet e as autoridades estavam em grande apreensão para que a qualquer momento não ocorresse uma contra-manifestação. Todas as precauções que podiam ser tomadas para a segurança do Rei foram tomadas, e as disposições policiais nas mãos experientes do Monsieur Lépine foram a própria perfeição. Ainda assim, tudo isto não conseguia despertar o entusiasmo do povo — um povo que antes imaginava que «a visita» era apenas «mais uma prova de como a França fora vendida na rede da 'pérfida Álbion'».

O LANÇAMENTO DO JORNAL «ENTENTE CORDIALE»

Cerca de um mês antes de «a visita», como passou a ser chamada em Paris, pensei em dar seguimento ao sucesso da recolha de cartas anteriormente mencionada iniciando outro jornal cujo título estivesse mais em harmonia com os interesses políticos e, com esta perspetiva, fundei um jornal chamado *Entente Cordiale,* ou, como o seu subtítulo anunciava, «Um Jornal no Interesse da Paz Internacional».

Para este propósito contratei correspondentes nas principais capitais da Europa e vários editores capazes de levar a cabo o seu programa.

Tudo correu bem até à noite anterior à ida para a prensa do primeiro número, quando teve lugar um episódio que foi talvez em si mesmo um presságio das dificuldades que cercam o caminho daqueles que, num mundo de contenda, se permitem sonhar com a paz.

Este incidente, embora suficientemente divertido agora ao olhar para trás, contudo, no momento em que ocorreu, quase impediu o nascimento do

jornal e quase alterou as minhas próprias ideias sobre a viabilidade da empresa.

Devido aos erros cometidos na parte inglesa do jornal pelos nossos tipógrafos franceses, fomos compelidos à última hora a fazer a primeira edição da publicação através dos nossos escritórios de Londres, e assim corri de Paris na noite anterior esperando encontrar tudo a postos para a prensa.

O meu editor principal era um inglês que vivera a maior parte da sua vida no Continente e que era profundamente conhecedor de várias línguas estrangeiras. Com a sua majestosa barba branca parecia em si mesmo um modelo perfeito para uma Estátua da Paz, mas no fundo era a encarnação de um perfeito *bulldog* britânico que mostrava o seu sangue combativo num segundo se a dignidade ou a integridade da Inglaterra fossem alguma vez postas em causa.

Outro editor era um francês que, embora no fim um dos maiores defensores da *Entente Cordiale*, contudo naquela altura estava ainda *«um pouco melindrado por causa de Fachoda»* e sempre pronto a trazer a questão à baila no momento mais inoportuno.

O corpo redatorial em Londres era completado por um irlandês que fora correspondente de guerra nos últimos trinta anos.

O irlandês, dificilmente preciso de acrescentar, era o «paiol de pólvora» do navio. Os seus defeitos podiam ser muitos, mas era um dos escritores mais brilhantes que alguma vez me coube em sorte conhecer. Nenhum assunto era despropositado para a sua pena rápida. Do direito internacional à história de uma múmia egípcia — tudo vinha a dar ao mesmo para ele se um artigo fosse necessário à última hora, desde que não se questionasse uma certa dose generosa de álcool que *«era necessária»,* dizia ele, *«para que o seu cérebro pudesse ver as coisas sob a luz adequada»*.

Numa tal combinação, o seu sentido de humor irlandês era, contudo, um inconveniente algo sério. Na verdade, ele achava a «Paz Internacional» uma piada tão enorme que quase rebentava de riso a primeira vez que viu o nosso ambicioso subtítulo.

Na noite em questão, ao saltar do meu carro de praça, mesmo à porta da rua os sons de discórdia e contenda já me chegavam aos ouvidos.

— O que se passa? — disse eu ao porteiro. Com um sorriso significativo ele respondeu: — É a primeira noite do jornal da Paz lá em cima, senhor; é só isso.

Bastante para mim, pensei, pois no mesmo momento ouviu-se um estrondo assustador de vidro e o francês desceu as escadas a correr como um louco.

Na sala de redação parecia que um ciclone tinha feito uma visita surpresa — as provas tipográficas voavam em todas as direções imagináveis, o meu venerável editor tinha um nariz tão danificado que jorrava sangue como um carro de água, enquanto o meu antigo correspondente de guerra parecia *«ter acabado de regressar da frente de combate»*.

Nunca soube exatamente o que aconteceu — pois nunca perguntei. — Um bom começo — foi tudo o que o irlandês disse enquanto agarrava numa pena e começava a redigir o seu artigo especial. A «Inglaterra», no outro extremo da mesa, tentava parecer digna; enquanto um diligente moço de escritório recolhia as provas e solenemente as colocava diante de mim.

Nem uma palavra foi dita, mas pelas poucas horas que se seguiram devo confessar que nenhuns dois homens trabalharam alguma vez mais arduamente nas suas vidas, com o resultado de que foram produzidos alguns dos mais belos artigos sobre as virtudes da paz que talvez alguma vez se escreveram sobre o assunto.

No dia seguinte, o *Entente Cordiale* apareceu nas bancas de jornais e descobri que tínhamos a honra de dar ao Rei um novo título — o de «Eduardo, o Pacificador». A primeira vez que ele foi chamado por este nome foi nas colunas da primeira edição deste jornal.

Em menos de dois meses, o *Entente Cordiale* vendia-se bem em todas as partes do mundo e cartas de congratulação chegavam das origens mais inesperadas. Quase todos os monarcas da Europa escreveram para acusar a receção dos exemplares e, do longínquo Japão, o Mikado enviou a expressão dos seus melhores votos pelo seu sucesso.

Financeiramente, não houve, contudo, nada que eu alguma vez tenha empreendido que terminasse com um saldo tão do lado errado. Impresso no melhor papel, bem ilustrado e demasiado bem editado, o seu custo de produção todos os meses esmagava as suas receitas, de modo que, após manter este jornal por pouco mais de um ano, folguei em parar a minha

experiência nos «interesses da paz» — e averbar um prejuízo muito pesado pelo meu incómodo.

E a incoerência de tudo isto! Enquanto todas as nações louvavam a paz, todas se preparavam ativamente para a guerra. Um certo milionário, que obtivera a maior parte da sua fortuna com o fabrico de canhões e chapas de couraça para navios de guerra, deu grandes doações para construir um Palácio da «Paz», mas ninguém pensou alguma vez em apoiar um jornal dedicado à sua propaganda. Os diplomatas foram os primeiríssimos que pagaram as suas assinaturas e, quando o faziam — era com um pedido para que a sua fotografia fosse publicada na edição seguinte.

No fim, cheguei à conclusão de que a piada do meu antigo correspondente de guerra irlandês não estivera longe de ser verdade e que, no grande jogo da política, o soberbo ideal da Paz Internacional é um sonho em que apenas se podem deliciar — os muito ricos — ou os muito tolos.

Antes de concluir as minhas humildes observações sobre esta questão da Paz Internacional, sinto que devo acrescentar — mesmo correndo o risco de desagradar àqueles dos meus leitores que clamam pela redução da Marinha dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha — que são estas grandes marinhas apenas que hoje parecem ter a paz de todo o mundo à sua guarda.

Apenas aqueles que, como eu, viveram durante muitos anos sob as bandeiras de outras nações podem perceber o que uma tal potência para a Paz realmente significa. Numa ameaça de guerra, há apenas uma pergunta feita: «O que fará a Inglaterra?» ou «O que farão os Estados Unidos?», e é da resposta a essa pergunta vital que tanto depende.

Entre as muitas cartas que recebi louvando o meu jornal, o *Entente Cordiale*, aquela de que guardo maior apreço foi da Marlborough House, do Rei Eduardo VII.

Quando a Coroação de Sua Majestade foi adiada em junho de 1902 devido à sua grave e severa doença, a Rainha Alexandra enviou um estribeiro para me ir buscar para que eu a fosse ver ao Palácio de Buckingham.

Dirigindo-se a mim pelo meu nome profissional, disse da maneira mais simples possível:

— 'Cheiro', impressionou de tal forma Sua Majestade há muitos anos com a previsão de que ele não morreria antes do seu 69.º ano, que na sua

agora grave condição mandei-o chamar para incutir na mente dele que a sua vida está segura por muitos anos ainda. Como Sua Majestade está agora apenas no seu 61.º ano, deve incutir-lhe que os seus atuais temores sombrios não se justificam e que a sua Coroação, que previu para agosto de 1902, terá lugar conforme declarado por si.

— Vossa Majestade, farei o meu melhor — respondi.

Muito calmamente entrámos no quarto do enfermo. O Rei, parecendo muito pálido e fraco, estava meio sentado na cama, amparado por almofadas. A Rainha fez um sinal para a enfermeira sair e indicou-me uma cadeira ao lado da cama. O Rei Eduardo reconheceu-me imediatamente; de facto, a impressão com que fiquei foi a de que ele sabia que a Rainha me mandara chamar.

Numa mesa ao lado da cama jazia uma folha de papel, o mesmíssimo papel no qual ele tinha anotado as minhas palavras naquela primeira entrevista que tivera comigo na casa de Lady Paget; a data 69 estava sublinhada por uma marca pesada de lápis.

Ele acenou com a cabeça e deu-me um sorriso de boas-vindas. Numa voz muito fraca, disse:

— Estou muito, muito doente. Continua a acreditar que atingirei o meu 69.º ano?

Quase por impulso desabafei: — Sua Majestade não precisa de ter receio. Sei que viverá até lá. Estou positivamente seguro disso.

A minha própria convicção pareceu fazer-lhe bem. Um sorriso bastante radiante passou-lhe pelo rosto ao dizer:

— Obrigado. Espero que tenha razão. Tenho muitas coisas para fazer antes de falecer.

Foi então que apliquei toda a força de vontade de que era capaz. Olhando-o diretamente nos olhos, disse: — Sua Majestade lembrar-se-á de que calculei há muitos anos que a sua Coroação como Rei de Inglaterra teria lugar em agosto de 1902. Estamos agora apenas no fim de junho; esta doença é apenas temporária, por favor acredite em mim.

— Sou quase forçado a fazê-lo — anuiu ele com a cabeça. — Todas as outras datas que me deu resultaram corretas. Anotei-as naquele papel. Diga-me que data, então, em agosto seria a melhor para fixar para a Coroação.

— Um dos seus números de noves, senhor — respondi. — Sugeriria 9 de agosto. O número 9 é o seu número 'fatídico' mais forte. Nasceu a 9 de novembro. Desde tempos imemoriais nos estudos ocultos, novembro tem sido considerado a Casa do Nove, ou a Casa de Marte negativo; é por isso que o seu nome passará à posteridade como Eduardo, o Pacificador. O mês de agosto é chamado a Casa Real de Leão, o Leão; portanto, o 9 de agosto seria a melhor data que poderia decidir.

Temendo cansar o Real enfermo, levantei-me para sair. O Rei sorriu e disse: — Obrigado pela sua visita. Fez-me sentir melhor.

Chamem-lhe hipnotismo ou o que quer que se queira, a Rainha Alexandra enviou-me uma mensagem no dia seguinte dizendo que as minhas palavras tinham animado tanto o Rei que ele tinha dormido bem naquela noite e mostrava sinais de rápida melhoria, e que tinham sido dadas ordens para que a Coroação fosse fixada para o dia 9 de agosto — a data que eu tinha nomeado.

A ocasião seguinte em que encontrei o Rei Eduardo foi na receção que lhe foi dada na Embaixada Britânica em Paris na altura de «a visita». Fui formalmente apresentado a ele pelo Embaixador, Sir Edmund Monson, entre outros membros da Colónia Britânica. A apresentação foi naturalmente feita sob o meu próprio nome, mas com aquela maravilhosa memória para locais e nomes que caracterizava Sua falecida Majestade, ele dirigiu-se-me imediatamente como «Cheiro», para grande espanto de Sir Edmund, que é bastante provável que não me conhecesse pelo meu *nom de guerre.*

A última ocasião em que encontrei o Rei Eduardo foi escassos meses antes da sua morte. Ele tomava o comboio real na Victoria Station para fazer a sua habitual viagem para o Sul de França para escapar ao inverno em Londres. Aconteceu que eu ia também para o estrangeiro e estava na plataforma quando ele passou. Não acreditei por um único momento que ele reparasse em mim, mas ele parou e, sorrindo abertamente, disse: — Bem, 'Cheiro', ainda estou vivo, como vê, mas ainda não cheguei a esse número 69.

Poucas semanas mais tarde, ele entrou nesse ano fatal. Pelo fim de novembro já chegavam telegramas de Biarritz dizendo que a saúde do Rei causava ansiedade, e o seu próprio médico foi despachado de Londres.

Em poucos meses Sua Majestade regressou ao Palácio de Buckingham e o público soube com consternação, por meados de abril, da sua grave doença que cedo se provaria fatal.

Na sexta-feira, 6 de maio de 1910, no seu 69.º ano, a primeira vez que os números «fatídicos» de 6 e 9 se juntaram na sua vida, o Rei Eduardo VII foi «reunido aos seus antepassados».

CAPÍTULO VII

A RAZÃO PELA QUAL «A LEI» NÃO INTERFERIU COMIGO. COMO CONVERTI SIR GEORGE LEWIS

DURANTE a minha primeira temporada em Londres, alguns jornais começaram a imprimir muitos artigos a meu respeito; alguns eram extremamente lisonjeiros, mas alguns eram igualmente hostis e chamavam novamente a atenção para a antiga Lei do Parlamento, sustentando que a minha profissão era ilegal e apelando às autoridades para que me suprimissem.

Também foram feitas perguntas a meu respeito na Câmara dos Comuns e, finalmente, numa segunda-feira de manhã, recebi a visita de um Inspetor de Polícia, que educadamente, mas com firmeza, me disse que não seriam tomadas quaisquer medidas se, no sábado seguinte, eu fechasse os meus gabinetes de consulta. Muito atenciosamente, deixou comigo uma cópia da Lei do Parlamento, que rezava o seguinte:

«Qualquer pessoa ou pessoas consideradas culpadas de praticar Quiromancia, Astrologia, Bruxaria ou todas as obras do diabo semelhantes, são por este meio consideradas velhacos e vagabundos a serem sentenciados a perder todos os seus bens e posses, a permanecer por um ano no Pelourinho e a serem expulsos do país, ou a serem aprisionados para toda a vida».

A Lei em questão fora feita no tempo de Henrique VIII, provavelmente porque o «monarca muito casado» não desejava que as suas muitas esposas tivessem qualquer oportunidade de descobrir o seu infeliz destino por auxílios como a Astrologia ou a Quiromancia.

Após a aprovação de tal Lei, é de esperar que Henrique VIII tenha dormido em paz, sabendo que Ana Bolena ou Catarina Howard permaneceriam na ignorância de que «o machado» aguardava pelas suas cabeças. A história também afirma que o Rei culpou a Astrologia pela rebelião do Duque de Buckingham, mas, quer tivesse sido causada por esposas ou rebeliões, em todo o caso esta lei inteligente (?) veio a existir.

Sob a sua filha Elizabeth ela caiu em desuso, devido, talvez, à crença desta na famosa antiga Astrologa e Quiromante, Dr. John Dee, e às suas muitas visitas para o consultar em Mortlake. Em todo o caso, a história diz-nos que o seu «bom Dr. Dee» atuou durante mais de vinte anos como Conselheiro, Orientador e Amigo da Rainha, e quem sabe se a grandeza da Inglaterra hoje não deve mais do que alguém possa imaginar ao facto de a «Rainha Bess» agir sob os conselhos que lhe eram dados pela Quiromancia e pela Astrologia, estudos de que o velho John Dee era mestre naquela altura?

Na *Vida do Dr. John Dee,* publicada recentemente pela Constable & Co., Londres, é revelado que este famoso Quiromante e Astrólogo era também celebrado pelos seus dotes científicos, que eram de ordem não desprezível. *«Quando a Rainha Elizabeth desejou que fosse feita uma declaração das suas reivindicações sobre a Gronelândia e outros países descobertos por exploradores ingleses, ela recorreu ao Dr. Dee, que cumpriu habilmente a tarefa. Ele também fez um mapa das regiões polares para la Rainha».*

Tal era o sábio sob cuja tutela a Rainha Elizabeth estudou Astrologia e Quiromancia, e *«em cujos poderes de adivinhação ela confiava quando perturbada pelo Cometa de Kepler».*

Sob Jorge III, cujo nome é transmitido à posteridade pela perda da América, a antiga Lei foi reavivada e, como os tempos podem mudar e as pessoas podem mudar mas as Leis do Parlamento nunca, assim esta lei permanece em vigor na Inglaterra até ao dia de hoje.

Eu não tinha, naturalmente, desejo de trazer sobre a minha cabeça as ameaçadas consequências envolvidas, pelo que dei ordens à minha secretária para não registar marcações além do fim dessa semana, visto que no sábado, às seis horas, tencionava atender o meu último cliente.

Nunca trabalhei mais arduamente ou me saí melhor do que durante essa semana e, às seis horas de sábado, no que dizia respeito aos meus planos, tinha terminado a minha carreira como «Cheiro».

O Destino, contudo, que desempenhara um papel tão cheio de acontecimentos ao trazer para a minha vida ações sobre as quais eu não tinha controlo, tinha evidentemente planeado de outro modo. Ouvi a voz de uma senhora à porta a suplicar à minha secretária que marcasse uma entrevista ali mesmo, e assim a senhora entrou.

No fim da entrevista, recostando-se na sua cadeira, ela disse:

— Fui sempre crente neste estudo das mãos. Terei algumas pessoas muito interessadas a vir a minha casa esta noite. Qual será o seu honorário para vir e demonstrar o seu trabalho?

— Nada, Minha Senhora — disse eu —, absolutamente nada; desde as seis horas de hoje, 'Cheiro' deixou de existir, mas, se mo permitir, dar-lhe-ei os meus serviços com prazer, pois apenas quero convencer as pessoas inteligentes de que há alguns que realizam este estudo que não são charlatães nem impostores.

— Obrigado — disse ela —; terá a sua oportunidade talvez esta noite. Aqui tem o meu cartão, 'Mrs. Walter Palmer, Brook Street'. Esperá-lo-ei às 9h30.

Os convidados subiram as escadas a rir e a conversar. A primeira pessoa que insistiram que eu visse foi um cavalheiro idoso a quem se dirigiam como «o doutor».

«O doutor», sem abrir os lábios, submeteu-se de forma bastante airosa à «operação» e, em poucos momentos, eu tinha esboçado os pontos principais da sua carreira, os anos em que fizera tais e tais mudanças, etc. Ele ficou interessado, o riso cessou e, finalmente, quando parei, disse ele:

— Bem, tenho sido o seu maior cético e argumentei toda a noite contra a possibilidade de uma coisa destas ser possível, mas não me importa se me disse estas coisas pelas minhas mãos ou pelas minhas botas, certamente acertou em datas e coisas que são precisas, mas como o fez, não sei.

— Contudo — disse eu —, se o senhor é médico, esta ciência está toda errada, pois o senhor não está mais apto para ser médico do que o homem na lua.

— Bem, senhor — disse ele —, que profissão pelas 'minhas linhas' deveria eu então ter seguido?

— Apenas uma — respondi —, a de advogado forense, ou melhor ainda talvez, um advogado criminalista.

Puxando do seu cartão, o meu visitante disse: — Confesso que penso que realmente merece saber quem sou. — No cartão que me entregou, li o nome bem conhecido do MR. GEORGE LEWIS. [1]

Depois disso, um convidado após o outro passou pela provação: Mr. Herbert Gladstone, Sir Henry Irving, o seu filho Lawrence Irving e dezenas de outros, até que, finalmente, perto das três horas da manhã, Mrs. Palmer disse que eu devia estar demasiado cansado para fazer mais e convidou-me a fazer uma visita no dia seguinte e a conversar sobre o que ela dizia ser «o triunfo dela, bem como o meu».

No dia seguinte (domingo), ela disse: — Não pode possivelmente pensar em desistir deste trabalho — e então falei-lhe dos artigos de jornal que me tinham sido enviados, da Lei do Parlamento que o proibia, etc.

À sua maneira entusiástica, disse ela: — Teve tanto sucesso ontem à noite com o George Lewis. Vou dar lá um salto e perguntar-lhe a sua opinião. Espere aqui até eu voltar.

Esperei e, quando ela regressou, disse: — O George Lewis diz que está a trabalhar sobre uma base totalmente diferente daquela a que esta antiga Lei se destinava a aplicar, pelo que não cai sob a alçada dela. Deve enviar o cartão dele para a Scotland Yard e dizer-lhes para dirigirem quaisquer comunicações futuras para ele.

Obedeci a estas instruções. Na manhã seguinte, retomei a minha vida profissional e nunca mais, em momento algum, ouvi falar de qualquer interferência ou de conv

ersa sobre esta Lei do Parlamento ser aplicada no meu caso.

CAPÍTULO VIII

O REI LEOPOLDO DA BÉLGICA AJUDA-ME COM UM «ENSOPADO IRLANDÊS».

A INFLUÊNCIA DE GABY DESLYS SOBRE DOIS REIS

A HISTÓRIA já alinhou fielmente as fraquezas e as loucuras, a perspicácia e a inteligência calculista em finanças e diplomacia de Leopoldo II, Rei dos Belgas.

Tive a honra de ler a sua mão e revelar-lhe a sua longevidade de anos. Foi uma experiência interessante, pois o Rei Leopoldo era um homem complexo, bem como um monarca versátil.

Durante o período da Exposição de Paris, fui convidado um dia para um importante almoço dado em honra do Senador Thomas Walsh, de Washington, um dos Comissários Americanos em Paris naquele momento.

Este almoço foi dado no elegante edifício chamado Pavilhão dos Estados Unidos, e contou com a presença dos principais americanos em Paris, juntamente com muitas pessoas francesas notáveis que tinham contribuído para fazer da exposição o sucesso que indubitavelmente foi.

O Mr. Walsh era um homem da indústria mineira enormemente rico do Estado de Montana, cuja liberalidade tinha feito muito para tornar a secção americana extremamente popular entre todas as classes.

Após terem sido proferidos vários discursos pelo Embaixador Americano, General Horace Porter, pelo Comissário Geral, pelo Presidente da Câmara de Comércio Americana e outros, o Presidente da mesa, por alguma razão que nunca compreendi, pediu-me também a mim um discurso.

Quando me levantei para responder, o Rei Leopoldo, que era amigo pessoal do Mr. Walsh, entrou com o seu ajudante de campo, o Conde d'Outremont, e ficou à porta. Não me consigo lembrar de uma única palavra do que disse; tudo o que sei é que, no fim, fui calorosamente aplaudido e o Rei mandou dizer que gostaria que eu lhe fosse apresentado.

O Rei Leopoldo congratulou-me por fazer o que ele teve o prazer de denominar «um excelente discurso de improviso» e acrescentou que «uma das coisas que ele mais invejava era o poder da palavra». Na mesma semana, encontrei-o novamente numa grande receção dada pelo Mr. Walsh; nesta ocasião, embora estivessem presentes algumas centenas de pessoas, Sua Majestade, com os seus olhos de falcão, avistou-me do outro lado da sala e, atravessando-a, estendeu-me a mão, dizendo ao mesmo tempo:

— Disseram-me que segue uma profissão muito estranha e interessante. Gostaria de ter o seu endereço e talvez, num dos meus momentos de lazer, possa querer valer-me dela.

Soube mais tarde que muitas pessoas ficaram espantadas com a sua condescendência em falar comigo, e sei que sofri em consequência disso devido ao ciúme que despertou.

Dois dias mais tarde, estava eu a sentar-me para um almoço cedo quando a minha criada anunciou que um cavalheiro idoso, que tinha grande semelhança com o Rei da Bélgica, estava no salão, à espera de me ver.

Através da porta da sala de jantar, para meu espanto, vi que o meu visitante era na verdade ninguém menos do que o Rei Leopoldo e, entrando apressadamente, pedi desculpa pelo cheiro a almoço que impregnava o apartamento.

Ele levantou-se, a sua grande estatura agigantando-se sobre mim. Muito gravemente, disse: — Monsieur 'Cheiro', quero que me faça um favor. Tenho a certeza de que cheira a ensopado irlandês; é um prato de que sempre gosto, por isso faça-me o favor de me pedir para o ajudar com ele.

— Mas... Vossa Majestade... — gaguejei.

— Não há 'mas' quando quero alguma coisa — riu-se ele —, por isso não deixemos que o prato arrefeça... acredite, não há nada de que eu gostasse mais.

Felizmente, o ensopado era realmente bom, pois a minha «cozinheira francesa» acontecia ser uma mulher irlandesa, unida em casamento a um *chef* no Café de Paris, e o ensopado irlandês era para ela uma espécie de memória sagrada de tudo o que havia de melhor na sua Terra Natal.

Em poucos minutos, sentámo-nos à mesa e o meu ilustre visitante fez inteira justiça ao meu prato irlandês.

Descobri que Sua Majestade da Bélgica estava enormemente interessado nos Estados Unidos e, como eu tinha viajado por todo o país, foram muitas as perguntas que me fez sobre o seu maravilhoso desenvolvimento e também sobre os diferentes americanos que eu tivera a boa fortuna de conhecer enquanto lá estive.

Após uma chávena de café e alguns cigarros, passámos para o meu gabinete de consulta e expliquei «as linhas» nas suas mãos longas e de aspeto altamente inteligente.

Ele ficou aparentemente interessado no que lhe disse; uma boa hora tinha já passado, o relógio sobre a minha mesa bateu quatro horas. Ele sobressaltou-se abruptamente: — Não posso ficar mais tempo — disse ele —, mas quero ouvir mais. Quando pode vir ter comigo ao Palácio de Laeken? Hoje é quinta-feira... parto amanhã para Bruxelas; pode vir no sábado às seis da tarde?

Com reis, ouvir é obedecer. Cheio de compromissos embora estivesse, decidi cancelá-los imediatamente. A personalidade magnética deste monarca, na altura o Rei de quem mais se falava na Europa, prendeu-me com uma intensa fascinação.

— Muito bem — disse ele, depois de eu ter delineado os meus movimentos —, esperá-lo-ei às seis. Pegue nisto — colocou um cartão na minha mão —, apresente isto ao oficial da guarda no Palácio e será admitido sem contestação.

Com isto, saiu do quarto a passos largos.

Fiz uma viagem rápida desde Paris e cheguei à capital belga com tempo de sobra para cumprir o meu compromisso. Achei Laeken um palácio de belo aspeto, originalmente um antigo castelo muito modernizado e cercado por belos bosques. Dirigi-me à entrada principal, fui parado pela guarda, entregue a um oficial e rapidamente descobri que o cartão que me fora dado pelo Rei era um Abre-te Sésamo. À batida das seis, estava eu sentado numa pequena sala, sobriamente mobilada e não muito diferente de uma sala de estar comum de um hotel.

De repente, uma das portas interiores abriu-se e Sua Majestade apareceu. Estava vestido muito simplesmente, com um fato de passeio e a fumar o seu eterno charuto. Convidou-me a entrar no seu escritório e rapidamente me fez sentir completamente à vontade. Durante alguns minutos a conversa girou em torno da Família Real britânica. Uma observação posso repeti-la, de tão perspicaz que era: — Quando o Rei Eduardo assumir o 'comando' nos assuntos estrangeiros, será uma grande surpresa. Ele é um diplomata nato. — Fez também algumas observações penetrantes sobre o caráter do Duque de Iorque, atual Rei Jorge V. Fiquei espantado ao ver quão de perto o Rei belga tinha estudado várias Realezas.

Eu esperava ser chamado a dar a Sua Majestade outra demonstração da minha arte de ler as mãos, mas, para meu espanto, ele disse de repente:

— Está com fome; deve comer alguma coisa.

Protestei dizendo que não necessitava de nada.

— Absurdo — respondeu ele, levantando-se e tocando uma campainha. — Deu-me um excelente 'ensopado irlandês' na sua casa, agora vai comer um na minha. — Ao dizer isto — e devo confessar que pensei que os meus ouvidos me enganavam —, ele soltou o seu peculiar grasnar sardónico e repetiu novamente em tons de comando que tinham um toque

de entonação estrangeira: — Vou mostrar-lhe como se faz um, é o meu prato favorito.

Certamente não estava preparado para a exibição gastronómica que se seguiu e, acessoriamente, posso revelar que tropecei num dos passatempos reais mais curiosos. Pois, em resposta ao toque, apareceu um criado.

— Cozinha! — foi a palavra curta, e o criado sumiu-se. Este criado, já agora, era um antigo guarda, um escocês que estivera durante alguns anos ao serviço do Rei Leopoldo.

— Venha comigo — disse o Rei, esfregando as mãos.

Segui-o até uma pequena cozinha, maravilhosamente equipada com todos os dispositivos para culinária e inteiramente dominada pela eletricidade. Na lateral do fogão elétrico, uma panela de cobre fervilhava suavemente; aproximando-se dela, Sua Majestade tirou a tampa e aspirou o cheiro aromático com evidente satisfação.

Foi enquanto ele estava seriamente absorto na tarefa de vigiar o ensopado que achei divertido — espero que a expressão não seja desrespeitosa — saber que o Rei dos Belgas frequentemente cozinhava a sua própria ceia.

— Estou tão cansado dos pratos elaborados cozinhados pelo *chef* — disse-me ele —, e não tenho intenção de cavar a minha sepultura com os dentes. Para este fim, há algum tempo, pensei na ideia de fazer eu próprio alguma culinária. Achei que era uma verdadeira diversão e vou afirmar que ninguém consegue cozinhar melhor ensopado irlandês do que eu.

Permaneci em silêncio, quando de repente ele acrescentou:

— É verdade, 'Cheiro', que o Rei Eduardo é um grande *gourmet*? É o que se diz nas cortes europeias e, quando ele vinha a Bruxelas como Príncipe de Gales, os meus *chefs* rivalizavam entre si na preparação de pratos maravilhosos. Mas a maioria deles era deixada de lado.

Pude assegurar a Sua Majestade que, pelo que ouvira dizer, o Rei Eduardo era extremamente simples nos seus gostos, e repeti a anedota relativa à ocasião em que, como Príncipe de Gales, fora convidado para jantar por Lord Randolph Churchill e consentira sob condições: «Churchill, deve dar-me fígado com bacon». O Rei dos Belgas riu-se de bom grado com isto.

Com uma conversa tão leve, o tempo foi passando até o ensopado estar pronto. Sua Majestade verteu-o para dois pratos e ali mesmo se sentou, Sua Majestade em frente a mim, numa pequena mesa na cozinha. Posso dizer honestamente que foi o ensopado irlandês mais perfeito que alguma vez provei. Foi uma introdução curiosa para uma sessão com a Realeza.

Depois, regressámos novamente à sala de fumo — pois descobri que era isso — e, após me ter instado a tomar algo para beber, começou:

— Agora, 'Cheiro', quero que continue o exame das minhas mãos a partir de onde o deixou no outro dia. Tenho ouvido de várias fontes falar da sua notável habilidade em previsões de dias de morte e datas importantes na vida. Quero que me fale de quaisquer acontecimentos marcantes que veja, e de tudo o que se augure no futuro próximo.

Ao proferir estas palavras, a atitude do Rei tornou-se muito séria; senti que ele percebia que a sombra de «O Fim» se ia aproximando do seu longo reinado, e que ele meio que temia, mas ansiava por perscrutar o «Futuro».

Com isto, colocou as suas mãos fortes e autoritárias sobre uma pequena almofada e permaneceu absolutamente silencioso enquanto eu fazia novamente um exame cuidadoso das linhas claramente marcadas na sua mão. Sessenta e dois anos de vida cheia pareciam indexados na palma direita; enquanto na esquerda vi gravados os indicadores hereditários que contavam a sua própria história da natureza herdada, os pontos fracos e fortes que são tão visíveis na palma da Realeza como em qualquer outra mão.

Nascido filho de um rei conhecido como o «tio amado da Rainha Vitória» (Leopoldo I), herdou por completo as peculiaridades da dinastia Saxe-Coburgo-Saalfeld; orgulhoso, obstinado, forte no amor e no ódio.

Devo confessar que, à medida que estudava o labirinto de linhas que me enfrentava, fiquei fascinado com o meu sujeito, até que por fim exclamei involuntariamente:

— Uma mão maravilhosa! Retém o que agarra!

— Nada de lisonjas — respondeu o Rei severamente.

— Senhor — disse eu —, se a sua mão fosse a de um camponês, eu diria o mesmo.

Expliquei-lhe o significado peculiar da Linha da Cabeça tão claramente marcada através do centro da palma. Mostrava não apenas uma inteligência notável, mas, acima de tudo, o poder de aquisição. Escusa de ser explicado que a condução do Rei na exploração do Congo Belga tem sido reconhecida como uma obra-prima de alta finança.

— Mas diga-me — disse ele —, a minha condição física.

O mais brevemente que fui capaz, expliquei que as indicações apontavam para um desenvolvimento pulmonar notável, um sistema nervoso são, ao passo que o coração e a circulação eram excelentes. Posso afirmar que é indiscutível que sobre a palma da mão está gravado um mapa da saúde, o qual é detalhadamente descrito nos muitos livros que tenho escrito sobre este estudo.

— Completamente são então, 'Cheiro'? — questionou ele, fixando os seus olhos imperiosos no meu rosto. Pausa, pois vi ali escrita uma falha fatal que eu sabia que cedo haveria de deitar por terra a Real estrutura até ao pó da dissolução.

— Não totalmente — disse diplomática; — receio que, antes de muito, venha a desenvolver algum problema sério em ligação com o sistema digestivo e órgãos internos.

— Essa é a sua vingança por ter sido obrigado a comer ensopado irlandês num palácio Real — riu-se ele. — Está enganado, 'Cheiro', eu consigo comer qualquer coisa.

Deixei passar e avancei para outros assuntos. Quando, dois anos mais tarde, a 17 de dezembro de 1909, a morte chamou pelo Rei no seu palácio, o boletim oficial deu como causa da dissolução um colapso completo dos órgãos digestivos e obstrução intestinal.

Passei por alto a matéria dos seus vários casos amorosos e a nuvem escura que se abatera sobre os seus assuntos domésticos. Poucos monarcas foram mais amaldiçoados na sua vida matrimonial do que Leopoldo II. A sua esposa austríaca estava afastada dele; o seu herdeiro, o Duque de Hainaut, morreu de tísica; a sua filha Estefânia esteve envolvida na tragédia de Mayerling, pela qual o seu marido se suicidou; enquanto, nos seus últimos dias, apenas um dos seus filhos, a Princesa Clementina, se aproximava dele.

[1]: Mais tarde Sir George Lewis, chefe da famosa firma de advogados Lewis and Lewis.

— Quais são os meus anos?

Esta foi a pergunta seguinte disparada na sua voz de comando. Eu sabia que a data de nascimento de Sua Majestade era 9 de abril de 1835, e já tinha feito os cálculos necessários para adivinhar a posição predominante dos planetas quando ele veio ao mundo. As influências dominantes eram favoráveis para o sucesso em empreendimentos comerciais, mas decididamente desfavoráveis para assuntos de afetos. De acordo com a minha computação, o algarismo 9 era o numeral chave na vida de Sua Majestade da Bélgica. Levaria demasiado espaço mostrar quão assustadoramente este algarismo dominou toda a sua existência, tal como o 6 e o 9 foram os algarismos soberanos do Rei Eduardo.

Estava seguro de que 1909 era o «ano fatal» do Rei Leopoldo, e provavelmente no fim do ano, visto que as condições planetárias lhe seriam então desfavoráveis. Perguntei-lhe categoricamente se desejava que eu desse uma opinião.

— Sim — disse ele —, por que não?

Disse então:

— Eu predizeria 1909 como sendo um ano da maior importância para a sua saúde física, e o máximo cuidado deveria ser tomado ao longo de todo esse ano em particular.

Posso aqui observar que, embora acredite que o Destino de um homem está, como diz o ditado oriental, *«atado invisivelmente em redor da sua testa quando ele entra neste Vale de Lágrimas»,* contudo é possível pelo conhecimento evitar os maus efeitos de aspetos desfavoráveis dos planetas. Assim, avisei W. T. Stead, anos antes da sua morte por afogamento, de que um certo mês num certo ano era altamente perigoso para ele caso estivesse a viajar por água. Ele riu-se e disse:

— Não sabe, 'Cheiro', que hei de morrer às mãos de uma turba de Londres?

Esta era uma ideia fixa sua, e tenho muitas vezes perguntado a mim mesmo se ele se lembrou da minha predição naquele momento solene em que viu a Morte aproximar-se dele no fundimento do *Titanic*.

Leopoldo repeliu a minha predição relativa a 1909; pois era nervosamente sensível sobre o assunto da sua saúde.

Em dezembro de 1909, no dia 10 do mês, aconteceu estar eu a rever as minhas notas sobre esta entrevista em Laeken e observei a um amigo em Londres: — Não ficaria surpreendido se houvesse notícias da morte de um monarca continental dentro de pouco tempo, e acredito que será o Rei dos Belgas. — Na altura não havia qualquer indício de que Leopoldo estivesse a fraquejar; de facto, os relatos oficiais dos jornais davam a sua saúde como excelente. Mas no dia 15 veio a notícia de que ele estava enfermo; no dia 17 morreu subitamente. A autópsia revelou que a causa da morte fora um problema intestinal.

Não posso revelar toda a conversa que se seguiu. Tem-se dito que Leopoldo foi um pai severo e um feitor duro para com os seus trabalhadores do Congo. Mas posso registar que ele encontrou uma felicidade duradoura na sua companhia com a Baronesa Vaughan — alguma recompensa após as cenas extraordinariamente infelizes que constituíram a sua vida de casado e culminaram nas suas querelas com a maior parte da sua família.

Após uma entrevista que durou quase duas horas, fomos interrompidos pelo aparecimento de uma senhora baixa, forte e notavelmente bela, a quem fui apresentado. Esta era a Baronesa Vaughan. Dizia-se que Leopoldo tinha passado por uma cerimónia de casamento com esta senhora algum tempo antes; mas como a cerimónia não era reconhecida pelo Parlamento Belga, ela não era considerada Rainha; não é correto, contudo, chamar à união um casamento morganático. Ela foi um conforto muito grande para o monarca nos seus dias de declínio, e esteve com ele até ao fim.

Como o Rei evidentemente não desejava que a Baronesa permanecesse, ela saiu da sala com muito tato, e Sua Majestade continuou a discutir comigo o meu sistema de números e dias afortunados e desafortunados. [^1]

Ele revelou que era um especulador astuto na Bolsa de Valores e queria saber quais eram os seus «dias afortunados». Expliquei-lhe exatamente quais seriam as alturas mais favoráveis para assuntos ligados ao dinheiro, e ele anotou cuidadosamente tudo o que lhe disse.

Deixei Sua Majestade dos Belgas sentindo que estivera na presença de um homem muito notável, alguém que possuía qualificações que o teriam tornado bem-sucedido em muitos caminhos da vida se não tivesse nascido sob a púrpura. Tinha um cérebro claro, grande poder de concentração, uma vontade inflexível que raiava a dureza e verdadeiros dotes de diplomacia.

Contra isto deve ser colocado a sua predileção pelo belo sexo, o que fez com que as suas frequentes visitas a Paris nos seus últimos dias chegassem a constituir um escândalo. Em ligação com isto, não posso deixar de tocar numa visita bastante interessante que tive de uma senhora cujo nome é ainda recordado com afeto.

Estava eu no meu apartamento em Paris, uma manhã, quando recebi a visita de uma mulher fortemente velada. Ao examinar as suas mãos, vi certas linhas que são invulgares ao denotarem a influência de homens notáveis da mais alta patente.

Como expliquei antes, uma espécie de imagem clarividente aparecia frequentemente no meu cérebro durante as minhas consultas.

— Minha Senhora, deve haver uma perplexidade considerável na sua mente neste momento presente, pois despertou interesse nos corações de dois homens, ambos muito mais velhos do que a senhora, e que têm os meios para satisfazer os seus desejos. — Hesitei, e ela disse numa voz singularmente doce:

— Não se esquive, 'Cheiro', de me dizer tudo.

— Estes dois homens usam ambos uma coroa, mas, até agora, a senhora repeliu-os a ambos.

Ela retirou as mãos da almofada e levou-as ao seu rosto velado, como que para controlar os seus pensamentos. Depois disse em voz baixa:

— O meu nome é Gaby Deslys. Sabe tudo a meu respeito por reputação — nesta altura ela alcançava um sucesso triunfal no Folies Bergère, em Paris —; tive convites para cear tanto do Rei D. Carlos de Portugal como do Rei Leopoldo da Bélgica. Não quero parecer descortês, nem recusar o que é praticamente uma ordem, mas não sei o que fazer; até agora, como diz, mantive-me livre de ambos.

Quanto mais estudava as palmas desta talentosa bailarina, maior era a sensação de perplexidade que experimentava. Pois aqui estava uma daquelas criaturas radiantes de luz solar, nascida para deleitar milhares, contudo tão seguramente fadada à tristeza e à morte prematura. Todos aqueles que conheciam esta mulher encantadora intimamente sabem que ela era singularmente altruísta e ansiosa por ajudar todos os que estivessem em apuros. Mas a morte acenou-lhe no apogeu da sua carreira.

Vi, também, que aqui estava uma daquelas mulheres destinadas a causar a formação de acontecimentos de importância de longo alcance. Não

é segredo que a rivalidade aberta entre D. Carlos de Portugal e Leopoldo da Bélgica, quanto a qual deles poderia cobrir de maiores atenções Gaby Deslys quando esta ascendeu à fama triunfal, foi comentada da forma mais desfavorável na Imprensa de ambos os países. O assassinato de D. Carlos e do seu herdeiro marcou o culminar desta repulsa de respeito pela Casa de Bragança. Gaby Deslys foi uma daquelas mulheres belas mas «fatais», nascidas para pôr em movimento muitas correntes que conduzem à desgraça.

O mistério extraordinário relativo ao seu nascimento e a quem ela realmente era nunca foi esclarecido. Centenas de milhares de pessoas por todo o mundo viram-na no palco. A sua fotografia foi publicada em cada continente, contudo ninguém se apresentou com qualquer prova definitiva de onde ela nascera.

Após a sua morte, surgiram pessoas como cogumelos de quase todos os países reivindicando que eram parentes da célebre beleza, mas como ela tinha deixado uma fortuna de algumas centenas de milhares, pode ter sido essa a causa de tão universal interesse. Estas reivindicações, contudo, nunca foram provadas e apenas aumentaram o mistério.

A própria Gaby evitava sempre o assunto dizendo apenas que havia um mistério sobre o seu nascimento e que, quando chegasse o momento certo, ela própria revelaria quem era — mas esse momento nunca chegou.

Durante a última Guerra, quando ela atuava em Londres e quando toda a gente estava mais ou menos «sob suspeita», apareceu uma mulher em muito más condições financeiras reivindicando ser a sua mãe, mas em vez de ser acolhida como sob as circunstâncias se poderia esperar, foi denunciada por Gaby como uma impostora e ordenada a deixar o seu hotel. Esta mulher retaliou dizendo que era natural da Hungria e que Gaby tinha nascido nesse país. Se isto tivesse sido verdade, a famosa beleza teria sido arruinada e provavelmente internada como uma estrangeira inimiga. A Scotland Yard investigou a história, mas decidiu que não havia nada nela, e a carreira pública de Gaby continuou como antes.

No seu regresso a Paris, em vista dos rumores persistentes postos a circular por muitas pessoas enlouquecidas pela guerra, Gaby de repente apresentou aquela a quem chamava «a sua verdadeira mãe». Esta mulher, que se autodenominava Madame Caire, apresentou na verdade uma certidão de nascimento para provar que tivera uma menina nascida em Marselha quase numa data que poderia ter-se ajustado à idade de Gaby. Contou uma história de como, a partir das suas pequenas poupanças feitas

com a venda de jornais e revistas, tinha educado e treinado a sua brilhante filha.

Com o avanço do Exército Alemão sobre Paris, ninguém teve tempo para investigar a história e Gaby foi aceite como francesa. Esta mulher permaneceu no sumptuoso apartamento de Gaby durante algum tempo, mas quando a Guerra terminou, um funcionário do Registo Civil de Marselha declarou que a certidão de nascimento pertencia a outra mãe e filho. A partir daqui diz-se que a certidão se extraviou e nada mais se ouviu falar a seu respeito.

Uma terceira mulher, igualmente desconhecida, fez uma aparição uma noite no camarim da estrela num dos teatros de Paris e reivindicou-a como sua filha. Gaby desmaiou quando a viu; o que quer que tenha acontecido ninguém sabe; la mulher desapareceu e nunca mais se ouviu falar dela.

Uma das mães apareceu logo após a Guerra e disse a entrevistadores de jornais que o verdadeiro nome de Gaby era Fräulein Navratil, e que ela tinha nascido na Hungria, mas como não apresentou provas para apoiar a sua afirmação, este sensacionalismo extinguiu-se.

Mais tarde ainda, três irmãs apareceram em Paris vindas de Portugal, reivindicando que Gaby nascera na casa delas e fora raptada por ciganos. Contaram a história de um automóvel que parara uma noite junto à sua cabana, uma mulher bela e magnificamente vestida que entrara, depositando uma grande soma de ouro na mesa diante delas e dizendo: «Sou a vossa irmãzinha». Mais tarde, disseram ter reconhecido pelas fotografias publicadas nos jornais que a bela Gaby Deslys era a pessoa que as visitara.

Outra dita mãe e uma irmã apareceram vindas do Egito. A sua história era a de que Gaby nascera no Cairo, que o seu pai era um turco; que fora uma irmã que nascera em Marselha, e que a verdadeira mãe tinha dado a certidão de nascimento a Madame Caire por uma compensação. Mais tarde ainda, chegou «uma irmã» vinda da Argentina; a sua principal prova consistia numa fotografia da bela bailarina no verso da qual estava escrito: *«Para Lucia, da sua Irmãzinha perdida, Gaby».* Peritos em caligrafia concordaram que esta inscrição deve ter sido escrita, juntamente com o endereço no pacote, pela famosa estrela. O carimbo do correio era de Paris e a data coincidia com uma altura em que ela cumpria um dos seus contratos nessa cidade.

Outro rumor que após a sua morte se espalhou pelo Continente foi o de que, em vez de ser de nascimento humilde, era exatamente o oposto, que a sua mãe era uma personagem Real, e que Gaby sabia bem quem ela era, mas preferira proteger o nome da sua mãe e assim levara o segredo consigo para o túmulo.

A única coisa que posso dizer é que ela tinha mãos requintadamente refinadas, de aspeto aristocrático. A hereditariedade confirma-se na criação de seres humanos como se confirma na criação de cavalos — talvez, afinal, a última história de mistério possa ser a verdadeira no fim.

CAPÍTULO IX

ENTREVISTAS COM O CZAR DA RÚSSIA.

COMO PREDIZE O SEU DESTINO.

ENCONTRO RASPUTIN E PREDIZE A SUA MORTE

HÁ escassos anos, um jornal de Londres mencionou que «quando o Czar esteve na Inglaterra, consultou frequentemente o famoso vidente, 'Cheiro', e foi por ele que ouviu dizer que a guerra seria fatal para si e para a sua família imediata; daí o seu famoso Rescrito de Paz».

Posso agora acrescentar um pouco mais que poderá ser interessante para os meus leitores em ligação com isto. Relatei muitas vezes em entrevistas à Imprensa como o falecido Rei Eduardo VII, quando Príncipe de Gales, na sua biblioteca na Marlborough House, me pôs, desde as seis horas até às oito de uma noite, a calcular para ele as datas de nascimento de um número considerável de pessoas sem me dar quaisquer pistas sobre as suas posições na vida.

Cerca de um ano mais tarde, um cavalheiro procurou-me uma tarde e, apresentando uma folha de papel coberta com a minha própria caligrafia, pediu-me para explicar as minhas razões para dizer que *«quem quer que seja o homem que estes números e data de nascimento representam, será assombrado toda a sua vida pelos horrores da guerra e do derramamento de sangue; que fará o seu máximo para os evitar, mas o seu Destino estava tão intimamente associado a tais coisas, que o seu nome ficará ligado a algumas das guerras de maior alcance e mais sangrentas da história, e que no fim, por volta de 1917, perderá tudo o que mais ama por espada ou contenda de uma forma ou de outra, e ele próprio encontrará uma morte violenta»*.

O meu visitante não me disse que era a pessoa a quem o papel se referia, mas tirou notas copiosas das minhas explicações e, no fim da entrevista, pagou o honorário habitual pelo meu tempo e saiu. Poucas semanas mais tarde, uma senhora russa procurou-me e, entre outras coisas, disse-me que o Czar me tinha visitado ultimamente e que eu o tinha perturbado profundamente com as minhas predições.

— Fez do nosso Czar um convertido à paz — disse ela —, pelo que não penso que viremos a encontrar o seu nome associado à guerra sob qualquer forma ou feitio.

Em 1904, quando estive em São Petersburgo por causa de um importante assunto de negócios, encontrei novamente esta senhora. Estava vestida de luto fechado pelo seu único filho morto na Guerra Russo-Japonesa, e nunca esquecerei como, ao despedir-se, disse: — Mas nunca haverá outra guerra em que a Rússia esteja envolvida, pelo menos não enquanto o nosso Imperador viver.

Poucos dias mais tarde, enquanto estava em São Petersburgo, foi-me pedido para calcular os algarismos para um dos mais proeminentes Ministros russos, o Monsieur Isvolsky, e amigo íntimo do Czar. Nesta previsão para ele dos anos seguintes, escrevi: *«Durante 1914–1917 será chamado a desempenhar um papel em ligação com outra guerra russa que será dez vezes mais importante do que a última. Nesta, a guerra mais terrível em que a Rússia alguma vez esteve envolvida, desempenhará novamente um papel de muita responsabilidade, mas não penso que esteja fadado a ver o fim dela. Você, próprio, perderá tudo por esta guerra vindoura e morrerá na pobreza numa terra estranha».*

Uma semana mais tarde, fui levado por este Ministro a ver o Palácio de Verão do Czar em Peterhof. Ele primeiro conduziu-me através dos maravilhosos jardins que o rodeiam. Abaixo de nós jazia o iate privado com o vapor levantado e pronto a um momento de aviso se o Czar tivesse razões para escapar do país.

— Que maneira terrível de o Czar viver — exclamei.

— Sim — respondeu Sua Excelência —, mas isto é a Rússia. Não notou talvez que este carro em que viemos não tem um átomo de madeira na sua estrutura, é todo de aço e à prova de bomba.

Mesmo nessa altura passámos a famosa cascata dos degraus dourados, lençóis de água de cristal a fluir sobre largos degraus de ouro batido. Que terra de contrastes, pensei.

À medida que nos aproximávamos do Palácio, o meu amigo Ministro disse: — Vou agora dizer-lhe que o trouxe cá para jantar com o Czar esta noite. Não sei se a Czarina estará presente, mas se estiver, quero que evite todos os assuntos que toquem em ocultismo. É muito provável que ela o reconheça, pois manda vir todos os seus livros de Londres; mas lembre-se, dependerei de si para mudar de assunto o mais rapidamente possível caso ela fale sobre predições, ou o seu pavor do futuro, ou qualquer coisa desse género. Com o Czar, contudo, é um caso completamente diferente; falei-lhe das suas predições sombrias para mim, ele pediu-me para o trazer e, após o jantar, provavelmente levá-lo-á consigo para o seu escritório privado.

— Mas, Vossa Excelência — disse eu —, como posso possivelmente jantar com a Família Imperial assim... um fato de sarja azul será impossível...

— Pelo contrário — riu-se ele —, estará perfeitamente bem. Jantaremos num apartamento privado com provavelmente um criado para nos servir. Eu próprio estou com um fato de sarja azul, e não me surpreenderia se Sua Majestade Imperial, o Czar de Todas as Rússias, não estivesse também de sarja azul, pois é a pedido dele que vimos desta maneira informal.

Neste momento o automóvel parou à porta do Palácio, e um oficial da Guarda Imperial veio ao nosso encontro. Após passarmos por um longo corredor atrás de outro, fomos conduzidos a uma bela sala que parecia uma biblioteca. Ao início pensei que estávamos sozinhos, mas não. Ali, sentado numa poltrona junto à janela, estava o Czar de Todas as Rússias, parecendo para todo o mundo um cavalheiro inglês comum — e a ler o *The Times*, também, vindo de Londres.

Fiquei imóvel como que cravado no chão. Não podia cometer um erro — diante de mim estava decididamente o mesmo homem que me visitara nos meus gabinetes de consulta em Londres muitos anos antes. Ele adiantou-se com a mão estendida. Curvei-me, mas ele segurou a minha mão da mesma forma. Caminhámos até à janela e olhámos para os jardins e para baixo, para o belo iate ancorado por baixo. Não houve nada que mereça registo na conversa que se seguiu; os três fumámos cigarros russos, uns atrás dos outros, e quando o relógio bateu oito horas, uma porta abriu-se e o jantar foi anunciado. Nesse momento a Czarina entrou. Inclinou-se simplesmente para o Ministro que estava comigo, depois para mim, e parámos para jantar.

Sua Excelência estivera certo. Era na verdade um jantar privado e sem qualquer cerimónia. Sua Majestade usava uma espécie de vestido de semi-gala, mas sem joias, exceto um magnífico diamante na garganta. Não houve nada de extraordinário no jantar; as *zakuskis* eram inumeráveis, o esturjão estava excelente, mas o resto era como o que se esperaria na casa de qualquer cavalheiro.

Não tive dificuldade em evitar perguntas sobre ocultismo por parte de Sua Majestade — ela mal falou, de facto parecia não notar a minha presença. Parecia muito perturbada, falou de Alexis algumas vezes com o Czar, e no momento em que o jantar terminou inclinou-se para nós de uma forma muito solene e deixou a sala.

Quando terminámos o nosso café e cigarros, Sua Majestade disse algumas palavras em russo ao Ministro — foi a única vez que ouvi falar russo em toda a noite, pois a conversa fora inteiramente em inglês e francês, e na sua maioria em inglês.

Quando deixámos a sala de jantar Sua Excelência sussurrou: — Vá com Sua Majestade, eu voltarei para si mais tarde.

Fiz o que me foi dito e cedo me encontrei numa sala de formato bastante invulgar a sós com o Czar. Esta sala era, suponho, o seu próprio escritório privado, pois conduzia a um quarto de dormir muito elegante que eu conseguia ver através da porta, e do qual o Czar mais tarde saiu com uma grande pasta de couro nas mãos. Tirando uma pequena chave da extremidade da sua corrente, abriu a pasta e, para meu espanto, colocou sobre a mesa ao meu lado a mesmíssima folha de papel com a minha própria caligrafia e números que eu tinha anotado na biblioteca do Rei Eduardo, e tinha visto uma vez mais nos meus gabinetes de consulta nas mãos do homem agora sentado em frente a mim.

O Czar viu o meu olhar de surpresa. Empurrando para o outro lado da mesa a que estávamos sentados uma caixa muito grande de cigarros — a caixa parecia feita de ouro maciço com as Armas Imperiais da Rússia cravadas em joias —, disse lenta e impressionantemente: — Mostrei-lhe este papel uma vez antes. Lembra-se?

Fiquei ofegante de espanto. Sim, lembrava-me perfeitamente. E sabia que as palavras no papel eram as palavras terríveis de um destino iminente.

— Reconhece a sua caligrafia? — perguntou ele.

[1]: Este sistema é detalhadamente descrito no Livro de Números de Cheiro.

— Sim, Vossa Majestade — respondi —, mas posso perguntar como é que esse papel veio parar à sua posse?

— O Rei Eduardo deu-mo, e você confirmou o que ele continha quando me visitou em Londres há alguns anos, embora certamente não soubesse quem era o seu visitante. As suas predições escritas para Isvolsky confirmam novamente o que é dado nesta folha de papel. Esta noite, há outras duas vidas que quero que calcule.

Dei ao Czar a minha palavra de honra de que não revelaria o que se passou entre nós nessa noite no seu escritório no Palácio de Verão de Peterhof. Basta dizer que ele sabia — que era um monarca fadado. A seu pedido, calculei diante dos seus olhos os mapas de duas outras vidas pelas quais perguntou; ambos mostravam a mesma coisa, que 1917 estava *«assolado por influências escuras e sinistras que apontavam para 'O Fim'»*. [^1] Fiquei espantado com a maneira calma com que ele ouviu as minhas conclusões; da forma mais simples, disse ele:

— 'Cheiro', deu-me o mais profundo prazer ter esta conversa consigo. Admiro a maneira como se mantém firme nas conclusões a que chegou.

Ele levantou-se, saímos e juntámo-nos a Isvolsky no terraço. Abaixo de nós, no mar de verão, o iate Imperial jazia como um brinquedo pintado; ao meu lado estava Sua Majestade Imperial, o Czar de Todas as Rússias, a Cabeça Ungida da Igreja e o «Atanásio» ou «Pai do Povo», e contudo, mesmo nessa altura, havia sinais exteriores e visíveis de que nem tudo estava bem com o coração da Rússia.

Pouco tempo depois, fui acordado uma manhã no meu hotel para me ser dito por um oficial de polícia que, nesse dia, desde as nove horas até ao meio-dia, ninguém seria autorizado a olhar por quaisquer janelas que tivessem vista para a Perspetiva Nevsky. Sua Majestade o Czar estava prestes a passar para consagrar a igreja construída sobre o local onde o seu predecessor tinha sido assassinado. Cada janela foi fechada e as portadas de ripas de madeira foram trancadas.

Não consegui resistir à tentação quando, à distância, ouvi a procissão aproximar-se cada vez mais. Rastejei pelo chão, de mãos e joelhos, até onde uma das ripas não encaixava bem. Que visão era aquela — a partir daquela janela do terceiro andar. A carruagem do Czar, rodeada pela Guarda Imperial, passou rapidamente; a longa Nevsky estava ladeada por

tropas tão próximas umas das outras que estavam ombro a ombro, como duas muralhas de homens armados; mas, seria possível acreditar nos próprios olhos? — cada soldado tinha a sua espingarda apontada para as janelas das casas ao longo do percurso, com ordens para disparar se alguma pessoa desobedecesse à ordem e olhasse para fora... e no entanto ouvimos dizer que «o Pai do Povo era amado pelo seu povo».

Noutra ocasião, escassos meses mais tarde, quando a primeira neve do inverno tornava as ruas quase intransitáveis, encontrei uma procissão de cerca de cinquenta homens com algumas mulheres algemados uns aos outros a serem conduzidos para uma estação para tomarem o comboio para a Sibéria. Tinham sido detidos nos seus locais de trabalho, alguns estavam em mangas de camisa, alguns nos seus fatos-macaco, mas tal como estavam, iam marchando pelas ruas com o termómetro a 18 graus abaixo de zero. Como se fosse um funeral que estivesse a passar, o meu condutor de *droshky* segurou o seu barrete de pele na mão e fez o Sinal da Cruz — involuntariamente fiz o mesmo.

Apesar de tudo, a vida alegre e sumptuosa da Corte de Petersburgo pulsava animadamente. Havia bailes, danças, jantares e assembleias; mal passava uma noite sem que eu fosse levado de rompante para alguma mansão senhorial para conhecer belas mulheres russas, militares e oficiais da marinha altamente posicionados, figuras diplomáticas e aqueles que na altura enfaticamente constituíam a classe dominante.

Um dia, veio ao meu hotel um daqueles monges viajantes tão frequentemente encontrados na Rússia; este homem era um amigo chegado do Monge Heliodor, que com Hermogen, Bispo de Saratov, tinha grande poder em todos os assuntos eclesiásticos. O próprio Heliodor era um místico culto e gentil, profundamente conhecedor de matérias ocultas. O Monge, que me visitou, disse que Heliodor tinha exercido uma influência considerável sobre o Czar, e estava profundamente interessado no estudo do Sistema Cabalístico de Números, juntamente com a Astrologia. Várias vezes ele veio conversar comigo, e numa ocasião trouxe o malogrado Stolypin para me ver.

O estadista corpulento de barba preta, que tentava governar a Rússia com uma vara de ferro, ao início fingiu indiferença quando sugeri que examinaria as suas mãos. Ficou interessado quando lhe mostrei a *«Linha da Vida partida»* que estava marcada clara e distinta na sua mão direita. Previ uma morte violenta. Ele riu-se dos meus temores, disse-me que era guardado noite e dia pelos agentes da *Okhrana*, ou polícia secreta, contudo

é uma matéria histórica que foi abatido a tiro através da traição de um dos polícias secretos que empregava. [2]

Um dia o Monge veio ter comigo.

— 'Cheiro' — disse ele —, quero trazer-lhe um colega meu que parece ter extraordinários poderes ocultos. Por razões minhas, quero que leia as suas mãos, mesmo que ele pareça assumir a postura de um cético.

Mais tarde, nessa tarde de janeiro de 1905, o Monge abriu a porta da minha sala de estar e, atrás dele, entrou a passos largos uma figura que não podia deixar de me causar uma poderosa impressão. Trajado como uma espécie de monge camponês, correspondendo aos antigos frades mendicantes em Inglaterra, caminhou com passos longos pelo chão alcatifado, parou à minha frente e, proferindo algumas palavras num francês muito mau, depois rapidamente em russo, que Heliodor traduziu, disse desdenhosamente algo no sentido de que não acreditava na leitura das mãos — mas acreditava no Destino.

Esta foi a minha primeira visão do agora notório Grigori Rasputin, que na altura estava à frente de uma seita extraordinária conhecida como os *Khlysty*, ao início composta por gente pobre, mas que agora estendia a sua influência aos círculos da Corte. Esta seita sustentava a estranha doutrina de que, para obterem o perdão perfeito, tinham de cometer pecado. Rasputin não tinha regressado há muito de Jerusalém, onde fizera uma peregrinação; tinha travado amizade com Heliodor e, através da sua influência na Corte, já tinha iniciado aquele rumo surpreendente que culminou na sua morte violenta e contribuiu tão largamente para a queda da Casa de Romanov.

Não havia como enganar o facto de que o meu visitante era um homem invulgar. A sua estatura não era notada devido à sua figura de ombros largos e poderosamente constituída, vestida com uma batina castanha pesada; em redor da sua cintura trazia um cinto que o Monge me disse que ele afirmava ter trazido do sagrado Monte Atos. As suas feições eram grandes e grosseiras, os seus olhos brilhantes, a sua boca móvel e os lábios cheios e vermelhos. Usava uma barba castanha clara crescida em demasia, em parte avermelhada, e a cabeça estava coberta por uma massa emaranhada de cabelo desalinhado. Na testa tinha uma cicatriz escura semelhante a um remendo de uma ferida antiga. A sua voz era profunda, autoritária e sonora.

Permitiu-me, após alguma relutância, examinar as suas mãos. Eram grossas, grosseiras e muito sujas; as linhas estavam fortemente marcadas. A Linha do Destino mostrava vicissitudes invulgares, a Linha da Vida aparecia cortada de forma ominosa a meio da mão.

Enquanto eu olhava para as suas mãos esquerda e direita, ele rugiu de repente:

— Eu conheço o Futuro... você não; o meu Futuro é redimir o Povo e salvar o Imperador de si mesmo.

Mal sabia eu o que responder a esta afirmação arrogante, mas por fim disse calmamente:

— Importa-se que lhe diga algo sobre o Futuro?

Ele sorriu desdenhosamente.

— Hei de rir-me do que quer que seja. Fui chamado para ser o Salvador da Rússia. O Destino está à minha guarda. Sou o obreiro do Destino.

Perguntei-me por momentos se o homem estaria louco. A minha profissão tinha-me colocado em contacto com não poucos indivíduos desequilibrados, contudo os seus olhos eram suficientemente claros. Além disso, eu estava na «Santa Rússia», onde todo o tipo de criaturas místicas andava então à solta. Mas devo confessar que o que vi na mão diante de mim era desconcertante na sua mensagem extraordinária.

— Tem diante de si — comecei — um futuro que está cheio de prodígios! Foi elevado do mais baixo para se associar ao mais alto, da maior pobreza comandará a riqueza, está destinado a exercer um enorme poder sobre os outros... mas será um poder para o mal... quer ouvir mais?

Enquanto eu falava, ele tinha escutado atentamente.

— Sim, sim! — disse ele impacientemente; depois, corrigindo-se, acrescentou grandiosamente: — Mas, claro, eu já sabia tudo isto antes; sou um profeta, e um maior do que você. Eu sei todas as coisas.

— Mas e quanto ao Futuro? — perguntou o Monge, que escutava com uma atenção absorta.

Permaneci em silêncio. Atrever-me-ia a revelar a terrível visão de sangue que parecia ter-se formado perante a minha mente? Conforme estudava as mãos do homem jactancioso sentado diante de mim, parecia-

me vê-lo deslizar do Gabinete do Imperador, com um sorriso maligno no seu rosto sombrio, insinuando-se nas confidências mais profundas da Imperatriz que se ajoelhava reverentemente diante dele, e o saudava como «Santo Padre», e finalmente entregando a sua vida no meio de uma cena de terrível ferocidade.

— Bem, o que é, Vidente? — perguntou Rasputin, numa voz de escárnio.

— Prevejo para si um fim violento dentro de um palácio. Será ameaçado por veneno, por faca e por bala. Finalmente, vejo as águas gélidas do Neva fecharem-se acima de si.

Houve silêncio por escassos segundos. As minhas palavras tinham evidentemente causado uma impressão no Monge, porque antes disto eu tinha esboçado a sua vida doméstica inicial — como tinha casado com uma mulher em muito melhores condições do que ele próprio. [3]

Disse-lhe que tinha duas filhas e um filho, e que este último se voltaria contra ele — o que se tornou verdade pouco depois de eu fazer a predição. Além disso, disse-lhe que ele se tinha voltado contra a sua esposa, e se tinha aliado a uma mulher que estava destinada a causar grande dano.

A isto ele tinha sorrido astutamente, e proferido a sua famosa fórmula que mais tarde se tornou o lema da sua seita:

— Uma partícula do divino está encarnada em mim! Apenas através de mim podem eles esperar encontrar a salvação. A maneira da sua salvação é esta: Devem unir-se a mim, de corpo e alma! A virtude que sai de mim é a destruição do pecado.

Ao proferir estas palavras surpreendentes, ele ergueu-se em toda a estatura da sua figura poderosa, cruzou os braços sobre o peito maciço, e os seus grandes olhos assombrados pareceram encher-se de um fogo quase sobrenatural.

Quando terminei de falar da terrível imagem que se tinha formado na minha mente, os nossos olhos encontraram-se através da mesa a que estávamos sentados. Aqueles olhos penetrantes queriam incutir o terror na minha alma. Por alguma razão que não sei explicar, não senti medo nenhum. Retribuí o seu olhar sem vacilar. O Monge, passando por trás de mim, escorregou a grande Cruz de prata que trazia sempre consigo entre nós; ele esperava que acontecesse alguma tragédia e queria proteger-me.

A visão da Cruz quebrou o feitiço. Rasputin saltou para os pés, dando vazão a uma torrente de palavras que eu não conseguia compreender; o seu companheiro traduzindo-as rapidamente, ele rugiu:

— Quem é você que pode predizer o fim de Rasputin! Rasputin nunca poderá morrer. Nem faca, nem bala, nem veneno lhe podem fazer mal.

Depois, erguendo-se em toda a sua estatura, disse lenta e impressionantemente:

— Sou o Salvador do meu povo. Sou o Protetor do Czar. Sou maior do que o Czar.

Com isto ele deixou a sala, enquanto o Monge, fazendo o Sinal da Cruz, saiu de mansinho atrás dele.

Se fiz um inimigo deste homem extraordinário ou não, não sei dizer. Não sei se ele viu em mim um rival para os seus poderes ocultos ou não, mas mais tarde passei por uma experiência que mostrou que ele me teria causado dano se pudesse.

No ano seguinte eu estava de regresso a São Petersburgo em ligação com uma operação financeira muito grande. Regressando um dia ao meu hotel, descobri que alguns dos meus papéis mais importantes tinham sido roubados. Desloquei-me imediatamente ao meu amigo, o Monsieur Isvolsky, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e protestei. Ele escutou, sorriu o seu sorriso enigmático e disse:

— Leve o meu cartão ao Chefe de Polícia e explique-lhe a perda dos seus papéis.

Devo confessar que fiquei estupefacto com a rapidez mortal dos movimentos da polícia russa quando animada pelos mais altos poderes. Em vinte minutos fui conduzido à presença do Chefe. Altura em que regressei ao meu hotel, a polícia já estava em cada entrada para impedir que alguém saísse. No espaço de uma hora os meus papéis foram devolvidos; um agente secreto de Rasputin juntou-se a uma coluna de prisioneiros para a Sibéria nessa noite, e nunca mais fui sujeito a qualquer moléstia.

Quando encontrei Rasputin pela primeira vez, não pude deixar de perceber — embora não fizesse ideia de quem era o meu visitante — que estava na presença de um daqueles homens extraordinários que nascem no mundo como instrumentos do Destino. Não havia dúvida quanto à sua força de vontade e magnetismo avassaladores, mas era o que eu poderia chamar «magnetismo animal».

Através dos seus olhos luminosos e imperiosos ele tentou, desde o primeiro momento, hipnotizar-me, como tinha feito a tantas centenas de outros. Foi apenas a minha longa experiência com tais coisas que me salvou. Em vez de olhar para os seus olhos, concentrei a minha atenção num ponto entre as suas sobrancelhas, com o resultado de que ele não pôde ter poder sobre mim.

Mas que defesa poderiam o gentil Czar ou a religiosa e emotiva Czarina ter contra um homem assim? Absolutamente nenhuma. Eram tão indefesos como um pássaro fascinado por uma serpente em cujas mandíbulas estava prestes a cair.

Por esta altura fui apresentado a uma das mulheres mistério da Corte Imperial, alguém que foi largamente responsável pela introdução de Rasputin à atenção do Czar. Muitos rumores têm corrido na Europa quanto à identidade da mulher frequentemente referida como «Madame X», que foi durante alguns anos famosa como médium em São Petersburgo. O seu verdadeiro nome era Madame Gutjen Sund, uma mulher sueca que casou com um oficial alemão, o qual mais tarde foi um assistente proeminente sob as ordens de Herr Stammer, o chefe do grande Gabinete de Espionagem na Wilhelmstrasse, em Berlim.

Esta mulher tinha indubitavelmente dotes ocultos notáveis. Quando o Rei Eduardo visitou o Czar em Reval, a Madame Sund foi trazida para o círculo de notáveis após o jantar e foi convidada a ler o futuro dos presentes. O próprio Czar contou-me, nessa noite em que jantei com ele em Peterhof, quão impressionado ficara com o que ela dissera. Uma afirmação que o encheu de especial desgosto; foi ela quem lhe disse que *«o pequeno Czarevich não viveria para reinar»*.

A Madame Sund, durante algum tempo antes da vinda de Rasputin, ocupou uma posição muito extraordinária na Corte, e era diariamente consultada pelo Imperador e pela Imperatriz. A maioria dos Grão-Duques odiava-a, pois ela trabalhava contra a influência deles; por duas vezes escapou por pouco à morte por veneno.

Por algum meio ela travou conhecimento com Rasputin, que imediatamente exerceu sobre ela uma influência fatal que pôs em movimento toda uma sucessão de acontecimentos significativos. Sabendo como a mente do casal Imperial tinha sido influenciada pela predição dela, Rasputin convenceu a Madame Sund a ir ter com a Imperatriz e a dizer-lhe que estava enganada; que tinha sido convertida por um maravilhoso e santo

Padre que podia operar milagres, e que tinha o poder de salvar a vida do Czarevich.

A Imperatriz mandou chamar Rasputin. Ele veio, arrogante, sujo e impressionante, entrando a passos largos na presença e clamando na sua voz de sino:

— Arrependei-vos, vós que vestis a púrpura; arrependei-vos, vós que estais cobertos de vestes de ouro e prata.

A Imperatriz ficou tão impressionada que caiu de joelhos, e a comitiva da Corte testemunhou o espetáculo surpreendente da Consorte do Imperador da Rússia ajoelhada diante de um camponês sujo.

Rasputin disse-lhe positivamente que ele sozinho poderia devolver a saúde ao seu filho. Depois disso, o casal Imperial era como barro nas mãos do chamado Monge, e quando a criança Imperial adoeceu pouco tempo depois, e estava aparentemente à beira da morte, Rasputin dispensou todos os médicos e anunciou que *«apenas a fé prevaleceria»*.

Foi um dos médicos que me descreveu a cena: — Eu estava presente com outros médicos da Corte agrupados em redor da cama do herdeiro do trono, que lutava por respirar. De repente Rasputin entrou a passos largos, não fez qualquer sinal de ter visto a Czarina, mas gritou: «Afastai-vos, incrédulos! Afastai-vos! Esta é a obra da fé!» Os sobressaltados médicos recuaram enquanto a Imperatriz avançava e, ajoelhando-se diante de Rasputin, clamava: «Meu Pai... salvai o meu filho!» — «Alantai estes cães», gritou o Monge, varrendo com os seus olhares de fogo os seus rostos ultrajados. A um olhar da Imperatriz, quase todos os médicos deixaram o aposento, com a etiqueta Imperial mal os contendo de encolher os ombros com desgosto.

Depois, como o Profeta Eliseu que ressuscitou o filho da viúva, Rasputin curvou a sua grande estrutura sobre o pequeno Czarevich febril. Estendeu-se em forma de cruz sobre a Esperança da Rússia Imperial. Os presentes ficaram petrificados de espanto. A Imperatriz, com o cabelo a cair-lhe sobre os ombros, ajoelhou-se ao fundo da cama, com o peito arquejante, as suas lágrimas maternais caindo como chuva.

Então o milagre aconteceu. Os médicos tinham dito que apenas o sono natural salvaria a criança. Rasputin ergueu-se e ficou diante de la Imperatriz. «Eis o teu filho!», clamou ele, com a sua voz ecoando por todo o grande aposento. O Czarevich dormia pacificamente, as suas mãozinhas

relaxadas sobre a cobertura sumptuosa, o rubor ardente da febre esbatendo-se para um tom rosa-pálido nas suas bochechas.

Nessa noite a notícia voou pela capital, e espalhou-se pela Rússia, de que Rasputin fora responsável por um milagre... que o herdeiro estivera morto, e que ele o tinha ressuscitado. Num ímpeto de gratidão, o Czar presenteou Rasputin com um milhão de rublos; a Czarina cobriu-o de dádivas, mas mais ainda, a sua influência ficou estabelecida; nada a podia abalar. Uma vez no poder, ele descartou a Madame Sund. Ela morreu após uma curta e misteriosa doença, e Rasputin pronunciou o seu epitáfio: «Ela terminou, a minha obra começou».

CAPÍTULO X

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE RASPUTIN.

A SUA INFLUÊNCIA SOBRE A CZARINA.

A VERDADEIRA CAUSA DA QUEDA DA RÚSSIA

NÃO estará fora de propósito, penso eu, se relatar da forma mais breve possível a verdadeira história de Rasputin. Reuni os meus factos de fontes fidedignas. Como este homem foi decididamente uma das personalidades mais extraordinárias e alguém que foi instrumental em provocar a queda da grande dinastia Romanov, o mundo tem o direito de saber o máximo possível a seu respeito.

Rasputin, ou para lhe dar o seu verdadeiro nome, Grigori Efimovitch, nasceu na pequena aldeia de Pokrovskoye, na Sibéria, a 7 de julho de 1872. O seu pai era um notório ladrão de cavalos e o pior bêbedo do lugar. Tinha a alcunha de «Rasputin», que significa, em russo, «corrupto». O seu filho herdou esta alcunha e, de acordo com os registos da polícia, bem mereceu este título distintivo. O Dr. Litchernoff, que foi chamado para o tratar de varíola, deu o seguinte relato do seu paciente:

— Ele era — disse ele — uma criança elegante e morena, com uma expressão tão ardente nos olhos que até eu me senti estranhamente afetado por ela. Era encorpado e fortemente constituído e cedo se tornou o terror da região. Lembro-me de como o Padre Alexis, o sacerdote de Pokrovskoye, costumava dar-lhe dez kopecks todas as semanas para o manter afastado da igreja aos domingos.

[1]: 12 de março de 1917, a Revolução Russa. 15 de março de 1917, Abdicação do Czar. 16 de julho de 1918, o Czar e a Família Imperial massacrados.

[2]: Em agosto de 1906, uma bomba explodiu na sua villa, que ficou praticamente destruída, ferindo gravemente uma das suas filhas. Mas todas as tentativas para o matar resultaram inúteis até 1911, quando foi baleado num teatro em Kiev a 14 de setembro, diante dos olhos da Família Imperial, por um judeu chamado Mordka Bogrov. Stolypin faleceu devido aos seus ferimentos a 18 de setembro de 1911.

[3]: Olga Chaningoff.

Aos catorze anos de idade, roubou as poupanças de um velho após quase o ter assassinado. Por isto recebeu vinte chicotadas na presença de todos os habitantes da aldeia, na praça do mercado. O extraordinário foi que esta fustigação pública despertou nele um daqueles acessos de fervor religioso tão associados a ele em anos posteriores, e foi o começo do seu fanatismo. A partir daqui começou a visitar igrejas e mosteiros nas redondezas, e era frequentemente visto de joelhos à beira da estrada a golpear o seu corpo com cardos e a recitar longas orações incompreensíveis.

Este fervor religioso foi trazido a um fim tão subitamente como tinha começado por uma agressão que cometeu contra uma velha mendiga. Após o inquérito policial que se realizou sobre este assunto, abandonou a religião e lançou-se de coração cheio no roubo e na bebida. De acordo com o registo oficial de Pokrovskoye, foi por esta altura detido por roubo de cavalos.

Apesar da sua reputação, teve a boa fortuna de casar em 1895, quando tinha vinte e três anos de idade, com uma jovem encantadora e inocente chamada Olga Chaningoff, que lhe trouxe como dote «um par de cavalos, uma carroça, três mil rublos e escassos acres de terra».

Três crianças foram o resultado desta estranha união, duas filhas, Mariska e Zenia, e em 1899 um filho a quem chamou Michel Gregorovitch.

Uma noite, em pleno inverno, a 5 de fevereiro de 1903, foi forçado, como transportador, a conduzir um sacerdote ao seminário de Tyumen, acontecimento esse que mudou completamente a sua carreira e conduziu às notáveis aventuras que se seguiram.

No percurso, o sacerdote, que se chamava Zaborovsky, convenceu-o a abandonar os seus hábitos de embriaguez e a ir fazer uma penitência no mosteiro de Verkhoturye. Permaneceu aqui por algumas semanas; no seu regresso a casa, declarou que São Miguel lhe tinha aparecido e lhe tinha comandado que construísse uma grande igreja em nome do Arcanjo.

A partir deste momento foi um homem mudado. Ia de aldeia em aldeia, e de mosteiro em mosteiro, recolhendo dinheiro para a futura igreja e ganhou assim o nome de um «Staretz», ou homem santo.

No seu regresso à pequena aldeia de Pokrovskoye, recusou viver com a esposa e os filhos, mas vivia sozinho numa pequena cabana cercada de ícones sagrados que tinha recolhido nas suas viagens e de inumeráveis velas de cera que tinham vindo parar à sua posse.

De todos os lados vinham pessoas para ouvir as suas palavras, as palavras de um profeta, diziam elas, que outrora fora um demónio. Homens, bem como mulheres, suplicavam permissão para beijar a baínha da sua veste e, em troca de dádivas em dinheiro, era-lhes permitido tal privilégio.

Foi durante esta fase da sua carreira que concebeu a sua extraordinária doutrina de «Pecado para a Salvação», a qual, de todos os avivamentos religiosos de que talvez o mundo alguma vez foi testemunha, teve no fim os resultados de maior alcance.

Através das desertas vastidões da Sibéria o lema «Pecado para a Salvação» espalhou-se como um grito de guerra, e o nome do «santo Rasputin» ecoou ao largo e ao longe.

Durante uma peregrinação a Kazan, em abril de 1904, Rasputin conheceu pela primeira vez uma viúva rica chamada Lydia Bachmakow, que se tornou outro degrau na sua escada de ambição.

Esta senhora tinha acabado de passar a idade perigosa dos quarenta anos, quando o seu marido foi suficientemente atencioso para morrer e lhe deixar a sua fortuna. Ela agradeceu a Deus pelo fim do que chamava «o seu martírio conjugal» e lançou-se em toda a forma de fanatismo religioso.

Com a mais apaixonada devoção, viajava de mosteiro em mosteiro, delapidando o seu dinheiro por onde quer que passasse e submetendo-se à mais severa penitência que pudesse ser imposta.

Apesar de toda a sua piedade, caridade e devoção, não tinha encontrado a satisfação que procurava e estava prestes a abandonar toda a

convicção religiosa quando, nesta crise psicológica, Rasputin entrou na sua vida.

— Pecado para a Salvação — sussurrou ele —, e as Portas do Céu são suas para entrar.

Lydia Bachmakow nunca tinha sonhado com um credo tão maravilhoso; tinha tentado todos os outros... tentaria agora este. Declarou que esta doutrina devia ter sido feita expressamente para seu benefício, pelo que, sem reservas, se colocou a si e ao seu dinheiro nas mãos do «santo Rasputin».

Como a habitual sucessão de convertidos, começou a ter «visões», sendo a mais importante a de que os dias de peregrinação a pé tinham terminado, pelo que levou Rasputin consigo num dos mais magníficos automóveis que o dinheiro podia comprar na Rússia.

A nova peregrinação começou em Kazan; ajudada pelo esplendor da viúva milionária, cada porta foi aberta de par em par para «o escolhido do Senhor». Até os maus modos de Rasputin foram transformados numa bênção; mostrava, diziam os seus seguidores, que um «homem santo» estava acima dos pequenos detalhes da convenção e, porque desdenhava os garfos e comia com os dedos, foi declarado como «o apóstolo da simplicidade».

Foi aqui em Kazan que Rasputin entrou em contacto com Sturmer, que era naquele momento Inspetor-Geral no Ministério do Interior, e numa posição para ser de grande utilidade para Rasputin.

Rasputin chegou a São Petersburgo, como se chamava na altura, na noite de 5 de dezembro de 1904. (Eu residia então no Hotel de l'Europe, e cerca de um mês após a chegada de Rasputin encontrei-o, conforme relatei no capítulo anterior).

A Madame Bachmakow alugou um apartamento magnífico na melhor parte da Perspetiva Nevsky e, quando este esteve convenientemente mobilado com todo o luxo, instalou o «santo padre», como agora começava a chamar-lhe.

Como agente de promoção a viúva milionária não tinha igual; já tinha enviado relatórios sobre milagres operados por Rasputin ao Bispo Hermogene, a João de Cronstadt, ao monge Heliodor e aos principais jornais.

Em menos de poucas semanas, o seu apartamento na Perspetiva Nevsky foi sitiado por membros da mais alta aristocracia de São Petersburgo.

Num relatório policial datado de 12 de abril de 1905, é notado:

«Multidões reúnem-se no local de Rasputin, as pessoas têm de esperar dois ou três dias antes de conseguirem aproximar-se do 'Monge' (ele nunca foi monge ou teve ordens sagradas de qualquer espécie). Ele opera milagres quando lhe apraz fazê-lo. Tem sido visto pegar num punhado de terra e, simplesmente por soprar sobre ela, transformá-la numa magnífica roseira coberta de flores».

O autor deste relatório contou mais de quatrocentas mulheres diante da casa de Rasputin numa única tarde. Como regra, prosseguia o relatório, *«ele recebe apenas as jovens e bonitas, porque, diz ele, as outras têm menos pecados para serem perdoados».*

«Rasputin ganha quantias consideráveis de dinheiro. Não tem preço fixo para as suas consultas, mas o seu secretário, um homem chamado Striapcheff, nunca introduz ninguém junto dele sem primeiro receber pelo menos cem rublos. [^1]

«Aquelas que dão mais obtêm atenção especial. Uma certa Madame Narukkine ofereceu mil rublos para ser recebida. Diz-se que estas quantias são colocadas de parte para a igreja em honra de São Miguel que Rasputin prometeu em Pokrovskoye».

Se um relatório policial podia dizer tanto, pode-se facilmente imaginar os relatos que circulavam na sociedade comum.

Há duas versões sobre a forma como Rasputin chegou ao Palácio. Uma atribui o crédito a Madame Sund, conforme já relatei... a outra relata que a Czarina enviou a sua companheira de confiança, Anna Vyrubova, para o consultar. Qual o relato verdadeiro não importa grandemente.

Rasputin, não há dúvida, converteu esta mulher algo comum. A sua maravilhosa doutrina de «Pecado para a Salvação» fez um apelo instantâneo aos sentidos dela.

Muito rapidamente estabeleceu uma *entente* com ela. Descartou a viúva milionária, Madame Bachmakow, e deu a Anna Vyrubova o título de «Irmã-Chefe» como recompensa pela sua promessa de abrir as portas do Palácio do Czar e o estabelecer no favor da Czarina.

Foi Anna quem o ensinou a abandonar o nome Rasputin e a adotar o nome «Novy», que significa inovador... conforme explicou, o nome Rasputin não era agradável aos ouvidos Imperiais.

Pouco depois da sua primeira visita, Anna fez o arranjo de que ele poderia ir ao Palácio sempre que lhe dissolvesse.

Por esta altura, a viúva, Madame Bachmakow, recebeu uma ordem da polícia para deixar São Petersburgo imediatamente.

A partir deste momento, a influência de Rasputin sobre a Czarina e a Corte ficou estabelecida.

Em 1908, por alguma razão não explicada, exceto a da vaidade, passou os meses de verão na sua antiga aldeia de Pokrovskoye.

Foi ao início recebido pelos camponeses simples como um deus que tinha regressado para os salvar, mas as doze jovens e belas «irmãs» que o acompanhavam causaram um escândalo que chegou aos ouvidos da Czarina, que o chamou de volta a São Petersburgo.

Muitas histórias circularam nesta altura sobre as suas orgias de embriaguez, tanto assim que o Arcebispo lhe comandou que se apresentasse perante um tribunal eclesiástico composto por um bispo, dois cónegos e três funcionários importantes dos Tribunais Civis.

Perto da conclusão desta investigação, no momento em que um veredicto unânime estava prestes a ser pronunciado contra ele, Anna Vyrubova visitou os juízes e informou-os de que era o expresso desejo e comando da Czarina que o «homem santo» fosse considerado «Não Culpado».

Rasputin foi absolvido no local, dizendo o Tribunal que aceitava a sua própria declaração de que as acusações trazidas contra ele eram falsas.

No dia seguinte ao falso veredicto, a Czarina mandou-o chamar para ir ao palácio de Tsarskoye Selo. Quando entrou na sua presença, ela inclinou-se para lhe beijar as mãos e implorou perdão pelo incómodo que os seus inimigos tinham causado.

O Czar perguntou se lhe podia demonstrar algum favor especial.

Rasputin pensou por um momento e gravemente solicitou que o amigo da sua juventude, Barnabé, o jardineiro, pudesse ser nomeado Bispo de Tobolsk... e no espaço de dois dias isto foi feito.

O passo seguinte de Rasputin foi ser nomeado «Conselheiro Espiritual» das jovens Princesas e do Czarevich, mas após o incidente do bispo, qualquer coisa igualmente grotesca só poderia ser de esperar.

No dia seguinte à tentativa contra a sua vida pela jovem, Khione Gousseva, que a 28 de junho de 1914 lhe deu um tiro no estômago, o Czar enviou um telegrama especial ao Governador de Tobolsk comandando-lhe que cuidasse para que nada ficasse por fazer «para salvar a vida de um dos melhores amigos da Coroa!»

Um mês mais tarde a Grande Guerra eclodiu. Rasputin estava ausente, a recuperar do seu ferimento. A Czarina escreveu ao Inovador, como sempre lhe chamava, o seguinte:

«Estou feliz, meu amado mestre, por poder informar-te de que 'Niky' percebeu a importância da tua querida presença em Tsarskoye Selo. Regressa depressa, pois o meu pobre coração sofre por saber que estás tão longe e sinto-me perdida se não puder segurar as tuas mãos nas minhas e encontrar, nos teus olhos, a luz da minha alma.

Espero que desta vez os nossos problemas tenham chegado ao fim e que nunca mais sejamos separados. Quanto a mim, agradecerei a Deus se Ele me permitir morrer contigo e ganhar — na tua companhia — o paraíso celestial para o qual tanto me preparaste.

Não sou a única a desejar o teu regresso. Anna está também a morrer de impaciência.

Tem piedade de duas mulheres que te adoram e já não conseguem viver sem ti.

Dá-me, nos teus pensamentos, a tua mais ardente bênção, na antecipação de poder recebê-la em pessoa, com todo o meu ser em contacto com o teu.

A tua filha que te estima. A.»

Rasputin regressou e a sua influência no Palácio foi maior do que nunca. Determinou agora tirar bom partido disso. Embora tivesse recebido ricos presentes tanto do Czar como da Czarina — numa ocasião Sua Majestade Imperial deu-lhe um diamante avaliado em trinta mil rublos que lhe tinha sido oferecido na sua coroação —, determinou tirar vantagem da Guerra para aumentar a sua riqueza. Grandes encomendas de munições, pela sua influência, foram passadas àqueles que lhe pagavam pelo seu incómodo, trazendo-lhe uma única encomenda, só por si, 360 000 rublos.

Julgando por extratos do diário de Anna Vyrubova que vieram parar às mãos das autoridades após a revolução, não há dúvida de que a partir de abril de 1915 Rasputin usou a sua influência sobre la Czarina para fazer a paz com a Alemanha a qualquer preço. Qual seria a sua recompensa nunca foi revelado, mas se tivesse vivido, sem dúvida que teria sido muito considerável.

Por esta altura, o Conde Tolstoi, o Grão-Mestre de Cerimónias encarregue das joias da coroa no Hermitage, fez a descoberta surpreendente de que as pedras verdadeiras tinham sido subtraídas e pasta de vidro colocada no seu lugar. Os diamantes azuis que guarneciam a sela de Alexandre II, as granadas de valor inestimável de Catarina a Grande, as pérolas inigualáveis da Coroa de Ivan o Terrível, tudo isto e outras igualmente valiosas tinham sido roubadas e substituídas por imitações sem valor.

O Czar ficou furioso de raiva quando esta notícia lhe foi dada a conhecer pela primeira vez, contudo no dia seguinte escreveu pela sua própria caligrafia ao Conde Tolstoi: *«Não continue o inquérito sobre o Hermitage. Que isso permaneça num segredo profundo».*

O único comentário que faço sobre isto é que uma mulher chamada Cecilia Werner, uma austríaca e amiga íntima de Rasputin, estava munida de um passaporte diplomático que lhe permitia viajar de escassos em escassos meses para Estocolmo sem ter o inconveniente de ver as suas malas abertas.

Como não estou a escrever uma vida de Rasputin, devo passar por alto muitos episódios da sua carreira e chegar ao fim dramático que eu tinha tão claramente indicado quando travei conhecimento com ele pela primeira vez no Hotel de l'Europe, na Perspetiva Nevsky.

Ouvi os detalhes da sua morte horrível da boca de um daqueles que a assistiram, e como muitas versões têm sido tornadas públicas, poderá interessar aos meus leitores ter aquela que tenho todas as razões para acreditar ser a verdadeira.

Tratei da carreira de Rasputin com alguma extensão devido ao papel notável que desempenhou no lúgubre palco da Rússia, conduzindo ao cair da cortina sobre a grande e omnipoderosa dinastia Romanov. É a minha firme convicção que, se este homem não tivesse entrado na vida da Czarina, a revolução nunca teria ocorrido, e as vidas de muitos milhões de

pessoas teriam escapado ao horror e à destruição que desabaram sobre elas como uma avalanche de desastre.

Essa estranha palavra «se» é, contudo, o pivô sobre o qual tantas vidas giram, que se torna a Chave do Destino em todas as línguas, para abrir o futuro para o bem ou para o mal.

Se... Judas Iscariotes não tivesse nascido, a tragédia do Calvário não teria acontecido.

Se... Rasputin não tivesse cruzado o palco russo, quão diferentes as coisas poderiam ter sido.

A especulação é inútil... as nações erguem-se e caem... homens e mulheres não são mais do que fios no tear do Destino... a tecedura do padrão repousa nas mãos do Desígnio, perante o qual apenas se pode curvar a cabeça e murmurar: «Seja feita a Tua Vontade assim na terra como no Céu».

Como Napoleão, o ex-Kaiser ou o falecido Nicolau da Rússia, Rasputin não foi mais do que um servo do Destino; como tal, obedeceu àquelas forças desconhecidas da Vida que se manifestam em todos, quer nascidos na pobreza quer sob a grandeza de um trono.

Rasputin nasceu camponês, do tipo mais baixo que há, tão ignorante que mal conseguia ler ou escrever... contudo este homem tornou-se um poder que destruiu uma dinastia, arruinou uma civilização e causou mais ruína e convulsão do que qualquer outro homem da época.

No curto período de doze anos a partir daquela noite de 5 de fevereiro de 1903, quando as palavras de um jovem sacerdote mudaram o curso da sua vida, Rasputin caminhou audaciosamente através do palco russo, até atingir o clímax da sua carreira em 1915. Nesse breve período, tinha transformado um jardineiro num bispo, acumulado riqueza, construído uma igreja em honra de São Miguel e trazido um Imperador e uma Imperatriz aos seus pés.

Em 1915, provocou a demissão do Grão-Duque Nicolau como Comandante-em-Chefe do Exército. Pela sua influência, um homem chamado Khvostov sucedeu ao Príncipe Tcherbatoff como Ministro do Interior, e Sturmer tornou-se Primeiro-Ministro. Por 1915, Rasputin, mascarado sob a túnica de um monge, era o Mestre indiscutível da Rússia.

Se tivesse sido um homem inteligente, poderia ter mantido a sua posição, mas esse «se» de que já falei estava a mudar as agulhas da perdição na linha férrea do Destino.

A vaidade, o seu pecado de estimação, cegou-lhe os olhos; a bebida e a jactância fizeram o resto.

Uma noite, num restaurante em Petrogrado, rodeado por alguns dos peões que tinha colocado no poder, estimulado pelo champanhe e pela lisonja, a sua voz sonora ressoou na crítica a tudo o que era russo. As pessoas sentadas nas mesas próximas ficaram horrorizadas, outras riram-se, algumas encorajaram o homem de olhos selvagens a ir ainda mais longe.

Olhando em redor como um touro enraivecido, poderá ter notado, numa mesa não muito distante, o Grão-Duque Dimitri, primo direito do Czar, o Príncipe Youssoupoff e três outros convidados.

— Não quero saber de porra nenhuma de todos os Grão-Duques na Rússia — rugiu Rasputin —, nem do Santo Sínodo, ou de todos os Generais do Exército.

O Grão-Duque Dimitri levantou-se — estava prestes a aceitar o desafio, ali mesmo —, quando um membro da Duma entrou no restaurante e passou entre as duas mesas.

Voltando-se para Rasputin, este homem, o bem conhecido Purishkevich, desdenhou: — Não queiras saber de nada, vil impostor. O teu reinado de terror aproxima-se do fim. Cega-te com a bebida e as orgias; antes de muito, algum homem se erguerá para livrar a Rússia da tua presença.

Para espanto dos outros comensais, Rasputin não deu resposta... tornando-se mortalmente pálido, levantou-se e deixou o restaurante com os membros do seu grupo.

O Príncipe Youssoupoff dirigiu-se à mesa do recém-chegado e estendeu-lhe a mão.

— Obrigado, Purishkevich — disse ele —, expressou o desejo de que se encontre um homem para livrar o nosso país deste infame impostor. Ofereço-me como esse homem.

O Grão-Duque Dimitri juntou-se ao grupo. — Conte comigo também — disse ele. — Todos nós tolerámos este *muzhik* até ao ponto de rutura.

Comprometamo-nos aqui esta noite a redimir a Rússia livrando-a da presença deste monstro.

No canto deste restaurante, no coração de Petrograd, foi feito um juramento solene. O Destino tinha abandonado o seu favorito... a perdição de Rasputin estava selada.

Levaram alguns meses a preparar o palco para o último ato.

A 15 de dezembro de 1916, pelo calendário russo, tudo estava a postos. Os atores principais já tinham chegado, o Grão-Duque Dimitri, o Príncipe Youssoupoff, Purishkevich, outro homem, e a bela Karali, a bailarina a quem Rasputin tinha durante muito tempo importunado com as suas atenções. A cena estava montada no palácio do Príncipe Youssoupoff, na Moika.

Karali seria o engodo para fazer Rasputin vir cear. Os outros conspiradores deveriam manter-se em segundo plano até que a sua presença se tornasse necessária.

Os sinos da Catedral de Santo Isaac bateram as onze horas. Um automóvel parou na entrada privada da casa na rua Ofitzerskaya.

Rasputin saiu, dispensou o seu automóvel, olhou para um lado e para o outro da rua deserta, hesitou algum tempo antes de tocar a campainha. Um pressentimento de perigo, talvez, passou-lhe pela mente... o pensamento na bela Karali superou toda a prudência... ele premiu a campainha.

A porta foi aberta pelo próprio Príncipe.

— Permiti que os criados estivessem fora esta noite — disse ele. — Prometi-lhe tomar todas as precauções para que o seu romance nunca fosse conhecido. Entre e espere por ela, tenho a certeza de que não tardará.

Juntos entraram na sala de jantar; uma ceia apetitosa estava disposta sobre a mesa.

Duas garrafas de vidro requintadamente lapidadas continham o famoso vinho tinto da Crimeia das propriedades de Youssoupoff; uma colocada na cadeira de Rasputin continha cianeto de potássio suficiente para matar quaisquer seis homens, enquanto num prato de ouro maciço, à sua direita, estavam algumas *zakuskis*, também tratadas com o mesmo veneno.

[1]: Cerca de £10 em dinheiro inglês.

Rasputin não quis comer nem beber.

— Tempo haverá — disse ele — quando a Karali chegar. O meu cérebro deve ser mantido fresco se é que hei de saborear o mais requintado pedaço de mulher que alguma vez vi. O que posso fazer por si, Príncipe, em retribuição? Nomeie qualquer honra que deseje ter e prometo-lhe que o Czar assinará o decreto antes de amanhã à noite.

— Bebamos ao amanhã, então — riu-se o Príncipe —, seria preciso mais vinho do que o que está nessa garrafa para que um homem como você deixasse de fazer justiça a uma mulher bonita.

A lisonja surtiu o seu efeito; Rasputin encheu o seu copo e acabou-o de um só trago. Tomou depois outro; voltando a sua atenção para as *zakuskis*, limpou o prato em poucos minutos.

E no entanto, nada aconteceu.

O Príncipe ficou nervoso, gotículas de suor brilhavam na sua testa.

— Aceite um cigarro — disse ele, enquanto empurrava a sua caixeira cravejada de joias através da mesa.

— Não — disse o monge —, algumas mulheres opõem-se ao cheiro do tabaco; limpei os dentes pela primeira vez na minha vida hoje.

— A Karali ficaria lisonjeada se soubesse disso — sorriu o Príncipe.

Se nesse momento Rasputin tivesse olhado em redor, teria visto na sombra da escadaria que subia para o piso seguinte os olhos brilhantes de Karali e as suas mãos contraídas.

Atrás dela, um pouco mais acima, estavam os outros homens, um deles com um revólver na mão.

— Não ligo muito ao seu famoso vinho da Crimeia — desdenhou Rasputin —, parece-me ter um gosto amargo.

— Não está habituado ao seu sabor — respondeu o Príncipe —, é famoso como tónico e dá força; termine a garrafa e tragamos mais algum.

Rasputin esvaziou a garrafa... e no entanto nada aconteceu!

O Príncipe mal conseguia esconder o seu nervosismo; para recuperar a sua compostura, arranjou uma desculpa e subiu a escadaria até onde os outros esperavam.

Subiu na verdade para ir buscar o seu revólver... no seu regresso encontrou Rasputin a caminhar de um lado para o outro do chão.

— Não me sinto bem — disse ele —, aquelas *zakuskis* caíram-me mal. Não esperarei por Karali, quando ela chegar diga-lhe que pode ir para o diabo, ela é a primeira mulher por quem Rasputin alguma vez esperou... — e estendeu a mão para o seu casaco de peles.

— Não seja impaciente — disse o Príncipe —, ela chegará a qualquer momento, mas enquanto espera venha ver esta maravilhosa peça de escultura e que, se gostar, pode levar consigo esta noite.

Nunca se soube que Rasputin recusasse um presente.

Tomou-o nas suas mãos, era um crucifixo de marfim requintado, inclinou-se sobre uma luz para o examinar de perto.

Nesse momento o Príncipe Youssoupoff passou o seu revólver da mão esquerda para a direita e disparou direto ao coração do monge.

Rasputin, com um gemido, caiu numa massa amolgada no chão.

O Grão-Duque Dimitri foi buscar o seu automóvel... decidiu-se que levariam o corpo de Rasputin e o atirariam ao Neva.

Foram até à porta da rua, estavam radiantes com o sucesso do seu plano.

— A Rússia, a Santa Rússia está finalmente livre — disseram.

— Escutem — disse alguém... um ruído vinha da sala de jantar.

Não! Não podia ser possível.

Rasputin, com a sua túnica de monge aberta... com o sangue a jorrar dele, agarrava-se às costas de uma cadeira no centro da sala.

Antes que pudessem recuperar os sentidos ele já tinha caminhado para o jardim, num esforço para alcançar a entrada privada.

O sangue marcava cada passo que ele dava na neve.

Alcançou a porta, a sua mão estava já no trinco.

Purishkevich e Youssoupoff dispararam juntos.

Rasputin caiu sem uma palavra.

O corpo foi levado no automóvel para a Ponte Petrovsky.

Com um grande esforço ergueram-no até ao topo da balaustrada.

Horror dos horrores... o monge estava ainda vivo... com a sua mão direita agarrou a dragona no ombro de um dos oficiais e rasgou-a do uniforme.

O Destino não podia, contudo, ser enganado num momento assim. Quatro homens fortes com rostos severos empurraram-no, o corpo ressaltou no pilar de pedra abaixo, desabou sobre um bloco de ice e rolou para as turbulentas águas gélidas do Neva.

CAPÍTULO XI

ESTRANHAS EXPERIÊNCIAS NA RÚSSIA.

«O ANJO DA REVOLUÇÃO».

OS ESFORÇOS DO CZAR PARA UMA PAZ MUNDIAL.

SOU FORÇADO A ASSISTIR A UMA EXECUÇÃO

NA FORTALEZA DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

EU poderia falar de muitas experiências maravilhosas que tive na «Santa Rússia», e elas encheriam um volume. Tenho sido levado de rompante num *droshky* puxado por seis cavalos fogosos, conduzido por um cocheiro demoníaco envolto em peles, através da noite de luar, viajando por uma floresta aparentemente interminável, as árvores negras erguendo-se em agudo contraste com a pista de neve.

O *tlim! tlim! tlim!* dos sinos dos cavalos misturava-se com o longínquo *uivou! uivou!* da alcateia de lobos, trazido aos meus ouvidos pelo melancólico vento de inverno. Mas de repente, quando sentia que a viagem nunca terminaria, a estrada branca corria abruptamente numa curva estonteante através de árvores sentinelas gigantes... uma alameda nobre, com duas milhas de comprimento. No fim, as luzes cintilavam de miríades de janelas; grandes portas rolavam para trás; um mordomo sumptuoso recebeu-me com seis lacaios em rígida continência atrás dele. Assim, em pompa, saí da fria noite de inverno para o esplendor fulgurante do salão da Princesa Kienia Yvesky.

O seu grupo incluía a nata da sociedade russa; alguns tinham vindo nos seus *droshkies* e trenós por muitas milhas através das vastas florestas

que se estendem por léguas ao redor deste castelo. Era difícil de acreditar, olhando em redor para o luxo, as *toilettes* das senhoras, a organização perfeita da casa, que ela ficava a milhas de toda a parte, e que os lobos uivavam quase até aos portões do castelo. Mas... era a Rússia.

Infelizmente! Revelei o destino da Princesa nessa noite. Um grito de incredulidade saudou as minhas predições: *«Viuvez... Pobreza... Morte»*.

Riram-se — «Que ridículo». Entre as vítimas do terrorismo bolchevique esteve o consumado Príncipe Yvesky, ao passo que a sua bela esposa morreu de privações, após escapar para a Finlândia com escassas joias cosidas na sua saia de baixo.

Incluirei nesta parte das minhas revelações uma história estranha que lança uma luz sobre a Rússia quando esta cambaleava vertiginosamente para o abismo da revolução.

Fui visitado no meu hotel por um cavalheiro aristocrático russo, que falou francamente.

— 'Cheiro', ouvi falar de si pelo meu chefe, o M. Isvolsky. Faça-me a honra de ser franco comigo.

Examinei a sua mão bem proporcionada com atenção. Vi ali uma capacidade maravilhosa de organização e aptidão para os negócios, coragem e fidelidade na amizade. Mas as indicações apontavam para um desgosto ameaçador, e uma morte violenta para si próprio e para duas outras pessoas intimamente ligadas.

Falei primeiro da sua vida passada, e esbocei as circunstâncias do presente.

Quando terminei, disse ele:

— 'Cheiro', tem sido maravilhosamente preciso. Tanto assim que receio ver o véu levantado do Futuro. Mas devo. Ele paira sobre mim com um aspeto ameaçador que me enche de uma sensação de depressão. Estou determinado a saber tudo.

Olhei para as suas mãos... elas rapidamente me disseram qual era o problema.

— Tem um ente querido que está em apuros — comecei.

Ele sobressaltou-se violentamente e o seu rosto tornou-se mortalmente pálido.

Continuei: — Ela incorreu neste problema por ajudar outra pessoa. Esta outra pessoa é um parente próximo... eu suporia o seu irmão. Ele foi indiscreto e foi detido. A irmã dele — se é a irmã dele — caiu agora sob a suspeita do Governo.

— 'Cheiro' — sussurrou ele, e pareceu olhar temerosamente em redor do apartamento —, você... você é maravilhoso. A minha noiva foi detida pela polícia secreta, simplesmente porque expressou a esperança de que o seu irmão fosse tratado com justiça e lhe permitissem um julgamento. Ele era um estudante em Tobolsk, um rapaz de cabeça quente, e falou de forma sensata sobre 'Liberdade e Igualdade'... ele está numa masmorra na fortaleza da capital da província; eu sei... pois estou no departamento da Justiça... que não haverá julgamento, mas sim uma expulsão para a Sibéria. Agora a sua irmã está a ser arrastada. Santo Deus! Irá a minha amada ser sacrificada também?

Confortei-o o melhor que pude. O desenrolar do Destino pesava duramente sobre estas três pessoas. A mulher, enlouquecida pelo destino do seu irmão, que foi açoitado até à morte pela *nagaika*, ou chicote, empunhado por um guarda cossaco, lançou-se de corpo e alma no movimento revolucionário. Foi libertada ao início devido aos esforços hercúleos do seu amante, que arriscou a sua reputação perante os seus superiores para o fazer. Conhecida como «O Anjo da Revolução», planeou o assassinato do Czarevich, e esteve implicada na misteriosa tentativa que parcialmente resultou quando o Herdeiro do Trono estava a bordo do iate Imperial, cruzando o Báltico.

Agitadamente preocupada com o facto de que mesmo ali a criança não estivesse segura — pois embora os relatórios oficiais fossem suprimidos, sabe-se que uma mulher obteve acesso ao iate sob o disfarce de uma ama de confiança —, a Imperatriz exigiu que toda a força da fúria do Governo se desencadeasse contra todos os suspeitos. «O Anjo» foi detida, exilada para a Sibéria, e morreu naqueles lugares frios e isolados. O seu amante deu um tiro nos miolos num elegante andar em São Petersburgo.

Uma tragédia fragmentária da poderosa Rússia, quando esta cambaleava vertiginosamente para a beira do precipício!

Em vista do esforço do Czar para uma paz mundial nos anos passados, poderá ser interessante para os meus leitores passar os olhos sobre os seguintes particulares da famosa Conferência de Haia de 1899.

Poderá ser que o Czar tenha ficado impressionado com a minha predição quando me visitou em Londres em 1894, e se tenha esforçado por alterar o seu destino fazendo o esforço para a paz que fez escassos anos mais tarde; é frequentemente o caso de as coisas mais pequenas darem origem aos maiores resultados.

A 11 de janeiro de 1899, o Czar enviou cartas circulares às principais Potências, convidando-as a reunirem-se numa Conferência de Paz em Haia. Vinte e seis delas concordaram em reunir-se.

A Conferência dividiu-se em três comités. O primeiro tratou do método de limitação de armamentos e do uso de engenhos desnecessariamente destrutivos na guerra; o segundo da extensão dos princípios acordados em Genebra em 1864, e em Bruxelas dez anos mais tarde; ao passo que o terceiro lidou com a questão da diplomacia internacional e arbitragem.

O objetivo do Primeiro Comité foi alcançado, obtendo a Rússia o seu ponto de vista de que as balas explosivas e os projéteis asfixiantes deveriam ser proibidos, sendo lançado um interdito por cinco anos sobre o emprego de balões para lançar explosivos.

O Segundo Comité proclamou neutros todos os navios equipados unicamente para salvar vidas humanas.

O Terceiro Comité discutiu a proposta russa de estabelecer um Tribunal permanente de Arbitragem para a resolução de disputas internacionais.

Apesar da severa oposição por parte da Alemanha, os seguintes princípios foram aprovados pela Conferência:

Que uma ou várias Potências deveriam ter o direito de oferecer mediação em conflitos iminentes; o seu exercício não deveria ser considerado como um «ato hostil».

Um Tribunal permanente de Arbitragem foi estabelecido em Haia, composto por juízes, selecionados a partir de uma lista na qual todos os estados estavam representados, e este organismo constituiu um Conselho Internacional.

Um protocolo que incorporava as decisões foi assinado pelos representantes de dezasseis estados, e subsequentemente executado por mais dezasseis, incluindo a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Áustria-Hungria, a China, o Japão e a Itália.

Como que por ironia do Destino, algumas das guerras mais terríveis eclodiram pouco depois desta Conferência. Não pude deixar de notar, ao conversar com um pacifista muito distinto um dia, que quando os alicerces do Palácio da Paz de Haia foram lançados, tivemos a Guerra dos Bôeres; quando o edifício foi erguido, a Guerra Russo-Japonesa; e quando esteve pronto para o seu mobiliário, a Grande Guerra.

Contudo, o que se pode esperar quando se lembra que as £300 000 que o Mr. Carnegie deu para lançar os alicerces deste Palácio da Paz vieram principalmente do fabrico de canhões e implementos de guerra!

A Rússia evoca muitas memórias à minha mente, algumas patéticas, outras humorísticas, e não poucas à beira do sensacionalismo. É de uma na última categoria mencionada que tenho a recordação mais vívida.

Várias vezes após a minha entrevista com o Czar no Palácio de Peterhof fiz visitas à Rússia. À minha chegada a Petrograd pela terceira vez, fui convidado para jantar em casa de uma senhora que tinha grande influência nos círculos da Corte. [1] Era uma bela noite de agosto e, quando me despedi da minha anfitriã, determinei caminhar até ao meu hotel com o propósito de fazer algum exercício.

O cocheiro de um *droshky (carruagem pequena e aberta)* solitário parado perto da casa importunou-me quando passei, mas abanei a cabeça negativamente e parti a um passo rápido em direção à Nevsky. Muito casualmente, notei que o homem me seguia a escassos metros de distância; não pensei nada sobre isto, pois sabia quão persistentes estes cocheiros eram nos seus esforços para assegurar um cliente.

Abruptamente o tempo mudou. Pingos de chuva caíram e percebi que, a menos que me valesse do abrigo que o *droshky* oferecia, receberia uma bátega. Por conseguinte, fiz sinal ao cocheiro, anunciei o meu hotel e saltei para dentro. Quase no mesmo instante um homem saiu da sombra de uma casa e, num francês perfeito, disse: — Perdoe-me, Monsieur, mas poderei partilhar o seu *droshky*? Dirijo-me também para o seu hotel, e isto vai ficar muito molhado.

Consenti, como é óbvio, e o estranho sentou-se ao meu lado.

Partimos a uma velocidade furiosa em direção à Nevsky, e eu estava a notar que cavalos maravilhosos os russos tinham, quando reparei que virámos por uma rua lateral em direção a uma daquelas longas pontes que cruzam o Neva.

— O sujeito vai pelo caminho errado — ri-me. — Diga-lhe em russo o endereço do nosso hotel.

— Não, Monsieur — respondeu o meu companheiro —, o sujeito não vai enganado! Não verá o seu hotel esta noite.

Apesar da natureza ameaçadora das palavras, o seu tom era polido, quase casual.

— O que quer dizer com isso? — exigi.

— Apenas isto — respondeu ele, ainda naquele tom agradável mas significativo.

Agarrando o meu braço com a sua mão esquerda, mostrou-me um vislumbre do revólver empunhado na sua direita.

Após uma longa viagem, virámos para o pátio de uma casa isolada na periferia mesmíssima da cidade.

Descemos do *droshky* e, mantendo ainda o meu braço num aperto firme, o meu companheiro entrou na casa e conduziu-me a uma sala com as portadas fortemente fechadas na qual quatro homens da classe artesã enchiam pequenos estojos de latão que pareciam ominosamente bombas, ou granadas de mão. Através de uma porta no fundo desta sala, obtivemos acesso a outro e menor apartamento. Ali sentada a uma mesa, com a cabeça entre as mãos e sendo a imagem mesmíssima do desespero mais abjeto, estava uma mulher.

— Ah, Monsieur, ela tem o coração partido — disse o meu companheiro.

— Mas o que aconteceu? — perguntei maravilhado. Esta atmosfera de mistério sufocava-me. — Posso fazer alguma coisa para a ajudar?

Como que galvanizada para a vida por uma corrente elétrica, a mulher sobressaltou-se com as minhas palavras. No momento seguinte estava de joelhos aos meus pés, o seu cabelo negro desalinhado atirado para trás, revelando um rosto belo contudo contraído por uma agonia que causava dor testemunhar.

— De facto pode! — gemeu ela em francês. — Foi por isso que os fiz trazer-lhe.

Em tons mais calmos a mulher falou-me da sua vida. Era uma revolucionária. Os seus familiares tinham sido sempre rebeldes e tinham

sofrido pelas suas convicções. Tinha visto, primeiro o seu avô, depois os seus irmãos, serem açoitados até à morte, ao passo que o seu marido fora executado pouco depois do casamento deles.

— Mas é do meu filho que desejo falar — clamou ela. — É por ele que suplico a sua ajuda!

— Ele é também um revolucionário? — perguntei, de queixo caído com o rumo que a aventura da noite tinha tomado.

— Não, Monsieur — soluçou ela. — Pelo contrário, ele foi, infelizmente, nascido sem o espírito de vingança.

Eu não conseguia sondar esta estranha afirmação. Mas tudo me foi revelado conforme ela prosseguiu a contar-me como este filho que ela adorava lhe tinha suplicado que abandonasse a causa revolucionária; como, em vez disso, ela tinha continuado cegamente, ano após ano. Homens e mulheres tinham olhado para ela como a sua líder; tinham sofrido o exílio ou morrido pela causa, contudo ela tinha continuado, determinada a entregar a sua vida se isso fosse necessário.

Após o «Domingo Sangrento», quando a polícia não a conseguiu encontrar, levaram o seu filho; o registo da sua família estava contra ele, e ele encontrava-se naquele momento na fortaleza de São Pedro e São Paulo sob sentença de morte.

— Mas o que posso eu fazer em toda esta tragédia? — perguntei. — Eu, um estrangeiro aqui... que bem posso fazer?

Novamente a mulher ergueu a cabeça.

— Sim, pode de facto ajudar, foi por isso que os fiz trazer-lhe a mim. A senhora com quem jantou esta noite poderia suplicar junto da Czarina para que o meu único rapaz seja poupado. Ela, também, tem um filho único; ela sabe o que é amar.

Eu tinha compreendido por esta altura as terríveis dificuldades da situação. Disseram-me que a sentença de morte seria executada em dois dias... certamente não muito tempo para trabalhar, e mesmo assim, poderia haver alguma esperança de sucesso?

Estava em desespero. Tentei arrazoar com a mãe curvada pela dor, mas às primeiras palavras as lágrimas pararam, os soluços cessaram... uma luz terrível veio aos seus olhos e, ordenando ao homem que abrisse a porta,

apontou para onde as quatro figuras enchiam silenciosamente as bombas na sala exterior.

— Se o meu filho morrer — sibilou ela —, a Czarina e o filho dela morrerão também!

Cheio de emoção, só pude repetir a minha promessa de tentar ajudar.

— Tentarei esta noite — acrescentei.

Com um soluço que me despedaçou o coração, a mãe meio louca ajoelhou-se e beijou-me os pés. Sem uma palavra, o homem e eu fomos para a porta, e noutro momento o *droshky* corria de volta em direção à cidade.

Embora fosse extremamente tarde, a minha amiga Princesa recebeu-me imediatamente. Contei-lhe exatamente o que tinha ouvido e visto, e ela prometeu-me que iria ter com a Imperatriz à hora mais temporã da manhã.

Às quatro da manhã seguinte, a Princesa mandou-me chamar.

— Não fui bem-sucedida — disse ela —, mas obtive pelo menos uma pequena concessão. O rapaz vai ser fuzilado às seis horas de amanhã de manhã, mas prometeram-me que o seu corpo será colocado num caixão e entregue aos seus parentes. Além disso, você e aquele homem que o trouxe serão autorizados a testemunhar a execução e poderão levar o caixão convosco imediatamente a seguir.

— Poderá haver alguma esperança — acrescentou ela — de que eu seja capaz de arranjar algo entre este momento e as seis horas de amanhã de manhã, mas não me faça perguntas agora.

Com o coração como chumbo, regressei ao meu hotel e encontrei o meu companheiro da noite anterior à minha espera. Ele soube pelo meu rosto que as minhas notícias não eram encorajadoras, mas não disse muito e calmamente concordou em que se encontraria comigo às portas da fortaleza de São Pedro e São Paulo às 5h30 da manhã, e que teria ali um carro fúnebre à espera para levar o corpo.

Não penso que alguma vez tenha passado uma noite mais miserável. A aurora finalmente chegou, pesada, agoireira, e quando o relógio bateu 5h30, cumpri o meu compromisso às portas da fortaleza prisional.

[1]: Princesa Galitzine, Dama de companhia da Czarina.

Encontrámos o rapaz admiravelmente calmo e resignado com a sua sorte. Deu-me uma cruz de ouro que trazia sempre consigo, para entregar à sua mãe, e, despedindo-nos, deixámo-lo aos cuidados de um sacerdote que acabara de chegar.

O pelotão de fuzilamento já estava em posição quando regressámos ao pátio e, enquanto os homens esperavam pelo seu oficial, apoiavam-se negligentemente nas suas espingardas, como se aquela cena terrível não passasse de parte da rotina comum da sua vida diária.

O oficial chegou, os homens perfilaram-se em sentido e, à voz de comando, carregaram as espingardas. Um sino tocou, o condenado marchou para o pátio, escoltado por dois carcereiros e precedido pelo sacerdote, que murmurava palavras que ninguém parecia ouvir.

Quando tudo estava a postos, o oficial aproximou-se do rapaz e disse-lhe algo. O jovem condenado pareceu inclinar a cabeça. Um momento depois, ecoaram três ordens curtas; as espingardas responderam com uma descarga e o corpo do rapaz caiu para a frente, amarfanhado, para dentro do caixão que estava aos seus pés.

Fiquei paralisado de horror. Mecanicamente, vi os guardas endireitarem o corpo, aparafusarem a tampa do caixão e atirarem-no, em vez de o erguerem, para dentro do carro fúnebre.

Depois, senti-me a ser ajudado a entrar para um *droshky* às portas da prisão, com o outro homem a acompanhar-me, e, sem proferir uma única palavra, seguimos o carro fúnebre até àquela mesma casa isolada onde tínhamos estado tão pouco tempo antes.

Os homens carregaram o caixão para dentro e colocaram-no sobre a bancada no centro da sala — a mesma bancada onde eu vira as bombas a serem cheias.

Uma mulher de aspeto selvagem e desalentado saiu cambaleante da sala interior e ordenou aos homens que desaparafusassem a tampa.

A tampa foi levantada; respeitosamente, os homens recuaram. A mulher, com uma ternura quase divina, inclinou-se e ergueu a cabeça dele suavemente contra o peito. Não saíam soluços do seu coração, mas lágrimas silenciosas rolaram pelas faces dos homens presentes.

Senti que não conseguiria ficar ali nem mais um momento. Voltei-me em direção à porta, mas, ao fazê-lo, ouvi um grito que pareceu congelar o sangue nas minhas veias.

Corri para a frente. A mãe apertava o seu rapaz nos braços; como se acordasse de um sonho, os olhos dele abriram-se e olhavam fixamente para os dela.

— *Mãe, Mãe* — disse ele em russo. — Não te assustes! Não estou morto.

Em escassos minutos, o aparente milagre foi explicado.

A Princesa cumprira a sua palavra. Influenciara o oficial encarregue do pelotão de fuzilamento para que fossem distribuídos cartuchos de salva aos soldados. Este, por sua vez, dissera ao rapaz para cair para a frente como se estivesse morto quando os tiros ecoassem, e o jovem tinha involuntariamente acrescentado realismo à farsa ao desmaiar no momento fatídico.

Não preciso de me alargar sobre a cena jubilosa que teve lugar naquela casa sombria. Afetou-me profundamente, e fiquei feliz por poder despedir-me — não sem antes ter sido sobrecarregado pelas expressões sinceras de gratidão de uma mãe.

Foi esse mesmíssimo rapaz que, três anos mais tarde, salvou a minha própria vida numa experiência que relatarei mais adiante.

CAPÍTULO XII

A GRANDE CATEDRAL DE KIEV.

A IMAGEM SAGRADA EM PELE HUMANA

É BAIXADA PARA EU A BEIJAR

FOI cerca de três anos mais tarde que visitei novamente a Rússia, desta vez direcionando a minha atenção principalmente para o sul.

Saí do comboio em Kiev e parei por uma semana para desfrutar plenamente desta cidade notável — a outrora capital do que era conhecido como «Pequena Rússia».

Situada como está no topo de uma colina com vista para as Estepes e para o Dnieper, que corre quase em círculo ao redor dos seus pés, não há muitas cidades que ocupem uma posição mais imponente. Conheço poucas vistas mais impressionantes do que quando, olhando para baixo a partir dos jardins públicos no topo da colina, se vislumbram aquelas planícies intermináveis lá em baixo, onde parecem juntar-se ao céu na longínqua

distância. Aos raios do sol poente, vê-se o grande rio como um caminho de ouro a fluir do horizonte onde o céu e a terra se encontraram, avançando em curvas majestosas por esta cidade de fadas das alturas.

Engastadas como grandes joias numa folhagem de esmeralda, as igrejas erguem-se com as suas cúpulas cintilantes; mais alto ainda e dominando tudo, ergue-se a Grande Lavra, ou Grande Catedral, retendo, por assim dizer, os últimos raios de luz na sua cúpula dourada e derramando-os de volta sobre a cidade aos seus pés como uma bênção cintilante do Dador do Bem.

E que catedral é essa Grande Lavra — que monumento no caminho da Religião; poder-se-á estranhar que os peregrinos encaminhem os seus passos para a ver uma vez antes de morrerem, vindos das extensões mais longínquas do grande Império Russo?

Esquimós do Mar Branco, mil milhas para o norte, levaram anos a caminhar essa distância, apenas para viverem escassos dias na sombra dos seus braços, para morrerem talvez de fome na sua marcha de regresso a casa.

Das fronteiras da China, a leste; das planícies quentes do Turquestão, a sul, eles vêm ano após ano. Todos trazem oferendas ao grande santuário: joias que não têm preço, o ouro mais puro que se pode encontrar, tapetes de seda que se levaram vidas inteiras a tecer, tudo o que se possa imaginar ou que a homenagem possa dar.

E alguns, por outro lado, vêm sem nada, apenas com trapos que cobrem a pele e o osso — exaustos e desgastados, arrastam-se para o grande pátio, felizes por receberem uma crosta de pão dos monges de túnica negra e contentes até por verem o incenso que, de escassas em escassas horas, se eleva em direção à cúpula.

Eu viera com uma carta de recomendação para o Grande Patriarca, da autoria do meu amigo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Monsieur Isvolsky, e referendada pelo próprio Czar. O Grande Patriarca era um velho de aspeto maravilhoso nas suas vestes de preto e ouro, e com uma barba branca como a neve que quase lhe chegava aos pés.

Deu-me um monge como guia para me mostrar as maravilhas do lugar e a sua bênção patriarcal, a qual senti frequentemente que me era necessária ao contemplar os tesouros nas criptas lá em baixo. Por catacumbas escavadas na rocha maciça por mãos humanas deambulámos, passando pelas cabeças mumificadas dos cem monges que em eras longínquas

tinham construído a catedral e que, quando o seu trabalho terminou, esculpiram os seus próprios túmulos, um a um, no coração da rocha maciça lá em baixo.

Maravilhoso, maravilhoso, é tudo o que nos sentimos capazes de dizer quando finalmente a visita termina e subimos em direção à luz e ao coração da própria grande catedral.

Eu era, de facto, uma pessoa favorecida. Que importava qual pudesse ser a minha própria religião, ou, quanto a isso, que poderia qualquer outra religião importar num lugar assim? Eu era, de facto, uma pessoa favorecida e, contudo, ia ser favorecida ainda mais.

Enquanto estávamos no centro do coro, em frente aos portões de ouro maciço que separam o público do altar-mor, o meu guia, o monge, chamou a minha atenção para uma pequena pintura da cabeça da Mãe de Cristo que pendia suspensa de duas correntes de ouro diretamente acima do altar. Olhando para cima, vi a pintura, que não tinha mais do que uns sessenta centímetros quadrados, mas estava engastada numa enorme moldura de ouro na qual milhares de diamantes pareciam faiscar. Enquanto eu olhava para ela, ele contou-me a seguinte história curiosa:

— Essa imagem — disse ele — foi pintada por um monge por volta do ano 400 d.C.; é feita sobre pele humana retirada do peito daqueles monges que iniciaram os alicerces da catedral.

Quando os sarracenos invadiram a Ásia, invadiram a Rússia e conquistaram-na até ao norte de Kiev. Saquearam a catedral de então e, encontrando esta pintura pendurada sobre o altar, pegaram nela e atiraram-na ao Dnieper; devastaram todo o país, mas mais tarde foram repelidos novamente em direção ao sul.

Quando os monges regressaram à sua catedral, começaram a reconstruí-la, mas o seu maior desgosto era a perda desta imagem que eles estimavam mais do que todas as joias e coisas preciosas que tinham sido roubadas. No dia, contudo, em que a catedral foi restaurada e a primeira Missa realizada — nesse mesmo dia, a imagem foi descoberta a flutuar na superfície do Dnieper exatamente em frente à igreja, como se a corrente do rio nunca, em todo esse tempo, tivesse sido capaz de a levar dali. Verificou-se que não estava danificada no mais mínimo grau e foi trazida de volta e pendurada por correntes de ouro sobre o altar na mesma posição onde se encontra hoje.

A partir de então, tornou-se costume em Kiev e num raio de cem milhas que cada pessoa rica que morresse dentro dessa circunferência tinha de deixar para a imagem um único diamante, mas o melhor e mais branco que o dinheiro pudesse comprar. A moldura teve de ser ampliada muitas vezes e contém agora tantos milhares de diamantes que hoje tem, talvez, uma profundidade de escassos pés. Só é baixada para ser beijada por pessoas excecionalmente favorecidas; a última pessoa para quem foi baixada foi o Kaiser alemão, quando visitou Kiev como Príncipe Herdeiro.

Será baixada novamente hoje — acrescentou o monge —, pois tenho instruções de que você deve ser a pessoa favorecida a quem será permitido pressionar os lábios contra o que é considerado aqui como o objeto mais venerado de todos os nossos tesouros.

De nada serviu eu argumentar que era um indivíduo demasiado humilde para tal honra. Fui conduzido até ao altar, as correntes de ouro foram afrouxadas e a imagem descendeu lentamente até onde eu me ajoelhava.

Quando a cerimónia terminou, olhei para fora, em direção ao coro. Para meu espanto, vi que o monge e eu não éramos os únicos participantes numa cerimónia tão estranha — toda a catedral estava cheia, e o pátio mais além, de peregrinos deitados de bruços no chão em muda devoção e temor reverente.

CAPÍTULO XIII

TIFLIS E A MARAVILHOSA MONTANHA KASBEK.

É-ME DADA UMA CONCESSÃO QUE VALE UMA FORTUNA, MAS SOU FEITO PRISIONEIRO POR BANDIDOS

NA ROTA DA GEÓRGIA

DEIXANDO Kiev, segui de automóvel pela outrora grande estrada nacional até Jytomyr. Esta rota larga e magnífica foi construída para fins militares e é quase uma linha reta através do país por uma distância de cerca de quarenta e cinco milhas entre as duas cidades. Como esta parte do país é muito mal servida pelo caminho-de-ferro, o tráfego é realizado pelas diligências mais antiquadas que se pudesse possivelmente imaginar. Ver estes veículos de formato bizarro, puxados por seis ou sete cavalos, a avançarem pesadamente faria alguém acreditar que fora subitamente transportado de volta ao coração da Idade Média.

O *Zemstvo* de Kiev tinha-me oferecido uma concessão para substituir estas diligências por um serviço de auto-omnibus, mas como descobri que uma firma alemã já estivera em negociações para o mesmo serviço, e como a sua proposta era ridiculamente baixa, não aceitei o negócio. Os automóveis alemães provaram ser demasiado ligeiros para aquela estrada terrível e, no espaço de dois anos, os viajantes folgaram em regressar às suas carruagens antiquadas e a companhia alemã faliu.

Este é apenas mais um dos muitos exemplos da iniciativa alemã na Rússia. Escassos anos antes da Guerra, podíamos encontrá-los em quase todas as fábricas russas e, se a Guerra não tivesse surgido, em pouco tempo a Rússia ter-se-ia tornado, pelo menos comercialmente, pouco mais do que uma espécie de província alemã.

De Jytomyr continuei para Baku, a cidade do petróleo nas margens do Mar Cáspio. Uma cidade de poços de petróleo e enormes refinarias, onde até a própria água que se bebia parecia ter gosto a petróleo.

Após cruzar o Cáspio e obter um vislumbre da civilização oriental do velho mundo no Turquestão, seguindo depois para o Monte Ararat, onde me foi mostrada uma suposta peça da Arca de Noé, folguei em retroceder os meus passos e dirigir-me a Tiflis, a capital do Cáucaso e a principal cidade no sul da Rússia. [^2] Aqui apresentei uma carta de recomendação da autoria de Sua Excelência o Monsieur Isvolsky, em Petrogrado, dirigida ao Conde Vorontsov-Dashkov, o Vice-rei, que me recebeu de uma maneira extremamente cortês e encantadora.

Eu trazia comigo, da parte do Ministro das Vias e Comunicações, uma concessão governamental assinada para colocar ómnibus a motor tanto para o correio como para passageiros na famosa rota militar da Geórgia para servir as cidades de Vladikavkaz e Tiflis. Esta concessão tinha-me sido apresentada como valendo uma fortuna.

Eu queria, contudo, ver um dos maiores espetáculos da Natureza que talvez os olhos do homem possam contemplar. Queria cruzar os Alpes da Rússia para ver o famoso Kasbek com os seus picos de neve perpétua, muitos milhares de pés mais altos do que o Monte Branco, e ao mesmo tempo inspecionar a famosa rota da Geórgia por mim mesmo.

Era uma sensação estranha sufocar de calor nas ruas de Tiflis e olhar para cima, em direção àquelas alturas cintilantes do Kasbek que se erguiam como degraus brancos até ao coração mesmíssimo do Céu.

Um dia disse ao Vice-rei, de quem era hóspede, que estava a planear ver por mim mesmo a rota da Geórgia através do Cáucaso, de Tiflis a Vladikavkaz. Ele riu-se e disse: — Se lhe desse uma escolta dos meus melhores cossacos, duvido que alguma vez chegasse a meio do caminho.

Talvez vendo o meu olhar de incredulidade, acrescentou: — É verdade que é a nossa grande estrada militar de norte a sul, construída por Pedro o Grande, mas desde os últimos escassos anos está tão infestada de bandidos que se levaria tanto tempo a limpá-los dali como na última Guerra Japonesa, e poder-nos-ia custar tanto em vidas e dinheiro.

Apesar de todos os avisos, o amor à aventura chamou por mim e, vendo ocasionalmente uma caravana de camponeses que fazia a viagem, aparentemente sem contratempos, acabei por me decidir a tentar.

Tinha travado conhecimento com um príncipe georgiano que, num maravilhoso uniforme de oficial cossaco, com revólveres no cinto e uma fiada de cartuchos ao redor de todo o corpo, parecia tão feroz que lhe confiei o meu plano. Como é óbvio, ele riu-se do perigo; era georgiano, disse ele, e os georgianos não tinham medo. A sua raça tinha combatido durante séculos as tropas de cada Czar que reinara desde Pedro o Grande; além disso, acrescentou, o seu próprio irmão era o Chefe dos Bandidos, pelo que não precisávamos de ter receio.

Por uma ninharia de presente de escassos centenas de rublos ele folgaria em acompanhar-me, e assim, uma manhã, ao erguer-se do sol, partimos.

Tomámos uma carruagem com quatro magníficos cavalos cossacos, uma grande quantidade de provisões, juntamente com vestuário de inverno e peles que seriam necessários quando alcançássemos a neve. Comprei um revólver Browning do último modelo e, sentindo-me muito corajoso, lá partimos.

Ao largo na famosa rota da Geórgia, a nossa carruagem serpenteava por entre as montanhas, subindo cada vez mais alto, até que a cidade de Tiflis, lá em baixo, parecia um baralho de cartas com que algum pigmeu tivesse brincado a fazer casas. Nenhuma escova de pintor, nenhuma pena de poeta conseguiria retratar uma paisagem tão selvagem e grandiosa. Num momento balançávamos à beira de um precipício, no outro passávamos por entre muralhas de rochas gigantes que guardavam a estrada com as sombras da noite; avançando por entre abetos e pinheiros e florestas de carvalhos

que tinham erguido as suas copas durante eras; avançando novamente até que os picos do Kasbek pareciam desabar sobre nós.

Finalmente parámos; tínhamos alcançado a orla do gelo, um lugar onde a floresta tinha deixado de crescer, onde as aves tinham deixado de cantar, onde o silêncio reinava no seu trono, onde os éditos dos Czares ou dos homens nunca tinham chegado.

Eu continuava a tentar parecer corajoso, mas não me sentia assim. O meu companheiro já não parecia o feroz cossaco da cidade, mas antes uma espécie de brinquedo que eu tivesse comprado num bazar infantil.

Os nossos cavalos estavam exaustos e tinham de descansar, os nossos homens também estavam com fome e tinham de comer. Abrimos as nossas provisões, espalhámo-las sobre a face voltada para cima de uma rocha maciça de granito. Enchemos os nossos copos — tínhamos trazido connosco uma garrafa de champanhe francês, que cintilava ao sol, mas, tal como nós, parecia fora de lugar em tais ambientes.

Durante horas não tínhamos visto um ser humano, nem um único bandido — como se tais vermes pudessem viver numa paisagem assim!

Fizemos tinir os nossos copos, tínhamo-los erguido aos lábios, quando, por trás dos nossos ombros, surgiram duas mãos enormes, tiraram-nos dos nossos dedos e, com uma gargalhada, esvaziaram-nos em duas grandes bocas de aspeto feroz.

Não havia sonho nenhum nisso, estávamos rodeados de bandidos; não houve sequer um tiro disparado, nem uma palavra fora dita.

O meu príncipe georgiano protestou, argumentou, praguejou em georgiano, russo e em todas as outras línguas que conhecia; em vão invocou o seu irmão bandido. Eles primeiro comeram as nossas provisões, beberam o nosso champanhe e, com uma amabilidade encantadora, deram-nos dois nacos de pão seco para nós. Depois os nossos cavalos foram levados, fomos empurrados para o centro do grupo e marchámos por cerca de uma hora pela encosta da montanha.

Finalmente alcançámos o que eles chamavam a sua fortaleza — um reduto natural onde a Natureza tinha empilhado enormes massas de rocha à beira de um precipício, ao passo que nos outros lados estava rodeado por um mar de gelo igualmente inacessível e intransitável.

No centro deste recinto muralhado por rochas estava uma grande cabana feita de troncos, na qual uma boa fogueira de lenha ardia

brilhantemente e, ao redor da chaminé, havia algumas bancadas rústicas que o meu companheiro e eu próprio folgámos imenso em apropriar para nosso uso imediato.

Chávenas de um *chai* (chá) muito bom foram distribuídas por um jovem surdo-mudo que parecia ser uma espécie de criado geral, e depois a maioria dos nossos captores pegou nas suas espingardas e saiu, deixando-nos a sós.

O meu companheiro, que como é óbvio compreendia tudo o que era dito, disse-me em francês que, pela conversa deles, tinha sabido que planeavam reter-me por um resgate, mas a quantia não seria decidida até que o seu Chefe principal regressasse no dia seguinte. Tinha também colhido que este Chefe era do norte da Rússia e, embora muito jovem e estando com eles há pouco mais de dois anos, se tornara nesse tempo o líder de quase todos os bandidos naquela parte do Cáucaso e, além disso, tinha uma enorme influência junto dos revolucionários em São Petersburgo.

— Estamos de facto num mau bico de obra — acrescentou ele —, e se um resgate por si não for facilmente arranjado, só Deus sabe o que poderá acontecer.

— Mas certamente que se eu puder enviar palavra ao Vice-rei — sugeri —, ele enviará alguém para obter a nossa liberdade.

O meu amigo sorriu. — Não se dá conta de onde está — disse ele.

95

— Em primeiro lugar, nenhuma mensagem o conseguiria alcançar e, se alcançasse, poderia levar anos a encontrar-nos aqui.

— Mas eles não parecem vigiar-nos de perto — respondi —, não parece haver uma alma por perto, saiamos e deitemos uma vista de olhos em redor.

Fora da cabana não se via ninguém, podíamos deambular para onde quiséssemos. Subimos à borda das rochas; em dois lados havia um precipício com uma parede de rocha contínua que olhava em linha reta para baixo até onde os nossos olhos conseguiam ver, e no outro lado havia uma vasta planície de gelo e neve contínuos cuja extremidade parecia perder-se em grandes glaciares que pareciam erguer-se sem fim até aos picos mais altos do próprio Kasbek.

A seguir contornámos o caminho até à entrada pela qual tínhamos sido trazidos. Era muito simples — uma fenda larga numa parede vertical de rocha negra e um homem com uma espingarda que dominava o caminho sinuoso pelo qual tínhamos entrado.

— Mas os nossos cocheiros — disse eu —, foi-lhes permitido escapar. Até amanhã terão alcançado Tiflis e terão dado o alarme.

— Poderão alcançar Tiflis — respondeu o meu companheiro —, mas mesmo que alcancem, não ousarão dizer uma única palavra. Esquece-se de que teve de lhes pagar adiantado antes de partirem; o mais provável é que sejam amigos dos bandidos; além disso, no Cáucaso as pessoas não andam por aí a ajudar a polícia ou o Governo com informações, e mesmo que o fizessem, não seria de grande utilidade.

Regressámos à cabana; um cheiro aromático a cozinhado fez-nos sentir desesperadamente famintos. Sobre o lume balançava uma panela enorme que o jovem surdo-mudo mexia ocasionalmente; com olhos gananciosos ambos a vigiámos e começámos a ansiar que os nossos anfitriões bandidos regressassem.

Finalmente eles chegaram. Estavam de excelente humor. Um mercador insensato de Moscovo tinha tentado alcançar Tiflis pela estrada «deles», com o resultado de que escassos milhares de moedas de ouro, um relógio elegante e uma das caixeiras de cigarros cravejadas de joias de Fabergé se tinham tornado propriedade deles. Como crianças, brincavam com o ouro, passaram-me cigarros da caixeira do mercador e, finalmente, convidaram-nos para a sua mesa de madeira e sentámo-nos todos ao redor para o jantar.

[1]: A reprodução dada é do Daily Telegraph mencionado no capítulo anterior.

[2]: A cidade de Tiflis foi fundada por Vakhtang, Rei da Geórgia, no século V.

O ensopado estava excelente; era um primo chegado do «ensopado irlandês», só que de carne de veado em vez de carne de carneiro, mas nunca comi nada na minha vida que soubesse melhor, especialmente regado, como foi, por um par de copos de uma velha *vodka* que eles vertiam como água a partir de um jarro de pedra de formato curioso. No fim beberam tanto que, um a um, rolaram para o chão a dormir e, se não soubéssemos de um homem e de uma espingarda apostados à entrada do

reduto, sinto-me seguro de que teríamos sido tentados a fazer um esforço para escapar.

A manhã chegou finalmente; um a um foram acordando. O jovem trouxe vários jarros de café quente e de *chai* (chá), *vodka* foi também servida em redor, o ouro que continuava espalhado pela mesa foi recolhido e colocado num baú, e foi-me na verdade oferecido o resto dos cigarros da caixeira do mercador roubado.

Para meu espanto, quase todos os membros do bando se lavaram e arrumaram. Um homem espetou uma magnífica pluma de águia-pesqueira na frente do seu turbante e, enchendo os seus cintos de cartuchos, pegaram nas suas espingardas e saíram.

— Foram ao encontro do Chefe — disse o meu companheiro. Fomos sentar-nos junto ao lume e, com sentimentos mistos de temor e ansiedade, esperámos pela chegada do homem que havia de decidir a nossa sorte.

Em cerca de uma hora ouvimos os passos deles a regressar. Entraram na cabana — um homem um pouco mais adiantado do que o resto.

O meu companheiro levantou-se, fez uma saudação militar e perfilou-se em sentido. Ouvi uma quantidade de vozes, mas como falavam em georgiano não conseguia compreender uma palavra do que era dito; contudo, à medida que o Chefe caminhava para o meio da sala, eu também me voltei, levantei-me e enfrentei-o.

Mal tinha reparado na sua forma alta e esguia, no contraste que fazia com os homens ao seu redor, nos seus olhos de um azul-cinzento de aço que, num lampejo de memória, senti que já tinha visto algures antes... quando, num só salto, ele me apertou em ambos os braços, e ouvi-o dizer em francês: — Meu Deus, imaginar que nos iríamos encontrar assim!

Por um segundo não reconheci quem era, mas o prodígio acontecera; aqueles mesmos olhos eu vira a enfrentar espingardas numa prisão em Petrogrado; ele era o homem cuja vida eu salvara três anos antes.

Em escassas palavras contou-me o que tinha acontecido. A sua mãe acabara por ser morta pela polícia. O espírito de vingança que ela pensava que ele não tinha herdado ganhara vida nas suas veias com a morte dela; ele tornara-se um fora da lei contra toda a sociedade, e o dinheiro que ganhava como bandido destinava-se a ajudar os revolucionários no norte. — Todos os homens são bandidos — disse ele amargamente — até serem bem-sucedidos; se tiverem a sorte de roubar países, tornam-se reis.

Escassas horas mais tarde estávamos a caminho de regresso a Tiflis. O meu amigo bandido acompanhou-nos até à periferia mesmíssima da cidade.

— Adeus — disse ele, e beijou-me em ambas as faces.

CAPÍTULO XIV

COMO ENCONTREI LORD KITCHENER.
A ÚNICA IMPRESSÃO DA SUA MÃO
QUE ALGUMA VEZ SE OBTEVE.
COMO PREDIZE A SUA DATA EXATA DE MORTE

A 21 de julho de 1894, tive a honra de me encontrar com Lord Kitchener e de obter a impressão autografada da sua mão direita, a qual acompanha este capítulo.

No dia em que tive esta entrevista, o falecido Lord Kitchener, ou, como era na altura, o Major-General Kitchener, encontrava-se no Ministério da Guerra. Para tirar esta impressão tive de empregar o papel que estava sobre a sua mesa e, por estranho que possa parecer àqueles que leem símbolos, a marca do Ministério da Guerra pode ser vista no topo do segundo dedo — o dedo conhecido há eras como o do Destino —, sendo em si mesmo talvez uma premonição de que ele seria um dia a mão orientadora desse grande departamento na guerra mais terrível que até agora ameaçou o Destino da Grã-Bretanha.

Conforme relatei num dos meus livros recentes, [1] Lord Kitchener era no momento da minha entrevista (1894) *Sirdar* do Exército Egípcio e tinha regressado à Inglaterra para apresentar a sua demissão devido a algumas críticas hostis sobre «o caso Abbas». A sua ação de forte determinação foi, escassas semanas mais tarde, completamente justificada. Foi agraciado com o título de K.C.M.G. e regressou ao Egito com mais poder do que antes e, não muito tempo depois, trouxe a Campanha Egípcia a um encerramento bem-sucedido.

Parece-me que foi ontem aquela manhã memorável no Ministério da Guerra, quando, após enviar o meu cartão, fui em escassos minutos conduzido ao seu gabinete.

Ele recebeu-me da forma mais cordial.

— Bem — disse ele —, então quer deitar outra vista de olhos à minha mão?

— Outra vez? — perguntei eu, espantado.

— Sim — respondeu ele. — Há anos fui consultar-te, como tantos outros, e só posso dizer que foste singularmente preciso em tudo o que me disseste.

— Fico tão feliz — gaguejei —, pois mal ousava vir pedir-lhe que me deixasse tirar uma impressão da sua mão, visto que não fazia ideia de que acreditasse em tais estudos.

— Olhe para isto — ele voltou-se e apontou para uma pequena jarra azul de cerca de sete centímetros de altura que estava sobre a sua mesa... — pode dizer-me alguma coisa sobre isto?

Totalmente apanhado de surpresa, peguei na jarra nas minhas mãos, olhei-a por todos os lados e depois pousei-a, dizendo: — Lamento, mas não distingo uma jarra de outra. Nunca tive a inclinação para estudar tais coisas.

— Exatamente — riu-se ele. — Respondeu a si próprio. Eu nunca estudei mãos e você estudou. Se um homem faz o estudo de uma vida inteira sobre uma coisa, espero que saiba mais sobre ela do que qualquer outra pessoa... portanto, agora já sabe por que razão o fui consultar há muitos anos.

Este pequeno incidente tinha-me deixado completamente à vontade e, em escassos minutos, este grande homem, perante o qual tantos tremiam, estava tranquilamente recostado na sua cadeira a perguntar-me o significado das linhas nas suas próprias palmas claramente marcadas, bem como nas de alguns homens famosos, tais como Gladstone, Stanley e outros, cujas impressões das mãos eu tinha trazido comigo.

Tinha ele na altura quarenta e quatro anos de idade, e lembro-me bem de como lhe expliquei as posições e responsabilidades ainda mais elevadas que o seu caminho do Destino traçava diante dele. O mais pesado e maior de todos seria, disse-lhe eu, assumido no seu sexagésimo quarto ano (1914), mas quão pouco qualquer de nós pensou que nesse ano a guerra mais terrível em que a Inglaterra alguma vez se envolveu haveria de eclodir.

Acreditando como acredito que a Lei da Periodicidade desempenha um papel tão grande na vida dos indivíduos como o faz nas nações, é significativo para aqueles que fazem um estudo de tais coisas notar que os mesmos números «fatídicos» — ou, como são também chamados, «Números do Destino» — que governaram a carreira de Lord Kitchener quando ele planeava a Campanha Egípcia, pela qual alcançou a sua maior fama, e que resultou nas vitórias de Atbara e Omdurman em 1896, 1897 e 1898... produzem o mesmo algarismo final para 1914, 1915 e 1916.

Estes anos somados da esquerda para a direita dão os seguintes números:

1896 — 24 — 4. Abertura da campanha egípcia. 1897 — 25 — 7. Atbara e Omdurman. 1898 — 26 — 8. Descanso do Trabalho — Honrado pela Nação. 1914 — 15 — 6. Abertura da Grande Guerra. 1915 — 16 — 7. Criação do Exército da Grã-Bretanha de 4 000 000. 1916 — 17 — 8. Descanso do Trabalho e morte — Honrado pela Nação.

— Diga-me o que quiser — disse ele, naquela manhã de 21 de julho de 1894 —, desde que o fim esteja a alguma distância. — E no entanto, quando lhe apontei que o 6, o 7 e o 8 eram os números mais importantes da sua vida, com a mesma rapidez com que o falecido Rei Eduardo calculou a partir dos meus algarismos que o 69 era provável que fosse o fim da sua vida, e brincou comigo e com outros sobre isso mais tarde... assim Kitchener, com talvez o mesmo misterioso lampejo de intuição, correu o seu lápis pelos algarismos que eu tinha acabado de calcular até à data de 1916, a qual estava indicada como «Descanso do Trabalho». — Esse então é talvez 'O Fim' — disse ele. — É estranho, não é? — riu-se. — Mas há alguma indicação do tipo de morte que é provável que seja?

— Sim — disse eu. — Há certamente indicações, mas não de todo o tipo de 'fim' que se seria provável imaginar que lhe acontecesse.

Mostrei-lhe então no menor número de palavras possível que, tendo nascido a 16 de junho de 1850, ele se encontrava na Primeira Casa do Ar, no Signo de Gémeos, entrando na Primeira Casa da Água, o Signo de Caranguejo, também Casa da Lua e detrimento de Saturno. Tomando estas indicações, juntamente com a interpretação cabalística dos números que governavam a sua vida, o ano fatal seria o seu 66.º ano, por volta de junho, e a morte seria pela água, provavelmente causada por tempestade (Ar) ou desastre no mar (Água), com a probabilidade associada de alguma forma de captura por um inimigo e um exílio do qual nunca mais recuperaria.

— Obrigado — riu-se ele. — Prefiro a primeira proposição. Contudo — acrescentou —, devo admitir que o que me diz sobre o perigo no mar me causa uma impressão séria na mente e quero que anote entre as suas teorias bizarras... mas não diga nada sobre o assunto, a menos que se um dia ouvir dizer que morri afogado... que eu me tornei um bom nadador e acredito que sou razoavelmente bom, por nenhuma outra razão senão que, quando o visitei pela primeira vez como um homem totalmente desconhecido há muitos anos, me disse que a água seria o meu maior perigo.

Confirmou agora o que me disse então e deu-me inclusive a data provável do perigo. Adeus — disse ele —, não me esquecerei e, como é óbvio que acredita na transferência de pensamento e nesse tipo de coisas, quem sabe se não lhe enviarei algum sinal, se acontecer que a água reclame por mim no fim.

Que ele se lembrou ficou, penso eu, estabelecido por uma mensagem da Exchange Telegraph Company a 19 de junho de 1915, mencionando que *«quando Lord Kitchener veio à Frente Britânica, encontrou em Dunquerque o Comandante de Balancourt, a quem mencionou que um 'Jack Johnson' caíra não muito longe dele. 'Isso não me alarmou', disse o Marechal de Campo, 'porque sei que hei de morrer no mar'»*.

Devo agora aludir a uma estranha ocorrência na noite do desastre e que, se não tivesse acontecido, duvido muito que alguma vez tivesse sentido o desejo de escrever este capítulo.

Muitas pessoas chamarão, como é óbvio, àquilo que estou prestes a relatar «uma estranha coincidência», mas para outras poderá ser apenas mais uma ilustração de um dos muitos mistérios que constituem a soma total daquilo a que se chama «o lado inexplorado da vida».

A ocorrência que estou prestes a relatar não depende de mim para o seu testemunho, pois escrevi um artigo sobre este assunto para a *Strand Magazine* e mostrei ao editor o testemunho escrito e a confirmação das pessoas que se encontravam presentes comigo quando ela ocorreu.

Perto das oito horas da noite de segunda-feira, 5 de junho de 1916, a hora em que o desastre com o *Hampshire* aconteceu, estava eu sentado numa longa sala de música na minha casa de campo com alguns amigos, quando, durante uma pausa na conversa geral sobre a Guerra, fomos sobressaltados pelo estrondo de algo a cair na extremidade norte da sala. Deslocando-nos ao local onde o ruído fora ouvido, vimos um grande

escudo de carvalho no qual as armas da Grã-Bretanha estavam pintadas caído no chão... partido em duas metades.

Apanhando-o, reparei que o escudo se tinha partido através daquela parte representativa da Inglaterra e da Irlanda e, mostrando-o aos meus amigos, não pude deixar de dizer: — Isto é evidentemente um presságio de que um golpe terrível foi neste momento desferido contra a Inglaterra. Sinto que teve lugar algum desastre naval no qual a Irlanda, ou pelo menos o nome da Irlanda, está de alguma forma envolvido.

Mas quão pouco pensámos que naquele minuto mesmíssimo o ilustre irlandês, Lord Kitchener, se encontrava talvez de pé no convés de popa do *Hampshire* a enfrentar a sua morte no mar.

Escassos segundos mais tarde o relógio bateu as oito horas. Tenho-me perguntado frequentemente desde então: terá Lord Kitchener lembrado e cumprido a sua promessa?

Regressando à ilustração que acompanha a mão de Lord Kitchener, na parte inferior da palma dificilmente se pode deixar de notar que a Linha da Vida (que circunda a base do polegar) tem uma linha a projetar-se através dela cruzando as duas linhas principais da mão (a Linha do Destino que sobe para o primeiro e segundo dedos e la Linha do Sucesso que sobe para o terceiro); a linha que se projeta a partir da Linha da Vida é chamada a Linha de Viagem, e é um facto estranho que é nesta mão vista a quebrar a Linha do Destino e a Linha do Sucesso no período mesmíssimo que todos os meus livros sobre este assunto mostram ser por volta dos 66 anos de idade.

Foi-nos dito por Aquele cujas palavras toda a cristandade venera e em que acredita que *«nem um pardal pode cair ao chão sem que o Pai o saiba»*. Considerando todas estas coisas, talvez então não seja pedir de mais acreditar que, no caso de Lord Kitchener, «a hora marcada» tinha chegado. A obra da vida tinha sido realizada, e o ano de 1916 estava desde o seu nascimento escrito no Livro do Destino como o ano do definitivo «descanso do trabalho».

O que se segue apareceu num jornal de Londres escassas semanas após a publicação do relato da minha experiência com Lord Kitchener nalguns dos periódicos ingleses.

KITCHENER VÍTIMA DA VINGANÇA DE UMA MULHER? Estranha Pergunta a «Cheiro» em Carta Mistério A HISTÓRIA DA BOMBA NO NAVIO DE GUERRA

«Pergunto-me se por acaso lhe disse (a Kitchener) que ele seria a vítima de uma vingança?»

Esta estranha pergunta foi feita a «Cheiro» no decurso de uma carta que recebeu de uma mulher bôer que oculta a sua identidade sob a assinatura de «Johanna».

A autora desta notável carta afirma:

«Fiquei fascinada com a sua previsão do destino dele por afogamento. Pergunto-me o que mais disse... se por acaso lhe disse que ele seria a vítima de uma vingança?

Como você é talvez o único homem que pode ter adivinhado a verdade, ou parte da verdade, a partir do que viu na mão de Kitchener, vou dar-lhe os factos reais».

Depois, numa estranha caligrafia estrangeira, e usando os caracteres da escrita alemã, a autora prossegue dramaticamente:

«Há vinte e cinco anos eu era uma mulher feliz, casada, e o meu filho tinha dez anos de idade. Vivíamos com os meus pais e os meus três irmãos numa bela propriedade agrícola no Transvaal.

Éramos bôeres e amávamos a nossa casa e trabalhávamos arduamente. Serei breve quanto ao que aconteceu. A guerra chegou ao nosso infeliz povo. A nossa propriedade tornou-se a nossa fortaleza.

Kitchener deu a ordem para nos queimar. Os nossos homens corajosos foram fuzilados diante dos nossos olhos como rebeldes. A minha mãe, o meu filhinho e eu fomos aprisionados num terrível campo de concentração onde os horrores enlouqueceram a minha pobre e velha mãe e o meu filhinho definhou quase até ao esqueleto.

Naquele inferno de campo assolado pela peste e pela doença, jurei vingar os meus entes queridos; e foi assim que, quando me vi livre, dediquei toda a minha mente, corpo e alma a vingar-me do homem que deu a ordem para matar tudo o que eu tinha de mais caro neste mundo.

Plantei a chama do ódio na alma do meu filho e abanei essa chama até que o seu ódio pelo homem que tinha matado o seu pai fosse tão feroz como o meu.

Infelizmente o meu filho desenvolveu tísica, apanhada naquele campo horrível, cuja natureza não pode ser descrita.

Basta dizer que eu e o meu filho acabámos por ter a nossa oportunidade de vingança. Quando a última guerra surgiu estávamos a residir na Escócia, onde o meu filho tinha emprego no carregamento de navios em Scapa Flow. Uma máquina infernal foi levada a bordo do Hampshire sob o disfarce de provisões. Todo o mundo sabe o resto.

Há escassos meses o meu querido filho tossiu até morrer e eu estou sozinha, uma mulher velha. Vou regressar ao meu país para terminar os meus dias e folgo por ter confessado isto a si.

- 'Olho por olho!' Não cometi homicídio nenhum. Tive a minha vingança. — Johanna».*

A carta está datada de 19 de outubro e, conforme mostra o selo postal, foi lacrada às 19h45 dessa data em Tilbury. [2]

CAPÍTULO XV

SOU RECEBIDO POR SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII. CONVERSA SOBRE O ASSUNTO DOS «NÚMEROS FATÍDICOS». SUA SANTIDADE APRESENTA-ME AO CARDEAL SARTO, FADADO A SUCEDER-LHE NO «TRONO DE SÃO PEDRO»

DE todas as experiências notáveis na minha carreira profissional, talvez a mais notável tenha sido a minha entrevista com Sua Santidade o Papa Leão XIII. Permanece na minha memória como uma experiência inesquecível; muitas pessoas me têm instado a contar a história completa dessa visita ao Vaticano e da hora de conversa que tive com Sua Santidade.

Até as circunstâncias que levaram a que a entrevista fosse concedida foram completamente fora do comum; embora penetrar no misterioso interior do Vaticano tivesse sido durante muito tempo o sonho da minha vida, não via perspetiva de o desejo ser concedido. Ainda assim, apegava-

me à impressão de que seria um dia alcançado; até que, finalmente, de uma forma inesperada, os acontecimentos se moldaram de tal modo que o sonho se tornou realidade.

Aconteceu da seguinte forma. Tinha a honra de conhecer o Príncipe Marco Colonna quase desde o início da minha carreira como «Cheiro», e tinha tido a boa fortuna de ser extremamente preciso nas predições relativas a ele e às muitas pessoas que ele me enviava.

Aqui posso mencionar que a família Colonna é uma das mais antigas e honradas da Itália. Embora associados à Corte, têm sido por gerações mais particularmente identificados com o serviço dos Papas. Nenhuma história dos Papas do Vaticano poderia estar completa sem contar a história da família Colonna... que dedicou as suas fortunas e espadas a apoiar o ocupante do Trono Papal.

Durante a minha temporada em Paris, uma tarde o Príncipe deu lá um salto para me ver, e começámos a discutir assuntos ocultos em geral. Falou-me da maravilhosa biblioteca do Vaticano... a maior coleção de livros do mundo, na qual alguns, por assim dizer, era quase ilícito a um homem deitar as vistas, de tão grande que era o conhecimento misterioso neles contido. Falou com reverência da vida santa levada pelo Papa Leão XIII no Palácio Papal, rodeado pelos seus cardeais e assistentes, enquanto o recinto é guardado noite e dia pela famosa Guarda Papal.

Enquanto escutava, senti um desejo renovado de que me fosse permitida a admissão a este Palácio dos Papas, guardado tão zelosamente. Sob o impulso do momento, como se costuma dizer — embora preferisse registar que estes «impulsos» são determinações governadas pelo Destino —, disse ao Príncipe:

— Há anos que anseio ter o privilégio de ver o Vaticano!

Ele pareceu pensativo por um momento, e depois disse calmamente:

— 'Cheiro', por que não?

Encorajado por isto, prossegui: — Sim, mas isso não é tudo. Há muito que acalento o audacioso desejo de ver e conversar com o próprio Papa. Pode não passar de um sonho louco, mas agora que me veio ver, e ouvi a sua conversa, faz-me perguntar se seria possível.

Foi então que o Príncipe Colonna me disse que ia regressar a Roma, e instou-me a que não deixasse de o procurar se visitasse a capital italiana.

— Então — acrescentou ele —, não tenho dúvidas de que o seu desejo poderia ser concedido.

Na altura estava tão ocupado que não via perspetiva de me conseguir ausentar, nem que fosse pelas mais breves férias. Mas escassos dias mais tarde um amigo médico veio ver-me.

— Deve perdoar-me — disse ele — por parecer intrometido, mas está seriamente a trabalhar em excesso; o seu sistema nervoso não consegue aguentar a tensão sem algum descanso; se não tirar sequer escassas semanas, haverá um colapso.

É, como é óbvio, evidente que o trabalho de concentração nos clientes, dia após dia, deve ser extraordinariamente exigente. Muitas noites encontrava-me demasiado exausto para procurar divertimento além da música. Como um relâmpago, veio-me ao pensamento que o médico tinha razão, e que eu devia abrandar, qualquer que fosse a dificuldade de adiar clientes prementes. Mesmo nessa altura, recebi uma carta de um velho amigo que residia em Roma, a perguntar-me se podia ir e ser seu hóspede por escassas semanas.

Num momento, a sucessão de acontecimentos moldou-se perante a minha mente. O meu anseio de anos por visitar o Vaticano... o amável convite do Príncipe Colonna para o ver em Roma... as ordens do médico... e agora este pedido cordial para que fosse à capital italiana. Vi nisso o Destino. Determinei-me a ir e telegrafou nessa noite dizendo que iria.

Ao chegar a Roma, enviei uma mensagem para a residência palaciana do Príncipe Colonna, mencionando que tinha chegado. Ele enviou imediatamente uma mensagem por um criado dizendo que gostaria de me ver no dia seguinte. Quando me encontrei com ele, disse ele:

[1]: Palmistry for All. Putnam and Son. [^2]: Tilbury contém as grandes docas no Tamisa das quais partem tantos navios de linha sul-africanos.

“Meu caro ‘Cheiro’, amanhã oitocentos peregrinos serão recebidos por Sua Santidade, e ele ficará exausto. Mas deixe isso comigo, e farei o melhor que puder. Entretanto, aproveite para visitar os monumentos da nossa antiga cidade.”

Mais tarde, disse-me que conseguira marcar a entrevista para dali a dois dias.

No dia combinado, passou pelo meu hotel e levou-me de carruagem até ao vasto palácio-prisão, como outrora fora, dos Papas de Roma — e que lugar maravilhoso é esse. Dentro dos seus recintos encontra-se a maior coleção mundial de esculturas gregas e romanas; existe um museu egípcio; uma galeria de pintura magnífica, com uma coleção de obras-primas sem igual no mundo; enquanto no Palácio de Latrão se guardam indescritíveis tesouros de objctos de ouro e prata, joias e vestes incrustadas de pedras preciosas. Muito disto me foi contado pelo Príncipe enquanto avançávamos, aumentando naturalmente a minha expectativa.

A minha entrevista seria estritamente "informal" — o que significava que eu seria apresentado especialmente a Sua Santidade. O Príncipe disse-me que o Papa desejava ouvir-me sobre a questão dos números dominarem a vida humana.

A única parte cerimonial da visita foi a receção pelos magnificamente trajados oficiais da Guarda Papal, enquanto aguardávamos a chegada de um Cardeal que nos conduziria aos aposentos interiores.

Percorremos corredores que pareciam intermináveis, cada um deles mergulhado em mistério e antiguidade, envolvidos num silêncio profundo que me impressionou com uma sensação de reverência. Por fim, atravessámos uma sucessão de salas com vista para os nobres jardins do Vaticano.

Ali, sentado numa enorme cadeira colocada junto a um dos espaços das janelas, encontrava-se Sua Santidade o Papa Leão XIII. Detivemo-nos a alguns passos de distância, enquanto o Cardeal que nos acompanhava avançava para anunciar a nossa chegada.

Leão XIII, o ducentésimo quinquagésimo sétimo sucessor de São Pedro, era reconhecidamente um dos mais notáveis ocupantes do Vaticano.

Naquela época (1900), encontrava-se já muito idoso, mas a sua longa vida fora repleta de acontecimentos extraordinários antes de suceder, em 1878, a Pio IX.

Como Cardeal Pecci, Leão XIII fora durante algum tempo Arcebispo Católico Romano da Bélgica, tendo sido apresentado pelo Rei Leopoldo I à Rainha Vitória e ao Príncipe Consorte. Este facto, como é sabido, causou grande indignação entre os sectores protestantes mais extremistas de Inglaterra.

No dia seguinte à sua eleição como Papa, Leão XIII atravessou o Tibre disfarçado para regressar à sua antiga residência no Palácio Falconieri, recolher os seus papéis e voltar depois ao Vaticano, iniciando o que viria a ser uma espécie de prisão voluntária no vasto Palácio dos Papas. Morreu em 1903, pouco depois de celebrar o seu jubileu. Tal era a venerável personagem a quem eu estava prestes a ser apresentado.

Parecia extraordinariamente frágil e espiritual. Primeiro falou rapidamente em italiano ao Príncipe Colonna e, em seguida, fui convidado a aproximar-me. Fez sinal a um dos cardeais e, para minha surpresa, uma cadeira baixa foi colocada junto de mim; o cardeal disse que era desejo de Sua Santidade que eu a utilizasse. Senti-me nervoso ao princípio, embora não houvesse motivo para tal. O Papa falava muito suavemente em francês, mas em breve a sua voz se tornou bastante animada.

— O Príncipe Colonna falou-me de si — disse ele. — Tenho interesse em conhecer um homem que encontrou as personalidades extraordinárias que conheceu. Mas, mais particularmente, gostaria de ouvir da sua própria boca algo sobre a sua estranha teoria da coincidência dos números na vida humana. Agora prossiga, por favor, mas fale devagar e da forma mais clara possível.

Comecei então a demonstrar como certos números dominavam a vida dos indivíduos, explicando que o simbolismo oculto a eles associado nos chegara desde os tempos mais antigos.

Dei como exemplo os principais acontecimentos da vida de São Luís de França e do Rei Luís XVI, mostrando que sempre que o número de intervalo 539 — que correspondia ao número de anos entre o nascimento de um e o do outro — era acrescentado aos acontecimentos conhecidos da vida de São Luís, ocorria um facto exactamente semelhante na carreira do Rei Luís XVI. Esta extraordinária sequência de datas era a seguinte:–

São Luís	**Luís XVI**
Nascimento de São Luís, 23 de Abril de 1215	Nascimento de Luís XVI, 23 de Agosto de 1754
Adicionar intervalo: 539	
1754	**1754**

São Luís	Luís XVI
Nascimento de Isabel, irmã de São Luís, 1225	Nascimento de Isabel, irmã de Luís XVI, 1764
Adicionar intervalo: 539	
1764	**1764**
Morte de Luís VIII, pai de São Luís, 1226	Morte do pai de Luís XVI, 1765
Adicionar intervalo: 539	
1765	**1765**
Início da menoridade de São Luís, 1226	Início da menoridade de Luís XVI, 1765
Adicionar intervalo: 539	
1765	**1765**
Casamento de São Luís, 1231	Casamento de Luís XVI, 1770
Adicionar intervalo: 539	
1770	**1770**
Maioridade de São Luís (Rei), 1235	Ascensão de Luís XVI ao trono (Rei), 1774
Adicionar intervalo: 539	
1774	**1774**
São Luís conclui a paz com Henrique III, 1243	Luís XVI conclui a paz com Jorge III, 1782
Adicionar intervalo: 539	
1782	**1782**
Um príncipe oriental envia um embaixador a São Luís desejando tornar-se cristão, 1249	Um príncipe oriental envia um embaixador a Luís XVI com o mesmo propósito, 1788

São Luís	Luís XVI
Adicionar intervalo: 539	
1788	**1788**
Cativeiro de São Luís, 1250	Cativeiro de Luís XVI, 1789
Adicionar intervalo: 539	
1789	**1789**
São Luís abandonado, 1250	Luís XVI abandonado, 1789
Adicionar intervalo: 539	
1789	**1789**
Início da pastoral sob Jacob, 1250	Início dos Jacobinos em França, 1789
Adicionar intervalo: 539	
1789	**1789**
Morte de Isabel d'Angoulême, 1250	Nascimento de Isabel d'Angoulême em França, 1789
Adicionar intervalo: 539	
1789	**1789**
Morte da Rainha Branca, mãe de São Luís, 1253	Fim do "Lírio Branco de França", 1792
Adicionar intervalo: 539	
1792	**1792**
São Luís deseja retirar-se e tornar-se jacobino, 1254	Luís XVI termina a vida às mãos dos Jacobinos, 1793
Adicionar intervalo: 539	
1793	**1793**

São Luís	**Luís XVI**
São Luís regressa à Madeleine, na Provença, 1254	Luís XVI sepultado no cemitério da Madeleine, em Paris, 1793

Adicionar intervalo: 539

1793	**1793**

Creio que este é um dos exemplos mais curiosos da História a repetir-se em intervalos fixos; além disso, a soma do número de intervalo 539, reduzida a um único algarismo, dá o número 8, e a soma do número de letras no nome L.O.U.I.S XVI resulta igualmente em 8.

Este número, no simbolismo cabalístico, é chamado Justiça.

Sua Santidade acompanhou a minha exposição com a maior atenção, acenando lentamente com a cabeça e colocando ocasionalmente alguma pergunta. Quando finalmente fiz uma pausa, disse:

— Deve conhecer o Cardeal Sarto.

— O Cardeal Sarto também fez um estudo profundo destas matérias. Acredita existir uma curiosa coincidência de números nos acontecimentos da sua própria vida.

No final desta entrevista profundamente interessante e extraordinária, fui conduzido ao Cardeal Giuseppe Sarto, que ocupava o cargo de Patriarca de Veneza. Encontrava-se então em Roma. Certa tarde mandou chamar-me e, da forma mais amável possível, mostrou-me alguns dos tesouros da célebre biblioteca do Vaticano.

Ali, num dos recessos das janelas, entregámo-nos a uma animada conversa sobre números e o seu significado, e depressa percebi que este era um assunto fascinante para o Cardeal Sarto.

O Cardeal, sem mencionar qual considerava ser o seu número dominante, perguntou-me se eu conseguiria descobri-lo, para verificar se coincidia com o seu próprio método. Concordei de bom grado. Deu-me os dados do seu nascimento — 2 de Junho de 1835, em Riese, Itália — e acrescentou que, se eu desejasse, durante a minha permanência em Roma, providenciaria para que eu pudesse consultar os livros e manuscritos sobre ocultismo e números existentes na biblioteca do Vaticano. Foi assim que

tive o inestimável privilégio de vaguear livremente por aquele repositório da sabedoria humana.

No devido tempo apresentei ao Cardeal o resultado do meu trabalho. Ficou satisfeito ao verificar que o meu sistema numérico concordava com o dele e que o número 9 era o dominante da sua carreira.

Os leitores talvez achem interessante saber que o "nove" governou a sua vida de forma muito notável:

Durante nove anos frequentou a escola em Riese.
Durante nove anos foi estudante em Pádua.
Durante nove anos foi coadjutor em Tombolo.
Durante nove anos foi sacerdote em Salzano.
Durante nove anos foi cónego em Treviso.
Durante nove anos foi bispo em Mântua.
Durante nove anos foi cardeal-patriarca de Veneza.

Pelos meus estudos dos seus números, eu sabia que uma vida ainda mais extraordinária estava prestes a abrir-se diante dele. No devido tempo foi eleito Papa Pio X, sucedendo a Leão XIII. Morreu aos oitenta anos, em 21 de Agosto de 1914.

CAPÍTULO XVI

UMA EXTRAORDINÁRIA ENTREVISTA

COM O REI HUMBERTO DE ITÁLIA.

A SUA ÚNICA PERGUNTA: "QUANDO MORREREI?"

Eu encontrara muitas vezes, em Paris, o Príncipe Borghese. Certa noite ofereceu um jantar em minha honra e convidou a Princesa Demidoff e as suas duas filhas, Vera e Olga, raparigas belas e talentosas, que, juntamente com a mãe, a Princesa, seriam assassinadas no seu château, no coração da Rússia, durante a Revolução.

Pouco depois da minha entrevista com o Papa Leão XIII, estava eu a jantar com ele em Roma quando me surpreendeu com a seguinte proposta:

— "Cheiro", fui encarregado de o levar a conhecer o Rei Humberto, no Palácio do Quirinal.

Hesitou por um instante e acrescentou:

— Aconteceu mencionar a Sua Majestade o seu estranho dom de prever o futuro, e ele ficou muito interessado. É extremamente sensível, quase mórbido, no que diz respeito à duração da sua vida… deixarei as coisas assim.

Alguns dias depois passou pelo meu hotel e levou-me ao Quirinal — um palácio vasto, embora de modo algum imponente. O Rei Humberto recebeu-me com grande simplicidade, numa pequena sala que utilizava como confortável salão de fumadores. Atirando-se para uma grande cadeira e acendendo um cigarro, rapidamente me pôs à vontade.

Enquanto lhe relatava alguns acontecimentos do passado, interrompeu-me abruptamente e perguntou:

— Mas diga-me, "Cheiro", quando morrerei?

Antes de ir para Itália eu já lera sobre as atividades dos anarquistas nas principais cidades italianas e, por mera curiosidade pessoal, estudara o significado dos Números Fádicos e, astrologicamente, os acontecimentos relacionados com a vida do Rei Humberto.

Mantendo tudo isto presente na minha mente, pedi ao Rei que me permitisse examinar-lhe a mão direita. A estreita fuga à tentativa de assassinato de 1897, quando o criminoso Passavante tentara matá-lo, estava claramente indicada.

Percebi que o Rei Humberto era um homem corajoso — queria conhecer a verdade devido à responsabilidade da sua posição — e por isso considerei correto dizer-lhe tudo quanto podia.

Enquanto observava as suas mãos com as marcas características, vi, como num quadro vivo, a espada do Destino suspensa sobre a sua cabeça.

Os poucos meses que o separavam do dia fatal destacavam-se nitidamente perante a minha consciência oculta. Ousei dizer-lhe tudo.

— Majestade — disse lentamente — já escapou uma vez ao ataque do assassino e poderá escapar de novo. Mas devo dizer-lhe que, dentro de três meses, todos os sinais apontam para o fim da sua vida.

Empalideceu, retirou a mão, recostou-se na cadeira durante alguns segundos e depois encolheu os ombros.

— Bem, então, se é o Destino… che sarà sarà!

Depois mergulhou no silêncio. Não se ouvia outro som além do tique-taque de um grande relógio. Parecia quase que os momentos do Tempo fugiam rapidamente para Sua Majestade de Itália.

Devo mencionar aqui que, três meses mais tarde, Sua Majestade foi assassinado pelo anarquista Bresci, em Monza, a 29 de Julho de 1900.

Encontrava-me então em Paris e a impressionante confirmação da minha previsão, divulgada pela imprensa continental, conduziu à minha memorável entrevista com o falecido Xá da Pérsia, que relatarei num próximo capítulo.

Na noite do dia em que visitei o Rei Humberto, voltei a jantar com o Príncipe Borghese; estava ansioso por conhecer o resultado do meu encontro com o seu rei. Falei-lhe da minha previsão de perigo — senão mesmo de morte — através das maquinações dos anarquistas. Ficou profundamente perturbado e revelou-me como, durante anos, o Rei Humberto vivera perseguido pelo medo obsessivo do assassinato; numa ocasião, um movimento brusco de um homem no meio da multidão provocara aqueles tiques nervosos no rosto do rei que o desfigurariam até ao fim dos seus dias.

Discutimos então a fascinante questão: poderá o Destino ser evitado?

Mais tarde, encorajado pelo Príncipe, elaborei um mapa horoscópico de todas as cabeças coroadas da Europa e este, juntamente com o meu sistema de Números Fádicos, revelou-se de extremo interesse. No caso do Rei Eduardo, a tentativa de assassinato de Sipido, em Bruxelas, quando ainda era Príncipe Herdeiro, encontrava-se claramente assinalada. O infeliz Czar da Rússia poderia dizer-se vítima de um Destino maligno. Como todo o mundo sabe, foi ele quem teve a inspiração que conduziu à Conferência da Haia e certamente sonhou com uma paz universal. No entanto, o seu país caiu presa da anarquia, enquanto ele próprio estava condenado a um fim violento.

Pode certamente afirmar-se que Nicolau da Rússia poderia ter evitado o Destino. Houve um momento em que poderia ter fugido da Rússia; de facto, a Imperatriz implorou-lhe que partisse para Inglaterra, e chegou mesmo a ser elaborado um plano, mas, como um homem preso num sonho, não conseguiu tomar qualquer decisão até que a abdicação foi seguida da prisão e da tragédia sangrenta final de Ecaterimburgo.

Entre outros, tracei também o mapa da vida do fadado Príncipe Rodolfo da Áustria, cujo trágico fim no château de Mayerling permanece um Mistério da Púrpura.

Rodolfo foi fatalmente infeliz no amor, pois o seu casamento com a Princesa Estefânia, filha de Leopoldo da Bélgica, foi um fracasso terrível; enquanto o seu apaixonado romance com Maria Vetsera terminou com a morte de ambos.

O Grande Napoleão escrevia originalmente o seu nome como *Napoleon Buonaparte*. Mais tarde alterou-o para *Napoleon Bonaparte*. Esta mudança teve um curioso significado, quando analisada segundo o alfabeto hebraico ou caldaico, claramente explicado no meu *Livro dos Números*.

Napoleão equivale, em Números Fádicos, a 5.

Buonaparte também equivale a 5.

O número 5 é considerado um número mágico e era levado pelos antigos gregos como amuleto quando iam para a batalha. Os dois números 5, que somados produzem 10, são igualmente importantes e estranhamente significativos neste caso.

Quando Napoleão alterou a grafia do seu nome para *Bonaparte*, modificou a vibração desta palavra para um 8, número que representa revolução, anarquia, rebeldia, conflito com a justiça humana e, num plano inferior, um fim trágico para a vida.

Embora fosse um grande homem, Napoleão encontrava-se no plano inferior da existência — como se pode verificar observando a forma como o número 8 (Saturno) e o 9 (Marte) dominaram os principais acontecimentos da sua carreira. Como *Napoleon Bonaparte*, os dois nomes totalizam o número 13, número que, no simbolismo oculto associado ao sistema Fádico de letras e números, apresenta a curiosa imagem de um esqueleto empunhando uma foice e ceifando homens; é também símbolo de "poder que, se mal utilizado, trará destruição sobre si próprio".

Tal verificou-se de forma tão evidente na carreira de Napoleão que qualquer comentário adicional seria desnecessário.

No caso de Napoleão III, o número composto tornou-se 44, que, no meu sistema Fádico, "é um número do mais grave aviso para o futuro; anuncia desastres provocados por associações com terceiros e maus conselhos" — exatamente o que sucedeu a Napoleão III, que caiu da prosperidade como "o homem que perdeu a França".

A soma dos algarismos de datas importantes parece muitas vezes revelar datas posteriores de igual importância.

O exemplo seguinte constitui uma impressionante ilustração da história de França.

A Revolução em França e a queda de Robespierre ocorreram em 1794.

Os números desta data, somados, dão:

1794 = 21

A queda de Napoleão ocorreu em 1815.

1815, somado, dá:

1815 = 15

Queda de Carlos X e revolução em França:

1830, somado, dá:

1830 = 12

Morte do Rei Luís Filipe:

1842, somado, dá:

1842 = 15

Fim da Guerra da Crimeia:

1857, somado, dá:

1857 = 21

O famoso Tratado de Berlim:

1878, somado, dá:

1878 = 24

Perigo de guerra com Inglaterra devido a Fachoda:

1902, somado, dá:

1902 = 12

A Grande Guerra:

1914, somado, dá:

1914 = 15

1929

Uma data que evidentemente possuía considerável importância na história de França.

É um facto algo notável que séries semelhantes de datas fatídicas governem a presente história da Grã-Bretanha. Os detalhes são os seguintes:

Batalha de Waterloo:

1815, somado, dá:

1815 = 15

Ascensão de Guilherme IV:

1830, somado, dá:

1830 = 12

Guerra do Sind:

1842, somado, dá:

1842 = 15

Motim da Índia:

1857, somado, dá:

1857 = 21

Guerra Afegã:

1878, somado, dá:

1878 = 24

Fim da Guerra dos Bóeres:

1902, somado, dá:

1902 = 12

Guerra Europeia:

1914, somado, dá:

1914 = 15

1929

1 – O Livro dos Números, de Cheiro

A queda do Governo Conservador e o triunfo esmagador do Partido Trabalhista — uma das mudanças mais drásticas na história do Império Britânico — ocorreram em 1929.

CAPÍTULO XVII

COMO CONHECI MUZAFFER-ED-DIN, O XÁ DA PÉRSIA, E POR QUE MOTIVO ME CONCEDEU A CONDECORAÇÃO DO "LEÃO E SOL"

Um dos meus encontros mais desconcertantes com cabeças coroadas foi a minha primeira aparição oficial perante o Xá da Pérsia, Muzaffer-ed-Din.

A forma como vim a conhecer o governante persa constitui uma história interessante. Enquanto calculava os "anos fatais" de várias cabeças coroadas, notei que o período de perigo do Rei Humberto de Itália coincidia com um do Muzaffer-ed-Din, o Xá da Pérsia.

Eu tinha afirmado abertamente que, se o meu sistema de previsão se revelasse correto no caso do Rei Humberto, então poder-se-ia esperar, aproximadamente na mesma data, uma tentativa contra a vida do Xá.

Nessa altura o Xá era hóspede da República Francesa durante a famosa Exposição de 1900. Por algum meio a minha previsão chegou aos ouvidos do seu Grão-Vizir.

No devido tempo surgiu o trágico anúncio do assassinato do Rei Humberto, por Bresci, o anarquista, em 29 de Julho. Mal os jornais de Paris tinham impresso a notícia, recebi um visitante no meu apartamento na rue Clement Marot, uma rua próxima da Avenue des Champs-Elysées.

Sem declarar quem era, apresentou-se como um persa muito interessado em previsões e em assuntos ocultos em geral.

"Ouvi dizer", disse ele, "da sua notável previsão da morte do Rei Humberto, e também se diz que previu perigo para o Xá da Pérsia. É verdade?"

Respondi que, tanto quanto o meu trabalho revelava, perigo — e um perigo muito grave — ameaçava o Xá. Acrescentei ainda que, se ele conhecia alguém da comitiva que rodeava o Xá, esperava que os avisasse, para que todas as precauções fossem tomadas, ou poderia haver uma repetição da tragédia italiana em Paris.

Só mais tarde soube que, ao sair, o meu visitante foi diretamente ter com Monsieur Lepine, o chefe da polícia de Paris, e pediu uma guarda dupla de polícia para vigiar a residência do Xá e para o "seguir" sempre que saísse. Foi, de facto, esta guarda extra que salvou a vida do Xá quando esta foi tentada poucos dias depois por Salson, o anarquista.

No dia seguinte ao atentado, o desconhecido persa voltou a visitar-me e, desta vez, revelou-se como o Grão-Vizir. Examinou as mãos e tiraram-se impressões, dando-me uma impressão autografada que tenho diante de mim enquanto escrevo. Disse-me que o seu Mestre Imperial ficara profundamente impressionado com a minha previsão e muito grato pelo meu aviso oportuno. Além disso, ordenara que eu fosse levado à sua presença na noite seguinte, às cinco horas.

Ficou combinado que eu deveria apresentar-me no Palais des Souverains, onde o Xá fora instalado pelo Governo francês, e, à hora marcada, apresentei-me diante da imponente mansão onde o Governante da Pérsia residia. Confesso que senti alguma apreensão perante tal prova. Contudo, decidi manter o domínio sobre mim próprio e esforçar-me por tratá-lo exatamente como se fosse um consulente comum.

Ficou combinado que eu deveria apresentar-me no Palais des Souverains, onde o Xá fora instalado pelo Governo francês, e, à hora marcada, apresentei-me diante da imponente mansão onde o Governante da Pérsia residia. Confesso que senti alguma apreensão perante tal prova. Contudo, decidi manter o domínio sobre mim próprio e esforçar-me por tratá-lo exatamente como se fosse um consulente comum.

Fiquei profundamente impressionado com o silêncio — o silêncio quase sobrenatural — da vasta mansão quando fui admitido e enquanto aguardava, numa pequena antecâmara, o momento da importante entrevista. Os criados, em traje nacional persa, moviam-se sobre veludo; enormes tapetes abafavam todos os sons. Depois, subitamente, o silêncio foi interrompido pelo mais requintado canto semelhante ao de um pássaro que alguma vez ouvi, como o de uma cantora no Paraíso dos Bem-Aventurados. Era arrebatador! Quando terminou, apercebi-me de que tinha estado a prender a respiração, de puro deleite, durante todo o tempo.

Soube mais tarde que a cantora era uma das esposas persas do Xá, que o acompanhara na sua viagem pela Europa. Era costume dela cantar-lhe todas as noites para afastar os acessos de melancolia que o dominavam.

Pouco depois fui recebido por Amin-es-Sultan, o Grão-Vizir, o homem que já mencionei — uma personalidade notável que foi em grande parte responsável pela reorganização da Pérsia em 1900, quando um empréstimo britânico foi lançado em Londres. O Grão-Vizir deu-me algumas indicações sobre a minha conduta ao ser conduzido à "Presença" e acrescentou, em excelente francês:

"A Sua Majestade Imperial está algo difícil hoje! Em circunstância alguma contradiga o que quer que ele diga."

Subimos a esplêndida escadaria e chegámos a um amplo patamar. Diante de uma porta fechada estavam dois oficiais persas com espadas desembainhadas.

Encontrei o Xá sentado num pequeno canapé dourado Luís XVI, sobre uma espécie de estrado elevado. Estava vestido com traje nacional e usava um fez preto ornamentado com um enorme diamante branco. Tinha então cerca de quarenta e sete anos, era de estatura baixa, com feições vincadas, longo bigode preto e olhos escuros penetrantes. A sua expressão era extraordinariamente digna.

Durante alguns minutos após a minha entrada, não deu qualquer sinal de notar a minha presença. Permaneci de pé, algo embaraçado, sem saber

bem o que devia fazer. Depois de falar por alguns instantes com o Grão-Vizir, dirigiu-se-me abruptamente em francês:

O Xá: "Então, Mágico, ouvi falar de si. O meu povo diz-me que foi devido às suas palavras que o tolo do outro dia falhou o seu propósito. Dizem que é um feiticeiro e que consegue ler o Futuro."

"Cheiro": "Tenho tido algum êxito, Majestade."

O Xá: "Em certos aspetos, sem dúvida. Mas viajei e aprendi muito. Tenho os meus próprios Sábios em Teerão e um deles viaja comigo."

Ao dizer isto, indicou um persa muito idoso que se encontrava a alguma distância. Depois de mais alguma conversa, o Xá estendeu as mãos e pousou-as sobre uma almofada colocada numa pequena mesa; enquanto eu as estudava, sentia os seus olhos irónicos a perfurarem-me a alma.

Eram mãos notáveis, e as linhas revelavam um homem simultaneamente fraco e forte de vontade; dominado por si próprio, mas facilmente influenciável; astuto e, ao mesmo tempo, simples — em suma, um conjunto de contradições temperamentais. Disse-lho com o maior cuidado possível, e ele ouviu com extrema atenção. Expliquei também o significado da Linha do Destino extraordinariamente forte, que subia do pulso até à base do segundo dedo.

Sentia que estava a progredir favoravelmente quando, de repente, o meu cliente imperial interrompeu-me bruscamente.

Puxando o longo bigode, como para esconder um sorriso, voltou-se para o Grão-Vizir e disse algo em persa. Falando em francês, o Grão-Vizir declarou:

"'Cheiro', Sua Majestade Imperial diz que tudo o que lhe disse poderia ter sido lido num livro sobre a sua vida, ao qual talvez tenha tido acesso. Mas, para um teste final dos seus poderes, propõe-lhe esta questão: diga-lhe exatamente o que está a acontecer neste momento em Teerão, a sua capital. A sua afirmação será verificada por um telegrama enviado imediatamente. Fale, 'Cheiro', pois o Xá ordena."

Inclinando-me respeitosamente, pedi ao Xá algum objeto pessoal que eu pudesse segurar na mão. Ele deu-me imediatamente um lenço de seda retirado do peito. Apertando-o na palma da mão, fechei os olhos e concentrei toda a minha força de vontade.

Durante alguns segundos — pareceram-me uma eternidade — a minha visão mental permaneceu um vazio absoluto. Pareceume ouvir uma gargalhada seca sair dos lábios sarcásticos do Governante da Pérsia. Depois, de súbito — como, não consigo explicar — uma imagem formou-se com espantosa nitidez diante da minha visão interior. Já não hesitei. Abrindo os olhos e fitando o Xá diretamente no rosto, disse em francês:

"Majestade, acontecimentos graves estão a ocorrer em Teerão, a vossa capital, precisamente nesta hora! O Governador da cidade foi lançado na prisão pela multidão, devido a graves motins relacionados com alimentos que têm assolado a cidade há vários dias. Ele corre perigo de se tornar vítima da ira do povo contra o preço do pão e do trigo."

O Xá soltou uma exclamação de espanto e o seu rosto escureceu ligeiramente.

Erguendo-se parcialmente do canapé, declarou em voz alta:

"O senhor não sabe nada. É um impostor. O que diz é impossível no meu reino. Vá-se!"

Vi-me conduzido para fora da sala por um Grão-Vizir com um ar bastante assustado.

Regressei aos meus gabinetes de consulta com sentimentos contraditórios. Estava convencido de que a minha visão clarividente refletira a verdade, mas — e se não tivesse refletido? Fizera o meu melhor e certamente não apreciava ser chamado impostor quando a acusação era injusta.

Poucos dias mais tarde, um ajudante-de-campo persa entrou precipitadamente nos meus aposentos. Parecia dominado por um grau invulgar de excitação.

"Venha imediatamente", gritou, começando a puxar-me para o casaco e o chapéu. "Sua Majestade, o Xá, quer vê-lo sem demora."

Confesso que senti o coração afundar-se, mas não consegui arrancar mais nenhuma palavra ao oficial.

Fui conduzido à "Presença". Assim que entrei, o Xá inclinou gravemente a cabeça na minha direção, enquanto eu reparava que segurava algo semelhante a um telegrama na mão.

"'Cheiro'", disse ele, com infinita cortesia, "fui injusto consigo. O senhor é... extraordinário!"

Entregou o telegrama ao Grão-Vizir. Este explicou-me que era a resposta a um telegrama enviado no dia da nossa entrevista, anunciando que graves motins tinham sido reprimidos com dificuldade, que o Governador nomeado pelo Xá durante a sua ausência sobrecarregara o povo com impostos sobre o trigo e o pão, que rebentara uma revolução, que o Governador estava preso e que imploravam a ajuda do Xá perante a difícil situação.

As felicitações choveram sobre mim.

Guardo entre os meus bens uma condecoração concedida nessa ocasião pelo agradecido Xá, Muzaffer-ed-Din: a Ordem do Leão e do Sol da Pérsia.

Nesta segunda entrevista, o Xá desejou que eu aplicasse o meu sistema de números à sua vida. Deu-me a sua data de nascimento, 25 de Março de 1853, e, no devido tempo, tracei um quadro dos seus anos. Segundo este, corria por vezes grave perigo de assassinato.

Sucedera ao pai quando este caíra vítima de um fanático impregnado de ideias anarquistas. Era notável como o número 2 era fatal na vida do Xá. Uma tentativa de assassinato em Paris, no segundo dia de Agosto de 1900, poderia ter tido êxito se o meu aviso ao Grão-Vizir tivesse sido ignorado; enquanto no segundo dia do segundo mês (Fevereiro de 1906), duas bombas explodiram sob o seu automóvel em Teerão. Duas pessoas morreram. Em 2 de Setembro de 1907, o Xá abdicou sob pressão e retirou-se para a Rússia, onde morreu no mesmo ano.

CAPÍTULO XVIII

H. M. STANLEY, O FAMOSO EXPLORADOR, APRESENTA-ME A GLADSTONE

Fui apresentado à Senhora H. M. Stanley (mais tarde Lady Stanley), esposa do famoso explorador, e fui convidado a conhecer o próprio Stanley num almoço em sua casa, em Richmond Terrace, Londres.

Devo dizer que receava bastante este encontro, pois ouvira muito acerca da maneira brusca de Stanley com pessoas pelas quais não tinha interesse, e imaginei que não teria qualquer interesse em comum comigo.

Estava, contudo, completamente enganado. É verdade que durante todo o almoço não abriu os lábios; mas, quando as senhoras se retiraram e

ficámos sozinhos, para meu espanto estendeu-me as mãos para que eu as lesse e, em poucos instantes, falávamos como velhos amigos.

Revisitou o passado, revendo-o passo a passo, explicando-me como fora mal compreendido por aqueles que nunca tinham ouvido da sua própria boca o relato daquela memorável travessia da "África Tenebrosa". Parecia reviver cada momento enquanto falava das ansiedades e responsabilidades que tivera de enfrentar, mas não pronunciou uma única palavra acerca dos seus perigos pessoais.

Foi uma tarde memorável para mim, mas tenho o prazer de dizer que não foi a única vez que tive a honra de conhecer o homem que recordarei sempre como "o grande Stanley".

Numa visita posterior a Richmond Terrace, para meu espanto, sugeriu que eu conhecesse Gladstone.

"A Senhora Stanley tratará disso para si, se desejar", disse ele. A Senhora Stanley concordou e sentou-se imediatamente para escrever a carta.

No correio de resposta veio um dos famosos postais de Gladstone, oferecendo-me um encontro para o dia seguinte em Hawarden Castle.

Era um dia quente de Agosto. O Sr. Gladstone tinha feito, no dia anterior, o que creio ter sido o seu último discurso público, quando se dirigiu à Sociedade Hortícola de Chester.

A Senhora Gladstone recebeu-me no vestíbulo, e o meu coração afundou-se quando disse que o Sr. Gladstone estava tão fatigado que ela se via obrigada a recusar qualquer perturbação, sob qualquer pretexto.

Disse-lhe quanto lamentava ouvir falar da indisposição do Sr. Gladstone, mas que teria todo o gosto em regressar de Londres noutra ocasião que ele desejasse, e virei-me para partir.

Nesse momento o "Grande Velho Homem" abriu a porta do seu gabinete.

"Minha querida, é este o cavalheiro que tem encontro comigo às três horas?"

"Sim, mas não deve receber ninguém hoje", respondeu a Senhora Gladstone.

“Mas, minha querida”, observou ele, “este homem veio de Londres a meu convite. É amigo dos Stanley, e será interessante conhecê-lo.”

“Senhor”, disse eu, “por favor não pense em mim. Voltarei outro dia de Londres, quando se sentir melhor.”

“Recebê-lo-ei agora”, respondeu, acrescentando depois, num tom triste: “Posso nunca vir a sentir-me melhor do que hoje.”

Entrámos no seu célebre gabinete, e ele indicou-me um lugar junto da janela. Um dos meus próprios livros encontrava-se sobre uma mesa ao seu lado, e vi com surpresa que evidentemente decidira informar-se acerca do meu trabalho antes de me conhecer. Mais tarde ouvi dizer que este era o seu costume invariável — preparar-se previamente sobre qualquer assunto acerca do qual fosse entrevistado.

Mas havia ainda uma surpresa maior reservada para mim, bem como um exemplo da sua memória extraordinária.

“Disseram-me que é filho do Conde de Hamon”, afirmou. “O seu pai tinha o mesmo amor pelas matemáticas superiores que eu tenho. Correspondemo-nos muitas vezes acerca de problemas difíceis — aqui está um que ele resolveu há alguns anos e que me interessou muitas vezes desde então.”

Enquanto falava, desenrolou várias folhas cobertas de cálculos e figuras algébricas na caligrafia do meu pai.

“O seu pai ainda vive?”, perguntou.

“Não, senhor”, respondi. “Faleceu há pouco tempo.”

“E o senhor”, disse ele, “herdou o mesmo gosto pelos números e pelas matemáticas?”

“Infelizmente não”, respondi. “Os meus cálculos dizem apenas respeito a coisas ocultas e provavelmente não o interessarão.”

“Veremos mais tarde”, respondeu. “Agora explique-me, por favor, as suas teorias acerca deste Estudo da Mão de que os Stanley me dizem que é mestre. Fale devagar e claramente, para que eu possa acompanhá-lo, se conseguir.”

A gentileza e bondade deste homem extraordinário — este homem que tantas vezes influenciara os destinos das nações — cuja inteligência era reconhecida até pelos seus inimigos — venceram completamente o meu

nervosismo e, surpreendido com a minha própria confiança, mergulhei imediatamente no meu tema.

A princípio expliquei rapidamente as teorias associadas a este estudo, apoiando-as com impressões de mãos, mostrando hereditariedade e outros sinais; depois tentei demonstrar que o homem, tal como tudo o mais na vida, possui o seu número assim como o seu lugar neste universo, e que, se esse número pudesse ser determinado, então também poderiam ser determinados os anos correspondentes a esse número, quer para o bem quer para o mal, conforme o caso.

Tomando como exemplo as diferentes vibrações em cada tom musical, com um instrumento muito simples que trouxera comigo, mostrei-lhe como cada vibração produzia diferentes formas na matéria, e que a mesma vibração, repetida dezenas ou centenas de vezes, criava sempre uma figura distinta própria, que nunca variava nos seus princípios fundamentais; que esses tons ou vibrações possuíam o seu número distinto — e assim sucessivamente ao longo da escala da criação até ao homem, que, como imagem do universo, vibrava em exata conformidade com as vibrações daqueles planetas que, como instrumentos de Deus, haviam chamado o universo à existência.

Trouxera comigo a "Máquina do Pensamento" do meu amigo Savary d'Odiardi e, colocando-a sobre a mesa do gabinete, pedi ao Sr. Gladstone que verificasse por si próprio se cada pessoa colocada diante dela não a afetava de uma maneira nitidamente diferente, de acordo com a sua força de vontade irradiando para o exterior através da atmosfera.

Colocando-me junto do instrumento, mostrei-lhe até que ponto conseguia fazer girar a agulha pela força da vontade; depois ele próprio tentou e, chamando alguns criados à sala, testou silenciosamente o aparelho com cada um deles.

Quando voltámos a ficar sozinhos, pedi-lhe autorização para registar um gráfico dos movimentos da agulha quando acionada pela sua vontade e posso acrescentar que, entre os milhares de exemplos que obtive com este instrumento, o do Sr. Gladstone destaca-se como o mais extraordinário em força de vontade e concentração, tal como demonstrado pelo tempo durante o qual conseguia manter a agulha em determinados pontos.

Antes do fim da entrevista, permitiu-me tirar impressões das suas mãos para a minha coleção e, além disso, para demonstrar a sua apreciação

pelo que lhe explicara, autografou e ofereceu-me a fotografia que aqui reproduzo.

A data nela inscrita é 3 de Agosto de 1897. A Senhora Gladstone acabou por interromper a entrevista entrando na sala e anunciando que eram seis e meia.

Senti-me algo culpado, mas, como que para me salvar da sua censura, ele disse: "Minha querida, esta foi uma das tardes mais interessantes que penso ter passado. Não estou fatigado; agora vou mostrar os jardins a este jovem, porque é ele quem deve estar cansado."

Juntos caminhámos sobre aquele relvado, tão perfeitamente cuidado que parecia um pedaço de veludo verde adornado com aqueles magníficos gerânios carmesim que ele tanto apreciava.

Fez-me falar do Canadá e dos Estados Unidos, dizendo quanto lamentava nunca ter visitado esses países, e prosseguiu falando do profundo interesse que sentia pelo rápido progresso alcançado pelos Estados Unidos durante aqueles longos anos aos quais a sua extraordinária memória conseguia regressar.

Finalmente despediu-se e, ao chegar ao portão, detive-me por um momento observando a sua figura afastar-se pelos jardins e desaparecer entre as sombras crescentes da noite e o brilho agonizante do sol.

CAPÍTULO XIX

UMA ESTRANHA HISTÓRIA DE INFLUÊNCIA PRÉ-NATAL

A história seguinte poderá ser considerada macabra por aqueles que, se pudessem, deslizariam pela corrente da Vida ao som de um riso perpétuo; ou que tratariam a existência como a brincadeira de algum deus ocioso que não os responsabilizará pelos seus atos para com os semelhantes.

O estudo da humanidade prova, pelo contrário, que somos tantas vezes responsabilizados perante os outros pelos atos mais irrefletidos como por aquilo que consideramos os planos mais deliberados e cuidadosamente concebidos.

Que a "influência pré-natal" possa lançar aos ventos as regras da sociedade é hoje aceite por muitos estudiosos, e a história que vou relatar constitui, por si só, um exemplo impressionante.

Certa manhã, o correio trouxe-me a seguinte carta:

"MEU CARO SENHOR,

A REITORIA,
—, INGLATERRA.

Tendo lido o seu trabalho sobre a análise do carácter e da disposição através do estudo da mão, tomo a liberdade de lhe enviar a impressão da mão de um rapaz que completou dezoito anos em Junho passado e ficar-lhe-ei grato se tiver a amabilidade de me dar uma descrição tão exata quanto possível do seu carácter e tendências, pois confesso que este rapaz me deixa perplexo quanto à carreira (se alguma) para a qual deveria ser preparado.

Como sinto que não posso oferecer qualquer honorário que compense o seu trabalho, talvez tenha a bondade de considerar este caso como objeto de estudo e enviar-me qualquer conselho que possa dar.

Agradecendo-lhe antecipadamente,

Atenciosamente,"

Embora estivesse literalmente "morto de trabalho" naquele momento da minha carreira, dedicava gratuitamente o meu tempo em muitos casos — mais do que as pessoas poderiam imaginar. Neste caso, a impressão da mão do rapaz interessou-me tanto que não consegui recusar; assim, certa noite, quando o mundo já dormia, pus-me ao trabalho e procurei desvendar um dos mais curiosos emaranhados da natureza humana que alguma vez tinham chegado ao meu conhecimento.

A impressão da mão esquerda mostrava todos os indícios de que este rapaz, fosse ele quem fosse, herdara invulgar poder intelectual e carácter de bons antepassados, altamente inteligentes, refinados e cultos em todos os aspetos; contudo, um simples olhar para a mão direita mostrou-me instantaneamente que todas as boas qualidades recebidas por hereditariedade já tinham sido, mesmo aos dezoito anos, distorcidas e deformadas da maneira mais inconcebível.

O poder intelectual superior indicado na mão esquerda era utilizado pela direita apenas para planear e executar qualquer forma de crime ou vício que lhe despertasse interesse. O refinamento dado pela hereditariedade já se transformara no refinamento da crueldade; a afeição e os instintos mais nobres da natureza tinham sido estrangulados logo no início. Na verdade, via diante de mim apenas uma mente deformada que

não podia deixar de escolher uma vida de crime, e eu tinha absoluta certeza de que essa vida já começara.

Quanto a qualquer sinal de uma carreira legítima, não existia nenhum — um rapaz assim só poderia ser, desde a mais tenra idade, um ladrão inteligente. Mesmo aos dezoito anos, não hesitaria em assassinar, se isso conviesse aos seus planos, e a única esperança que eu podia oferecer era que, naquela idade precoce, alguns dos seus crimes já fossem descobertos e que, para o seu próprio bem, fosse encerrado.

Mas o que poderia ter causado tal transformação? Era essa a questão que me intrigava. Com todos os sinais hereditários tão favoráveis, o que poderia ter lançado no mundo uma mente tão distorcida e pervertida?

Enquanto estudava a mão, convenci-me de que apenas alguma influência pré-natal poderia produzir uma criatura tão anormal.

Terminei o meu estudo e enviei-o ao Vigário nessa mesma noite.

Não tive de esperar muito por uma resposta. Às cinco horas do dia seguinte, o homem mais furioso que alguma vez vi na vida estava diante de mim.

Batendo os pés de raiva, exigiu saber como eu ousava escrever-lhe tal coisa; que o rapaz era o seu próprio filho — o seu único filho — que possuía a mente mais extraordinária que se podia imaginar; que os seus modos estranhos eram apenas sinal de genialidade; e, finalmente, que a minha absurda teoria de alguma influência pré-natal era prova da minha própria loucura, pois a sua esposa era uma santa, ou tão próxima disso quanto uma esposa de clérigo poderia esperar ser.

Jurou que me denunciaria como o maior impostor que alguma vez existira; que moveria céus e terra para me expulsar do país; e assim continuou a desabafar durante mais de meia hora.

Nada do que disse, contudo, conseguiu irritar-me; havia algo que me dizia que eu estava certo nas minhas conclusões e, mais ainda, que dentro de pouco tempo aquele infeliz homem seria destruído pelos problemas que esse mesmo filho lhe causaria.

Mantive-me em silêncio enquanto descrevia como o rapaz se juntara piedosamente a ele em oração na noite anterior, quando o Vigário pedia a ajuda de Deus para encontrar os presentes de casamento da filha, que tinham desaparecido.

Por fim deixou-me para ir à polícia denunciar-me como impostor — mas esse próprio ato acabou por provocar o desfecho e salvar toda a família de um desastre ainda pior. A polícia investigou o caso dos presentes desaparecidos, mas, ao fim de um mês, reconheceu não ter a mínima pista e, para todos os efeitos, abandonou a investigação.

Foi então que a raiva do Vigário contra mim pareceu aumentar ainda mais. Assediou a polícia com cartas até que, um dia, um inspetor me visitou e perguntou-me a razão da hostilidade daquele infeliz homem.

Expliquei o que acontecera e porque declarara, na minha carta, que as conclusões a que chegara eram que a mão do rapaz que examinara era a de um ladrão, se não algo pior. Bem, para resumir o mais possível, pouco tempo depois a polícia descobriu que, havia pelo menos dois anos, tinham ocorrido muitos roubos engenhosos na aldeia próxima da casa do rapaz. Esses roubos eram, porém, tão habilmente planeados e executados que a polícia acreditava que apenas uma mente excecional os poderia ter cometido.

Mas havia algo ainda pior por vir. Durante algumas semanas, o Vigário, a esposa e a filha começaram a sofrer de graves problemas de saúde. Os médicos atribuíram-nos à preocupação causada pelo desaparecimento dos presentes e é difícil imaginar o que poderia ter acontecido se o novo criado, que na realidade era um detetive, não tivesse descoberto, certa noite, o rapaz a misturar pó na farinha com que era feito o pão.

No fim, o rapaz foi enviado para um reformatório por um período muito longo.

Quando o pai conseguiu finalmente levantar-se da cama, a primeira coisa que fez foi visitar-me, e permanecemos bons amigos até à sua morte, ocorrida há pouco tempo.

Certa noite contou-me a seguinte história:

“Nunca pensei muito em coisas como a influência pré-natal até aquela observação na sua carta me levar a refletir nela como possível causa da extraordinária deformação mental do meu pobre filho. Depois de muitas perguntas e reflexões, a minha querida esposa revelou-me recentemente algo de que eu nunca suspeitara minimamente: durante mais de sete meses antes do nascimento do nosso rapaz, sentiu um desejo inexplicável de ler histórias de criminosos e assassinos de toda a espécie.

“Houve um livro que leu nada menos do que três vezes e, curiosamente, nele aparecia o relato de um rapaz de família muito respeitável que já era um ladrão habilíssimo antes dos quinze anos e que, mais tarde, foi executado por envenenar todos os membros da própria família.”

Quando terminou de falar, apertou-me a mão e fez-me prometer que um dia tornaria pública esta história.

“Quem sabe”, disse ele, “o bem que poderá fazer ao alertar as mães para a enorme responsabilidade que têm durante o período pré-natal?”

CAPÍTULO XX

MAIS ENTREVISTAS COM PERSONALIDADES FAMOSAS. LORD RANDOLPH CHURCHILL.

CECIL RHODES. JOSEPH CHAMBERLAIN — AS MINHAS PREVISÕES PARA O SEU FILHO,

HOJE SIR AUSTEN CHAMBERLAIN.

LORD BALFOUR. SIR LIONEL PHILLIPS.

O BISPO DE BIRMINGHAM.

O REVERENDO PADRE BERNARD VAUGHAN.

O DUQUE DE NEWCASTLE. LORD PIRIE

E “BOSS” CROKER DE TAMMANY HALL

Lord Randolph Churchill era extremamente supersticioso em relação ao número 13 e atribuía muitos acontecimentos adversos ao facto de ter nascido no dia 13 de um mês, nomeadamente a 13 de Fevereiro de 1849. Interessou-se pela minha explicação de que a ideia de o 13 ser um número azarento era absurda e que era considerado de mau agouro apenas porque, no Ocultismo da Antiguidade, fora tratado com veneração. Os primeiros padres cristãos tinham, na verdade, espalhado a ideia de que era maléfico e associado às treze pessoas sentadas à mesa na Última Ceia.

Pouco antes da sua lamentada morte em Londres, a 24 de Janeiro de 1895, tive outro breve encontro com o então debilitado estadista, e ele recordou-me que a minha teoria dos números o interessara profundamente. Pelo Rei Eduardo soubera que eu dizia que 4 e 8 eram os seus números fatais e que o ponto mais baixo da sua vitalidade ocorreria na parte do ano

considerada mais influenciada pelo planeta Saturno, nomeadamente o mês de Janeiro.

Cecil Rhodes foi outra personalidade notável que conheci durante uma das minhas muitas temporadas em Londres. Foi-me apresentado certa tarde pelo seu grande amigo Dr. —, que aproveitava todas as ocasiões para afirmar que eu fora extraordinariamente exato nas previsões que fizera para ele próprio.

Cecil Rhodes interessava-se genuinamente pelo tema dos números. Até me conhecer, tinha a ideia de que o número 6 o acompanhara ao longo da vida. Calculei a sua data de nascimento e descobri que, na realidade, o 5 era o seu número dominante. Nascera no dia 5 de Julho, era o quinto filho do pai e partira para a África do Sul no dia 5 do quinto mês de 1879. Recomendei-lhe que realizasse acontecimentos importantes em datas que produzissem esse número.

É significativo que Rhodes tenha rompido a sua ligação com a África do Sul ao demitir-se em 5 de Janeiro de 1896, e contou-me que, depois de me conhecer, passou a realizar todas as especulações importantes em datas que, em qualquer mês, resultassem em 5, como os dias 5, 14 e 23, cuja soma reduzida produz o número 5.

Outra entrevista interessante que tive foi com o Sr. Joseph Chamberlain e também com o seu filho, hoje Sir Austen Chamberlain.

Na manhã de 23 de Junho de 1894, dirigi-me à Câmara dos Comuns para cumprir um encontro marcado com o Sr. Chamberlain.

A minha teoria da hereditariedade, tal como demonstrada pelas linhas das mãos, interessou-o profundamente. Mostrei-lhe uma impressão que acabara de tirar da mão direita do seu filho, Austen Chamberlain, e juntos comparámos as “marcações” com as da sua própria mão.

As duas impressões confirmavam aquilo que tantas vezes eu escrevera nos meus livros acerca da hereditariedade.

Em quase todas as mãos pode encontrar-se uma linha que sobe do pulso em direção ao segundo dedo. Esta linha é chamada Linha da Individualidade ou do Destino e, quando se inclina para o primeiro dedo, indica que a individualidade apontará o caminho, conduzirá ou ditará aos outros — o primeiro dedo é também chamado o Legislador ou Ditador. Esta linha forte parecia estranhamente apropriada à carreira do Sr. Joseph

Chamberlain e também ao futuro indicado para o filho, que seguiu a carreira política do seu distinto pai.

As linhas das mãos do Sr. Chamberlain mostravam muito claramente, quando comparadas com o meu sistema de datas, os anos exatos em que ocupou cargos de grande responsabilidade. No auge da sua carreira, Joseph Chamberlain foi atingido pela paralisia e, como inválido completo, viu-se obrigado a viver uma vida de inatividade até que a morte o libertou finalmente em 2 de Julho de 1914.

Naquela manhã de 23 de Junho de 1894, enquanto estávamos sentados no seu gabinete privado na Câmara dos Comuns, o Sr. Joseph Chamberlain não me falou da Reforma Tarifária. Todos os pensamentos políticos pareciam muito distantes da mente do grande estadista enquanto examinava as muitas impressões de mãos de pessoas célebres que eu trouxera comigo. Era aquela estranha questão da hereditariedade que parecia ocupar mais a sua atenção, e especialmente o notável exemplo dela demonstrado tão claramente na forma da sua própria mão direita e na mão direita do seu filho mais velho. Repetidas vezes comentou como as linhas das duas mãos se pareciam.

"Então afirma", acrescentou pensativamente, "que isso significa que o meu filho Austen terá uma carreira em tudo semelhante à minha. Entrou no Parlamento apenas há dois anos, tendo sido eleito por East Worcestershire em 1892."

"Sim", respondi, "ele também alcançará, como o senhor, alguns dos mais altos cargos da vida parlamentar e atingirá o auge da sua carreira em 1925. Nesse ano obterá um grande triunfo internacional e será sem dúvida um dia o Líder da Câmara dos Comuns; mas, como as linhas e marcações da sua mão, embora situadas nas mesmas posições das suas, não são tão claramente definidas, talvez não possua uma personalidade tão forte quanto a sua, mas em todos os aspetos será o seu duplo."

"Talvez as dificuldades da vida política sejam maiores quando chegar o momento de desempenhar o seu papel e, se sou bom juiz, penso que serão", acrescentou o grande estadista muito gravemente.

Desde então pensei muitas vezes nesta observação, ao ver o Sr. Austen Chamberlain, hoje Sir Austen, ocupar cargos tão elevados como Director-Geral dos Correios, Chanceler do Tesouro, Secretário de Estado para a Índia e Líder da Câmara dos Comuns.

As minhas previsões foram cuidadosamente anotadas pelo Sr. Chamberlain, e tenho razões para saber que foram encontradas entre os seus papéis aquando da sua morte.

Mas é algo ominoso verificar que na mão de Sir Austen existe a mesma tendência na Linha da Saúde que encontrei na Linha da Saúde do pai. Indica de forma claríssima uma tendência para sobrecarregar as forças mentais e físicas, com possibilidade de colapso nervoso. Sir Austen deveria ter cuidado para evitar excesso de esforço e fadiga excessiva, que ameaçam uma retirada forçada precisamente no auge da sua carreira, bem como a probabilidade de um esgotamento nervoso.

A posição das Linhas da Vida e da Cabeça é algo invulgar e quase idêntica nas mãos do pai e do filho.

O falecido Lord Balfour deu-me uma impressão da sua mão, que assinou "A. J. B." e que tenho diante de mim enquanto escrevo. Na sua mão, a linha importante é a do Destino, inclinando-se para a base do primeiro dedo, indicando grande sucesso e destaque na vida pública. Contudo, a própria mão está cheia de complexidades, sendo a de um filósofo habituado a ponderar cuidadosamente os juízos, ao mesmo tempo possuindo aquele tipo ágil de mentalidade capaz de ver simultaneamente ambos os lados de uma questão. A Linha da Mentalidade na sua palma é tão bem marcada que, como a de Gladstone, atravessa toda a palma da mão.

Foi interessante notar na sua mão a completa ausência de indicações relativas ao casamento. Mencionei-lho e ele riu-se com vontade.

"Muito correto, 'Cheiro'", disse. "Estou decidido a permanecer solteiro até ao fim do capítulo e fico satisfeito por o Destino nada revelar em contrário."

Sir Lionel Phillips, o famoso milionário sul-africano e um dos quatro uitlanders *(forasteiros)* condenados à morte pela participação na incursão Jameson, na África do Sul, visitou-me e escreveu no meu livro de autógrafos:

"Até visitar 'Cheiro', não fazia ideia de que os segredos da vida de uma pessoa estavam impressos nas mãos. Àqueles que desejem ocultar a sua história ao olhar de outro ser humano, eu diria — evitem uma entrevista com 'Cheiro'!"

Encontrei Sir Lionel recentemente e contou-me que as minhas previsões no seu caso se tinham concretizado de forma notável, especialmente numa circunstância em particular.

Eu dissera-lhe que teria uma fuga por um triz da morte na Primavera de 1914. Contou-me que, nesse ano, em Abril, caminhava numa rua de Joanesburgo quando foi subitamente atacado por um homem que disparou três vezes sobre ele com um revólver. Ficou gravemente ferido e durante semanas pairou entre a vida e a morte, mas acabou por recuperar.

Vou agora dar aos meus leitores alguns detalhes acerca de um tipo completamente diferente entre as numerosas pessoas que me consultavam. Perguntaram-me por vezes se alguma vez fui consultado por membros do clero.

Permita-me dizer que o número de clérigos que me procuraram, numa altura ou noutra, é extraordinariamente elevado. Alguns vinham abertamente, outros com as golas dos casacos levantadas para esconder o revelador colarinho clerical. Contudo, não me recordo de um único caso em que tenham contestado a exatidão das minhas descrições das suas vidas e do seu caráter. Tenho muitos testemunhos disto no meu livro de autógrafos, no qual muitos clérigos famosos, entre outras pessoas, escreveram o seu apreço pelo meu trabalho. Um deles, que prezo imenso, reza assim:

"A 'Cheiro': O passado totalmente exato. Oxalá se prove que tem razão quanto ao futuro. Muito obrigado pelas suas afirmações claras e pela forma encantadora de contar a história da vida."

A assinatura é de "H. Russell Wakefield", mais tarde na vida o distinto Bispo de Birmingham.

O Padre Bernard Vaughan, de Farm Street, Londres, também se aconselhou comigo e, ao partir, escreveu no meu livro: "Deus o abençoe; seja um ceifeiro bem como um semeador."

Entre os meus amigos clericais estava um homem encantador que eu conhecia apenas como o "Padre". Veio visitar-me várias vezes. Um dia apareceu acompanhado por um cavalheiro cuja mão desejava que eu lesse. Assim fiz, e depois de se despedirem, notei que o meu cliente escrevera no meu livro de autógrafos:

"'Cheiro' contou o meu passado e futuro com uma precisão maravilhosa, especialmente no que diz respeito ao futuro imediato, que ele não poderia de forma alguma saber.

NEWCASTLE."

Foi apenas quando as minhas visitas se tinham ido embora que me apercebi de que o amigo do "Padre" não era outro senão o cavalheiro que foi o falecido Duque de Newcastle.

Lord Pirie também foi um dos meus consultantes. Que carreira maravilhosa, exclama o povo quando o seu nome é mencionado.

Provavelmente não se encontra igual a tão bem-sucedida batalha contra a fortuna, mesmo entre os príncipes do comércio dos Estados Unidos, se é que em algum outro país do mundo.

Ele era simplesmente o Honorável W. J. Pirie quando o conheci.

Entrou na minha sala de receção num dos meus dias mais atarefados e perguntou à minha secretária quanto tempo teria de esperar por uma entrevista. A minha secretária respondeu que, como havia três pessoas à sua frente, talvez fosse melhor regressar noutro dia. Através da porta entreaberta da minha sala de consultas, ouvi a resposta que lhe era tão característica.

"Quando fixo a minha mente em algo, posso dar-me ao luxo de esperar por isso", disse ele. "Por isso, se não se importar, esperarei."

Passara-se mais de uma hora antes de eu estar livre para o receber. Quando entrou na minha sala de consultas, foi com um sorriso brilhante e alegre no rosto, o que mostrava que não guardava qualquer ressentimento por ter sido obrigado a esperar.

Estendeu as mãos sobre a minha mesa e disse, encorajador: "Bem, pergunto-me o que conseguirá descobrir a meu respeito?"

Tracei o início difícil que o Destino o forçou a atravessar nos seus primeiros anos, depois o sucesso que lhe adveio e as posições ainda maiores que estavam diante dele, e dei-lhe datas em que acontecimentos importantes tinham ocorrido, e quando outros ocorreriam.

Após a consulta, ele verificou as datas que eu tinha dado dos acontecimentos passados e falou das várias etapas da sua vida para mostrar quão exatas tinham sido as minhas afirmações.

Ao regressar à Irlanda, escreveu-me a seguinte carta:

“CARO CHEIRO,

QUEEN’S ISLAND,
BELFAST.
14 de Agosto de 1899.

Sinto-me verdadeiramente impelido a dizer-lhe quanto gostei da minha entrevista consigo na passada sexta-feira, e ouvir tantos factos relativos à minha carreira passada dos lábios de um perfeito desconhecido foi absolutamente espantoso.

Eu era cético relativamente ao estudo da mão quando fui ter consigo, mas o pequeno esboço que fez da minha vida, desde a infância até ao presente, foi tão maravilhosamente exato que sou obrigado a admitir que estava completamente enganado na avaliação que fazia desta ciência.

Tendo em conta que afirmou tão claramente, na sexta-feira, que eu estava prestes a receber uma grande honra, é notável que tenha recebido esta manhã uma comunicação privada de que me será conferido o grau honorário de LL.D. pela Royal University of Ireland, em Dublin — distinção que considerarei como a maior que me foi concedida.

Se passar por Belfast, espero que me dê o prazer de lhe mostrar as nossas instalações.

Com os meus mais sinceros cumprimentos,

(Assinado) W. J. PIRIE.”

Um ano mais tarde aceitei o seu convite. A Guerra dos Bóeres estava em curso e eu precisava de um navio para levar a cabo os planos da Princesa de Montglyon, para transportar grandes quantidades de biscoitos e provisões para os soldados na África do Sul. Fui direto à Harland and Wolff's, enviei o meu cartão ao Sr. Pirie e expliquei-lhe o plano e o que pretendia. Ele não hesitou um único momento.

"Terei um barco à sua disposição sempre que estiver pronto para o carregar em Liverpool", disse ele. "Agora que resolvemos esse assunto, venha comigo e deixe-me cumprir a promessa que lhe fiz em Londres."

Durante mais de uma hora, conduziu-me pessoalmente a todos os pontos de interesse naqueles grandes estaleiros navais — estaleiros com os quais ele tinha crescido e que são agora famosos em todo o mundo.

Não muitos anos depois foi agraciado com o título de Lord Pirie, e durante a sua maravilhosa carreira recebeu algumas das mais altas distinções que o Rei ou a nação podem conceder. Apesar de tudo isso, no

entanto, permaneceu sempre o mesmo homem genial, de bom coração, mas excecionalmente prático, que era quando o conheci.

Embora se tivesse tornado possuidor de uma das mais belas mansões em Belgrave Square, creio que preferia o seu longo e magnificamente equipado escritório na parte frontal da Oceanic House, com as suas paredes cobertas de modelos daqueles grandes navios construídos pela sua empresa, e onde muitas vezes tive a honra de o ver em anos posteriores.

Quando conheci Richard ("Boss") Croker, ele era o chefe ativo do Tammany Hall, em Nova Iorque, uma organização política que em poder não tem igual no mundo. Croker confessou ter curiosidade sobre o que eu lhe poderia dizer do futuro, pois tinha "ouvido o seu amigo, o Sr. W. T. Stead, falar de mim".

Por estranho que pareça, o que lhe disse foi a própria coisa que, naquela altura, parecia ser a mais improvável. Disse que ele estava "na encruzilhada dos caminhos" e estava prestes a ceder o seu comando a outro e a trocar a sua vida política por uma de quietude e paz.

Ele evidentemente não tinha intenção de o fazer, e disse-mo muito rudemente quando fiz a minha profecia. Não mais de um ano depois, contudo, surpreendeu toda a gente, com exceção de mim, ao reformar-se e comprar uma propriedade na Irlanda, onde criou um vencedor do Derby e ganhou a fita azul do Turfe inglês com Orby.

CAPÍTULO XXI

UM JANTAR COM LUÍS FILIPE, DUQUE DE ORLEÃES E PRETENDENTE AO TRONO DE FRANÇA.

CONHEÇO O BARÃO VON BISSING,

A INFANTA EULÁLIA DE ESPANHA

E O PRÍNCIPE ALEXIS KARAGEORGEVITCH DA SÉRVIA

TENHO uma recordação vívida de um jantar muito interessante que tive com o malogrado Luís Filipe, Duque de Orleães e Pretendente ao Trono de França, a bordo do seu iate, quando ele discutiu comigo o tema do Ocultismo e demonstrou um conhecimento notável do sistema caldeu de prever acontecimentos futuros através de números.

O jantar estava perfeito. Achei o Duque um companheiro encantador e natural. Durante algumas horas discutimos a interessante questão dos Números Cabalísticos, e mostrei ao Duque quão notavelmente eles governavam certas vidas. Atrevi-me a dizer que temia que os seus anos não passassem dos 57, e a sua morte confirmou-o.

Ele nasceu em 1869, a 6 de fevereiro, somando o ano 24, sendo que 2 e 4 é igual a 6. Em 1887 foi finalmente exilado da sua amada França, dando a soma de 1887 novamente 6. Ao iniciar uma carreira militar em Inglaterra, foi colocado no 60º de Caçadores (60th Rifles), novamente um número 6, com um zero adicionado. Casou-se com a Arquiduquesa Maria da Áustria em 1896, e a soma dá 24, novamente o predominante 6. O seu último período de problemas de saúde, que terminou em morte, começou em junho, o sexto mês.

Relativamente às desventuras da sua vida, ele era profundamente consciente delas, e falava de si próprio como "fatidico". Tinha em seu poder um gráfico notável das vidas dos seus antepassados, desenhado pelo Abade Thurvillier, o Astrólogo de Paris, em 1656. Não apresentava qualquer esperança de uma restauração, embora mostrasse claramente vislumbres de esperança que estavam destinados a ser sufocados no desapontamento.

O falecido Duque nutria muitas superstições curiosas. Tinha muito medo de gatos, e partilhava com Lord Roberts uma aversão quase dolorosa a eles. Tinha também ódio ao verde como cor, e este facto era tão bem conhecido da sua corte em miniatura que quaisquer senhoras que usassem essa cor ultrajante eram severamente barradas.

Por esta altura conheci a bela Princesa Lavalia, uma das mulheres mais fascinantes de Paris nos anos noventa, que me foi apresentada por Lady Arthur Paget. A Princesa era uma espécie de mistério, uma mulher em casa em todas as capitais. Era uma jogadora nata e passava noites inteiras nalguns dos salões de jogo *chic* nas imediações dos Campos Elísios.

Tinha tido uma longa maré de azar e perdera muito pesadamente. Quando a vi na minha sala de consultas, a conversa girou em torno de dias de sorte e de azar, e descobri que, inquestionavelmente, um 6 em qualquer combinação seria o seu número afortunado.

Agindo sob o meu conselho, ela alterou o seu estilo de jogo na roleta, passando de apostas aleatórias em qualquer número que lhe agradasse, para

apostas em números que lhe dessem um 6 em combinação. O resultado foi gratificante e ela recuperou as suas perdas muitas vezes. Como recordação, possuo um presente valioso da Princesa.

Tem havido rumores de que o ex-Cáiser há muito fazia um estudo dos números em relação ao Ocultismo, e tem brincado com a ideia de que o "6-6-6" mencionado no Livro do Apocalipse se referia a si próprio. Se este número for somado, produz 18, que, se somado, dá o dígito final de 9, o mesmo que o número de nascimento do ex-Cáiser, o 27 de janeiro. Quando o número 9 é o algarismo importante, a série de números 3, 6 e 9 governa os acontecimentos da vida. Estes números funcionam de forma muito clara em ligação com a dinastia Hohenzollern. Some os algarismos do fatídico ano, 1914, dá 15, cujo dígito final é um 6.

Foi em 1904, numa bela tarde de primavera, que um cavalheiro alto e de aspeto elegante, com uma aparência militar decidida, entrou na minha sala de consultas em Paris. Trazia uma carta de apresentação de um amigo alemão meu, o Príncipe von Putbus, primo do ex-Cáiser. Falando num excelente inglês, considerando a sua origem teutónica, disse que desejava saber algo sobre o futuro.

O Barão von Bissing, pois era este o meu visitante, tinha uma personalidade bastante cativante, embora a implacabilidade e a força estivessem fortemente em evidência. Não pude deixar de ver, contudo, que uma cortina escura seria descida sobre os seus últimos dias. Indiquei isto tão francamente quanto pude. Descobri, para minha surpresa, que ele também tinha estudado a ciência dos números, e acrescentou que acreditava que os seus dias não seriam longos.

A nossa conversa derivou para o Cáiser, na altura entronizado como o Grande Senhor da Guerra. Mencionou que o Imperador estava muito interessado em Ocultismo, e que na biblioteca de Potsdam estavam vários dos meus livros.

Finalmente, falou da teoria da sobrevivência após a morte.

"Não, 'Cheiro'", disse ele enfaticamente, "quando se morre, é o fim — o acabamento. Nada me convencerá do contrário." E acrescentou com um riso: "Se eu mudar de ideias, depois de partir, faço-lhe saber." O mais estranho é que ele de facto me deu notícias suas cerca de dois anos depois de morrer.

Uma das minhas grandes amigas em Paris era a Madame Lambert de St. Croix, uma senhora de ascendência espanhola e inglesa, que era uma

mulher extremamente inteligente e notável. Era Dama de Companhia da Infanta Eulália de Espanha, tia de Afonso XIII, e costumava acompanhá-la nas suas frequentes visitas a Paris. Um dia ela ofereceu um almoço para que eu pudesse conhecer a Princesa.

A Infanta era uma pessoa deliciosa, efervescente como champanhe e cheia de ditos espirituosos. Insistiu que eu lhe lesse as mãos, o que fiz. Em troca, deu-me uma impressão assinada de um decalque das suas mãos belamente formadas.

Contou-me muitas coisas interessantes sobre a Corte em Espanha — quão extremamente supersticioso era o Rei Afonso e que pavor tinha dos dias de azar. Recordar-se-á que foi feita uma tentativa cobarde no dia do seu casamento para fazer explodir uma bomba debaixo da sua carruagem. Ele dissera antes do casamento que o dia era de mau agouro, um facto que soube através do extraordinário frade espanhol, Philipo Stelato, um misterioso professor do oculto.

A Infanta perguntou-me se eu elaboraria um gráfico da vida do monarca espanhol, e acedi de bom grado ao seu pedido. Fiquei impressionado com as constantes ameaças de desastre e, no entanto, com as sucessivas fugas quase milagrosas. É do conhecimento geral que, uma e outra vez, se disse que o trono de Espanha estava a cambalear; uma e outra vez, também, os assassinos ameaçaram o Rei. Mas o perigo passou, nomeadamente quando enfrentou o perigo de uma morte horrível em Barcelona, dirigindo-se sorridente para aquele foco de anarquia, embora o seu Primeiro-Ministro erguesse as mãos em desespero e dissesse: "Vossa Majestade nunca voltará vivo." A minha previsão à Infanta foi de que o Rei manteria o seu trono até ao ano de 1931; nesse ano ele fugiria de Espanha e, ao fazê-lo, salvaria a sua vida.

Incidentalmente, pode mencionar-se que o pai de Afonso foi baleado na sua lua de mel, enquanto passeava de carruagem com a sua noiva, que, como Princesa Maria de las Mercedes, causou furor pela sua beleza maravilhosa quando veio a Londres mesmo antes do casamento.

O Príncipe Alexis Karageorgevitch consultou-me depois de ter feito os seus planos para ir para a América para se casar lá, com a rica herdeira dos milhões da Swift, que conhecera alguns meses antes em Paris. Eu não sabia com quem estava a falar, mas após um exame das suas mãos, disse-lhe de forma muito decidida que a viagem que estava prestes a fazer só poderia terminar em desapontamento, e que não se casaria senão passados

muitos anos, e mesmo assim apenas depois de uma grande tragédia ter alterado a posição e a fortuna da sua família.

Não obstante o meu aviso, ele foi para a América e encontrou o desapontamento nos seus planos de casamento, exatamente como eu previra. Anos passaram, e a tragédia familiar que eu profetizara teve lugar no horrível assassinato do monarca sérvio e da Rainha Draga, sua consorte. Na sequência deste duplo assassinato, o primo do Príncipe Alexis tornou-se o Rei Pedro da Sérvia.

O Príncipe Alexis foi assim elevado à posição de primo de um monarca reinante e, pouco tempo depois, casou-se com uma senhora americana muito encantadora e rica. Voltou a procurar-me em Paris e previ que o seu país seria em breve arrastado para a guerra e seria praticamente varrido na reviravolta.

Essa previsão foi cumprida pela tragédia da Guerra que abalou o mundo. Hoje, a Família Real Sérvia está empobrecida.

A última vez que o vi foi com a sua encantadora esposa numa visita a Londres e, ao despedir-se, acrescentou:

"Todas as previsões que fez foram cumpridas à letra. Pergunto-me—" depois sorriu e deixou-me.

CAPÍTULO XXII

UMA EXPERIÊNCIA DIVERTIDA COM SIR ERNEST SHACKLETON, O EXPLORADOR. UMA NOITE COM FLAMMARION, O CÉLEBRE ASTRÓNOMO, NO OBSERVATÓRIO DE JUVISY

TIVE uma experiência muito divertida com Sir Ernest Shackleton, o famoso explorador do Antártico, e uma experiência tão diferente daquilo que os meus leitores poderiam imaginar que aquele marinheiro rude e forte se prestasse a fazer, que tenho a certeza de que a apreciarão tanto quanto eu a apreciei no fim. Antes de me vir ver, Sir Ernest tinha, creio eu, a ideia fixa na mente de que eu contava aos meus visitantes tanto pela sua aparência como pelas suas mãos.

Para me baralhar, conseguiu que uma senhora telefonasse à minha secretária e marcasse uma consulta para uma determinada tarde (10 de

fevereiro de 1912). Segundo o relato dela, um famoso tenor viria consultar-me e, para me apanhar ainda mais desprevenido, ela pediu que eu não tivesse janelas abertas, de modo a não pôr em risco o cliente por se sentar numa corrente de ar.

Quando chegou a hora marcada, apareceu um homem vestido de forma muito peculiar. Trazia uma espécie curiosa de casaco preto com uma capa lançada sobre os ombros, do tipo que se associa aos artistas e cantores do Quarteto Latino de Paris; a parte inferior do seu rosto estava coberta por uma barba e bigode bem cortados ao estilo Vandyke, que combinavam com uma bela cabeleira de cabelo loiro.

Para tornar o disfarce ainda mais completo, o meu estranho visitante falava com um sotaque estrangeiro e trazia um grande rolo de música que pousou com muito cuidado na mesa ao seu lado.

Quando finalmente estendeu as mãos diante de mim, esqueci rapidamente a aparência artística do meu visitante e avancei para uma descrição das características reveladas pelas suas mãos de linhas muito bem marcadas. Os pontos principais eram, em primeiro lugar, que ele era um "líder de homens" nato, um homem bravo como um leão, alguém que cortejava e amava o perigo como poucos homens ousariam, e alguém que, naquele momento da sua vida, deveria estar, por todas as indicações das suas mãos, a planear uma das empresas mais arriscadas da sua carreira.

Ele não conseguiu conter-se e fez uma pergunta: "Será bem-sucedida, *Monsieur*?", disse.

"Apenas no sentido de que escapará com vida enquanto nela estiver empenhado", foi a minha resposta.

"E depois?", perguntou ele.

"Depois, levará a cabo outra empresa exatamente semelhante, e será enquanto estiver empenhado nesta segunda que, receio bem, perderá a vida, por volta do seu quadragésimo oitavo ano."

"Uma vida interessante, cheia de acontecimentos e perigosa, suponho que a resumiria assim", disse ele a rir.

"Sim", respondi. "Exatamente o tipo de vida que assentaria a Shackleton, o explorador."

Para meu espanto, o meu visitante removeu a barba postiça e a peruca.

"Bem", disse ele, "como evidentemente não descobre estas coisas pelo rosto, mais vale saber já que sou o Shackleton."

Encontrámo-nos muitas vezes após essa tarde interessante, e tenho a sua carta diante de mim enquanto escrevo agora, desejando-me as maiores felicidades para o Natal seguinte e, ao mesmo tempo, dizendo-me que tinha organizado a sua expedição para tentar descobrir o Polo Sul, com partida marcada para o julho seguinte, em 1914.

Todos conhecem os resultados deste grande esforço; da sua segunda expedição ele nunca mais regressou, encontrando-se sepultado às portas do Antártico. [1]

Fiquei a dever ao meu velho amigo, o Marquês d'Oyley, a apresentação ao famoso astrónomo francês, M. Camille Flammarion, e pouco tempo depois recebi um convite para ir jantar com ele e com a Madame Flammarion *en famille* no seu apartamento perto do célebre Observatório de Juvisy, nos arredores de Paris.

Foi uma noite interessante para mim; não só conheci o mais famoso astrónomo da época, como o convenci a falar sobre o seu estudo favorito das estrelas e dos planetas durante a maior parte de duas horas.

Depois, ele questionou-me sobre o meu próprio estudo e também sobre o sistema de astrologia que eu utilizava em ligação com o meu trabalho. Finalmente, li as suas próprias mãos maravilhosas e, como recordação do nosso encontro, ele ofereceu-me um exemplar assinado do seu livro intitulado *Uranie,* que tinha acabado de ser publicado. Na primeira página escreveu:

"Au savant Chiromancien 'Cheiro' sympathique hommage, Flammarion."

Pouco tempo depois, convidou-me a ir com ele ao Observatório para ver, através de um dos maiores telescópios do mundo naquela altura, os planetas de que tanto tínhamos falado. Assim, numa magnífica noite de junho, uma noite que jamais esquecerei, no alto do Observatório, observámos as estrelas a nascer e a pôr-se durante horas, até ao romper da aurora.

Foi uma noite memorável para mim. A nossa conversa tinha passado das maravilhas da Natureza para as probabilidades da vida após a morte, e o meu anfitrião ouvia com uma atenção arrebatada algumas das minhas experiências em trabalhos de investigação no Espiritismo, e creio que fui o

meio de estimular o seu interesse por tais coisas. As suas investigações sobre telepatia, espiritismo e assuntos afins já vinham de há muitos anos. Recentemente, deu ao mundo vários livros notáveis sobre o tema, tais como os publicados há pouco tempo em Londres por Fisher Unwin & Co., *Death and its Mystery*, e outro volume intitulado *At the Moment of Death*.

Camille Flammarion não hesita em afirmar de forma audaz e clara nestas obras, não só que a "comunicação com aqueles que partiram para o Grande Além" é um facto provado, mas também que o futuro pode ser visto e previsto por aqueles que têm um dom especial nessa direção. Na página 318 do seu livro *Death and its Mystery*, após apresentar muitos exemplos de casos provados em que acontecimentos futuros foram antevistos e previstos com antecedência, este grande cientista e pensador escreve: "conclusão — o futuro pode ser visto".

Mais uma vez, na página 221 do mesmo livro, escreve ele: "os acontecimentos futuros podem, sem dúvida, ser vistos com antecedência", e apresenta exemplos que recolheu de padres, advogados, médicos e pessoas eminentes para provar a sua afirmação.

Ele próprio partiu recentemente para "o Grande Além", onde tenho a certeza de que continua as suas investigações.

CAPÍTULO XXIII

COMO CONHECI O FALECIDO SIR EDWARD MARSHALL HALL, Q.C. SOU QUASE ENVOLVIDO COMO CO-RÉU NUM TRIBUNAL DE DIVÓRCIO. UM EXEMPLO CURIOSO DE CLARIVIDÊNCIA

CONHECI Sir Edward Hall (na altura Sr. Marshall Hall, Q.C.) sob circunstâncias bastante invulgares. Tinha sido notificado para comparecer como testemunha no caso *Keighley contra Modern Society*. O famoso Conselheiro da Rainha (Queen's Counsel) era o advogado principal dos réus e o meu depoimento fora requerido pelo lado da autora.

Brevemente, o caso era o seguinte: por essa altura, um quiromante tinha-se estabelecido com grande pompa e alarde em Bond Street e autoproclamara-se o "maior quiromante do mundo", etc. Tinha como

secretária uma mulher que se intitulava Sra. Cornwallis, cujo nome tinha infelizmente estado envolvido, uns anos antes, com um homem chamado Callan, implicado no alegado mistério da tentativa de assassinato de um tal Hubert Birkin em Tânger.

A revista *Modern Society*, num ímpeto de zelo religioso para a denúncia de quiromantes em geral, tinha, num artigo, confundido esta mulher com a legítima esposa do homem, a Sra. Keighley, e a ultrajada esposa tinha defendido a sua honra movendo uma ação por difamação e processando a *Modern Society* por £1000 de indemnização.

Como eu estava na posição de poder identificar a Sra. Keighley como a verdadeira esposa do homem e de testemunhar a sua reputação honrosa, e que ela não poderia de forma alguma ser confundida com a Sra. Cornwallis, quando o caso foi a julgamento fui chamado como testemunha.

Eu nunca, nem mesmo por curiosidade, tinha visto o interior de um tribunal de justiça antes, e senti-me extremamente nervoso quando, do meu lugar ao fundo da sala, ouvi chamar o nome "Cheiro" e vi o advogado da autora encaminhar-me para o banco das testemunhas.

"Vai ter o temível Marshall Hall a fazer-lhe o contra-interrogatório", sussurrou-me ele, "pelo amor de Deus, mantenha a cabeça fria."

Tal aviso era suficiente para me fazer "perder a cabeça" duas vezes e, jovem como era, com pouco mais de vinte anos, só me espanta não ter caído morto de susto. Lembro-me bem de quão solenemente prestei o juramento de "dizer a verdade e nada mais do que a verdade", beijei a Bíblia e depois voltei-me para encarar o temido Q.C.

Marshall Hall já estava de pé, a olhar para mim com uma expressão curiosa, sarcástica e irónica no rosto que me fez recuperar o controlo como nada mais conseguiria. Ele era, creio eu, o Q.C. mais elegante da Ordem dos Advogados e, na minha mente, enquanto ali estava, ele parecia uma espécie de deus intelectual a chamar-me perante o tribunal da Verdade.

O que se passou entre nós foi tão claramente relatado nos principais jornais daquela data que não posso fazer melhor do que citar uma notícia dessa parte do caso, tal como apareceu:

"CHEIRO" RETRIBUI O GOLPE.

ALGUMAS PASSAGENS DIVERTIDAS COM O SR. MARSHALL HALL.

"O bem-conhecido 'Cheiro' foi a testemunha seguinte. Tudo o que pôde acrescentar ao depoimento foi que, quando viu o artigo na *Modern Society*, considerou que se referia à autora.

Houve várias escaramuças de palavras entre esta testemunha e o Sr. Marshall Hall, advogado dos réus, nas quais 'Cheiro' não levou, de modo algum, a pior."

A Sra. Keighley ganhou a causa; o júri proferiu a sentença a seu favor com £1000 de indemnização e custas.

E agora vem a sequela da minha primeira comparência em tribunal, uma sequela que, por si só, lança mais luz sobre o lado magnânimo do caráter de Marshall Hall e a sua natureza desportiva do que qualquer outra coisa que eu pudesse escrever.

Nessa mesma noite, aconteceu eu estar a jantar no Carlton com o Major Alexander Davis e a sua filha, que mais tarde se tornou Lady Fletcher Moulton. Após o jantar, estávamos a tomar o nosso café na esplanada do Jardim das Palmeiras, junto à entrada do restaurante, quando o meu oponente da manhã, Marshall Hall, passou acompanhado por dois cavalheiros.

Mais uma vez os seus olhos se cruzaram com os meus, mas desta vez havia um sorriso amigável neles. Pedindo desculpa pela intrusão, perguntou se poderia falar um momento comigo. Levantei-me e ele estendeu a mão.

"'Cheiro'", disse ele, "depois da nossa batalha desta manhã, sejamos bons amigos e apertemos as mãos; e deixe-me também dar-lhe os parabéns por ser a única testemunha de que me recordo que, até hoje, levou a melhor comigo."

Apertámos as mãos muito calorosamente e depois, para meu espanto, ele acrescentou:

"Quero vir consultar-me consigo eu próprio, quando me pode dar uma marcação?"

Fixámo-la para o dia seguinte, às cinco horas. Pontual ao minuto, ele chegou; li-lhe as mãos e ele tirou notas de cada palavra que eu disse.

O nosso encontro seguinte foi nos seus gabinetes no Temple. Eu estava preocupado e em grande ansiedade; um golpe terrível, tão repentino como um "raio em céu azul", tinha caído sobre mim e alterado completamente os meus planos.

Tinha assinado um contrato com o famoso Major Pond de Nova Iorque para partir para a América no próximo mês de setembro e dar uma série de conferências nas principais cidades dos Estados Unidos. Tinha inserido anúncios no *The Times* e no *Morning Post* sobre a minha próxima partida, quando fui notificado com aquele papel de aspeto horrível que todos os homens mais temem, a saber, uma citação como co-réu.

Onde poderia eu ir pedir conselho? Marshall Hall, Q.C., veio-me à mente e, sem hesitar, dirigi-me aos seus gabinetes e mandei entrar o meu nome.

Não fui feito esperar um único momento. Fui conduzido à sua sala privada, com a sua vista magnífica para os Jardins do Temple e para a marginal do Tamisa (Thames Embankment).

Marshall Hall estava sentado a uma longa mesa no centro da sala, com uma pilha de papéis nas mãos que examinava rapidamente. Olhei para ele e hesitei. "Como posso eu fazer perder o tempo de um homem tão ocupado com os meus miseráveis problemas?", pensei. Não tive, contudo, muito tempo para pensar. Ele pousou os papéis e, com um forte aperto de mão, exclamou:

"Grandes céus, 'Cheiro', o que se passa? Parece que viu um fantasma!"

"Quem me dera que fosse apenas isso", respondi, "mas é dez vezes pior. Vim perguntar se me ajuda a sair desta coisa terrível", e pousei a citação na mesa diante dele.

Muito seriamente, leu-a até ao fim e depois, com uma expressão humana e bondosa nos olhos, disse:

"Lamento muito" — e depois, num murmúrio, acrescentou: "Culpado, escusado será dizer."

Mal soube o que responder por um momento. Era ainda muito jovem, muito inexperiente no mundo e terrivelmente assustado com a Lei sob todas as formas. Tenho a certeza de que parecia "culpado", pois ele empurrou-me muito gentilmente para uma cadeira e, com um riso baixo, disse:

"Bem, não se assuste, homens melhores do que você já estiveram na mesma posição, mas esperemos que a mulher fosse pelo menos bonita."

"Mas não houve mulher nenhuma!", desabafei.

"Disparates", riu-se ele, "como pode ser co-réu sem uma mulher? Vamos lá, conte-me tudo."

Tão rapidamente quanto possível, contei-lhe tudo o que sabia. Admiti que a senhora me tinha ido ver cerca de uma vez por semana; admiti também que, vendo a minha próxima partida anunciada nos jornais, ela tinha ido despedir-se, mas ao mesmo tempo assegurei-lhe, pela minha palavra de honra, que ela não tinha sido mais para mim do que uma das minhas clientes habituais.

"Isso vai estragar todos os seus planos de ir para os Estados Unidos em setembro", disse Marshall Hall. "O meu conselho é: aguarde por cá até que o caso vá a julgamento; se for para a América, alegarão que fugiu. Quando o caso for a julgamento, pode contar comigo para ser o seu advogado. Se não conhece nenhum solicitador, dar-lhe-ei o meu cartão para um homem de confiança, que entrará imediatamente em contacto com os advogados do requerente. Depois siga o meu conselho: vá gozar umas boas férias e espere pelos acontecimentos."

Mal consegui agradecer-lhe a sua bondade. Peguei no seu cartão e, com o coração mais leve do que quando tinha entrado, fui logo ver o solicitador que ele recomendara.

Achei o Sr. Fairbrother, da firma Fairbrother, Ellis & Co., em Craigs' Court, extremamente compreensivo e amável. Marshall Hall tinha aumentado a sua generosidade telefonando a avisar que eu ia a caminho. O Sr. Fairbrother leu a citação de uma ponta à outra e, embora muito compreensivo, pareceu muito cético em relação à minha negação das acusações que me eram feitas. Foi em vão que aleguei que apenas considerava a senhora em questão como uma das minhas clientes habituais.

"Disparates", disse ele. "Uma cliente habitual não teria vindo, em média, digamos, uma vez por quinzena nos últimos seis meses."

"Não podia impedi-la", aleguei, "e numa daquelas datas específicas que mencionam, em que ela deve ter sido seguida por detetives, veio apenas despedir-se e não permaneceu mais de dez minutos comigo; com certeza isso desmente a acusação."

"Nem um bocadinho", riu-se ele. "Com a epidemia de divórcios neste momento, um bom e velho júri britânico pode meter na cabeça que dez minutos era tempo mais do que suficiente para ter sido culpado dez vezes. A porta da sua sala de consultas estava aberta?"

"Não, claro que estava fechada", respondi.

"Recebeu alguma carta da senhora?"

"Sim, tinha pilhas delas."

"Nunca guardou cartas de senhoras, suponho que vai dizer a seguir."

Sei que corei intensamente. "Sim", admiti, "guardei-as, mas eram cartas belíssimas."

"Claro que eram. As cartas das senhoras em tais circunstâncias são sempre. É melhor trazer essa pilha cá abaixo para eu a ver."

"Lamento, mas não poderei", respondi, "o maço inteiro foi roubado da minha secretária nos últimos dias."

"Com efeito", foi tudo o que ele disse, mas ao mesmo tempo olhou como se não acreditasse em mim. Depois acrescentou: "É uma pena o que aconteceu a essas cartas belíssimas, poderiam ter sido interessantes se lidas em tribunal."

Após mais algumas perguntas, ele empurrou a citação para dentro da sua secretária.

"Vou entrar em contacto com os solicitadores do requerente e mandarei chamá-lo dentro de dias. Adeus, não se preocupe demasiado com isso."

Passada cerca de uma semana, o Sr. Fairbrother mandou-me chamar. "Este caso não é tão simples como parece", foram as primeiras palavras com que fui recebido; "parece que esta senhora mantinha um diário — uma coisa extremamente indiscreta para qualquer mulher fazer — e neste diário registava muito livremente as suas emoções sempre que o via. Tudo muito lisonjeiro para si, meu jovem amigo — mas bastante comprometedor, e poderá exigir uma boa dose de explicações. Lembra-se de um baile de máscaras no Covent Garden na noite de 3 de junho?"

"Sim, recordo-me perfeitamente."

"Lembra-se de algo bastante romântico que tenha acontecido, como dançar com uma senhora de véu ou algo do género?"

"Sim", disse eu, "mas o que é que isso pode ter a ver com o caso? Havia uma senhora num traje oriental, tão velada que eu não conseguia ver-lhe o rosto; era uma excelente dançarina e dancei várias valsas com ela."

"Houve mais alguma coisa que tenha gravado a encantadora dançarina na sua memória?"

"Sim, ela nunca proferiu uma única palavra durante todo o tempo; não importava o que eu dissesse, ela nunca respondia. Atraiu-me ainda mais por essa razão."

"Pela sua palavra de honra, nunca soube quem ela era?"

"Pela minha palavra de honra, não faço ideia de quem fosse. Até fui ao baile de máscaras seguinte na esperança de a encontrar outra vez."

O Sr. Fairbrother ajustou os óculos. Era o verdadeiro tipo de advogado que creio que nada conseguiria surpreender. Muito calmamente, disse:

"Interessar-lhe-ia saber que parece que a senhora de véu com quem tanto dançou não era outra senhora senão a ré no presente caso? Agora, conte-me exatamente o que recorda quanto ao fim da noite; levou a senhora a casa ou algo do género?"

"Não, não exatamente isso; perdi a senhora com quem tinha dançado por volta das três horas da manhã. Procurei por todo o recinto na esperança de a encontrar."

[1]: Sir Ernest Shackleton nasceu a 15 de fevereiro de 1874 e faleceu a 5 de janeiro de 1922, a menos de um mês de completar o seu 48º ano.

Por fim, julguei vê-la a tomar uma taça de champanhe no balcão dos refrescos. Estava de costas para mim e, como imaginei que o seu véu estaria levantado, pensei que seria uma oportunidade para lhe ver o rosto. Aproximei-me de mansinho, mas, no preciso momento em que ia falar, um homem vestido de Mefistófeles agrediu-me no rosto. Perdi a cabeça e bati-lhe de volta com toda a força que pude; ele caiu no chão e dois homens fantasiados levaram-no dali."

"Bem, e o que aconteceu depois?"

"Voltei-me para pedir desculpa à senhora. Descobri, para meu horror, que tinha cometido um erro; embora estivesse vestida com um traje muito semelhante e tivesse o mesmo tipo de silhueta, não era a senhora com quem eu tinha andado a dançar. Mal sabia o que fazer; ela disse que ia embora do baile e que a menor reparação que eu podia fazer seria levá-la a casa de carruagem. Eu próprio estava desejoso de sair dali — por isso, assim fiz."

"Para onde a levou?"

"Para o Hotel Savoy."

"E...?"

"Não houve 'e', Sr. Fairbrother. Tinha chegado a um ponto final, foi tudo. A senhora subiu para o seu quarto, eu saí pela entrada da marginal (Embankment), do outro lado do hotel, apanhei um táxi e cheguei a casa o mais depressa que pude."

"Tem alguma ideia do nome da senhora que tão galantemente levou ao Savoy?"

"Não, nem a mais vaga; nem sonhei em perguntar-lho."

"Uma certa pena, meu amigo; se o tivesse feito, poder-lhe-ia poupar muito trabalho."

"O que quer dizer com isso, valha-me Deus?", perguntei.

"Simplesmente isto: o homem em quem bateu era o marido da ré; os dois homens fantasiados que o levaram eram os seus próprios detetives privados. Eles tinham-no observado a dançar quase toda a noite com a senhora de véu, que era a esposa dele. O marido seguiu-o até à sala de refrescos e, acreditando que ia falar com a mulher dele, agrediu-o no rosto. Poucos minutos depois, foi visto a afastar-se de carruagem com uma senhora em traje oriental; os detetives seguiram-vos. No relatório deles, afirmam que o viram entrar no Savoy com a senhora e, embora tivessem vigiado até de manhã, não o viram sair do hotel — claro que não se lembraram da outra saída.

Pior ainda, a esposa do homem estava de facto hospedada nessa noite no mesmo hotel e estava lá registada, abertamente sob o seu próprio nome. Se conseguisse descobrir quem era a outra senhora, isso certamente o ilibaria, mas sem o depoimento dela, considerando o diário, o maço de cartas que creio que eles conseguiram e todas as circunstâncias — o caso está a começar a parecer muito sério para si, receio bem."

"Mas eu sou perfeitamente inocente, juro que sou, Sr. Fairbrother."

"Pode ser, mas terá de convencer um júri britânico disso, e isso pode não ser tão fácil. Em todo o caso, o requerente está tão furioso que está absolutamente determinado a incluí-lo como co-réu."

"Bem, o que me aconselha a fazer?"

"Fazer? Não pode fazer nada, a não ser esperar. Desista da sua digressão pelos Estados Unidos, descanse bem numa estância à beira-mar durante o resto do verão, ponha-se em boa forma e dê o seu melhor na luta quando o caso for chamado, após a abertura dos tribunais no próximo mês de outubro; esse é todo o conselho que lhe posso dar de momento."

"Mas quando o caso for a julgamento", roguei, "supondo que a ré jura que é tudo um erro, que eu não tive nada a ver com ela, que nunca estive no Savoy e assim por diante, isso não põe fim à questão?"

O Sr. Fairbrother riu-se. "Suponha", disse ele, "que ela apresenta mal o seu depoimento — suponha que não acreditam em si — suponha que ela se divorcia, e depois? Espera-se que um homem de honra se case com a mulher que comprometeu. Se calhar vou estar a redigir as suas capitulações matrimoniais a seguir."

"Espero que não", disse eu, "não me quero casar."

"Bem, o que dizem as linhas da sua mão sobre isso?", troçou ele.

"Dizem que não me casarei senão tarde na vida", respondi rapidamente.

"Bem, então, meu amigo — já que tem tão pouca fé na Lei — será melhor confiar no Destino para o tirar da alhada em que se meteu."

Agradeci ao velho cavalheiro o seu conselho, mas afastei-me com o coração muito pesado, a perguntar-me se o Destino iria, de facto, ajudar-me a sair daquela situação.

Fui mesmo para a beira-mar, pois queria sair de Londres, para longe de qualquer pessoa que conhecesse — por isso, atravessei o Canal em direção a Boulogne-sur-Mer para o resto do verão. Agosto chegou ao fim e eu preparava-me para regressar a Londres sem nenhumas perspetivas felizes de voltar. Para mim, aqueles grandes edifícios dos Tribunais de Justiça que eu tantas vezes tinha parado para admirar projetavam agora uma sombra sobre Londres da qual não conseguia escapar.

Naturalmente, apenas aqueles que já passaram pelo que significa "esperar que o caso vá a julgamento" podem compreender quais eram os meus sentimentos. Eu era demasiado sensível, bem o sabia, mas era dessa mesma sensibilidade que eu tinha vivido e alcançado qualquer sucesso que tivesse. Dava-me conta da tortura absoluta que iria sofrer no banco das testemunhas, mas a única coisa a que me agarrava era que Marshall Hall tinha aceitado estar do meu lado.

À medida que a época em Boulogne se aproximava do fim, o areal ficava mais concorrido do que nunca e, como muitos outros, eu passava quase o dia todo no mar.

Numa tarde muito quente, o barco vindo de Inglaterra desembarcou um número invulgarmente elevado de visitantes; muitos deles foram para a zona de banhos para dar um mergulho antes de regressarem no barco da noite.

Eu estava na água, como habitualmente, a nadar um pouco, quando notei uma mulher, não muito longe, a passar por dificuldades — deve ser de Inglaterra, pensei, pelo fato de banho pouco gracioso que vestia. Tinha julgado bem; no momento seguinte, ela debatia-se na água, sem pé, e a boa e velha palavra inglesa *"help, help"* saía-lhe dos lábios entre cada gole de água salgada.

Com algumas braçadas cheguei até ela; segurando-a pelo pescoço daquele seu fato de banho de aspeto muito sólido, mantive-lhe a cabeça fora de água e levei-a em direção ao areal.

Ela estava a desmaiar de susto, pelo que a levei meio carregada para junto da praia.

De pé diante de nós, a não dez jardas de distância, encontravam-se dois homens, ambos ativamente ocupados a tirar instantâneos — não da praia com o seu desfile de belos banhistas, mas de mim e da mulher semimorta de susto ao meu lado. Um único olhar bastou para me dizer que eram detetives; mas a mulher, quem poderia ser?

Não a bela ré, com certeza; não, mas alguém tão parecida com ela que, a poucos metros de distância, qualquer pessoa seria facilmente enganada. Olhei para baixo, achei que já tinha visto aquele rosto antes. Olhei de novo. Sim, a outra mulher com o traje oriental no baile de Covent Garden — a senhora que eu tinha levado de volta ao Savoy.

O Destino tinha sido, de facto, bom para mim.

Os detetives regressaram a Londres para revelar os seus instantâneos, acreditando ter fotografado a ré e a minha pessoa juntas. Resultado: decorridos poucos dias, recebi uma carta do Sr. Fairbrother com a boa nova de que o requerente tinha retirado as acusações, pedido desculpa e concordado em pagar todas as minhas custas e despesas até à data.

Afinal, embarquei para os Estados Unidos em setembro, assumi a minha cancelada digressão de conferências que tinha sido anulada e não

tive mais "citações" para animar as minhas memórias, facto pelo qual espero que o Destino aceite os meus humildes, mas muito gratos, agradecimentos.

Muito recentemente, Sir Edward Marshall Hall, sabendo que eu estava prestes a publicar as minhas reminiscências, enviou-me as seguintes notas que tinha registado após a sua entrevista comigo em 1899. Intitulou-as "A Previsão" e "O Cumprimento", e publico estas notas exatamente como ele mas enviou.

A PREVISÃO

"Notas registadas após a minha entrevista com 'Cheiro' em 1899.

'Cheiro' disse então: 'Vejo algo tão vividamente que me sinto na obrigação de lho contar, embora, ao mesmo tempo, isto me pareça de tão pouca importância e, de facto, tão impossível que hesito.' Pedi-lhe que me contasse o que via, ao que ele respondeu: 'Toda a situação é tão anómala que não consigo compreendê-la.

Vejo-o de pé na varanda do que parece ser uma grande casa de campo, com um grande jardim por baixo e grandes árvores mesmo em frente. Mas o que é estranho é que os terrenos parecem iluminados por luzes elétricas muito vivas e até as árvores estão iluminadas com lâmpadas coloridas — o que torna tudo ainda mais estranho é que há milhares de pessoas a pisotear os canteiros de flores e a olhar para a varanda, e o senhor parece estar a tentar falar ou a falar de facto.

Estão várias pessoas na varanda, homens e mulheres, e os rostos da multidão estão muito brancos sob a luz forte. Ao seu lado, à sua esquerda, está uma mulher, muito mais baixa do que o senhor, a acenar com um lenço de bolso branco na mão esquerda, e as pessoas lá em baixo estão a clamar. É isto que eu vejo, mas o que significa é mais do que lhe posso dizer.'

Depois disto, ele contou-me muito mais sobre vários assuntos e, mais tarde, os decalques da minha mão regressaram e comparámo-los com os do seu livro, *Cheiro's Language of the Hand,* que ele posteriormente me ofereceu."

O CUMPRIMENTO

"Em agosto de 1900, eu tinha recusado candidatar-me ao Parlamento, e isto apesar de ter recebido três convites para o fazer. Tinha ido para a casa de campo de Ellen Terry, em Winchelsea, com a minha esposa e filha, para jogar golfe em Rye.

Um dia, enquanto jogava golfe, vi o meu criado de estrebaria vir em minha direção com um telegrama que tinha trazido de Winchelsea. Era de Sir Edward Carson, pedindo-me para ir a Londres imediatamente para me encontrar com Lord Derby.

Sabendo que ele não enviaria um telegrama assim a menos que fosse importante, respondi que iria e fui no dia seguinte, tendo-me então sido pedido que disputasse o lugar de Southport na eleição seguinte.

Estava à caça com Hudson Kearley (Lord Devonport) em Marlow e tive de sair cedo para apanhar um comboio em Liverpool Street para o Norte, onde iria caçar no dia seguinte. A minha intenção era enviar um telegrama de Liverpool Street a anunciar a minha recusa em candidatar-me por Southport, mas o meu comboio na G.W.R. tinha-se atrasado e quase perdi o comboio. De facto, as minhas espingardas e a bagagem foram-me entregues já quando o comboio se estava a pôr em marcha.

Foi então que aconteceu uma coisa estranha — adormeci no meu canto, de costas para a locomotiva, e passados tempos acordei deparando-me com o que parecia uma linha interminável de vagões a circular numa linha paralela, na mesma direção em que íamos. Olhei e continuei a olhar e, por mais depressa que fôssemos, demorou muito tempo a ultrapassá-los. O que eram, não sei, mas eventualmente emparelhámos com a locomotiva que os puxava, e ali, em grandes letras douradas na locomotiva, estava este nome: SOUTHPORT.

Isto impressionou-me como sendo muito curioso, o facto de este nome estar no que pensei ser uma locomotiva da G.W.R., e, sendo um pouco supersticioso, comecei a pensar. Pareceu-me um presságio direto e, quando cheguei a Chester, parei na Estação de Telégrafos e enviei um telegrama a dizer que aceitava candidatar-me pelo círculo eleitoral.

Como o tempo urgia, tive de subir quase imediatamente, e foi uma campanha muito árdua, na qual tive, sem dúvida, uma tarefa muito difícil. A votação teve lugar a 11 de outubro de 1900, um dia que eu tinha escolhido por ser sempre um número que entra na minha vida — no dia da votação, a minha esposa e eu tínhamos feito um périplo pelo círculo eleitoral, das 8h00 às 19h00, numa carruagem de quatro cavalos que nos fora emprestada pelo Sr. Formby. Regressámos mortos de cansaço e, ao jantar, a minha esposa perguntou se podia ir assistir à contagem dos votos, que teria lugar nessa noite nos Paços do Concelho.

Disse que NÃO e pedi-lhe em particular que não fosse, pois sabia que ela estava muito interessada e receava que, se eu perdesse, ela ficasse amargamente desapontada; e como as apostas estavam então em 10 contra 1 contra mim, tinha motivos para a minha ansiedade, especialmente porque ela não se encontrava nada bem de saúde. Fui para a contagem de votos e todas as pessoas presentes tiveram de assinar papéis prometendo não divulgar o que ali se passava. Quando a contagem ia a meio, vi subitamente a minha esposa de pé junto a uma das mesas com o meu velho amigo Sam Bigas, e não escondo o facto de ter ficado muito incomodado.

Aproximei-me deles e ele disse: 'Não fique zangado, eu trouxe a Sra. Marshall Hall comigo.' Bem, não tive escolha e, passado pouco tempo, uma das pessoas do nosso partido disse-me que eu tinha sido derrotado por cerca de 300 votos. Eu já tinha andado a percorrer as mesas a contar os maços e não me parecia que a margem fosse tão grande.

Fizemos outra contagem e descobrimos que quatro maços dos meus votos tinham sido acidentalmente colocados em maços vermelhos, as cores do meu oponente, e contados a favor dele. Isto, escusado será dizer, fez uma grande diferença, e o resultado foi que fui eleito por 209 votos, os quais, se somados, perfazem o número 1192.

Nesse momento, o Magistrado de Linha (Returning Officer) disse que o anúncio formal do resultado seria feito dali a dois minutos para permitir que os representantes da imprensa pudessem sair primeiro, e depois acrescentou: 'Posso pedir que ninguém presente sinalize o resultado à multidão lá fora acenando com lenços vermelhos ou azuis, como foi feito numa ocasião anterior?'

Esperámos dois minutos e depois cerca de doze ou mais de nós saímos pelas grandes janelas para uma varanda onde eu nunca tinha estado antes e cuja própria existência me era desconhecida.

Quando saí, quase caí por cima do parapeito baixo em frente, pois ali diante de mim e abaixo de mim estava a reprodução exata da previsão de 'Cheiro'.

Ali estava o que parecia uma grande casa de campo, ali estavam as grandes árvores todas iluminadas, ali estavam as milhares de pessoas com os seus rostos voltados para cima, brancos sob a luz elétrica brilhante das lâmpadas de arco, e ali estavam os canteiros de flores a ser pisoteados pelos seus pés.

E foi então que aconteceu a coisa mais fantástica. Reconheci a cena num instante e, de forma igualmente instantânea, lembrei-me do outro pormenor, e quase soltei uma gargalhada ao pensar que isso, pelo menos, não se poderia reproduzir; mas, voltando-me, vi de pé ao meu lado a minha esposa, que estava a acenar com um lenço de bolso branco na mão esquerda.

Ela tinha-se antecipado à instrução do Magistrado de Linha à letra e não pensou que um lenço branco estivesse incluído na proibição dos vermelhos e azuis.

Creio que Southport é o único local em Inglaterra onde esta cena poderia ter sido reproduzida da forma que foi. Podem pensar o que quiserem disto, mas o que escrevi aconteceu realmente cerca de 16 ou 17 meses depois de 'Cheiro' o ter visto durante a minha entrevista com ele."

Ao enviar-me estas notas, Sir Edward anexou a seguinte carta:

Novembro de 1924.

"CARO CHEIRO,

Poderá interessar-lhe saber que acabo de reler as deduções que tirou das linhas da minha mão em Agosto de 1899, e verifico que, em todos os aspetos, se revelaram maravilhosamente verdadeiras.

Com os meus mais sinceros cumprimentos,

(Assinado) Edward Marshall Hall."

CAPÍTULO XXIV

PORQUE É QUE O LORDE PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE INGLATERRA, LORD RUSSELL OF KILLOWEN, ME DEU DECALQUES ASSINADOS DAS SUAS MÃOS

NOS capítulos anteriores expliquei que, ao encontrar a chave para o número que parece governar a vida de uma pessoa, eu era capaz, com considerável exatidão, de prever em que ano e, nalguns casos, em que mês se alcançaria o clímax da carreira dessa vida. O que se segue é um exemplo notável disso mesmo.

Um dia, a meio de uma das minhas temporadas em Londres, um cavalheiro idoso, muito exigente e de aspeto severo, veio ver-me; vinha

vestido com roupas de lã (*tweeds*), como um qualquer fidalgo de província. Não havia certamente nada na sua aparência ou no seu vestuário que me levasse, por um momento que fosse, a imaginar que ele era já nessa altura uma figura de enorme relevo na profissão jurídica.

As datas, contudo, pareciam interessá-lo e, quando lhe referi certos anos da sua vida passada que tinham causado mudanças importantes na sua carreira, ele deu-me a honra de mergulhar na sua memória do passado e dar-me a satisfação de saber que os anos que eu lhe indicara estavam corretos. Disse-lhe então que num determinado ano e, mais concretamente, num determinado mês desse ano, ele alcançaria o cume de tudo o que constituísse a sua ambição, e que deteria nesse momento a posição mais elevada que a sua carreira lhe poderia conferir.

Ele tomou nota cuidadosamente do que eu lhe disse e depois, num tom algo zombeteiro, disse: "E agora, senhor, já que foi tão longe, mais vale tentar adivinhar a data exata desse maravilhoso acontecimento."

"Chame-lhe uma adivinhação, se desejar", respondi, "mas, pelos meus cálculos, o dia deverá ser qualquer um daqueles dias que, por soma, perfaçam o algarismo 1 no mês de julho de 1894, tais como o dia 1, 10, 19 ou 28; mas vou decidir-me pelo dia 19 desse mês."

Ele anotou isto com cuidado e depois, quando lhe pedi que me desse um decalque da sua mão para a minha coleção, ele voltou-se e disse: "Tê-lo-á num dos dias que mencionou, desde que a sua previsão se venha a verificar"; e assim partiu o meu estranho visitante.

Passaram-se cerca de três anos. Eu tinha-me esquecido completamente do incidente quando, numa manhã, apareceu um funcionário e, sem qualquer explicação, informou-me de que a minha comparência era requerida às doze horas desse próprio dia nos Tribunais Superiores de Justiça.

Não vou entrar nos meus sentimentos nem falar-vos dos meus receios, mas, num estado de espírito extremamente nervoso, acompanhei o homem e acabei por dar por mim à espera numa sala sobriamente mobilada nas traseiras de um dos principais tribunais.

Minuto após minuto passou, até se esgotar quase uma hora. Tinha-me imaginado julgado e executado de cem maneiras diferentes quando, de repente, uma porta lateral se abriu e o Lorde Presidente do Supremo Tribunal (Lord Chief Justice) apareceu diante de mim em toda a majestade das suas vestes oficiais.

Admito que não reconheci o meu cliente de há uns anos mas, sem esperar um único momento, arregaçando as suas mangas de arminho, disse: "Estou disposto a cumprir a minha promessa; pode tirar os decalques das minhas mãos agora."

Eu não trazia comigo nenhum aparelho para fazer tal trabalho, mas não havia um momento a perder. Acendi uma vela de aspeto jurídico que estava em cima da mesa, escureci algumas folhas de papel que o próprio Lorde Presidente encontrou numa gaveta e, em poucos minutos, obtive um excelente decalque das suas mãos.

Pegando numa caneta, ele escreveu: "Russell of Killowen", com a data "July 19th, 1894", e disse simplesmente: "Vê, cumpri a minha promessa; este é o primeiro dia em que visto estas vestes como Lorde Presidente do Supremo Tribunal de Inglaterra — a sua data foi exata, embora como o conseguiu é algo que não consigo imaginar."

Como poderá interessar aos meus leitores, o decalque encontra-se aqui reproduzido, e o mais curioso é que a marca dos Tribunais Superiores de Justiça que estava no papel que ele me deu também se pode ver claramente no decalque, na eminência tenar (na base do polegar).

CAPÍTULO XXV

SARAH BERNHARDT

UMA ENTREVISTA SOB CONDIÇÕES ESTRANHAS

UMA noite, um cavalheiro veio aos meus aposentos e perguntou se eu estaria disposto a ir com ele de carruagem ao encontro de uma senhora cujas mãos ele pensava ser de grande interesse para mim. Concordei e fomos juntos a uma casa situada num grande jardim perto de St. John's Wood.

Tinham-me feito prometer não fazer perguntas, mas devo confessar que fiquei um pouco ansioso quando, após o que me pareceu um tempo considerável, a porta ao fundo de um corredor se abriu e uma senhora, com uma pesada mantilha de renda preta a cobrir-lhe a cabeça e o rosto, veio em minha direção e estendeu as mãos sob uma luz elétrica protegida por um abajur.

Que mãos aquelas! Do meu ponto de vista, de linhas e marcas, fascinaram-me por completo.

Mal sabia o que dizia, pois estava num estado de nervosismo e intensidade extremos, especialmente porque a minha consultante me interrompia de vez em quando com a exclamação: *"Mon Dieu, comme c'est bien vrai"*. Depois, após a minha descrição do caminho de brilho e sucesso — a glória da conquista, os triunfos e também as provações dos bem-sucedidos —, pintei o final do dia: o apagar, uma a uma, das lâmpadas da vida, o lento processo de nivelamento das colinas da esperança e da ambição, e algo mais, que parecia uma tragédia prolongada — e o fim.

As mãos brancas foram afastadas, soluços surgiram de debaixo do véu, até que, de repente, este foi atirado para trás, e os olhos da grande Sarah Bernhardt, aqueles olhos maravilhosos, olharam fixamente nos meus.

Não me cabe, nestes esboços imperfeitos do passado, falar dos meus próprios sentimentos ou das minhas emoções, mas devo admitir que, nesta fase da minha invulgar carreira, senti um ímpeto de orgulho, e de gratidão, para com o estudo que me tinha aproximado tanto da única e inigualável Bernhardt, especialmente quando, na mais doce voz que os meus jovens ouvidos jamais tinham ouvido, ela murmurou uma e outra vez, em francês: "É a coisa mais maravilhosa que alguma vez conheci, maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa."

Mas pensei rapidamente que o público cético nunca acreditaria que eu tinha estado com "a divina Sarah", pelo que lhe entreguei o meu livro de autógrafos e pedi-lhe que escrevesse algo nele como recordação. Sem hesitar um único momento, ela escreveu as seguintes palavras e assinou-as com a sua assinatura caraterística:

"Visto que Deus colocou nas nossas mãos linhas e marcas que contam o nosso passado e futuro, apenas lamento que, a partir destas linhas, não possamos conhecer o futuro daqueles que nos são mais queridos, para que os pudéssemos avisar dos problemas ou desgostos vindouros. Mas Deus faz tudo bem — que assim seja, então. Ámen.

SARAH BERNHARDT."

Antes de partir, tirei o decalque da sua mão, o qual publiquei há anos no meu conhecido livro *Cheiro's Language of the Hand*.

Até a forma da mão de Sarah Bernhardt estava de acordo com o seu bem-conhecido temperamento artístico. No que diz respeito à forma das mãos, creio que uma breve explicação será do interesse dos meus leitores.

Em primeiro lugar, a formação de uma mão deve, com certeza, dizer tanto ao estudante destas matérias como a forma dos membros de um cavalo diz a um perito em equinos. Para este último, cada movimento, cada linha é um indício de linhagem, "forma" e afins, ao passo que um olho experiente é capaz, num instante, de "situar" o cavalo como adequado para uma classe de trabalho ou para outra, de apontar os seus pontos fracos, os seus pontos fortes e se a sua carreira será provavelmente acompanhada de sucesso ou de fracasso.

Da mesma forma, a forma da mão, para a pessoa experiente nestes assuntos, mostra as caraterísticas do indivíduo, a hereditariedade, a linhagem, as peculiaridades de temperamento, e assim por diante, sobre as quais a mentalidade atuará como se de um instrumento se tratasse.

Certamente que não há nada de ilógico em tal raciocínio. Verifica-se que as pessoas com mãos de formato quadrado e pesadas, com dedos de aspeto quadrado e rombo, são metódicas, sólidas e materialistas nos seus pensamentos e ações; ao passo que aquelas que têm mãos rechonchudas, arredondadas e dedos pontiagudos revelam-se impulsivas, excitáveis, artísticas e assim por diante.

O mesmo estudo que demonstrou que a forma das mãos tem o seu significado, também provou que as linhas da palma são o reflexo da mentalidade; descobriu-se que todas as pessoas que possuem linhas retas e de aspeto firme têm personalidades fortes e decididas, que imprimem a tudo o que empreendem a sua força de vontade, a sua precisão e o seu propósito. Algumas podem ter apenas uma linha reta e claramente indicada, e todas as outras levemente marcadas ou vacilantes; nesse caso, verificar-se-á que são decididas no propósito em tudo o que essa linha representa.

No caso da Madame Bernhardt, todas as linhas principais eram estranhamente claras e retas, indicando que ela marcava tudo o que empreendia com uma personalidade própria inconfundível. A carreira da Madame Bernhardt é demasiado bem conhecida para que eu extraia exemplos disso das várias coisas que ela empreendeu, mas é sabido que até a sua escultura foi sempre tão decidida no seu caráter como o seu poder dramático o foi noutro ramo da arte.

Em todos os aspetos, verifiquei que as mãos da grande Sarah estavam em exata conformidade com uma carreira que deslumbrou o mundo logo nos seus primeiros anos, e que se prolongou ao longo de todo o percurso brilhante da sua vida.

Muitas vezes, nos anos que se seguiram à minha primeira entrevista com "a divina Sarah", encontrámo-nos novamente, tanto em Londres como em Paris.

Perto dos anos finais da sua vida, apesar do acidente que fez com que a sua perna fosse amputada, a sua vontade e a sua coragem nunca vergaram. Durante a Grande Guerra, quando deu a sua última atuação no Coliseum de Londres, permaneceu sentada enquanto proferia o seu discurso como o "Espírito da Lorena". Quando a cortina caiu, mandou-me chamar ao seu camarim.

"'Cheiro'", disse ela, ao segurar as minhas mãos nas suas, "a tragédia que previu para o fim da minha vida chegou; a minha voz é tudo o que me resta agora."

Pouco tempo depois foi para Nova Iorque e, no seu regresso a Paris, o fim chegou, como todos sabem. [1]

Nas minhas muitas obras publicadas sobre o Estudo da Mão, tenho falado da qualidade dramática natural indicada quando a Linha da Cabeça está separada da Linha da Vida, como o leitor facilmente notará na mão da maior atriz que se viu nos tempos modernos.

No caso de Sarah Bernhardt, nas páginas anteriores chamei a atenção para a notável Linha da Cabeça, como se desenhada à régua ao longo do centro da sua palma. Gostaria também de mencionar aqui as duas linhas que se elevam acima do pulso e seguem para cima até à base do segundo e terceiro dedos.

A que vai para o segundo é chamada Linha do Fado ou do Destino, e a que vai para a base do terceiro é a Linha do Sol ou do Brilho. Estão muito detalhadamente explicadas nas minhas obras sobre a Mão. [2] Num livro deste género, ocuparia demasiado espaço expor em pormenor a forma extraordinária como estas linhas coincidem com a bem-conhecida carreira de Sarah Bernhardt. Diria apenas, *en passant*, que tais linhas são extremamente invulgares; prometiam brilho e sucesso em tudo o que empreendesse desde os seus anos mais precoces. Fez a sua estreia aos quinze anos, quando entrou para o Conservatório de Paris.

Infelizmente, como se notará, ambas as linhas fortes parecem quebrar-se nos últimos anos, designadamente antes de atingirem a sua terminação na base dos dedos.

Quando esta mulher maravilhosa regressou a Paris, vinda de Nova Iorque na sua última visita, estava à beira da falência. Todos os seus bens já tinham sido vendidos ou penhorados para pagar as suas dívidas. É bem sabido que, para conseguir dinheiro imediato, ela tinha aceitado posar para uma Companhia de Cinema, mesmo sabendo que estava a morrer.

Na manhã do seu último dia na terra, mandou chamar os operadores de filmagem para que subissem ao seu quarto. Numa voz muito fraca e trémula, disse ao médico que estava presente: "Por favor, meu caro, não se oponha, eles pagam-me dez mil francos de cada vez que poso."

Usando a sua força de vontade até ao fim, fez-se amparar na cama e os homens do cinema tiraram a imagem; ao saírem do quarto, a grande Sarah caiu num coma do qual nunca mais acordou.

E a ironia de tudo isto: a Companhia de Cinema faliu, o dinheiro que poderia ter pago o seu funeral nunca se materializou e, no entanto, quase um milhão de francos em flores seguiu o seu caixão até à sepultura. Foi enterrada no caixão de pau-rosa que ela própria tinha desenhado e com o qual tinha viajado por todo o mundo durante mais de trinta anos.

CAPÍTULO XXVI

A FESTA DE BLANCHE ROOSEVELT E OSCAR WILDE. UMA PREVISÃO SURPREENDENTE E O SEU CUMPRIMENTO

UMA tarde, uma mulher invulgarmente bela procurou-me. Era a minha última cliente daquele dia; depois de ela ter saído, revi mentalmente tudo o que lhe tinha dito. Tinha sido invulgarmente exato com ela, dissera-me ela, e passei e repassei na minha mente as coisas que tinha mencionado e as datas que tinha calculado para acontecimentos que pensava que teriam de acontecer. A partir de um sistema próprio peculiar, no qual datas, números e tempo podem ser calculados até um ponto notável, pareceu-me que a minha última visitante estaria ameaçada por um grave perigo de incêndio nessa mesma noite. Algumas pessoas chamarão provavelmente a isto uma espécie de clarividência, mas, na minha forma de pensar, com certos cálculos como base, a mente treinada e intuitiva é capaz de interpretar as "sombras dos acontecimentos vindouros" e de as sentir, tal como até os animais por vezes sentem a aproximação do perigo com horas de antecedência.

Seja como for, fiquei tão convencido deste perigo de incêndio a ameaçar a minha última visitante que, apesar de haver cem razões contra o fazer, determinei vê-la imediatamente e dar-lhe o aviso. Não fazia ideia do seu nome, pois os meus visitantes nunca os davam, mas, ao sair, ela tinha dito ao meu criado para indicar ao cocheiro o nome de um determinado hotel bem conhecido, pelo que me dirigi imediatamente para lá.

A minha descrição na receção do hotel foi suficiente; o meu cartão foi enviado lá para cima e ela recebeu-me. Ao início pensou que eu estava louco e disse-mo francamente, mas acabou por ficar impressionada com a minha seriedade e concordou em deixar o hotel e passar a noite em casa de uma amiga, a Sra. Charles Hawtrey, em Wilton Crescent.

E agora vinha a parte estranha da história. Não ocorreu nenhum incêndio real. Mas o seu cão de estimação, que ela deixara ficar no seu quarto, ficou durante a noite asfixiado por uma fuga de gás que ocorreu sob o soalho desse mesmo quarto.

Foi desta forma que travei conhecimento com a famosa e bela Blanche Roosevelt (Condessa Machetta d'Algri). Blanche Roosevelt era uma daquelas criaturas que, tal como o cometa Halley, apenas cruzam o horizonte da vida uma vez em cada tantas centenas de anos.

Blanche era americana; toda a gente a amava, desde o mendigo na rua ao príncipe no palácio, e todos lhe chamavam Blanche, pois nenhum título parecia adorná-la mais do que o seu próprio e simples nome próprio.

Este ser invulgar, uma verdadeira filha mimada dos deuses, era dotada como poucas mulheres alguma vez o foram. Era escritora e poetisa de não pequeno mérito; o seu *The Copper Queen*, com o seu quadro vívido do incêndio de Chicago, foi considerado um dos melhores romances da época. Conseguia pintar como poucos artistas conseguiam e cantar como poucas *prima donnas*. Liszt adorava-a e encorajava-a na música, ao passo que os grandes Sardou e Bulwer-Lytton tentavam atraí-la para o mundo das letras.

Além dos seus talentos, possuía um encanto de beleza e uma aparente ingenuidade de quem não o sabe que atraía tanto as mulheres como os homens. Até a Rainha Vitória, após a sua apresentação na Corte, tinha solicitado vê-la novamente.

Se eu a conseguisse esboçar, talvez compreendessem — os dentes mais brancos, a pele mais clara, os olhos mais azuis e um cabelo como ouro batido que nenhum artista alguma vez imaginou, uma silhueta divinamente alta com o porte de uma rainha, a graça de uma herdeira de estirpe e, com

tudo isto, a simplicidade de uma criança. Assim era Blanche, em poucas palavras.

Pouco depois do incidente do "incêndio" que mencionei, ela ofereceu um jantar onde ficou combinado que eu leria as mãos através de uma cortina, de modo a não saber quem eram os meus consultantes. Quando o meu trabalho terminou, fui apresentado ao Príncipe Colonna de Roma, ao Duque de Newcastle, à Madame Melba, a Lord Leighton, a Henry Abbey de Nova Iorque e a muitos outros.

O maior sucesso que alcancei nessa noite foi no caso de Oscar Wilde, que se encontrava então no auge da sua fama. Ele tinha estreado nessa mesma noite *A Woman of No Importance*, mas eu pouco pensava, quando as suas mãos um tanto gordas passaram através dos buracos da cortina, que tais mãos pudessem pertencer ao homem de quem mais se falava em Londres naquele momento.

Fiquei, contudo, tão impressionado com a diferença nas marcas das mãos esquerda e direita que, por trás da minha cortina, expliquei que a esquerda denotava as tendências hereditárias, enquanto a direita mostrava as caraterísticas desenvolvidas ou adquiridas; que, como usamos o lado esquerdo do cérebro, os nervos cruzam-se e vão para a mão direita, pelo que a mão direita, consequentemente, mostra a verdadeira natureza e desenvolvimento do indivíduo.

Apontei este caso como um exemplo em que a esquerda tinha prometido o destino mais invulgar de brilho e sucesso ininterrupto, o qual se apresentava completamente quebrado e arruinado a uma determinada data na direita. Quase esquecendo-me de mim por um momento, resumi tudo dizendo:

"A mão esquerda é a mão de um rei, mas a direita é a de um rei que se enviará a si próprio para o exílio."

O dono das mãos não se riu. "Em que data?", perguntou um tanto calmamente.

"Daqui a uns anos", respondi, "por volta do seu quadragésimo ano."

Naturalmente, toda a gente se riu. "Que piada!", disseram; mas, da forma mais dramática, Wilde voltou-se para eles e repetiu gravemente: "A esquerda é a mão de um rei, mas a direita é a de um rei que se enviará a si próprio para o exílio", e sem mais uma palavra retirou-se.

Esse foi o fim da noite. Blanche ficou um tanto incomodada (pelo menos tanto quanto conseguia ficar com o que quer que fosse) por eu ter afugentado a estrela da sua festa. Disse-me que eu era demasiado realista para entretenimentos de sala, pelo que as minhas cortinas foram retiradas e a ceia foi servida em vez da ciência. No dia seguinte, recebi dela a seguinte carta:

"DEAR 'CHEIRO,'

“HOTEL SAVOY,
24 de Outubro de 1892.

Receio que todos nós tenhamos sido demasiado pouco atenciosos ontem à noite, e o senhor demasiado complacente. Peço-lhe que descanse hoje e trate o seu maravilhoso dom com o devido respeito e delicadeza.

Ontem à noite deixou-nos a todos espantados e aterrorizados — estou certo de que alguns ainda se interrogam se é um ser humano ou uma criatura de outro mundo. Eu sei o que penso — disse-lho ontem à noite — repito-o esta manhã e desejo-lhe toda a sorte e um sucesso triunfante.

Sempre fielmente sua,”

BLANCHE ROOSEVELT."

O fim da sua notável vida teve o caráter de uma tragédia que eu tinha previsto com muitos anos de antecedência; receio que seria uma história demasiado longa para incluir nestas memórias.

Não voltei a encontrar Oscar Wilde senão pouco tempo antes de ele dar início ao processo judicial que haveria de terminar de forma tão fatal para si. Veio então ver "se a quebra ainda lá estava". Disse-lhe que sim, mas que certamente o seu Destino não poderia ser quebrado. Ele estava muito, muito calmo, mas num tom distante disse: "Meu bom amigo, sabe bem que o Fado não mantém calceteiros nas suas estradas."

Nunca mais o encontrei até ter viajado por metade do mundo e ter chegado a Paris em 1900. Era uma bela noite de verão na Exposição. Eu tinha estado lá a jantar com amigos e, enquanto estávamos sentados na esplanada de um dos principais restaurantes, uma figura estranha, esguia e destroçada passou e tomou lugar longe da multidão.

Eu não o teria reconhecido se alguns dos presentes no nosso grupo não tivessem exclamado: "Olha, aquele é o Oscar Wilde!" Instintivamente, levantei-me. "Tenho de ir falar com ele", disse.

"Se for", respondeu o meu anfitrião, "já não precisa de voltar."

Aceitei o desafio, dirigi-me a Wilde e estendi-lhe a mão. Na sua terrível solidão, ele segurou-a por um momento e depois desfez-se em lágrimas.

"Meu querido amigo", disse ele, "quão amável da sua parte! Toda a gente me vira as costas agora. Quão amável da sua parte vir ter comigo!"

E depois conversámos — conversámos até a música parar, até o som das vozes e dos passos dos transeuntes se calar e a grande Exposição se envolver na penumbra.

Ele reviveu o julgamento novamente — os erros que tinha cometido, a vida na prisão, a alegria da liberdade — tudo. E depois contou-me a parte mais amarga de tudo: o desalento do desespero, os desprezos e desfeitas dos velhos amigos e a impossibilidade de voltar a recuperar o seu lugar no mundo. Passou tudo em revista como a leitura de um documento humano escrito em sangue.

Não valia a pena oferecer-lhe conforto ou esperança — o seu cérebro era demasiado grande para se alimentar de sonhos — estava desperto para a terrível realidade da vida, para a cruel verdade de que o Fado, para ele, se tinha quebrado.

De repente, após uma explosão de palavras onde a espuma, o fervor e a profundidade, como uma poderosa torrente de linguagem, derrubavam as margens do convencionalismo, o rio pareceu dar-lhe uma ideia e, num segundo, estava junto dele. Enquanto permanecia no parapeito, a lua surgiu e delineou cada curva da silhueta maciça e destroçada que parecia prestes a mergulhar no rio calmo aos seus pés.

Alcancei o seu lado e agarrei-lhe o braço, mas ele voltou-se com a mesma rapidez e, com a gargalhada mais satírica que alguma vez ouvi, disse: "Não, meu rapaz, não dirão que o Oscar tirou a sua própria vida. Como os cães iriam ganir e a imprensa iria ecoar com as suas descrições gráficas! Já me perseguiram bastante, Deus sabe, mas a noite de hoje deu-me a coragem para os enfrentar, e à dor — e à morte — que está cada dia mais próxima. Se nunca praticou uma ação amável na sua vida, praticou uma esta noite ao vir ter comigo com a sua simpatia e a sua amizade. Caminhou no Vale da Sombra comigo — o Getsémani da vida que alguns atravessam mais cedo ou mais tarde.

A sua presença trouxe o passado morto para fora da sua sepultura. Lembra-se daquela noite em casa da Blanche — a mesmíssima noite em que eu tinha alcançado um dos meus grandes triunfos, e lembra-se do que me disse? Quantas vezes tenho pensado nisso desde então; e enquanto desfazia estopa na prisão costumava olhar para as minhas mãos e espantar-me com aquela quebra tão claramente mostrada na Linha do Fado, e também me perguntava porque tinha sido incapaz de seguir o seu aviso.

Fez-me bem esta noite. Trouxe-me de volta a mim próprio. Agora deixe-me caminhar para casa sozinho através das ruas calmas. Certamente nos voltaremos a encontrar nesta grande aldeia que é Paris."

Nunca mais nos encontrámos, mas fui um dos poucos que seguiu o seu caixão até à sepultura no pequeno cemitério de Bagneux, escassos meses mais tarde. Quando expirou a concessão dessa sepultura, o seu corpo foi colocado num novo caixão e transferido para o Père-Lachaise, onde repousa atualmente. [^3]

Lamento não poder publicar os decalques assinados das mãos de Oscar Wilde que tenho na minha coleção, visto que lhe prometi que não o faria.

CAPÍTULO XXVII

UM CURIOSO CASO DE PREVISÃO

O NOME e a fama de James K. Hackett, o distinto ator americano, são bem conhecidos em Londres, onde fez várias aparições de brilhante sucesso. Foi um dos meus primeiros consultantes em Nova Iorque e, como mostram as cartas seguintes, tudo o que previ para ele se concretizou.

Estas duas cartas possuem um interesse peculiar em si mesmas, para além do facto de se erguerem como um testemunho da exatidão do estudo que tantas vezes tenho defendido. Recebi permissão do Sr. Hackett para publicar as duas cartas em questão e sinto-me feliz por acrescentar que as distinções que também previ que seriam derramadas sobre ele lhe foram concedidas.

Tenho diante de mim, enquanto escrevo, o programa da sua famosa atuação em *Macbeth*, em Paris, a 6 de junho de 1921, e o anúncio subsequente de 9 de junho de que "o Sr. Hackett foi agraciado com a Cruz da Legião de Honra"; também que a Cruz da Legião de Honra em miniatura, cravada de diamantes, lhe foi entregue pela Sociedade de

Autores e Escritores Dramáticos, "Como sinal da sua admiração pela sua arte".

Creio que esta é a mais alta distinção que a França alguma vez concedeu a um ator estrangeiro.

[1]: Sarah Bernhardt, nascida em Paris a 22 de outubro de 1845, faleceu a 26 de março de 1923, em Paris.

[2]: Cheiro's Language of the Hand; You and Your Hand; Cheiro's Guide to the Hand; Palmistry for All, por "Cheiro".

[3]: Oscar Wilde, nascido em Dublim a 16 de outubro de 1854. Faleceu em Paris a 30 de novembro de 1900, no seu 46º ano. Foi condenado no Old Bailey, Londres, a 25 de maio de 1895, a dois anos de trabalhos forçados. Tinha então 41 anos de idade.

Morreu, praticamente falando, na pobreza, num pequeno quarto de um hotel na *rue des Beaux-Arts*, nº 13. Algumas semanas antes da sua morte, o Cura de St. Germain-des-Prés converteu-o ao Catolicismo Romano e, a partir dessa altura, duas freiras assistiram-no até ao fim.

"MEU CARO 'CHEIRO',

EM DIGRESSÃO,

LONDRES, onze de abril de mil novecentos e catorze.

Foi com imenso prazer que me voltei a encontrar consigo após vinte anos, e que lhe digo que tudo aquilo de que me lembro das suas previsões ao ler-me a mão, quando eu tinha vinte e três anos, na Grand Central Station em Nova Iorque — graças aos bons ofícios de um amigo que o tratava como o católico comum trata o seu padre: como um conselheiro e orientador —, se concretizou.

Disse-me, enquanto estávamos sentados na carruagem de comboio na Grand Central Station, que eu estava na altura noivo para casar, o que era verdade, e que esse noivado seria quebrado; e, pelo bem da senhora, felicito-a por ter tido o bom gosto de o quebrar.

Disse-me que quando eu tivesse vinte e seis anos alcançaria um grande sucesso. Não conseguiu precisar o que seria, mas que seria algo muito grande. Quando eu tinha vinte e seis anos, interpretei o 'Prisioneiro de Zenda' no Lyceum Theatre, na cidade de Nova Iorque, e a própria magnitude desse sucesso tem-me estrangulado artisticamente desde então.

Disse-me que quando eu tivesse vinte e sete anos conheceria uma mulher muito encantadora e bela, pela qual me apaixonaria e com quem mais tarde casaria. Também me disse que, pouco tempo depois, teria uma doença muito grave, durante a qual estaria muito perto das portas da Morte, mas que acabaria por recuperar. Todas estas previsões se concretizaram absolutamente no ano exato. Disse-me que eu acabaria por entrar na gestão teatral, o que fiz.

Disse-me ainda que, no fim de tudo, receberia todas as distinções que a minha profissão me pudesse conferir. Isso ainda não aconteceu, mas esperemos que esta previsão também se venha a concretizar.

Não mencionei nomes porque são desnecessários. Os nomes são uma questão de registo público, e esta carta é-lhe escrita para confirmar a exatidão do seu juízo tal como me foi expresso naquela altura.

Parto de Londres para Paris na terça-feira. No meu regresso a Inglaterra, o que acontecerá provavelmente dentro de cerca de seis semanas, espero poder entrar em contacto consigo para podermos fumar um cigarro juntos.

Com os meus melhores cumprimentos e toda a certeza de estima,

Subscrevo-me,

Muito sinceramente,

JAMES K. HACKETT."

A segunda carta tem a mesma data e reza assim:

"MINHA QUERIDA 'CHEIRO',

Desde que lhe ditei a minha outra carta, recordei-me de um incidente muito curioso que, na nossa entrevista apressada, me esqueci de lhe contar.

Uma senhora muito estimável, que tinha recusado alguns dos maiores nobres da Europa, em parte devido à sua grande riqueza, e com quem eu tinha uma amizade íntima e do mais encantador trato, regressou a Nova Iorque. Tinha estado no estrangeiro cerca de dois anos.

Eu tinha acabado de ser rejeitado pela minha noiva, a quem me referi na outra carta, e as minhas visitas à senhora que acabara de regressar da Europa — com quem mantinha uma amizade muito sincera e calorosa, e pela qual nutria e continuo a nutrir o maior respeito — foram-me muito gratas.

Num determinado dia, pedi-a em casamento e ela aceitou-me.

De repente, um impulso apoderou-se dela. Subiu as escadas, trouxe um livro cá para baixo e leu-me uma data que o senhor lhe tinha dado, dizendo que, embora hesitasse em aceitar qualquer um de dois cavalheiros europeus, acabaria por aceitar, na data fixada, um homem nascido nos Estados Unidos que ela já conhecia há algum tempo; e a descrição que o senhor fizera do homem ajustava-se exatamente a mim.

A data e os outros pormenores estavam escritos a tinta e pela sua própria mão, e foi nessa data exata que a pedi em casamento. Limito-me a relatar-lhe isto para sua informação e porque acho que é extremamente interessante.

Muito sinceramente,

JAMES K. HACKETT."

O pai do Sr. Hackett, que nasceu em 1800, foi um dos maiores comediantes do palco americano. Depois de alcançar um enorme sucesso nos Estados Unidos, fez a sua estreia em Londres em 1827, exatamente noventa e três anos antes de o seu filho alcançar o seu triunfo em *Macbeth*, a 2 de novembro de 1920, quando a imprensa inglesa o declarou "o maior 'Macbeth' de que há memória viva".

O velho Hackett conquistou a amizade dos homens mais famosos e de todos os principais atores ingleses do seu tempo, tal como o jovem Hackett fez amigos para a vida em Irving, Tree, Wyndham, etc., e contava entre os seus amigos as famílias mais notáveis de Inglaterra; ao passo que, numa recente festa real nos jardins do Palácio de Buckingham, o Rei fez questão de que ele lhe fosse especialmente apresentado.

Na América, o velho Hackett era considerado o maior "Falstaff" da época. Foi amigo de toda a vida do Presidente Lincoln, e é um facto histórico que Lincoln enviou uma ordem ao famoso General Grant, em plena Guerra Civil, para que deixasse a frente de combate por dois dias de licença, a fim de vir a Washington assistir à atuação de Hackett como "Falstaff".

Da mesma forma, o jovem Hackett era um dos amigos mais íntimos do Presidente Roosevelt e, como era tão bom desportista quanto ator, acompanhou Roosevelt em muitas das suas expedições de caça.

James K. Hackett nasceu quando o seu pai tinha sessenta e nove anos de idade, e é uma coincidência curiosa que, quando a sua mãe estava a ser

felicitada pelo nascimento de um rapaz tão extremamente vigoroso e de aspeto saudável, fez a notável previsão de que, sendo o pai o maior "Falstaff" da época, o bebé nos seus braços "seria um dia o maior 'Macbeth' que alguma vez se veria no palco".

Se isto possa ter exercido alguma influência no destino posterior do rapaz é, obviamente, mera conjetura, mas desde os seus tempos de juventude que ele fez um estudo especial da personagem de "Macbeth", e o seu único verdadeiro desgosto na vida foi que a sua mãe nunca tivesse vivido para ver ou saber do seu tremendo sucesso como "Macbeth", tanto em Londres como em Paris.

É uma história interessante de hereditariedade e ajuda a ilustrar quão ignorantes somos de tais leis da natureza. Talvez quando conheci o jovem Hackett — na altura um ator desconhecido — na carruagem de comboio em Nova Iorque, o meu cérebro subconsciente tenha entrado em sintonia com o dele, e a mensagem da sua mãe no passado há muito morto tenha voltado à vida e ecoado através dos meus lábios.

CAPÍTULO XXVIII

O RECONHECIMENTO DE LILLIE LANGTRY.

MELBA, NORDICA, PERUGINI, LILLIAN RUSSELL, CALVÉ, A GRANDE DUSE E JANOTHA,

PIANISTA DA CORTE DO EX-CÁISER

A FAMOSA Sra. Langtry, que mais tarde se tornou Lady de Bathe, escreveu no meu Livro de Visitas já em 1899:

"As previsões de 'Cheiro' sobre o meu futuro irão influenciar-me em todas as minhas decisões — porque estou impressionadíssima com a extraordinária precisão com que ele leu o meu passado.

11 de novembro de 1899. LILLIE LANGTRY."

Muitos anos mais tarde, ela convidou-me para tomar chá nos seus aposentos no Carlton Hotel. Como me lembro bem dessa tarde, com a sua encantadora sala de estar repleta de belas rosas *La France*. Ela parecia tão radiante, tão feliz.

Enquanto conversávamos, chegou da parte do Rei Eduardo uma grande caixa contendo um belo tinteiro de prata e uma carta amigável de

votos de parabéns pelo seu aniversário. Ela tinha-se esquecido completamente de que dia era, [1] mas com a habitual consideração do Rei, ele tinha-se lembrado, e tenho a certeza de que nenhum presente que ele alguma vez ofereceu trouxe mais prazer do que este.

Antes de eu partir, ela presenteou-me com a excelente fotografia que aqui reproduzo, mas aqueles que tiveram o privilégio de conhecer a Sra. Langtry concordarão comigo em que nenhuma imagem lhe fez inteira justiça, nem deu a mais leve ideia do seu maravilhoso encanto de trato, ou daquela bondade de coração que tornava tão devotos aqueles que realmente a conheciam.

Mais tarde recebi a seguinte carta de Lady de Bathe e, por ser um exemplo daquela bondade de natureza que mencionei, creio que será de interesse incluí-la nestes registos:

"MEU QUERIDO 'CHEIRO',

28 REGENT'S COURT,

HANOVER GATE,

15 de abril de 1911.

Soube que regressou a Londres e acho que é justo dizer-lhe quão exatas foram as suas observações no meu caso, e o estranho cumprimento daquilo que disse que iria acontecer durante os últimos dez anos.

Disse-me que eu não seria acompanhada pelo meu marido à América, embora eu tivesse planeado a minha digressão lá expressamente com esse propósito. Não conseguia ver como as suas palavras se poderiam concretizar, mas a Guerra dos Bóeres eclodiu e os acontecimentos desenrolaram-se exatamente como disse que aconteceria.

Previu um escândalo e problemas para mim nos Estados Unidos durante a digressão que eu estava então a projetar. Nisto voltei a duvidar da sua exatidão, pois eu levava uma excelente companhia e uma peça que tinha sido um grande sucesso em Londres; mas o senhor tinha novamente razão, pois cheguei à América durante uma campanha política e a peça em questão, *The Degenerates*, de Sydney Grundy, foi apelidada de imoral por causa do título por aqueles que, num momento assim, estavam de bom grado dispostos a agarrar-se a qualquer coisa para promover os interesses do seu partido. Tive todos os problemas e o escândalo que tinha indicado, sendo nalguns casos perseguida de cidade em cidade.

Mas talvez o incidente mais curioso tenha sido o seguinte. Disse-me que, no mês de julho seguinte, eu sofreria um acidente relacionado com um cavalo, o qual causaria um choque no meu sistema nervoso que me levaria algum tempo a superar. Isto aconteceu quando a minha égua de corrida favorita, Maluma, montada por Tod Sloan, partiu a espádua na corrida da Liverpool Cup e teve de ser sacrificada. Devo confessar, quer as pessoas acreditem quer não, que isto me afetou de tal modo que passou muito tempo antes que eu pudesse recuperar o meu entusiasmo pelas corridas.

Estas são apenas as coisas que sobressaem mais claramente do que outras nos anos que decorreram desde a última vez que o vi, mas mesmo nos pormenores menores, foi igualmente certeiro em tudo o que disse. Acho que é justo escrever-lhe a dizer quão exato tem sido. O encorajamento faz-nos muito bem no nosso trabalho! Se as pessoas compreendessem isto, o mundo estaria cheio de esforços muito melhores.

Acredite-me,

Muito sinceramente sua,

LILLIE DE BATHE." [2]

MELBA

A Madame Melba foi uma das minhas primeiras consultantes quando cheguei a Londres; não tinha marcação, mas apareceu simplesmente uma tarde enquanto subia a Bond Street. Isto foi por volta de novembro de 1888; ela não era conhecida na altura, não tinha feito a sua estreia em Londres; tanto assim que duas senhoras que tinham marcado as suas consultas e esperavam na minha sala de receção se ressentiram com a intrusão dela e, embora ela lhes tivesse pedido para lhe fazerem o favor de a deixar ter a primeira entrevista, elas não abdicaram de um único momento, pelo que a intrusa desconhecida teve de esperar — passou quase uma hora até ser finalmente conduzida para dentro.

Ela aceitou a espera com muito bom humor e troçou comigo por eu ser um favorito do público tão grande. Tinha um sorriso tão doce e era uma mudança tal em relação às duas "gatas" que a tinham precedido, que me entreguei de corpo e alma à leitura das mãos tão expressivas que ela colocou sobre a mesa diante de mim.

Não interrompeu nem disse uma palavra até eu terminar; depois, deu-me a enorme satisfação de me dizer que eu tinha relatado todos os pormenores importantes da sua vida passada e que cada data que lhe tinha

dado tinha sido exata. "Mas há uma coisa", disse ela, "que não consigo compreender. Preveja o senhor, 'Cheiro', que estou à beira de algum grande triunfo ou sucesso, e foi ao ponto de dizer que a minha carreira deveria ser a de cantora; e, no mesmo momento do sucesso, sofrerei uma perda e um amargo desapontamento — como consegue conciliar as duas coisas?"

Fiquei intrigado. "Não sei responder", disse eu, "não sei explicar, mas tenho a certeza de que, se uma acontecer, a outra também acontecerá."

Ela abriu o seu porta-cartões, pegou no meu lápis e escreveu algo num cartão. "Tome", disse ela, "espero que venha testemunhar o meu sucesso amanhã à noite, e não nos vamos ralar com a outra coisa."

Olhei para o cartão: era uma ordem para o Covent Garden para um camarote para mim, assinada Nellie Melba.

Com certeza que fui. Nunca tinha ido a uma ópera na minha vida. Levei comigo um enorme ramo de rosas, que me disseram ser o procedimento correto, e ainda bem que o fiz.

Melba fez a sua estreia nessa noite em *Lucia di Lammermoor* e teve, de facto, um triunfo. O público em massa levantou-se e aclamou-a; flores, ramos e cestos de rosas eram atirados para o palco de todos os lados — foi realmente um triunfo como poucas grandes cantoras alguma vez tiveram.

Pouco antes de a Ópera terminar, um funcionário entregou-me um cartão. Era nada menos do que um convite para me juntar ao seu grupo no jantar de ceia no Savoy.

Uma hora mais tarde, ela sentava-se à cabeceira de uma mesa coberta de flores na sala de jantar privada da suíte Luís XV; havia flores por todo o lado e continuavam a trazer mais ramos. Não me lembro de quem eram metade dos convidados, mas sei que Augustus Harris, a figura principal da Ópera de Londres, estava lá, bem como Henry Abbey da Metropolitan Opera House de Nova Iorque, Lady de Grey, Blanche Roosevelt, o Príncipe Colonna, Jean e Édouard de Reszke, a Madame Nordica e muitos outros.

Melba contou-lhes a história da sua visita a mim no dia anterior e eu fui colocado ao seu lado à mesa.

Havia ainda uma cadeira vaga — ninguém parecia notar, exceto Melba. Nesse momento, a sua criada entrou e sussurrou-lhe algo; por um instante, o seu rosto anuviou-se, o sorriso brilhante desapareceu, ela voltou-se para mim e disse num tom baixo: "Tinha razão, 'Cheiro', o triunfo e a perda vieram juntos."

Foi apenas no dia seguinte que alguns dos seus amigos mais íntimos souberam que, enquanto ela alcançava o seu grande sucesso na Ópera, um protegido russo — um jovem a quem, pela bondade da sua arte, ela estava a ajudar a iniciar uma carreira musical — se tinha esquivado de volta ao hotel dela e, sumindo-se com pelo menos cinco mil libras em joias, tinha apanhado o comboio da noite para o Continente.

Alguns anos mais tarde, Melba e eu voltámos a encontrar-nos em Nova Iorque; veio novamente para uma consulta e, ao partir, escreveu no meu livro de autógrafos:

"O senhor é maravilhoso. Que mais posso dizer?

NELLIE MELBA."

Ao regressar ao seu hotel, enviou-me a fotografia assinada que acompanha este capítulo.

A grande Melba nasceu em Melbourne, Austrália, a 19 de maio de 1859; adotou o seu nome artístico a partir da cidade em que nasceu. Faleceu a 22 de fevereiro de 1931, em Melbourne. Em reconhecimento pelo seu trabalho em prol dos soldados britânicos durante a Grande Guerra, foi agraciada com o título de Dama do Império Britânico.

MADAME NORDICA

Na minha primeira viagem para a América, a Madame Nordica enviou-me um bilhete encantador convidando-me para ir tomar chá nessa noite no seu camarote. Descobri que o Signor Perugini, o conhecido tenor, também tinha sido convidado; após o chá, a conversa derivou para o meu trabalho e Nordica pediu-me para ver se Perugini ia realmente retirar-se para uma vida religiosa, como vinha planeando fazer há meses.

Podem imaginar a incredulidade deles quando anunciei que Perugini iria, pelo contrário, em menos de um ano, casar-se com uma mulher da sua própria profissão, ser felicitado por todos, e no entanto o casamento estaria acabado antes de seis meses e, em pouco mais de um ano, terminaria num divórcio e separação sem esperança.

"Um bocado rápido, mesmo para os Estados Unidos", riram-se eles — e no entanto foi exatamente o que aconteceu. Como todos sabem, ele foi contratado ao desembarcar para cantar na Companhia de Lillian Russell no Casino; em escassos meses casou-se com esta bela prima donna, na altura a deusa do palco americano; em menos de seis meses o casamento tinha

terminado e, em pouco mais de um ano, o divórcio foi consensual para este casal curiosamente desequilibrado.

Esta previsão e o seu cumprimento contribuíram muito para tornar o meu nome conhecido em Nova Iorque.

A Madame Nordica era uma das cantoras mais famosas do seu tempo em Londres e Paris, mas estivera tantos anos ausente do seu próprio país que a sua fama era quase desconhecida em Nova Iorque. Ela ia reaparecer na Metropolitan Opera House na noite de gala, na qual cada uma das outras grandes primas donnas — Melba, Calvé e Eames — cantaria um ato do seu repertório. Como as outras estavam certamente seguras de receber uma grande receção e uma enorme quantidade de ramos de flores, veio-me à ideia que seria uma amabilidade da minha parte mandar um cesto de flores para Nordica no seu reaparecimento no seu próprio país.

Eu estava em Nova Iorque há apenas seis semanas e, na inocência do meu coração, entrei numa daquelas lojas de flores na Quinta Avenida que, na "cidade dos arranha-céus", se parecem mais com palácios dourados do que com lojas. Muito calmamente, disse a uma pessoa de aspeto estatuário que parecia a própria "Rainha das Flores": "Quero um belo cesto de rosas enviado para a Madame Nordica, na Opera House, esta noite."

"Que tipo de rosas?", sorriu ela.

"Oh, das melhores, com certeza", respondi, esquecendo-me na minha excitação de que estávamos no mês de dezembro e que eu me encontrava em Nova Iorque com dois pés de neve no chão.

Mais uma vez a "Rainha das Flores" sorriu. "Que tamanho de cesto e cerca de que preço deseja pagar?"

Esquecendo mais uma vez que estava na Terra das Grandes Ideias, acenei com a mão de forma muito altiva: "Deixo tudo ao seu critério", disse. "Dou-lhe carta branca para enviar algo de que eu me orgulhe. O ato da Madame Nordica começa por volta das 21h30, por favor certifique-se de que está lá a tempo. Envie-me a conta amanhã para a minha morada."

"Sim, senhor, assim se fará", e a "Rainha das Flores" acompanhou-me com um sorriso à saída, como se eu fosse um dos milionários de Nova Iorque.

Nessa noite, às nove horas, eu estava num camarote da Ópera quando Henry Abbey, o empresário, mandou chamar-me.

"Enviou um cesto de rosas à Madame Nordica", riu-se ele, "que é tão grande que seria impossível fazê-lo passar pelas portas da frente do edifício. O que vamos fazer com aquilo?"

Olhando através das portas de vidro, numa camioneta na rua, podíamos ver uma multidão de pessoas a contemplar o que parecia, à primeira vista, ser uma pequena montanha de rosas; mas era, na verdade, um cesto com cerca de dezasseis pés de altura por talvez quatro pés de largura, feito inteiramente daquelas famosas rosas "American Beauty", que custavam muitos dólares cada uma naquela época do ano.

O Sr. Abbey viu a minha expressão de consternação.

[1]: 13 de outubro.

[2]: Lillie Langtry nasceu a 13 de outubro de 1854; o seu pai era o Reitor de Jersey. Foi pintada por Sir John Millais como "O Lírio de Jersey". A sua entrada na sociedade de Londres e a apresentação à Rainha Vitória causaram furor devido à sua beleza. Por esta altura (1878), conheceu o Príncipe de Gales (mais tarde Eduardo VII), bem como Beaconsfield, Gladstone e todas as celebridades daquela época. Faleceu na sua vivenda em Monte Carlo a 12 de fevereiro de 1929.

"Muito bem", riu-se ele. "Vou mandar abrir as portas de cena do palco — o cesto estará lá quando a Nordica entrar."

A cortina subiu para a cena do templo da *Aida* e, à medida que a luz aumentava gradualmente, todos os olhos foram atraídos para o cesto de flores colocado ao canto do palco.

A minha "Rainha das Flores" da loja tinha-se, de facto, superado; ela também soubera o que significava dar-lhe "carta branca" e, além disso, não se esquecera de adornar graciosamente a asa do cesto com uma pequena bandeira de seda com as Estrelas e Faixas (Stars and Stripes).

Por um momento, um silêncio de espanto pairou sobre a sala repleta e, logo de seguida, reconhecendo a homenagem a uma cantora americana, o cesto recebeu uma salva de palmas sem reservas, que se repetiu ainda mais forte quando, passados alguns instantes, a Nordica fez a sua aparição.

A conta do cesto chegou-me devidamente na manhã seguinte. Não vou entrar em pormenores — basta dizer que me ensinou a nunca mais dar "carta branca" a ninguém na América.

CALVÉ

Tive uma experiência inesquecível com essa dotada filha do canto, a Madame Calvé. Veio de tal forma disfarçada e coberta por uma mantilha preta espanhola que ninguém conseguia sequer ver-lhe o rosto. Quando a entrevista terminou, a minha estranha visitante escreveu em francês, que traduzo para benefício dos meus leitores:

"O 'Cheiro' [ela escreveu o nome como se pronuncia: Cairo] revelou-me hoje, através das linhas da minha mão, coisas que são terrivelmente verdadeiras. Pelos seus conselhos, espero escapar a muitos desgostos e males. EMMA CALVÉ."

Anos mais tarde, eu estava em Paris e ela demonstrou a sua bondade de uma forma que poucas grandes primas donnas teriam feito. Eu estava a dar uma receção no encerramento da minha temporada e tinha convidado uma série de amigos para me despedir deles. Calvé soube disso e insistiu em vir com a sua amiga, a Madame Guy d'Hardelot, cujas belas canções são tão bem conhecidas em Inglaterra. A presença dela tinha, contudo, deixado todos os meus outros cantores tão nervosos que estes se recusaram a cantar.

Calvé percebeu a situação num relance e, acenando-me para onde estava sentada, disse: "Ó 'Cheiro', peça-me para fazer algo. Nada me daria maior prazer." Seguiu-se uma noite de canto como os meus amigos e eu próprio jamais esqueceremos.

CHARLES W. CLARKE

Uma das muitas cartas que me foram enviadas registando a exatidão de previsões feitas pelo estudo da mão é uma que recebi por correio de Paris, após me ter retirado do trabalho profissional.

Um homem tinha-me ido ver numa tarde durante a minha temporada em Chicago. Contou-me que tinha sido um fracasso em tudo o que havia tentado e limitou-se a perguntar-me se eu podia sugerir alguma carreira para ele seguir. Sobravam-lhe uns milhares de dólares, disse ele, e queria saber em que os deveria investir.

Após examinar as suas mãos, surpreendi-o ao dizer que deveria investir o dinheiro em si próprio. "O senhor tem mãos de músico", disse-lhe; "alguma vez mandou testar a sua voz?"

"Há uns anos pensei que tinha voz", respondeu ele, "mas disseram-me que só servia para cantar nas ruas, por isso não continuei. Pensa realmente que eu poderia algum dia fazer algo com ela?"

"O senhor não só tem voz", ri-me eu, "como tem uma natureza intensamente dramática; além disso, tem as Linhas do Sucesso e da Fama marcadas para começar daqui a cerca de cinco anos — aconselhá-lo-ia vivamente a fazer uma boa tentativa."

Ele levou as minhas palavras a sério e, nos anos seguintes, estudou com alguns dos melhores professores de voz do Continente. O resultado foi que Charles W. Clarke, antes de os cinco anos terem esgotado o seu curso, era considerado sem igual como baixo, passando a ser constantemente solicitado para todos os grandes oratórios e recebendo honorários enormes onde quer que cantasse.

O que se segue é uma cópia da carta que recebi:

"12 RUE LÉONARD DE VINCI, XVIe,

29 de agosto de 1912.

MY DEAR FRIEND 'CHEIRO,'

To me it is most remarkable that all the important events of my life should have been predicted by you fifteen years ago, the events and time have been as you predicted.

I am truly grateful for the help derived from the many things you told me of myself.

Sincerely yours,

CHARLES W. CLARKE."

A "GRANDE DUSE"

Enquanto estava em Londres para a minha terceira temporada, fui visitado por uma senhora que ocultou zelosamente a sua identidade. Vi que tinha mãos invulgares; de facto, lembravam-me extraordinariamente as da Madame Sarah Bernhardt, que eu tinha estudado nos primeiros dias da minha carreira, quando fui chamado a encontrar-me com a famosa atriz.

A minha visitante tinha certamente triunfos maravilhosos gravados nas suas mãos. Mas, na história do Amor, não havia senão desastre; além disso, eu conseguia ver que, antes do fim, nuvens de escuridão e depressão ter-se-iam abatido, e que a pobreza e a morte teriam lugar numa terra estrangeira.

"Tem uma carreira maravilhosa de sucesso — já gozou de muita glória e prosperidade, e há ainda mais diante de si. Mas, no Amor, será ferida no coração."

Antes de a minha visitante partir, soube que era a incomparável Duse, a grande atriz trágica do palco italiano. No tempo da sua alegria, ela inclinava-se a rir das minhas previsões de sofrimento; pois dizia audazmente que o amante mais maravilhoso do mundo estava aos seus pés — Gabriele d'Annunzio, poeta e romancista, destinado mais tarde a ter um reinado espetacular no seu palácio de marfim e ouro como o Ditador de Fiume. Para ela, ele tinha escrito uma tragédia, enquanto as suas cartas de amor transcendiam toda a beleza e adoração.

Antes de um ano ter decorrido, Duse voltou a procurar-me. Fiquei dolorosamente impressionado com a mudança nela. O seu maravilhoso amante tinha-se cansado do romance; tinha mostrado ao mundo a sua alma, com um desprezo cínico pelos sentimentos de Duse.

Doente do coração, ela partiu numa digressão pelo estrangeiro, embora a sua saúde estivesse a fraquejar. Não muito tempo depois de me ter deixado, faleceu num hotel na América — longe de casa, um destroço do seu génio de outrora e sofrendo efetivamente na pobreza.

JANOTHA

Outra personalidade interessante, de um tipo totalmente diferente, que conheci por esta altura, foi a Mademoiselle Janotha, a famosa pianista da Corte do Imperador da Alemanha, uma senhora que recebeu, talvez, tantas condecorações e honras de Realeza como qualquer outra mulher no mundo da música.

Esta senhora singular (pois se alguém alguma vez ouviu o seu tocar maravilhoso, inclina-se a acreditar que os espíritos dos grandes mortos tocam através dos seus dedos subtis) veio acompanhada pelo seu famoso gato preto, o "Príncipe White Heather", enrolado no seu regalo para as mãos (*muff*).

En passant, devo notar que o "Príncipe White Heather" era a mascote da Mademoiselle há muitos anos, sendo sempre visto com a sua dona naqueles numerosos bazares onde esta pequena senhora de coração generoso se encontrava a trabalhar a favor da caridade.

O seu grande talento estava tão distintamente marcado nas linhas da sua mão que eu não podia cometer qualquer erro a esse respeito, e na

semana seguinte tive o prazer (no antigo St. James's Hall) de fazer parte de uma grande assistência que se deixou arrebatar pelo entusiasmo perante a sua interpretação de algumas peças difíceis das grandes obras de Chopin e Liszt.

Poderá interessar aos meus leitores saber que esta grande artista tocou mais de trezentas vezes naquela famosa sala de música e, como sinal especial de apreço, foi-lhe pedido que tocasse no último concerto antes de o antigo St. James's ser demolido. A bela coroa de ferro que tinha encimado o topo da estrutura durante quarenta e sete anos foi oferecida à Mademoiselle Janotha como recordação.

CAPÍTULO XXIX

ENTREVISTAS COM W. T. STEAD

O SEU FIM TRÁGICO NO MALOGRADO "TITANIC" PREVISTO.

MARK TWAIN, ELLA WHEELER WILCOX,

A FAMOSA POETISA AMERICANA;

MARY LEITER, QUE SE TORNOU VICE-RAINHA DA ÍNDIA

OUTRA das notáveis personalidades que conheci por esta altura foi W. T. Stead, o célebre editor da *Review of Reviews*. Pediu-me que o fosse ver nos seus conhecidos escritórios em Mowbray House.

Devo aqui explicar que, em todos os casos em que eu sabia quem era o meu consultante, considerava-me em grande desvantagem e, por esta razão, tinha estabelecido uma regra com o meu secretário nos meus aposentos de que, caso ele soubesse o nome de qualquer visitante previsto, não mo deveria dizer sob pretexto algum. A minha ideia era (e creio que os meus leitores concordarão comigo) que o cérebro, de uma forma normal, se deixa levar pelo pensamento de que tal ou tal pessoa levará tal ou tal vida ou fará tal ou tal coisa.

O inverso exato é, pelo contrário, o que mais vezes acontece, porque os homens e as mulheres no palco da vida representam mais ou menos um papel, enquanto o seu verdadeiro caráter é frequentemente extremamente diferente daquilo que aparenta ser perante o público em geral. Por esta razão, nunca gostei de interpretar as vidas daqueles que conhecia intimamente, e muitas vezes desapontava os meus amigos ao recusar-me sequer a olhar para as suas mãos.

Foi assim que me senti ao ir ver o Sr. Stead. Ele era uma daquelas grandes personalidades com as luzes da ribalta da opinião pública a incidir tão fortemente sobre cada ação que até o "homem da rua" tinha ouvido falar do seu caráter de uma dúzia de maneiras diferentes através das colunas de todos os jornais em Inglaterra.

Expliquei-lhe a minha dificuldade; ele achou-a lógica e razoável, pelo que me limitei a tirar um decalque da sua mão notável para a minha coleção e a explicar-lhe o significado da diferença das linhas, tal como se apresentavam na sua mão e nas de outras personalidades bem conhecidas.

Anos mais tarde, contudo, encontrámo-nos em Paris e, como eu trazia a condecoração que me tinha sido dada pelo Xá da Pérsia por eu ter previsto a data da sua tentativa de assassinato — causando assim que o seu Grão-Vizir pedisse uma guarda policial mais forte, o que, como se recordará, salvou a vida do Xá —, o Sr. Stead fez-me explicar como eu calculava, através da minha teoria dos números, o que se poderia chamar datas "fatídicas".

Estávamos sentados à mesa num conhecido restaurante no Boulevard des Capucines: o Sr. Stead, a famosa Miss Maud Gonne e eu próprio. O Sr. Stead tinha regressado da sua visita ao Czar a propósito do seu grande Movimento de Paz, e Miss Gonne, que era chamada pelos parisienses "a Joana d'Arc irlandesa", tinha acabado de voltar de uma das suas brilhantes digressões de "rutura da paz" na Irlanda.

Quando acabei de explicar as minhas razões para escolher a data do atentado contra a vida do Xá, o Sr. Stead fez-me contar-lhe algumas coisas sobre o caráter de pessoas cujos números, segundo o meu sistema, eram as "chaves" dos seus carateres e dos principais acontecimentos das suas vidas.

Quando terminei, ele disse-me que os números que me tinha dado eram os dos seus próprios filhos e, tanto quanto podia julgar, o quadro que eu tinha traçado era exato até aos menores detalhes de caráter; e cerca de dez anos mais tarde tive a satisfação de saber por ele que até os acontecimentos que eu tinha indicado naquele almoço em Paris se tinham cumprido.

O Sr. Stead tinha, como sem dúvida muitos recordarão, a firme convicção de que a sua morte seria violenta, às mãos de uma multidão em Londres. Creio que ele tinha esta ideia desde o tempo em que uma multidão atacou os seus escritórios e partiu as janelas, aparentemente como um reflexo do sentimento gerado pela sua oposição à Guerra dos Bóeres.

O Sr. Stead referiu-se a esta sua extraordinária crença em mais do que uma ocasião. A última vez que trouxe o assunto à baila foi em meados de junho de 1911, quando almoçou comigo na minha casa.

Argumentei contra a perspetiva dele, como sempre fazia, mas mais uma vez nessa ocasião não consegui fazê-lo mudar de ideias. As minhas palavras, contudo, tinham-lhe causado alguma impressão pois, uns dias mais tarde, telefonou-me e pediu-me para considerar o assunto novamente, fazendo-lhe saber o resultado.

O que se segue é uma cópia da carta que lhe enviei:

“MEU CARO SR. STEAD,

21 de Junho de 1911.

Sim, recordo-me muito claramente da nossa discussão durante o almoço, aqui, no outro dia, mas não vejo razão para voltar atrás no que então lhe disse, nomeadamente que, tanto quanto posso avaliar, não tem motivo para acreditar que a sua vida terminará por violência às mãos de uma multidão londrina.

Examinei com grande cuidado a impressão da sua mão que me deu há muitos anos, bem como as notas mais recentes que tomei sobre ela, e, a julgar por isso e pela sua data de nascimento no signo de Caranguejo, também conhecido como a Primeira Casa da Água, na minha humilde opinião, qualquer perigo de morte violenta para si deverá vir da água e de nada mais.

Os meses mais importantes em que deverá evitar viajar são Dezembro e o próximo Abril de 1912.

Abril de 1912 deverá ser especialmente crítico e perigoso para si, sobretudo por volta de meados desse mês. Portanto, não viaje por água nessa altura, se puder evitá-lo. Se o fizer, ficará sujeito a enfrentar um perigo para a sua vida tal que o pior poderá acontecer.

Sei que não estou enganado acerca deste perigo relacionado com a “água”; apenas espero estar enganado, ou pelo menos que não esteja a viajar algures por esse período.

Sempre sinceramente seu,”

'CHEIRO.'" [1]

No mês seguinte fui para Espanha e, nove meses mais tarde, em abril, encontrava-me a bordo de um paquete italiano no Mediterrâneo quando o capitão anunciou aos passageiros que tinha recebido uma mensagem informando que o *Titanic* se tinha afundado; e, entre outros nomes daqueles que tinham desaparecido, leu o de W. T. Stead.

"MARK TWAIN"

"Mark Twain" veio ver-me numa tarde, e o famoso humorista nunca esteve tão sério, creio eu, em toda a sua vida; e eu encontrava-me bastante em apuros sobre "como situar" o curioso e rude pedaço de humanidade que me tinha ido consultar.

À medida que eu recorria ao meu sistema de calcular as datas em que os acontecimentos importantes tinham lugar na vida, o meu consultante começou a verificar os anos que eu mencionava e, depois, pediu-me para lhe explicar por que método ou sistema eu era capaz de chegar a tais conclusões.

"O passado pode deixar a sua marca, admito", disse ele, "e o caráter pode ser revelado até aos seus mais finos matizes de expressão; em tudo isso eu poderia acreditar — mas como o futuro pode sequer ser esboçado é o que não consigo compreender."

Argumentei com ele que o cérebro subconsciente pode saber de antemão o que iremos tentar e onde iremos falhar, que nada no mundo era deixado ao acaso cego e que os nossos próprios fracassos eram tão necessários ao nosso desenvolvimento como o eram os nossos sucessos. Vendo que não estava a fazer progressos no sentido de o convencer, peguei na questão da hereditariedade, tal como demonstrada pelas marcas da mão.

Mostrei-lhe o decalque das mãos esquerda e direita de uma mãe, juntamente com o decalque das mãos de cinco dos seus filhos, até chegarmos a um em que a mão direita da criança coincidia quase exatamente com as marcas da mão direita da mãe.

"Neste caso", disse eu, "que o senhor pode acompanhar e provar por si próprio, cada etapa da vida desta rapariga repetiu, até nas datas, as ações da vida da mãe, embora vinte anos as separassem no tempo."

A rapariga tinha passado pelas mesmas doenças às mesmas idades em que tinham ocorrido à mãe; tinha casado à mesma idade, também tivera cinco filhos e ficara viúva à mesma idade.

"Ora", concluí, "se se conhecessem os acontecimentos da vida da mãe e se visse que as mesmas marcas apareciam nas mãos da criança — então, digamos mesmo aos seis anos de idade, poder-se-iam ter previsto os acontecimentos que teriam lugar no destino da filha."

Isto interessou o meu visitante de forma tão profunda que ele tirou notas das várias mãos que lhe mostrei, e examinámos com um microscópio as linhas nas pontas dos dedos da mãe e desta filha, cujas datas tinham sido tão próximas, e descobrimos que até os círculos nas pontas dos dedos e nos polegares também coincidiam.

Ao retirar-se, disse ele: "O único ponto humorístico da situação é que vim aqui à espera de perder dinheiro com a minha tolice, mas ganhei o enredo para uma história que acho certamente que deverá ser 'vencedora'."

Pouco tempo depois, ele publicou *Pudd'nhead Wilson*, que lidava com marcas digitais e que obteve um enorme sucesso.

Antes de deixar os meus aposentos, escreveu no meu Livro de Visitas o seguinte:

"O 'Cheiro' expôs-me o meu caráter com uma precisão humilhante. Não deveria confessar esta exatidão, no entanto sinto-me impelido a fazê-lo. MARK TWAIN." [^2]

ELLA WHEELER WILCOX

O mundo conhece Ella Wheeler Wilcox através dos seus poemas intensamente humanos. Formou todo o tipo de opiniões sobre ela, de acordo com as perspetivas pessoais dos seus críticos. O seu famoso *Poems of Passion* trouxe-lhe uma torrente de injúrias e todo um exército de amigos. Conheço alguns que não dariam a este modesto volume espaço nas suas casas. Conheço outros que leem e devoram cada linha — tal como faziam com o *The Pilgrim's Progress* de Bunyan nos seus primeiros tempos.

Poderá, portanto, interessar a ambos os lados se eu relatar a minha própria experiência com esta personalidade de traços tão vincados. Ela veio, como tantos faziam, sem dar a menor pista sobre o seu nome ou posição; identifiquei rapidamente o seu maravilhoso dom poético, mas classifiquei-o como do caráter mais dramático; ao mesmo tempo, disse-lhe que a sua versatilidade de mentalidade poderia fazer dela um sucesso brilhante em qualquer ramo da literatura que ela se dignasse tornar seu.

A minha descrição da sua vida doméstica, tão doce e simples, tão inteiramente oposta àquilo que o mundo poderia supor ser o lar da autora de *Poems of Passion*, impressionou-a de tal modo que, na sua forma rápida e impulsiva, disse: "Tem de conhecer o meu marido, pois a minha vida é exatamente como a descreve."

Depois, no fim da entrevista, disse-me o seu nome, e confesso que fiquei espantado, pois tinha ouvido falar da sua fama muito antes de ter deixado Inglaterra, e também eu tinha provavelmente formado uma conclusão errada sobre como seria uma autora assim.

Desde então aprendi quão erradamente as figuras públicas são julgadas e, como tenho, mais tarde ainda, acompanhado a sua carreira, tenho ficado cada vez mais impressionado pelo facto de a alma, na sua casa de prisão, escrever a sua biografia nas linhas da mão com uma fidelidade de descrição que em mais lado nenhum se encontra.

Antes de partir, escreveu no meu Livro de Visitas:

"O estudo de pessoas dotadas de poderes ocultos interessa-me há vários anos. Conheci e consultei dezenas durante estes estudos. Em todos os aspetos, considero o 'Cheiro' o mais altamente dotado de todos. Ele ajuda tanto quanto surpreende.

NEW YORK. ELLA WHEELER WILCOX."

UMA VICE-RAINHA DA ÍNDIA

Agora que a sepultura infelizmente se fechou sobre a cabeça do grande Lord Curzon, gostaria de relatar a história do seu primeiro romance e a forma como o prenunciei.

Foi enquanto eu cumpria uma temporada em Washington que fui informado de que duas senhoras desejavam ver-me. Eu estava exausto após um dia pesado — física e mentalmente esgotado — e tinha dado ordens terminantes ao meu secretário de que não veria mais clientes. Contudo, embora "o homem proponha e a mulher disponha", acabaram por entrar duas senhoras — uma mais velha e outra mais jovem. Num tom imperioso, fui instado a desvendar o Destino para esta última, mas com este prelúdio um tanto intransigente:

"Ó 'Cheiro', creio que o senhor é um impostor. Contudo — faça o seu melhor... ou o seu pior!"

"Uma vida curta e brilhante", foram as primeiras palavras que proferi, e a mão sobre a almofada pareceu vibrar com um sentimento interior. "Dentro de poucos anos, casará com um homem de um país diferente do seu e, por ele, será elevada a uma posição numa terra oriental igual à de uma rainha."

"Disparates!", bufou a senhora mais velha, e depois soltou um riso magro e cínico. "Igual a uma rainha — realmente, uma verdadeira história de fadas!"

Continuei até ao fim e, quando terminei, a senhora mais velha entregou-me as suas mãos para eu as ler, com a observação:

"Fale-me a meu respeito e depressa o apanharei em falso."

Comecei, e a raiva dela desvaneceu-se, surgindo um olhar de verdadeiro espanto no seu rosto. Quando terminei, disse ela: "Ó 'Cheiro', surpreendeu-me verdadeiramente, embora não consiga ver como a sua previsão a respeito da minha filha se possa cumprir."

Retirou o seu cartão e colocou-o sobre a minha mesa. Nele estava gravado: "Mrs. Levi Z. Leiter."

Os anos passaram e chegou o dia em que recebi uma carta da Vice-Rainha da Índia, a esposa de George Nathaniel Curzon, outrora Mary Leiter. Escreveu ela:

"Não é maravilhoso, 'Cheiro', que eu esteja agora a ocupar exatamente a posição que previu — igual à de uma 'Rainha numa terra oriental'? Tudo o que previu em Washington se concretizou."

Tudo, na verdade! Pois provou ser uma "vida curta e brilhante". A morte extinguiu o romance de amor de Mary Leiter e Lord Curzon numa sepultura prematura.

LADY ARTHUR PAGET

Uma das minhas amigas mais calorosas em Londres era Lady Arthur Paget, americana por nascimento e grande amiga e confidente do Rei Eduardo. Era a líder reconhecida da sociedade britânica durante os grandes dias eduardianos; governava a melhor vida social e a sua vontade era lei.

Numa ocasião em que me consultou, observei que temia que ela estivesse em grande perigo de um terrível acidente causado por uma queda, e aconselhei-a a ter o maior cuidado durante o vindouro mês de agosto.

Contou-me mais tarde que o meu aviso tinha tido tanto efeito sobre ela que usava da maior cautela sempre que saía. Mas, infelizmente, num momento de desatento, caiu no poço do elevador na sua conhecida residência em Belgrave Square, Londres, no dia 4 de agosto seguinte, e desfez os membros desde as ancas até aos tornozelos. Quando esteve em condições de receber visitas, mandou-me chamar e deu-me os pormenores de como o acidente tinha acontecido, acrescentando que, quando recuperou a consciência, pensou: "Afinal o 'Cheiro' tinha razão."

Sofreu intensamente durante mais de um ano, mas suportou tudo com uma resignação e fortaleza maravilhosas. O Rei Eduardo visitava-a frequentemente e, durante uma das suas visitas, Lady Paget mencionou como eu tinha previsto o triste acidente. O monarca recontou então a história de como eu lhe tinha dado "sessenta e nove anos como o seu limite de idade".

Lady Paget era uma espartana no que tocava aos deveres da Corte. Assistiu a uma receção no Palácio de Buckingham quando estava mal convalescente, mesmo mal conseguindo manter-se de pé. O Rei Eduardo ordenou que lhe trouxessem uma cadeira, mas ela recusou tal consideração e permaneceu de pé durante toda a cerimónia.

[1]: W. T. Stead nasceu a 5 de julho de 1849. Morreu afogado no desastre do Titanic, na sua viagem inaugural para Nova Iorque, a 15 de abril de 1912.

[2]: "Mark Twain" (Samuel L. Clemens) nasceu na Flórida em 1835 e faleceu em Redding, Connecticut, a 21 de abril de 1910.

CAPÍTULO XXX

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NOTÁVEIS NOS ESTADOS UNIDOS. A MINHA PRIMEIRA CONFERÊNCIA EM BOSTON.

CONHEÇO JULIA WARD HOWE, A AUTORA DO "BATTLE HYMN", E OUTRAS PESSOAS INTERESSANTES

NO final da minha primeira temporada em Nova Iorque, decidi iniciar uma digressão de conferências e ver o máximo que pudesse do grande continente americano. Nunca tinha dado uma conferência na minha vida, nem me tinha dirigido a um público de qualquer espécie, pelo que me sentia bastante nervoso com o resultado. Não sabendo nada sobre a rotina de aluguer de salas, publicidade, etc., coloquei-me nas mãos de um

americano empreendedor, que me garantiu que o procedimento correto era fazer a minha estreia perante o público naquele centro de cultura e berço do saber, também conhecido no mapa da América como a Cidade de Boston.

Dificilmente será necessário explicar que esta famosa cidade fica não muito longe de duas célebres universidades dos Estados Unidos, designadamente Yale e Harvard.

Talvez seja devido à proximidade de tais sedes de sabedoria que os bostonianos assumem um ar de erudição tão superior ou, pelo menos, parecem sábios. Já ouvi dizer que em Boston há mais homens e mulheres a usar óculos do que em qualquer outra cidade do mesmo tamanho no mundo!

De facto, numa ocasião fui servido por um empregado de mesa irlandês que me trouxe uma costeleta de carneiro e que estava de tal forma afetado pela atmosfera do local que escreveu a minha conta no verso de uma gramática grega, a qual trazia consigo em todas as ocasiões.

Os bostonianos são, contudo, considerados o melhor público para conferências em todo o mundo; e foi talvez por essa razão que o meu "agente de promoção" determinou que a minha digressão de conferências deveria começar em semelhante sede de cultura.

Deixei, como penso ser bastante natural, todos os preparativos a cargo dele; limitei-me a dar-lhe uma sinopse do tema da conferência e sugeri que a linha principal do anúncio publicitário fosse "Digressão de Conferências de 'Cheiro' — O Estudo da Mão e o Seu Significado".

Na véspera do dia fatídico em que deveria fazer a minha aparição, apanhei o comboio da noite em Nova Iorque e, a tremer de medo, cheguei à "Cidade do Saber", cujo veredicto iria decidir o meu destino no que dizia respeito a conferências.

Imaginem o meu espanto quando, logo de manhã cedo, me dirigia para o meu hotel e deparei com os seguintes cartazes nos taipais publicitários:

A DIGRESSÃO MUNDIAL DE "CHEIRO"

CHICKERING HALL,

Hoje, às 14h30

Nem uma palavra sobre Mãos ou qualquer outra coisa! O meu "agente de promoção" veio ao meu encontro à porta do hotel; trazia um sorriso no

rosto de orelha a orelha. "Julguei que conhecia Boston", disse ele; "todos os lugares estão vendidos em toda a sala."

"Mas, meu caro homem", disse eu, "não há uma única palavra sobre Mãos ou sobre o tema da conferência."

"Não me ensine o meu ofício", sorriu ele ironicamente. "Quanto menos os bostonianos souberem sobre o tema de uma conferência, mais razões têm para aparecer para o descobrir."

Os acontecimentos provaram que ele tinha razão, pelo menos neste caso. Tive um público esplêndido, a sala cheia até às portas e excelentes críticas nos jornais do dia seguinte.

Como é óbvio, contei-lhes a ratoeira que o meu "homem da promoção" lhes tinha pregado e o elogio que lhes tinha feito. Desfizeram-se em gargalhadas, e os bostonianos e eu ficámos os melhores amigos desde então.

Acabei por permanecer quase um ano nesta cidade. Os meus aposentos no Hotel Brunswick estavam sempre repletos de visitantes. Conheci pessoas encantadoras e deliciosamente cultas. Fiz alguns amigos para a vida inteira e levarei comigo até ao fim dos meus dias as mais felizes recordações do "Eixo do Universo".

Foi em Boston que conheci a Sra. Ole Bull, viúva do famoso músico. Passei um dia delicioso na sua casa curiosamente pitoresca em Cambridge. Foi ela quem me levou à residência de Longfellow, e a Miss Longfellow mostrou-me muitos dos manuscritos originais dos poemas do seu pai — e quão maravilhosamente limpos estavam escritos esses manuscritos! Aquele belo *A Psalm of Life* tinha, creio eu, apenas duas correções.

Foi também em Boston que conheci a agora célebre escritora Miss Lilian Whiting. Numa carta que enviou à revista *Light* e que foi publicada a 18 de janeiro de 1913, ela refere-se a mim e à minha visita a Boston nestes termos generosos:

"EXMO. SENHOR,

Li com muito interesse as várias referências na *Light* a 'Cheiro' e gostaria de acrescentar uma palavra da minha própria experiência. Não é demais dizer que devo à sua notável faculdade como vidente e adivinho de condições uma incomensurável dívida de gratidão.

Há muitos anos, deparei-me com uma daquelas 'encruzilhadas de caminhos' que se repetem nas nossas experiências humanas, quando o recurso em que me vinha apoiando desapareceu e nenhum outro surgiu.

Para expor o assunto claramente, o jornal do qual eu fora editora literária durante alguns anos foi vendido e mudou de caráter, e eu estava empenhada em encontrar outro lugar semelhante no jornalismo, como meu único meio de subsistência.

Por esta altura, conheci acidentalmente 'Cheiro'. Ele era então o 'centro da tempestade' da sociedade de Boston — que apinhava os seus aposentos, aguardava em multidões junto do seu secretário por marcações e assegurava avidamente as suas 'leituras' a um ponto que esgotava o seu tempo ao máximo. Naquele momento, ele era, por assim dizer, o ídolo, e não faltava quem pagasse de bom grado cem dólares ou mais por uma entrevista de meia hora. Como referi, aconteceu apenas conhecê-lo (não tendo ido para uma sessão profissional), e a sequência foi esta.

'Há uma linha na sua mão que já foi vivida', disse ele, 'e a senhora está a tentar vivê-la de novo. Isto é impossível. Seria o mesmo que tentar colocar um pinto de volta na casca e fazer dele um ovo novamente. Há muito que a aguarda, mas está a afastar tudo isso por não se desapegar do passado e não se voltar para um outro lado do trabalho literário, como a escrita de livros.'

'Compreendo perfeitamente o que quer dizer, "Cheiro"', respondi; 'a partir deste minuto vou desapegar-me.' Nesse mesmo ano (1894), foi publicado o meu primeiro livro, *The World Beautiful* (primeira série), seguido, nos dezassete anos subsequentes (até 1911 inclusive), pelas outras vinte e uma obras que publiquei; e por todas as possibilidades envolvidas nestas, bem como pelas minhas catorze viagens à Europa dentro destes anos, sinto que estou em dívida para com este notável psíquico e vidente num grau incalculável.

Sua, etc.,

LILIAN WHITING."

"A Grande Velha Senhora da América", como era chamada, a Sra. Julia Ward Howe, foi também uma das minhas queridas amigas. Ofereceu-me um exemplar autografado do seu famoso *Battle Hymn*, que era conhecido por todos os soldados durante a Guerra Civil, e passei muitas noites deliciosas na sua casa.

E o Dr. J. Heber Smith! Não posso concluir este capítulo sobre Boston sem falar dele. Era um médico famoso que realizava todas as suas curas com o auxílio da Astrologia; e que maravilhoso astrólogo ele era também! Este homem notável elaborava um mapa dos céus para cada paciente; receitava-lhes de acordo com as indicações da doença, conforme mostradas pelos seus planetas; e tinha mais pacientes gratos do que qualquer médico que alguma vez me tenha batido em sorte conhecer.

Ele próprio, com dois anos de antecedência, previu a sua própria morte em consequência de um acidente. Quando chegou o momento marcado, ele "pôs a sua casa em ordem"; cada papel e documento estava no seu lugar; e assim encarou a morte com a mesma calma para si próprio com que tantas vezes a tinha estudado para os outros.

Foi enquanto estava em Boston, e talvez devido à atmosfera literária desta cidade, que publiquei o meu primeiro volume de poemas. Estes eram únicos, pelo menos num aspeto, a saber, que tive de corrigir as provas por telégrafo, visto que o meu editor em Nova Iorque me tinha telegrafado a dizer que precisava de aproveitar o mercado de Natal e que tinha de avançar para a impressão imediatamente, sob pena de os adiar por mais um ano.

Estes poemas foram extremamente bem recebidos pela imprensa, e só em Boston venderam-se mais de mil exemplares por semana nos meses seguintes; mas, como ilustração do preconceito que um homem que seguia uma profissão tão pouco ortodoxa como a minha tinha de suportar, posso mencionar que um poema — *If We Only Knew* — foi citado por esse mundo fora, mas em quase todos os jornais religiosos foi impresso sem o meu nome; quando protestei contra tal injustiça, disseram-me que "não podiam publicitar nas suas colunas o nome de um homem associado a uma profissão tão ilegal", e no entanto essas mesmas pessoas não viam a incongruência de se aproveitarem do trabalho da minha inteligência.

O único mérito deste poema era, talvez, a sua simplicidade e comoção humana; em resposta a inúmeros pedidos de cópias do mesmo, e para encerrar de vez com todas as dúvidas quanto à autoria, espero que não seja considerado descabido se o reimprimir aqui:

SE APENAS SOUBÉSSEMOS

Se apenas soubéssemos, se apenas soubéssemos
Uma pequena parte das coisas que vemos,
Creio que o falso seria tantas vezes mais verdadeiro

Do que o que é a verdade — ou o que parece ser.
Se apenas soubéssemos a dor que causamos
Pelo olhar de desprezo ou pela palavra de vergonha,
Pela busca daqueles velhos, velhos defeitos
A que mal se podia fugir, na corrida para a fama.
Se apenas soubéssemos que os atos que desdenhamos
Poderiam um dia caber-nos a nós praticar,
Ou, se não a nós, aos nossos filhos que vão nascer:
Se apenas soubéssemos — se apenas soubéssemos!
Se apenas soubéssemos como o homem que rejeitamos
Tinha combatido a tentação — sim, dia e noite.
Se apenas soubéssemos, voltar-nos-íamos assim
E afastaríamos o homem como uma visão repulsiva?
Ah, em vez da marca do pecador,
De bom grado o ajudaríamos a fazer o que está certo;
Erguê-lo-íamos com cada mão honesta,
Se apenas soubéssemos — se apenas soubéssemos.
Se apenas soubéssemos como a mulher caiu,
Evitá-la-íamos como agora, sempre que a encontramos?
Deixá-la-íamos então entregue àquele inferno amargo
De si mesma, do pecado e da rua sem lar?
Encolheríamos os ombros e abanaríamos a cabeça
Por confiar demais, ou por ser demasiado fiel,
Ou por pecar, talvez, como alguns fazem, pelo pão?
Se apenas soubéssemos — se apenas soubéssemos!
Se apenas soubéssemos — que os corações de que temos saudade
Teriam ficado tão pouco tempo neste vale de aflição,
Quão mais doce teria sido cada beijo;
Mas não sabíamos — nós não sabíamos.
Os lamentos são inúteis e as lágrimas apenas cegam,
E palavras vazias nenhum passado podem desfazer;
De nada serve suspirar: "Eu teria sido mais amável
Se apenas soubesse — se apenas soubesse!"

CAPÍTULO XXXI

UMA CONFERÊNCIA EM SYRACUSE

QUE QUASE SIGNIFICOU O FRACASSO

VOLTEI a partir na minha digressão de conferências e cheguei à empreendedora cidade de Syracuse, no centro do Estado de Nova Iorque. O meu "gestor de promoção" tinha-se antecipado e veio ao meu encontro quando cheguei, com um ar de autossatisfação que era impossível não notar.

Em resposta ao meu olhar interrogativo, disse ele: "Fiz um negócio maravilhoso aqui; aluguei a maior sala da cidade por uma ninharia, desde que a ficasse com ela por três noites seguidas; por isso, claro, aceitei", acrescentou.

"Como a conseguiu tão barata?", perguntei.

"Não sei", respondeu ele, "exceto que o proprietário deve ser um tolo ou um discípulo do seu estudo, ou algo desse género. Fiz-lhe uma publicidade extensíssima e espero que tenha as salas cheias durante as suas três noites de estadia."

À hora marcada, cheguei à sala e dirigi-me imediatamente para o palco, por trás da cortina, para ver se nada tinha sido esquecido, como a grande tela de projeção, os diapositivos para a lanterna, etc.

Faltavam poucos minutos para a hora anunciada e, sentindo um estranho vazio no local, espreitei por um buraco na cortina do palco e, para minha consternação, descobri que a sala estava, praticamente falando, vazia; não mais de quarenta pessoas sentadas nos lugares reservados.

Antes que me conseguisse refazer da surpresa, a cortina subiu e não me restou outra alternativa senão fazer a minha vénia e começar.

Naquele primeiro momento, pensei que seria melhor retirar-me, mas felizmente o sentido de humor veio em meu auxílio e, em vez disso, anunciei ao meu limitado público que iria tentar recompensá-los pela sua bravura em terem vindo, esforçando-me por lhes dar a melhor conferência que alguma vez dera na minha vida. Ao mesmo tempo, ocorreu-me uma

feliz ideia e anunciei que, em vez de dar a minha conferência habitual — "As Mãos de Celebridades que Conheci" —, dedicaria a noite a uma espécie de lição sobre as Linhas da Mão; e que, se me concedessem a sua atenção por um par de horas — ou mais, se preferissem —, no final da noite cada membro da assistência saberia o suficiente sobre o assunto para ser efetivamente capaz de ler as mãos dos seus amigos na manhã seguinte.

Os americanos, creio eu, admiram a capacidade de recurso mais do que qualquer outra raça na terra. O meu pobre e pequeno público de duas dezenas de pessoas murmurou a sua aprovação; diapositivo após diapositivo foi projetado pela lanterna e entreguei-me de corpo e alma ao meu tema como talvez nunca o tivesse feito antes.

Duas horas passaram rapidamente. Perguntei se queriam mais; responderam a uma só voz: "Sim", e continuámos. Finalmente deram as doze badaladas e, completamente exausto, pois vinha a falar desde as oito, dei por terminado o discurso. Foi uma sorte tê-lo feito, pois o hidrogénio da lanterna também se tinha esgotado e a sua luz tinha-se tornado subitamente amarelada. Anunciei então que, como tinha a sala alugada por mais duas noites e como não havia forma de rescindir o meu contrato, nas noites seguintes, quer houvesse uma pessoa quer houvesse cem no meu público, voltaria a dar estas conferências como lições, para que, se alguma vez regressasse a Syracuse, encontrasse os syracusanos mais instruídos e recetivos ao assunto.

Quando o público saiu, soube que a sala fora alugada barata porque a Companhia de Grande Ópera de Nova Iorque também se encontrava em Syracuse durante essas mesmas três noites; e o proprietário, consequentemente, acreditava que não haveria hipótese para qualquer outra atração.

Contudo, a minha feliz inspiração de dar a conferência como uma lição tinha-me salvo. Durante todo o dia seguinte, o meu pequeno público, orgulhoso da posse dos conhecimentos que tinha adquirido, "leu", creio eu, as mãos de toda a gente em Syracuse. Tinham estado também dois dos principais jornais da cidade representados no meu público. No dia seguinte, para minha surpresa, cada jornal falava da conferência de uma forma extremamente elogiosa e, quando a noite chegou, a sala estava cheia a um ponto tal que a porta teve de ser fechada meia hora antes da hora anunciada; e o mesmo se repetiu na noite seguinte.

É tão fácil ser bem-sucedido — se conseguirmos apenas ter a inspiração certa.

CAPÍTULO XXXII

COMO A VAIDADE DE UM HOMEM

QUASE DESTRUIU A MINHA CARREIRA

BUFFALO, uma das principais e mais prósperas cidades do Estado de Nova Iorque, foi o meu local de visita seguinte após Syracuse, mas o meu gestor de promoção tinha perdido a coragem devido à sua última experiência no aluguer de salas, pelo que, em vez disso, tinha simplesmente organizado para que, pelo menos, a minha primeira conferência fosse dada de forma muito discreta no elegante salão de baile do meu hotel, o Iroquois.

Contrariamente a todas as expetativas, as pessoas vieram em tais multidões que cada centímetro de espaço disponível foi disputado, tanto assim que eu mal tinha espaço no estrado para me manter de pé; o resultado foi que, na semana seguinte, aluguei uma das maiores salas da cidade e cada conferência que dei foi perante um público numeroso.

Em toda a minha experiência na América, não creio ter encontrado maior hospitalidade do que a que encontrei em Buffalo; tanto os jornais como as pessoas particulares pareciam competir entre si para me demonstrarem todas as amabilidades possíveis; e no entanto, a meio de tudo isto, passei por uma das experiências mais tristes da minha carreira e dei-me conta de até que ponto a inveja e a vaidade podiam ir, e que mal podiam fazer, a qualquer momento, umas poucas palavras difamatórias — a alguém dependente do público para a sua carreira.

Estava há quase quinze dias em Buffalo quando comecei a notar que alguns daqueles que tinham sido extremamente generosos na sua hospitalidade ao início se tornaram subitamente bastante distantes e reservados. Um homem em particular, que me tinha pedido para aceitar o privilégio de frequentar o seu clube durante a minha estadia na cidade, agiu de forma tão estranha que não consegui suportar mais e pedi-lhe uma explicação.

Ao início disse que "não desejava magoar os meus sentimentos", e foi apenas após muita insistência que acabou por concordar em contar-me, mas apenas sob a condição de que eu não lhe pediria para revelar o nome da pessoa que tinha espalhado a cruel calúnia a meu respeito.

Ansioso por obter qualquer informação que pudesse ser de utilidade, fiz a promessa que ele pedia e, depois, num canto calmo do seu clube, ele contou-me o seguinte:

"Há um certo Sr. X nesta cidade", começou ele, "que conhece toda a gente e vai a todo o lado; cuja palavra tem o maior peso, tanto por causa da sua riqueza como da posição que ocupa socialmente. Na noite da sua grande conferência, quando o seu nome andava nas bocas de toda a gente, este homem afirmou numa ceia que não só o conhecia desde a sua infância, mas que fora devido à generosidade dele que o senhor fora educado e lançado no mundo. Este homem sabe algo sobre o estudo de que o senhor, admite ele, se tornou um mestre, mas afirma que o senhor apenas é proficiente porque ele lhe ensinou primeiro os rudimentos da Arte; e, mais tarde, porque o senhor o roubou, levando todos os seus valiosos livros sobre o assunto.

Recentemente, para culminar tudo, ele foi mais longe e, num jantar há algumas noites, afirmou ter provas de que o senhor tinha casado com uma jovem e bela rapariga em Inglaterra com o fim de se apoderar do dinheiro dela — que ela se encontrava agora a morrer de coração partido e na pobreza, num sótão de Londres, e que o senhor tinha deixado Inglaterra para evitar a vingança dos parentes dela."

Enquanto escutava em silêncio esta terrível acusação, dei-me conta de que o homem que me contava isto acreditava em cada pormenor com toda a sinceridade, e que nenhumas palavras minhas poderiam de forma alguma alterar a sua opinião.

Foi em vão que lhe roguei que me desse o nome do homem ou que me pusesse frente a frente com o meu acusador oculto — foi tudo inútil. Não desejava ver-se envolvido num escândalo, disse ele; e, percebendo que não conseguiria ir mais longe com ele, peguei no meu chapéu e saí para a rua.

Não consigo descrever como me senti ou, de certa forma, quão impotente me senti. Não tinha até aí nenhuma experiência pessoal real com o mundo em geral, pois tinha vivido num pequeno mundo próprio. Os meus livros e o estudo do único assunto que eu quase reverenciava tinham-me, num certo sentido, isolado do resto da humanidade. O meu próprio sucesso tinha-me cegado; parecia impossível acreditar que as setas do ciúme ou da inveja, que poderiam atingir outros, tivessem sido arremessadas contra mim.

Além disso, não conseguia ver que motivo teria qualquer pessoa para inventar uma história daquelas, especialmente tendo o meu amigo dito que o meu acusador era "um homem rico e com boa posição social". Se tivesse sido da autoria de um rival no meu trabalho, talvez compreendesse, mas não de alguém cujos interesses nunca poderiam colidir com os meus.

Pensei em todo o tipo de coisas; fiz todo o tipo de planos; mas, apesar de tudo, invadiu-me um tal sentimento de desamparo e de absoluta solidão que o meu próprio sangue parecia ter-se transformado em água.

Se eu ao menos conseguisse descobrir quem era o meu acusador, pensava eu, abriria caminho à força até à sua presença e exigiria a mais absoluta negação da infame história; mas como e onde poderia encontrá-lo, quanto tempo teria de esperar? Eram estas as perguntas que me atormentavam o cérebro com uma dor tão real que, quando finalmente cheguei ao meu hotel, estava tão exausto como se tivesse passado por uma longa doença.

Uma pilha de cartas encontrava-se sobre a minha mesa. Não tinha coragem nem vontade de as abrir, e nem sequer lhes teria prestado atenção uma segunda vez se a caligrafia de um dos envelopes não me tivesse chamado a atenção.

Era de um homem que sempre fora um firme apoiante meu, um advogado muito conhecido, cuja filha eu ajudara, algum tempo antes, a salvar de um casamento profundamente infeliz.

Mecanicamente, abri o envelope. Perguntei-me se também ele se voltaria contra mim. Talvez aquela mesma carta fosse uma notificação disso, mas, para meu alívio, li:

Quarta-feira.

“Meu caro ‘Cheiro’,

Disseste que estarias livre amanhã à noite, por isso quero que venhas jantar — apenas algumas pessoas, mas terei o melhor da cidade para te conhecer. Não serás incomodado para olhar para mãos, pois não te apresentarei como ‘Cheiro’ (eles poderão saber depois, se necessário), mas quero que te conheçam tal como és — tu próprio, sem qualquer halo de fama à tua volta; por isso vem e não me desapontes.

Sempre sinceramente seu,----”

Soltei um suspiro de alívio, mas, no instante seguinte, atirei a carta para o lado, pois sentia que não poderia ir naquelas circunstâncias. Só quando amanheceu é que mudei de ideias, mas, na minha resposta, escrevi: "Depois do jantar, vou precisar que me concedas meia hora tranquila, pois necessito do teu conselho, e sei que não mo recusarás."

Não vou desperdiçar palavras a descrever como consegui atravessar o longo dia que tinha diante de mim; cada momento do meu tempo estava previamente ocupado e, talvez, ainda bem que assim era, porque, como um artista, eu estava tão dedicado ao meu trabalho que esquecia os meus próprios problemas nos problemas daqueles que vinham consultar-me.

Tinha tantos compromissos que me atrasei a vestir-me para o jantar e, quando cheguei a casa do meu amigo, já tinha deixado toda a gente à espera, sendo imediatamente conduzido para a sala de jantar.

Durante o jantar, a conversa decorreu sobre todos os assuntos possíveis, exceto Ocultismo sob qualquer forma. Evidentemente, consideravam-me um jovem inglês a viajar pela América por prazer e, assim, fui entretido com toda a espécie de ideias sobre desporto, lugares a visitar e temas semelhantes.

Quando as senhoras se retiraram e nós, "meros homens", ficámos entregues aos cigarros, charutos e café, aproveitei a oportunidade para puxar o meu anfitrião para um canto da grande sala e acabava de começar a dizer-lhe quanto necessitava do seu conselho, quando uma observação de um homem idoso, a quem não tinha prestado grande atenção durante o jantar, me atingiu os ouvidos e pareceu transformar-me em pedra por um instante.

"Oh, sim", dizia ele, "conheço muito bem o homem que se faz chamar 'Cheiro' — demasiado bem, aliás. Não fui consultá-lo nem tenciono fazê-lo, porque já o vi demasiadas vezes. Quando vivi em Londres, há anos, numa das minhas missões filantrópicas para apoiar aquilo que considerava talento, fosse em que forma fosse, proporcionei-lhe educação quando era rapaz. Ensinei-lhe tudo o que sabia sobre mãos, que era um hobby especial meu, e o jovem patife recompensou-me roubando-me todas as minhas obras mais valiosas sobre o assunto."

Não consegui esperar para ouvir mais — num segundo estava diante dele, mas, controlando-me com toda a a força de vontade que consegui reunir, disse muito calmamente:

"Reconhecê-lo-ia de novo se o visse, não é verdade?"

"Oh, sim", respondeu ele a rir, "sem dúvida; mas ele terá cuidado para não se encontrar comigo, porque sabe que eu o levaria imediatamente à esquadra mais próxima."

É em momentos de tensão como estes que se age de forma totalmente diferente daquilo que se imagina que faria, e as nossas ações e força de vontade se tornam um mistério; se alguém me tivesse dito, uma hora antes, que eu conseguiria parecer tão calmo enquanto ouvia o meu nome e carácter serem arrastados tão baixo, tê-lo-ia considerado louco. Mas, olhando-o tranquilamente nos olhos, retirei o cigarro dos lábios e disse lenta e deliberadamente:

"Senhor, ou é um louco fugido de um hospício ou um mentiroso infernal; o homem que está diante de si É o 'Cheiro' que diz que reconheceria. Exijo uma explicação completa das suas palavras ou então será este mesmo 'Cheiro' a levá-lo à esquadra mais próxima, se entretanto não o estrangular."

Não consigo descrever a breve cena que se seguiu. Num silêncio sepulcral, ouvimos alguns sons sufocados na sua garganta, mas, no instante seguinte, caiu inerte aos meus pés.

Felizmente, havia um médico entre os convidados, mas até ele teve dificuldade em salvá-lo. Talvez uma hora depois, o meu amigo e eu inclinámo-nos sobre o sofá onde o tinham colocado, e um destroço humano completamente quebrado e arruinado balbuciou, ofegante, as seguintes frases:

"Pelo amor de Deus, perdoe-me. Não consigo pensar porque fiz aquilo — talvez vaidade, porque não suportava a ideia de que alguém pudesse ter alcançado sucesso com aquilo que foi o meu hobby durante tanto tempo. Dê-me uma caneta; assinarei qualquer declaração que queira afirmando que tudo o que disse sobre si era falso."

Ele assinou uma declaração, pois o meu amigo considerou correto que o fizesse. Contudo, nunca tive ocasião de a utilizar — e agora nunca terei, porque não muito tempo depois a própria Mãe Terra engoliu até a sua memória.

Foi anos mais tarde que aprendi a lição de que aqueles que seguem vidas invulgares devem ter experiências invulgares e enfrentar mais calúnias do que os afortunados que seguem os trilhos comuns da vida.

Confesso que tive de pagar o preço da pouca fama que alcancei, especialmente nos anos posteriores. À medida que o meu nome se tornava mais conhecido, também a penalização se tornava, por vezes, maior. Fiz legiões de amigos, mas esse mesmo facto trouxe-me igualmente legiões de inimigos, e as histórias mais absurdas e, por vezes, mais cruéis foram espalhadas sobre mim.

Uns atribuíam o meu sucesso à "magia negra", outros aos "espíritos", outros ainda à ação do Diabo. Poucos, ou talvez nenhuns, atribuíram o meu sucesso a algo tão simples, tão comum, que provavelmente nunca lhes teria ocorrido — simplesmente trabalho árduo, sério e constante, e, juntamente com ele, o verdadeiro desejo de ajudar aquelas vidas confusas ou ilusoriamente brilhantes que, por breves momentos, entravam em contacto com a minha.

Como poucos, entre aquelas centenas de borboletas da sociedade que vinham gracejar ou passar uma hora ociosa, alguma vez pensaram que, muitas vezes, eu pedia silenciosamente ajuda para ler as suas vidas a partir daquela grande Fonte que nunca deixa de ajudar; e quando a brincadeira desaparecia dos seus lábios e as lágrimas lhes enchiam os olhos, eu não tomava para mim o mérito de ter desvendado os segredos dos seus corações.

Sentia-me apenas grato por ter sido o instrumento que talvez os tivesse despertado para a consciência de que os nossos pensamentos deixam marcas e de que existem registos das coisas que tantas vezes desejaríamos esconder.

Não fingia ser santo, porque, se o fosse, eles não teriam vindo. Não pregava, porque não me teriam ouvido; mas, erguendo mesmo que apenas um canto do véu do Mistério, conduzi aqueles a quem as igrejas nunca teriam alcançado a penetrar ainda mais fundo — e alguns deles, eu sei, seguiram em frente — até encontrarem finalmente o Mistério da Vida nos lábios das coisas que lhes falavam do Criador de tudo.

CAPÍTULO XXXIII

VISITO DETROIT E CHICAGO.
CONHEÇO O SR. ARMOUR, MARSHALL FIELD,
H. GORDON SELFRIDGE E JOE LEITER,
O MAJOR LOGAN, E UMA PREVISÃO
CUMPRIDA NA DATA EXACTA

Durante a minha visita a Buffalo, fui convidado a ir até Detroit, a algumas centenas de milhas de distância, para dar uma palestra em benefício de um jardim-de-infância de caridade que estava a ser criado naquela cidade.

Na terra dos comboios confortáveis, ninguém pensa nas distâncias, e, assim, na noite seguinte encontrava-me perante uma sala cheia da alta sociedade de Detroit.

Com algumas palavras eloquentes e lisonjeiras, fui apresentado ao público pelo Sr. Don M. Dickinson, antigo Diretor-Geral dos Correios do Governo dos Estados Unidos. Creio que raramente tive um público mais interessado ou mais apreciativo em qualquer cidade da América, e uma grande quantia de dinheiro foi entregue à instituição de caridade para a qual oferecera os meus serviços.

Na manhã seguinte, um homem muito notável, o presidente da câmara da cidade, visitou-me sem anunciar quem era. Era famoso no Michigan pelo seu gosto pela discussão, mas, antes de partir, escreveu algo no meu Livro de Visitantes que, considerando a sua natureza, foi talvez o maior elogio que me poderia ter feito. Dizia: "'Cheiro' é tão exato que não há possibilidade de 'discussão'." Este extraordinário testemunho está assinado por J. S. Pingree, Presidente da Câmara de Detroit.

Antes de deixar esta cidade, devo dizer que, só do ponto de vista paisagístico, Detroit não deve ser ignorada pelos visitantes dos Estados Unidos. Magnificamente situada na junção dos grandes lagos, é uma das cidades mais atrativas que conheço. As ruas são largas e bem traçadas; os edifícios são elegantes e imponentes; e é hoje o principal centro da indústria automóvel.

De Detroit segui para Chicago, a grande metrópole central dos Estados Unidos — a Câmara de Compensação do Oeste e do Leste, como creio que adequadamente se poderia descrever. Por alguma razão que nunca consegui compreender, Chicago é uma das cidades americanas mais

injustamente criticadas; as suas ruas são alvo de censura, os seus edifícios ridicularizados, os seus homens e mulheres colocados em todos os melodramas que necessitam de dinheiro ou de um vilão, e o seu clima desprezado como o pior dos Estados Unidos.

Visitei esta grande cidade três vezes e devo dizer que, de cada vez que a deixei, levei comigo apenas renovados sentimentos de admiração pelo espírito empreendedor que parecia correr como uma maré pelas suas ruas, bem como pela hospitalidade e extraordinário companheirismo dos seus habitantes.

Em Chicago, homens e mulheres não pensam que "é um crime trabalhar"; pelo contrário, consideram um crime ser demasiado preguiçoso para trabalhar. Estas pessoas fazem das dificuldades da vida um desporto. Ri-se dos seus golpes, jogam com a sua moeda; se perdem ou se ganham, riem da mesma forma — ou, pelo menos, são demasiado corajosos para mostrar as lágrimas.

Mas não pensem, por um instante, que estas pessoas não têm "o leite da bondade humana nos seus corações"; pelo contrário, quando chegam as inundações ou os ciclones atacam, seja a norte, sul, este ou oeste, Chicago responde rapidamente, como um coração ferido ao toque da tristeza.

Algumas pessoas pensam que a humanidade é igual em todo o mundo, mas, na minha maneira de pensar, acredito que o clima e até o próprio solo afetam as raças tanto quanto afetam as flores e os vegetais. Plantem a uva do champanhe noutra região e ela deixará de produzir "o vinho que alegra"; na verdade, em muitos casos deixará mesmo de produzir uvas. Os geólogos explicam isto afirmando que a região de Champagne possui um subsolo de giz e cascalho, mas, se tais factores afetam, como afetam, uma planta resistente como a videira, quanto mais não poderá a influência magnética do subsolo afetar o mais sensível de todos os organismos: o ser humano.

Não haverá razão para a diferença existente entre o carácter dos franceses e dos alemães, ou dos ingleses e dos irlandeses? Porque não haverão de existir igualmente divergências entre o povo de Chicago e, por exemplo, o de Nova Iorque, separados por oitocentas milhas?

Em todo o caso, não penso que o solo de Chicago, qualquer que seja o resto que produza, dê origem a snobs, pois, na minha opinião, esta cidade está particularmente livre dessa espécie de parasitas desagradáveis.

Na grande oficina do mundo a que me refiro, homens que valem milhões são tão humildes e despretensiosos como se valessem apenas

alguns tostões. Trabalham com gosto, gostam de jogar o jogo da vida e, enquanto não jogarem com dados viciados, homens assim estão destinados a vencer a longo prazo.

Como exemplo passageiro do que estou a afirmar, desejo mencionar o seguinte episódio que me aconteceu:

Tinha uma carta de apresentação para o Sr. Phillip Armour, o chefe da grande empresa que trazia o seu nome. Numa manhã, encontrava-me naquela zona da cidade e pensei apresentar a minha carta.

Ao entrar num dos enormes matadouros, vi um homem idoso, vestido de forma muito simples, aparentemente ocupado a tomar notas num pedaço de papel. Aproximando-me dele, perguntei onde poderia encontrar o Sr. Armour, pois tinha uma carta de apresentação para lhe entregar.

"Para que o quer?" perguntou-me ele.

"Oh", respondi, "apenas para que talvez envie algum empregado comigo para me mostrar as fábricas."

"Não se preocupe com a sua carta", disse o homem. "Eu próprio lhe mostrarei tudo o que quiser ver."

Agradeci-lhe e partimos. Passámos de edifício em edifício naquela extraordinária organização empresarial, talvez a mais impressionante que o mundo alguma vez viu. Os operários, embaladores e restantes trabalhadores mal reparavam em nós enquanto atravessávamos os diferentes sectores e, ao fim de talvez uma hora, regressámos novamente à rua.

Agradeci ao homem que fora o meu guia e, retirando um dólar do bolso, ia entregá-lo quando, para meu espanto, ele disse:

"Não é preciso fazer isso. Eu sou o Sr. Armour. Agora dê-me a sua carta."

O milionário Marshall Field era igualmente simples e despretensioso, tal como o seu sócio, Harlow N. Higinbotham, mesmo quando ocupava a presidência da Feira Mundial. H. Gordon Selfridge, também milionário e sócio da mesma gigantesca empresa, era um dos homens mais discretos e modestos que alguma vez conheci, e continua a sê-lo ainda hoje, apesar de viver em Londres e de os "Selfridge's" serem assunto de conversa em toda a cidade.

Na verdade, se alguém quisesse escolher um exemplo do melhor tipo de homem de negócios que a América pode produzir, penso que dificilmente encontraria melhor modelo do que H. Gordon Selfridge.

Um "homem feito por si mesmo" e orgulhoso desse título; um homem que começou do nada, mas que, na dura batalha da vida, conquistou a sua posição através de uma luta honesta e perseverante. Um homem que, aos trinta anos, era um dos principais diretores da Marshall Field & Co. e que, pouco depois dos quarenta, vendeu a sua participação na grande firma de Chicago e, levando consigo o dinheiro para Londres, criou em menos de dois anos um dos maiores e certamente um dos mais bem-sucedidos estabelecimentos que o grande coração comercial de Inglaterra alguma vez viu.

Como me lembro bem da primeira noite em que tive o prazer de jantar em sua casa, em Chicago. Poucos dias antes, apresentara-se perante mim como um dos muitos clientes desconhecidos. Admitira ter ficado espantado com a exatidão da descrição que lhe fizera do seu carácter e, talvez ainda mais, do retrato do futuro ainda mais bem-sucedido que o aguardava.

Ficara surpreendido por um exame das suas mãos poder revelar tão claramente o registo da sua carreira passada, assim como indícios de sonhos e desejos meio ocultos que, como meteoros, haviam iluminado ocasionalmente as longas noites da sua juventude. Sentiu, contudo, que eu lhe dissera a verdade; por isso, antes de sair, entregou-me o seu cartão e convidou-me para jantar em sua casa, onde conheceria a sua esposa e a sua idosa mãe, que recentemente partira para o "Grande Além".

Quinze anos depois, encontrei-o novamente nos seus escritórios de Londres, com os planos estendidos diante dele do magnífico edifício comercial que estava prestes a construir. Apontando para o outro lado da Oxford Street, disse:

"Todas aquelas lojas e edifícios velhos que vê ali vão ser demolidos; no seu lugar, espero que dentro de poucos meses se erga um verdadeiro Templo do Comércio, digno desta grande cidade."

H. Gordon Selfridge cumpriu a sua palavra, e Londres deve-lhe hoje não apenas um magnífico edifício, mas uma casa comercial cuja organização e eficiência creio não terem igual no mundo.

Mas regressemos a Chicago.

No Hotel Auditorium, tinha uma excelente suite no primeiro andar e, das suas janelas, desfrutava diariamente da vista do Lago Michigan — um verdadeiro mar interior — que se estendia até ao horizonte distante. Por vezes, era difícil acreditar que aquele grande lago diante da minha porta fosse maior do que Inglaterra e o País de Gales ou, na verdade, até do que as Ilhas Britânicas, incluindo a pobre velha Irlanda.

Os meus aposentos tornaram-se tão procurados por pessoas que desejavam consultas que acabou por ser necessário marcar entrevistas com três ou quatro semanas de antecedência. E uma característica que particularmente admirei nos americanos foi que não só cumpriam os seus compromissos como eram de uma pontualidade exemplar; além disso, quando o seu tempo atribuído — meia hora — terminava, cediam voluntariamente o lugar ao visitante seguinte, para não fazerem os outros esperar.

Trabalhava regularmente das nove às cinco, com apenas uma hora de pausa para almoço. Para além das consultas, dava aulas de duas em duas noites, das oito às dez, e também realizava palestras públicas.

Na minha primeira conferência em Chicago, no Steinway Hall, fui apresentado ao público pelo juiz William A. Vincent e, quase sempre, alguma figura pública presidia às minhas sessões. Estas palestras, nas quais mostrava, através de uma grande lanterna estereoscópica, impressões autografadas das mãos dos homens e mulheres mais famosos da época, eram, do ponto de vista financeiro, extremamente bem-sucedidas, chegando frequentemente a render entre mil e dois mil dólares por sessão.

Por um estranho acaso, os próprios habitantes de Chicago criaram um costume que me fazia ganhar mais dinheiro na última meia hora de cada tarde do que muitas vezes ganhava durante todo o resto do dia.

Numa tarde, às cinco horas, quando acabara de atender o meu último cliente, uma senhora e um cavalheiro, desconhecidos um do outro, chegaram simultaneamente à sala de espera. A senhora tentou convencer a minha secretária a conseguir-lhe imediatamente uma consulta, quando o cavalheiro interveio:

“Está a tirar uma vantagem injusta tanto de ‘Cheiro’ como do seu sexo, minha senhora. Chegámos exatamente ao mesmo tempo; se houve diferença, fui eu quem chegou primeiro.”

“Muito bem”, respondeu a senhora, “se pensa assim, deixemos então que a secretária leiloe esta consulta extra e que ela vá para quem oferecer mais.”

Mal o disse, logo começaram a licitar um contra o outro. A senhora só desistiu quando a quantia atingiu mil dólares. Muito educadamente, o cavalheiro pagou o valor, recebeu o seu cartão de consulta e, com uma cortês vénia, entregou-o à senhora antes de sair.

Nunca soube quem eram um ou outro, mas essa foi certamente a consulta mais cara que alguma vez dei durante meia hora.

De alguma forma, porém, o incidente tornou-se conhecido e, a partir daí, tornou-se habitual dois homens ou duas senhoras aparecerem perto das cinco horas para leiloarem aquela consulta extra, com valores entre quinhentos e mil dólares.

Foi assim que conheci o Sr. Arthur Caton.

O Sr. Arthur Caton era um dos homens mais conhecidos de Chicago. Entrou um dia à tarde e ofereceu quinhentos dólares para garantir a sua consulta contra outro interessado. Quando a consulta terminou, insistiu para que eu jantasse com ele no Clube Cahnette e, desde esse dia até à sua morte, permaneceu sempre um dos meus melhores amigos.

Como exemplo curioso de uma previsão verificada quase literalmente e numa data exata, não posso passar pelas minhas experiências em Chicago sem mencionar o caso do Major John A. Logan.

Este homem comprara um dos meus cartões de consulta a um amigo e, como a minha secretária nunca perguntava nomes, entregando apenas cartões numerados, eu não fazia a mínima ideia de quem era o visitante.

A sua personalidade forte chamou-me imediatamente a atenção, e entreguei-me de alma e coração ao meu trabalho. Compreendi rapidamente as suas tendências e peculiaridades e comecei, passo a passo, a desvendar-lhe o futuro; mas não tinha avançado muito quando parei abruptamente.

“Não lhe resta assim tanto tempo de vida”, disse-lhe. “Aconselho-o seriamente a afastar-se dos negócios o mais depressa possível e a organizar todos os seus assuntos, porque, com a sua natureza, lamentaria deixar tudo num estado caótico.”

Era um homem de vontade tão firme e determinada que percebi que podia falar-lhe com absoluta frontalidade e que ele preferiria precisamente isso.

"O que imagina que possa acontecer?" perguntou. "Mas pese bem as suas palavras antes de responder, porque admito francamente", acrescentou, "que descreveu a minha vida passada com tal exatidão que aquilo que disser agora poderá influenciar grandemente as minhas decisões."

"Bem, já que realmente quer saber", respondi, "lamento dizer que tudo aponta para que morra precisamente ao atingir os trinta e cinco anos; e mais ainda: a causa não será doença alguma, mas antes uma pancada ou ferimento na cabeça — morte instantânea provocada por isso."

"Não consigo imaginar de onde poderá vir", respondeu muito seriamente, "a menos que esteja relacionado com o intenso amor por cavalos e equitação que tão bem descreveu como uma das minhas maiores paixões; mas, se for possível evitar o perigo, prometo-lhe que, ao aproximar-me da idade que mencionou, não voltarei a montar a cavalo. Mas deixemos este assunto sombrio e diga-me antes o que vê relativamente aos meus negócios neste momento."

Depois de me dar a sua data de nascimento, calculei as condições imediatas e os números indicaram claramente o seguinte:

"Está neste momento a arriscar tudo numa enorme especulação; por agora ainda pode sair dela e talvez obter um lucro considerável, mas, se esperar mais alguns dias, em vez de ganhar, ficará arruinado."

A perspetiva da morte alguns anos mais tarde não abalara aquele jovem elegante e de boa aparência, mas as minhas últimas palavras afetaram-no de tal maneira que, por um instante, pensei que fosse desmaiar.

"'Cheiro'", disse ele, "tenho de lhe dizer quão perto acertou. Vou expor-lhe os factos e depois veremos se mantém o que acaba de afirmar. Admito que estou envolvido na maior especulação da minha vida. Talvez tenha lido nos jornais que Joe Leiter monopolizou o mercado do trigo? Pois bem, sou um dos maiores amigos de Joe e estou metido nisso até onde consigo suportar. Agora deixe-me mostrar-lhe porque penso que não corro qualquer perigo de perda."

Dizendo isto, afastou as cortinas da janela e apontou para o Lago Michigan, coberto de gelo até onde a vista alcançava, brilhando como uma folha de prata sob a luz intensa da lua.

"Ali", disse ele, "enquanto esta vaga de frio continuar, nenhum navio carregado de trigo poderá sair de Duluth e entrar em Chicago. O preço terá inevitavelmente de subir de forma vertiginosa."

Confesso que fiquei perplexo quanto ao que lhe responder. Fiz novamente os meus cálculos e forcei o cérebro à procura de uma solução. Apenas uma conclusão surgia.

"Não lhe sei dizer onde reside exatamente o perigo", respondi, "mas só posso repetir: venda o mais depressa possível cada dólar que tenha investido nesta especulação e, acredite, não se arrependerá."

Partiu num estado de grande indecisão, mas, para surpresa geral, no dia seguinte vendeu até ao último cêntimo que tinha naquele famoso monopólio do trigo.

Durante todo o dia os preços subiram; os jornais anunciavam que se aproximava uma fome de trigo e que aquele era o maior monopólio do género jamais conhecido.

Por volta das seis da tarde, o próprio Joe Leiter veio visitar-me e troçou amigavelmente dos meus maus presságios. Trazia preso ao lenço um magnífico alfinete de diamantes em forma de touro, oferta recente de uma senhora, simbolizando o facto de ele ser, naquele momento, o "touro" do mercado do trigo. Insistiu para que jantasse com ele e alguns amigos e, naturalmente, passou a noite inteira a brincar comigo por causa das minhas previsões.

Mas tudo aquilo era como o Banquete de Baltasar antes da queda da Babilónia.

Naquele exato momento, uma mente brilhante transmitia ordens por fio telegráfico e telefone a milhares de homens e embarcações na costa gelada de Duluth e nos locais onde estavam armazenadas as suas enormes reservas de trigo.

O célebre Armour, que Leiter julgava ter apanhado desprevenido, ergueu-se como um general na véspera de uma batalha. Durante toda a noite, a sua frota de quebra-gelos e barcos equipados com enormes correntes abriu caminho em Duluth e através do lago até Chicago. Quando

amanheceu, biliões de toneladas de trigo já seguiam em rota e o grande monopólio do trigo tinha sido destruído.

Como toda a gente sabe, Leiter perdeu milhões de dólares e o pai teve de o socorrer para preservar o nome da família que mais tarde viria a dar uma vice-rainha à Índia.

O Major Logan não só se salvou, como obteve um lucro considerável e, alguns dias depois, ofereceu-me um presente muito valioso como recordação.

Voltei a encontrá-lo durante a minha última visita a Chicago. Um senhor chamado Allen oferecera um jantar de despedida em minha honra, pois eu anunciara que regressaria a Londres durante alguns anos. Quando me despedia, o Major Logan encontrava-se à porta e disse:

"Bem, 'Cheiro', suponho que desta vez seja um adeus para sempre, porque dentro de poucos meses atingirei o meu fatídico trigésimo quinto ano." — (eu já tinha completamente esquecido a minha previsão) — "Ainda assim, talvez consiga provar que está enganado", acrescentou. "Vendi todos os cavalos que possuía e ninguém me apanhará a arriscar a cabeça até ultrapassar bem os trinta e cinco anos."

Mas quão pouco sabemos se nos é ou não permitido evitar o destino!

Menos de três meses depois, rebentou a Guerra Hispano-Americana e o Major Logan foi atingido por uma bala na cabeça enquanto liderava os seus homens num regimento voluntário, num dos primeiros combates.[1]

[1] "Claro que leu acerca da morte do Major John A. Logan. Não foi terrível? Uma das últimas coisas que me disse antes de partir para a guerra nas Filipinas foi que teria muito cuidado com a cabeça e que não morreria como Cheiro previra. Mas, infelizmente, a previsão de Cheiro revelou-se demasiado verdadeira. Foi morto por um tiro na cabeça e tinha exatamente trinta e cinco anos quando isso aconteceu."
— Harriet Hubbard Ayer,
New York World, 31 de Dezembro de 1899.

CAPÍTULO XXXIV

VISITA A SALEM, ONDE A ÚLTIMA BRUXA DOS ESTADOS UNIDOS FOI QUEIMADA NA FOGUEIRA.

UMA BELA MULHER ENVIADA PARA ME ENGANAR

Antes de deixar os Estados do Leste, fui convidado a visitar Salem e dar uma conferência naquela cidade histórica, onde mais quiromantes e astrólogos foram torturados do que em qualquer outro lugar do mundo e onde a última bruxa foi queimada na fogueira na América.

Confesso que gostei imenso da ideia de dar uma palestra sobre as mãos e provar a verdade daquele antigo estudo em cenários tão sinistramente históricos.

Salem não fica muito longe de Boston e, como os jornais já tinham tornado o meu nome bastante conhecido naquela região, encontrei uma audiência enorme reunida para a conferência. Trouxera comigo uma grande lanterna estereoscópica e diapositivos para projetar no ecrã impressões de mãos famosas, como as de Gladstone, H. M. Stanley, Joseph Chamberlain, Sarah Bernhardt e dezenas de outras.

Estava prestes a mandar subir o pano quando, para meu espanto, um inspetor da polícia atravessou o palco vindo dos bastidores e, levantando a mão, proibiu a abertura da cortina.

Foi extremamente educado, mas informou-me com firmeza de que, segundo uma antiga lei daquele Estado, nunca alterada desde o tempo em que a última pobre bruxa fora queimada, era absolutamente proibido permitir que qualquer pessoa expusesse, sob qualquer forma, assuntos como Quiromancia ou quaisquer outros "trabalhos do Diabo", e que qualquer indivíduo apanhado a fazê-lo mediante pagamento seria preso e sujeito às mais severas punições.

Depois de me ler a disposição legal, pediu-me que me colocasse diante da cortina e anunciasse que a conferência não poderia realizar-se.

Creio que deve ter sido o espírito daquela última pobre bruxa queimada em Salem que me inspirou a fazer o que fiz, porque estou certo de que o meu cérebro, por si só, jamais teria encontrado saída para semelhante situação.

Coloquei-me diante da cortina e informei a assistência de que, por força de uma antiga lei do Estado, nenhuma conferência sobre Quiromancia podia ter lugar em Salem.

Seguiu-se o mais absoluto silêncio.

"Agora, minhas senhoras e meus senhores", continuei, "como cidadãos respeitadores da lei, não se pode esperar que violem as leis do vosso próprio Estado, por mais obsoletas ou absurdas que algumas delas

sejam; mas, como homens e mulheres inteligentes, espera-se que se adaptem às condições alteradas em que vivem atualmente e, mais ainda, que retirem proveito do uso da vossa inteligência para contornar a estupidez que deu origem a esta lei. Assim, vou sugerir-vos de que forma isso pode ser feito e, ao mesmo tempo, com a vossa ajuda, tentemos fazer nascer o bem do mal.

"A lei afirma que nenhuma exposição de Quiromancia ou de quaisquer estudos do Diabo pode ser realizada mediante qualquer forma de pagamento. Proponho, portanto, que aceitem esta noite os meus serviços como uma oferta minha para vós e que todo o dinheiro pago pelos lugares seja entregue às instituições de caridade que desejarem beneficiar com esta conferência."

Uma salva unânime de aplausos saudou a proposta. Voltei então aos bastidores e perguntei ao inspetor se estava agora satisfeito de que, nestas condições, a palestra pudesse realizar-se.

"Sim", respondeu ele a rir, "pode continuar — a única pena é não ter nascido americano."

Não esperei pela posterior divisão dos lucros, por isso só posso esperar que as instituições de beneficência da polícia de Salem tenham sido incluídas entre os beneficiários daquela conferência sobre um dos principais estudos do Diabo.

UMA BELA MULHER ENVIADA PARA ME ENGANAR

Ao ler estas confissões de uma carreira tão singular, as pessoas não devem deixar-se levar pela ideia de que um homem tão favorecido pela amizade de tantos não tenha também enfrentado perigosas armadilhas preparadas por inimigos ou por aqueles que invejavam o seu sucesso.

Num capítulo posterior relatarei a tentativa de homicídio de que fui alvo enquanto exercia em Nova Iorque. Agora contarei a armadilha montada contra a minha honra em Chicago.

Numa tarde, quando terminava o trabalho do dia, a minha secretária informou-me de que havia uma senhora à espera que insistira particularmente em ter a última consulta. Explicara essa insistência dizendo que tinha muito para me perguntar e que meia hora comum não seria suficiente.

Como sabia bem que, quando os americanos insistem numa coisa, discutir é pura perda de tempo, apesar de estar extremamente cansado após

um longo dia, concordei e a minha secretária conduziu a senhora até ao meu gabinete.

Entrou uma mulher alta e extremamente elegante. Levantou o véu e revelou um dos rostos mais belos que penso ter visto na vida. Não teria sido humano se não a admirasse. Vestia-se de negro — uma curiosa combinação de seda e azeviche que delineava na perfeição cada linha da sua figura esguia e graciosa. Quando retirou as luvas, as suas mãos delicadamente moldadas eram um verdadeiro encanto; tão requintadas e artísticas que qualquer pintor se sentiria fascinado por elas.

Para meu espanto, em vez de as pousar na almofada diante de mim, tirou um estojo de cigarros finamente trabalhado e ofereceu-me um apetecível cigarro turco.

Eu, porém, estava concentrado no meu trabalho e, apesar da minha longa experiência, interrogava-me — quase com receio — se seria capaz de ter sucesso com aquela cliente.

Ao perceber a minha hesitação, ela riu suavemente e disse:

"Meu caro senhor, não se preocupe em tentar converter-me. A vida é como o cigarro que lhe ofereço — consome-se rapidamente e no fim resta apenas pó e cinza."

Ela esquecera-se, no entanto, de que eu não era mais do que um instrumento sensível e de que, embora aparentasse juventude, carregava em mim a experiência condensada de muitas vidas; e que, apesar da máscara sorridente, eu já tinha tocado a sua alma esmagada e ferida, e a única emoção que ela despertara em mim fora a compaixão.

"Podemos fumar um cigarro depois", disse eu, "mas, entretanto, deixe-me ver as suas mãos."

"Oh, as minhas mãos nada têm para revelar", respondeu. "Aos vinte e quatro anos uma mulher não tem linhas nem no rosto nem nas mãos."

"E, no entanto", repliquei, "um bebé com apenas uma hora de vida possui já linhas que contam o seu futuro — linhas que, se pudessem falar, revelariam até o peso da hereditariedade — o destino que talvez a mãe tenha criado para ele e que mais tarde daria a própria vida para desfazer, se isso fosse possível."

Sem o saber, tinha tocado no ponto mais sensível daquela misteriosa criatura diante de mim; as suas mãos abriram-se e, muito silenciosamente, colocou-as diante de mim.

O mapa da sua vida surgia tão claramente que dificilmente poderia ter-me enganado, mesmo que o tentasse. O ambiente da infância, a disciplina rígida do lar, a bela voz que prometera transformá-la numa grande cantora, o romance aos dezoito anos, o abandono aos vinte, o nascimento do filho. Depois, a luta pela sobrevivência, a fuga de cidade em cidade, o desejo desesperado de dinheiro para alimentar a criança, o sufocar de tudo o que nela existia de refinado apenas para que o filho pudesse viver. A ferocidade quase animal daquele instinto materno disposto a cobrir-se de sangue ou crime apenas para proteger o filho do mesmo destino — tal fora a formação da mulher diante de mim.

Ela retirou lentamente as mãos e, tirando uma carta da mala, entregou-ma sem dizer palavra.

O cabeçalho era de um jornal de Chicago e a carta dizia:

"Cara Srta. Fulana,

Quase todos os jornais da cidade publicaram artigos elogiosos sobre este homem, 'Cheiro', no Hotel Auditorium. Quero seguir a via oposta e criar alguma sensação à volta dele — algum escândalo, se possível. A senhora é a pessoa indicada para isso; o pagamento será generoso. Faça-me chegar a história o mais depressa possível.

Atenciosamente, etc."

A mulher levantou-se, dirigiu-se à secretária e escreveu o seguinte:

"Caro Senhor Diretor,

Esta noite tentei obedecer às suas instruções — mas falhei. Mais ainda, deixe-me dizer-lhe que, se tentar criar 'algum escândalo' acerca deste homem, publicarei imediatamente a sua carta e desmascararei o seu jogo.

Atenciosamente, etc."

Tentei agradecer-lhe, mas, com um soluço na voz, ela disse:

"Foi o meu filho que o salvou. Pode agradecer-lhe a ele, 'Cheiro'. Eu apenas lhe peço que me perdoe."

CAPÍTULO XXXV

UMA EXTRAORDINÁRIA ESPECULAÇÃO.
AS ACÇÕES DE UMA COMPANHIA METALÚRGICA
QUE REALMENTE PRODUZIA OURO

Durante o meu último Inverno em Chicago, conheci, em circunstâncias peculiares, um célebre mestiço franco-indígena chamado Henri Dupont[1] e foi através dele que me envolvi numa estranha especulação bolsista, embora eu próprio lhe tivesse previsto, pela sua mão, que naquele período da sua vida não o esperava qualquer sucesso. Mas Henri Dupont era uma personalidade extraordinária e, embora tenha perdido dinheiro na aposta, nada tenho senão gratidão para com ele por uma experiência invulgar que muito me ensinou.

Numa noite, estava sentado à mesa para jantar nos meus próprios aposentos do Hotel Auditorium quando algo me levou a erguer os olhos do jornal vespertino e deparei-me com uma das figuras humanas mais marcantes que penso ter visto na vida, parada à entrada da porta.

Aquele homem, embora apenas de estatura média, tinha a cabeça e a postura de um leão e, com a massa de cabelo negro, áspero e desgrenhado, atirada para trás, parecia, naquele momento, exatamente "o nobre rei dos animais". Quando levantei os olhos da cabeceira da mesa, os nossos olhares cruzaram-se e ficámos silenciosamente a observar-nos durante alguns minutos sem trocar palavra.

Com uma cortesia inata impossível de confundir, ao ver-me sentado à espera do jantar, hesitou evidentemente em entrar e, ao mesmo tempo, parecia incapaz de retirar-se com elegância.

Levantei-me e disse:

"Bem, evidentemente veio jantar comigo, não foi?"

"Sim", respondeu, "se tiver a bondade de me convidar."

"Claro, meu caro senhor", respondi. "Onde há suficiente para um, há sempre bastante para dois. Entre e jante comigo, sem dúvida."

E puxei uma cadeira para ele à minha direita.

Cada movimento seu transmitia cortesia e refinamento. Estendeu-me a mão, desculpando-se por estar vestido de forma tão rude; sentou-se à mesa como se jantar comigo fosse a coisa mais natural do mundo.

Quando a luz lhe iluminou o rosto, percebi imediatamente que era mestiço indígena e, como sempre tive a maior admiração pelas tribos indígenas da América do Norte, então já rapidamente desaparecendo, o facto de correr sangue delas nas suas veias despertou-me um enorme interesse.

Ao notar que o meu empregado negro parecia à beira de uma apoplexia ao ver-me jantar com um desconhecido de aspeto tão selvagem, ordenei-lhe que colocasse todos os pratos no aparador e nos deixasse a sós.

Quando ele desapareceu, servi um copo de vinho[2] ao meu desconhecido convidado e disse:

"E agora, meu caro senhor, talvez me faça o favor de me dizer quem é, afinal."

"Com prazer", respondeu. "Sou Henri Dupont, mestiço franco-canadiano-indígena, da tribo Sioux, companheiro de Louis Riel, que combateu contra os ingleses. Fui feito prisioneiro e condenado à morte, mas escapei atravessando o São Lourenço a nado com uma bala alojada no ombro por um sentinela demasiado zeloso. Estou proscrito no Canadá, mas perfeitamente satisfeito por viver o resto da vida sob as Estrelas e Riscas, ou por dar a vida por elas, se necessário.

Eis um breve resumo da minha história, mas explicar-lhe o motivo que me trouxe até si demorará um pouco mais."

Então aquele estranho indivíduo lançou-se numa exposição da sua filosofia — uma filosofia de vida correta, um retrato de sacrifício pessoal e ideais nobres sem paralelo em tudo quanto eu até então ouvira ou lera.

Era um rebelde contra tudo o que fosse falso; um rebelde natural contra as centenas de injustiças que a sociedade consagrou com o tempo e santificou sob o nome de Lei. O sangue fervia-lhe perante o extermínio do seu povo, a expropriação dos seus bens, as crueldades do homem branco contra o seu irmão de outra cor; e, em poucas palavras rápidas, traçou um admirável plano de redenção pessoal, que incluía até os seus inimigos — o homem branco e a mulher branca — integrados igualmente na sua visão da harmonia das coisas e da elevação final de toda a humanidade através da consciência de que o Homem foi criado "à imagem e semelhança de Deus" e de que todos os homens são irmãos.

Escutei-o fascinado até terminar.

"Mas o seu plano", perguntei, "como poderá ser realizado?"

“Através da posse da riqueza”, respondeu. “Uma riqueza ilimitada, mas utilizada como Deus pretende que a riqueza seja usada.”

“Mas de onde virá essa riqueza?” perguntei. “Ela só aumenta nas mãos daqueles que já a possuem — lembre-se daquele texto duro, mas verdadeiro, que diz: ‘Ao que tem será dado, mas ao que não tem será tirado até aquilo que possui.’”

Respondeu-me com uma história estranha, mas tão extraordinária que as minas do mundo e o ouro da Terra pareciam insignificantes diante do seu plano.

Em resumo, era o seguinte: um jovem químico americano descobrira como os metais tinham sido formados no ventre da Natureza, como o ouro nascera, como as pedras preciosas tinham sido criadas. Aceitaria eu conhecer esse homem? Não era um produto da imaginação nem um sonho de idealista; era uma pessoa real, cujo sucesso já fora tão grande que, naquele exato momento, nos arredores da própria cidade, encontraríamos esse homem com uma instalação de fornos e maquinaria que era em si mesma uma maravilha e que surpreendera todos os cientistas autorizados a vê-la.

Naturalmente aceitei ir. Porque não poderiam existir tais coisas? Descobriu o homem todos os segredos da Natureza? Todos os dias surgem descobertas que derrubam teorias antigas e demonstram que os mistérios de ontem já não o são à luz de hoje.

Poucos minutos depois tinha uma carruagem à porta do hotel e partíamos para um lugar desconhecido para mim, muito para lá dos limites da cidade.

Três quartos de hora de viagem com uma boa parelha de cavalos levaram-nos finalmente até um grande edifício de tijolo e chapa galvanizada, isolado numa solidão desoladora entre campos gelados.

O meu estranho guia abriu uma porta lateral com uma chave e conduziu-me através de vários corredores mal iluminados até chegarmos a uma ampla sala quadrada no centro do edifício.

Sentado a uma longa mesa estava um jovem, com microscópios e instrumentos diante de si, profundamente concentrado a examinar amostras de uma substância semelhante a barro.

Dupont apresentou-me como um amigo por quem responderia com a própria vida, e o jovem apertou-me a mão com firmeza e colocou uma cadeira para mim junto da mesa.

Foi então que percebi, pela primeira vez, o verdadeiro objetivo da visita de Dupont. Queria que eu examinasse a mão daquele homem e verificasse se o sucesso que esperavam estava prestes a tornar-se realidade.

Mais uma vez encontrava um tema fascinante para estudo. E permita-me acrescentar, de passagem, que a América está cheia de tipos assim. Com a mistura de raças, o clima eletricamente estimulante, os recursos naturais ilimitados e as condições de vida, tudo contribui para fazer daquele solo um terreno fértil para o génio e o lar da invenção.

Não imagine por um instante que o jovem diante de mim tivesse um único traço de charlatão ou impostor. Pelo contrário, via diante de mim um homem — jovem, mal chegado aos trinta anos — mas um estudante sério, um cientista vestido como operário e um génio no seu ramo particular de investigação.

Não pensem sequer que estou a romantizar a situação — o único romantismo naquele jovem químico era a maravilha do seu trabalho.

Anos antes de o conhecer, trabalhando como assistente de química, juntara dinheiro suficiente para viajar e estudar todos os vulcões famosos do mundo; enquanto outros turistas visitavam Roma ou contemplavam a célebre Baía de Nápoles, aquele jovem cientista arriscava a vida descendo preso por um cabo de aço ao interior do Vesúvio para arrancar alguns dos segredos da Natureza diretamente do seu coração.

Acabou por descobrir certas leis relativas à aplicação do calor e às afinidades entre argilas e metais; regressando depois a Nova Iorque, inventou um forno que dissolvia barro e areia de tal modo que produzia uma bela pedra branca em forma de tijolos, descoberta que vendeu por uma soma considerável.

Mas pretendia capital para um objetivo muito diferente da simples produção de tijolos brancos. Com esse capital construiu a fábrica que vi nos arredores de Chicago, com o propósito expresso de fabricar ouro do mesmo modo que a própria Mãe Terra o fizera quando, como massa incandescente, fora criada.

Seria demasiado longo entrar aqui nos aspetos científicos das suas descobertas; a maioria dos meus leitores provavelmente rejeitará as suas

teorias como delírios de um louco, ou considerar-me-á tolo por escrever sobre elas; ou, na sua superior sabedoria (!), talvez encolha os ombros perante o facto de ele ter abandonado a "fábrica de tijolos" de Nova Iorque em busca da quimera de fabricar ouro.

Contudo, é precisamente a homens como este que o mundo deve algumas das suas maiores invenções e descobertas. Se Monsieur e Madame Curie não tivessem sido bem-sucedidos na busca do rádio, ambos estariam condenados a terminar os seus dias num miserável sótão e seriam ridicularizados pelos seus esforços. Mas triunfaram, e hoje os seus nomes são honrados; o sofrimento do mundo foi aliviado pelo seu trabalho; a Fama elevou-os com as próprias mãos para se sentarem ao seu lado no trono, enquanto aqueles que os teriam troçado hoje se calam em admiração.

Até certo ponto, o homem de quem escrevo também teve sucesso.

Nos dias seguintes em que visitei a sua "fábrica", vi com os meus próprios olhos ouro extraído dos seus cadinhos, em quantidades tais que, num só dia, o total ultrapassou duas mil libras pagas pelo Tesouro do Governo; e mais ainda, o preço obtido pelo seu ouro era tão elevado quanto o concedido ao metal precioso extraído das famosas minas da Califórnia.

Além disso, homens práticos e experientes de Chicago compraram ações da sua pequena companhia. Essas ações triplicaram de valor em poucos meses e, algum tempo depois, já não era possível adquirir aos corretores aquelas ações com valor nominal de vinte dólares por menos de quatrocentos e cinquenta dólares cada.

O seu calor vulcânico produzia também pedras preciosas, sendo absolutamente comum encontrar rubis, granadas e safiras na substância rochosa endurecida que permanecia nos cadinhos depois de arrefecidos e partidos.

Haveria motivo para estranhar que Henri Dupont tivesse sonhado com riquezas incalculáveis para realizar os seus planos humanitários?

Nunca esquecerei aquele momento em que, para lhe agradar, examinei as mãos do seu jovem amigo. Sob a forte luz do laboratório, o rosto dele parecia tão branco e consumido pela preocupação que eu teria preferido falar-lhe de tudo menos do fracasso das suas esperanças.

Por toda a parte havia sinais de sucesso; talvez não menos de dez frascos de vidro cheios de pequenos rubis estivessem sobre a mesa ao meu lado; um saco de couro repleto de pepitas de ouro muito pequenas, mas de

excelente qualidade, encontrava-se sob as suas mãos, servindo-me de almofada para as examinar melhor e, no entanto, embora eu visse todas as provas possíveis da sua inteligência extraordinária e do seu enorme poder mental, não conseguia detetar a fortuna que ambos esperavam.

Disse-lhes exatamente aquilo que via, mas tenho o prazer de acrescentar que as minhas palavras não lhes causaram desilusão nem fizeram surgir uma sombra nos seus rostos. Estavam demasiado habituados a que as pessoas duvidassem de que fosse possível extrair ouro de pedra triturada e barro em pó. Apenas consegui fazê-los duvidar de mim — nada mais; na verdade, eu próprio comecei a duvidar de mim e, antes de partir, pedi autorização para comprar alguns milhares de ações da companhia.

Durante as seis semanas seguintes tudo correu muito bem na "fábrica" e, muitas noites, depois do trabalho terminado, seguia com Dupont para observar os progressos do dia.

Então instalou-se rapidamente o Inverno mais rigoroso que Chicago conhecera em muitos anos, com nevões tão intensos que fiquei praticamente bloqueado no hotel durante quinze dias.

Por essa altura, as ações da companhia tinham atingido os quatrocentos e cinquenta dólares e eu começava a lamentar não ter comprado uma quantidade maior quando, numa noite, Dupont bateu à minha porta.

"Então", perguntei, "o que aconteceu?"

"Com esta neve e este frio terríveis", gemeu ele, "não conseguimos transportar um carregamento de material para a fábrica; as terras do Utah, de onde extraímos a argila, estão cobertas por mais de seis metros de neve e, mesmo que conseguíssemos lá chegar, não há uma única linha ferroviária capaz de nos enviar um vagão carregado. Tivemos de desligar todos os fornos exceto um; se os jornais descobrirem, falarão da paralisação e atribuirão a causa a tudo menos à verdadeira."

"Mas não há forma de obter material noutro local que não essas terras do Utah?" perguntei.

"Receio que não", respondeu Dupont. "Analisámos todos os tipos de terra antes de encontrarmos exatamente a espécie com as propriedades necessárias; mas venha comigo esta noite à fábrica."

Foi com enorme dificuldade que conseguimos chegar até lá. Em muitas das ruas periféricas a neve ultrapassava um metro de altura e estava solidamente gelada devido ao frio intenso.

Por fim chegámos à fábrica. O nosso jovem amigo já não se encontrava no laboratório brilhantemente iluminado como antes; encontrámo-lo no andar de cima, deitado na cama, completamente prostrado pelo peso da ansiedade que suportava.

Poucos minutos depois juntaram-se a nós outros quatro homens, igualmente interessados na companhia, e sentámo-nos todos à volta de uma mesa numa verdadeira "conferência de guerra".

Discutiram-se todos os planos possíveis; por fim decidimos que o único caminho seria esconder a situação dos jornais o maior tempo possível e esperar que o gelo cedesse, permitindo o transporte da argila desde o Utah.

Decidiu-se ainda manter o único forno ainda em funcionamento a trabalhar dia e noite, para que os estranhos não suspeitassem de nada e, acima de tudo, não admitir visitantes sob qualquer pretexto.

E permitam-me agora falar da lealdade dos homens que rodeavam o jovem inventor. Não havia um único empregado que não se oferecesse para permanecer ao seu lado e resistir ao cerco do Inverno até ao fim. Todos se voluntariaram para dormir na própria fábrica, como salvaguarda contra aproximações de estranhos, perguntas indiscretas ou subornos que pudessem tentar algum espírito mais fraco com esposa e filhos dependentes dele. Foi o mais belo exemplo de lealdade que alguma vez testemunhei.

Entre nós, os investidores da empresa, a lealdade era igual. As ações continuavam a valer quatrocentos e cinquenta dólares e, durante toda a semana daquele cerco, nenhum de nós vendeu uma única ação.

Muitos poderiam ter feito pequenas fortunas vendendo, mas sabíamos que, se o fizéssemos, outros seguiriam o exemplo; o preço cairia, os jornais começariam a fazer perguntas e toda a situação seria descoberta.

E que podíamos vender, não havia dúvida — só eu recebi cinco propostas de compra naquela semana; mas, como disse, nenhum dos que conheciam a verdade vendeu sequer uma única ação.

Por fim, a semana terminou. Não havia sinais de degelo, os relatórios afirmavam que o frio poderia durar mais dois meses e, perante tal perspetiva, percebemos que não restava esperança.

O inventor decidiu convocar uma assembleia-geral de acionistas para lhes explicar a situação e foram enviados avisos para o sábado seguinte, às oito da noite. Escolheu-se essa hora invulgar para facilitar a presença dos acionistas ocupados durante o dia.

A noite chegou, mas o frio era tão severo que não compareceram mais de cinquenta pessoas.

A reunião realizou-se numa longa sala junto à fábrica e o frio era tão intenso que deixámos aberta a porta do único forno ainda aceso para aproveitarmos o calor.

Foi uma reunião impressionante. Dupont sentou-se à direita do inventor; eu fiquei à esquerda, na cabeceira de uma longa mesa colocada no topo da sala.

O inventor, num discurso direto e empresarial, explicou a situação em poucas palavras secas e sentou-se.

Henri Dupont tomou imediatamente a palavra e, num dos mais extraordinários discursos combativos que alguma vez ouvi, apoiou as palavras do presidente e propôs um voto de confiança, defendendo que fossem disponibilizados fundos, se necessário, para manter a fábrica em funcionamento até que o frio passasse e os vagões chegassem do Utah.

Um coro de protestos impediu imediatamente qualquer tentativa de apoiar a proposta e, poucos momentos depois, a reunião mergulhou no caos.

Um homem, gritando furiosamente, lançou-se sobre o inventor, mas Dupont, rápido como um relâmpago, colocou-se à sua frente e, puxando um revólver, enfrentou a multidão e controlou a situação.

O homem mais calmo da sala era o jovem à minha direita.

Afastando Dupont suavemente, levantou a mão pedindo silêncio e, depois, disse muito serenamente:

“Vou provar-vos que não sou nem vigarista nem charlatão. Peço-vos que escolham seis homens dispostos a seguir as minhas instruções; esses homens encherão os cadinhos diante dos vossos olhos, colocarão o material no forno, controlarão o teste e depois julgarão como quiserem. Aceitam a proposta?”

“Sim!”, responderam imediatamente várias vozes.

Os seis homens foram escolhidos — eu era um deles.

Entrámos na área da fábrica onde o único forno continuava a funcionar a plena potência.

Em poucas palavras disseram-nos o que fazer. Num canto havia pedaços de rocha restantes do último carregamento vindo do Utah. Um homem triturou-os até se transformarem em pó; outro saiu para o pátio e cavou alguns baldes de terra comum debaixo da neve; dois outros encarregaram-se do forno; e outro homem comigo encheu os cadinhos.

Quando tudo ficou pronto, os cadinhos foram introduzidos no forno e aguardámos em silêncio absoluto pelo resultado.

Com o relógio na mão e os olhos fixos no termómetro, o inventor permanecia imóvel junto à porta do forno. Tratava-se de uma das suas invenções especiais, através da qual, por um engenhoso sistema de tiragem e concentração de calor, conseguia atingir rapidamente temperaturas extraordinárias.

Num dado momento, ordenou ao operário responsável pelo forno que retirasse os cadinhos.

Saíram de lá numa massa de calor branco tão brilhante que era impossível olhar diretamente sem óculos fumados.

Depois, diante dos nossos olhos, passaram por um rápido processo de arrefecimento. Quando estavam suficientemente frios, foram abertos e uma massa sólida foi-nos apresentada.

Dois analistas, acionistas da empresa, partiram o que parecia pedra compacta e, para espanto geral dos que se aproximavam, pequenas veias brilhantes de ouro puro podiam ser vistas a cintilar sob a luz intensa do grande arco elétrico sobre as nossas cabeças.

Um após outro, os homens examinaram aquilo, arrancando pequenos fragmentos de ouro com canivetes e comentando entre si.

Talvez meia hora tenha passado; todos os presentes estavam convencidos de que tínhamos assistido a algo quase semelhante a um milagre.

Subitamente, alguém perguntou:

“Onde está ele?”

Mas onde estava? Essa era a questão.

Percorreram a fábrica inteira chamando o seu nome; subiram até ao quarto simples com uma cama de campanha que servia de dormitório. Não estava em parte alguma.

O pobre Dupont, com o rosto de um homem de coração despedaçado, procurou-o em todos os cantos, em vão.

A noite avançava. Um a um, os presentes foram abandonando o local; o forno extinguia-se lentamente e o silêncio só era interrompido pelos passos de um velho operário que apagava as luzes.

Aproximei-me de Dupont e tentei despertá-lo da espécie de torpor em que parecera mergulhar.

"Venha comigo", disse-lhe. "Não adianta ficar aqui."

Sem uma palavra, assentiu.

Depois de uma longa e triste viagem pela neve, chegámos finalmente ao hotel.

"Entre e coma qualquer coisa, descanse um pouco", sugeri.

Com um estranho olhar cansado nos olhos, abanou a cabeça.

"Não", respondeu. "Tenho de encontrar o meu amigo."

Apertou-me a mão em silêncio e voltou a desaparecer na neve e na noite. Desde esse dia nunca mais ouvi falar dele nem do jovem inventor.

No dia seguinte, os jornais já estavam repletos da história. Muitos dos que poucas semanas antes só tinham elogios para "a descoberta de um químico americano" mostravam-se agora igualmente entusiasmados em ridicularizar a loucura absurda da ideia.

Na segunda-feira de manhã, as ações que na semana anterior valiam quatrocentos e cinquenta dólares eram oferecidas sem compradores por vinte e cinco cêntimos cada.

As pessoas não deveriam troçar da ideia de que o jovem inventor desta história realmente produzia ouro a partir de terra, pedra e barro — nem concluir precipitadamente que era louco ou impostor.

Na revista The World Magazine de 26 de Junho de 1916, numa entrevista, Rudolph M. Hunter, de Filadélfia — homem considerado o terceiro maior detentor de patentes do mundo depois de Edison, cientista reconhecido e inventor de fama internacional — declarou:

“Posso fabricar ouro, não apenas a partir de metais inferiores, mas também de substâncias minerais comuns, como pedra. Posso produzi-lo a um custo inferior a um décimo do seu valor atual, mas até agora fiz isso apenas como demonstração de investigação científica, e não para lucro comercial.”

Talvez o pobre Henri Dupont e o seu amigo, o jovem químico, tenham falhado apenas porque viveram um pouco “adiantados ao seu tempo”.

CAPÍTULO XXXVI

UM CONVITE PARA UMA CHAUTAUQUA.

UMA ASSEMBLEIA METODISTA NA FLÓRIDA

E ALGUMAS EXPERIÊNCIAS CURIOSAS

No auge da minha temporada em Chicago, recebi um dia uma carta de convite do reverendo Dr. Davidson, pedindo-me que fosse dar uma palestra perante a sua Chautauqua, na Florida.

A possibilidade de deixar aquele inverno terrivelmente rigoroso do norte para me regalar sob o glorioso sol dos estados do sul e passar algum tempo entre os laranjais e as flores da Florida venceu o lado prático da minha natureza; assim, decidi com prazer interromper a catarata de dólares de Chicago e aceitar o convite.

Para benefício dos leitores europeus, devo explicar o que é uma Chautauqua; caso contrário, poderiam talvez pensar que eu ia ensinar alguns segredos da minha arte a um acampamento de índios pele-vermelha.

Pois bem, uma Chautauqua é, creio eu, a ideia mais inteligente que a comunidade metodista da América alguma vez concebeu. Em resumo, trata-se de um sistema educativo através do qual os seus membros se reúnem em diferentes partes dos Estados Unidos para ouvir palestras sobre todos os assuntos imagináveis, frequentar aulas e viver numa grande e feliz comunidade, unida pelo elo fraternal da religião, como se fosse um laço de família que permeia tudo.

Um serviço de oração e os mais calorosos cânticos imagináveis abrem o dia e encerram-no à noite. Os membros da Chautauqua podem assistir ou não a esses serviços, conforme desejarem; da mesma forma, podem escolher qualquer curso de instrução, qualquer conjunto ou série de palestras, ou, se preferirem, não fazer absolutamente nada, limitando-se a

viver em paz e harmonia com os seus semelhantes e a desfrutar da bela paisagem do local onde a Chautauqua se realiza.

Ao mesmo tempo — e é aqui que este plano revela toda a sua extraordinária inteligência — todo o território num raio de centenas de milhas é convidado a considerar este lugar de reunião como um centro comum. Todos os dias circulam comboios especiais e excursões a preços reduzidos vindos de todos os pontos cardeais, e é perfeitamente habitual que entre quatro e cinco mil pessoas se reúnam para assistir a uma palestra, concerto ou espetáculo na grande arena e regressem a casa à noite, mental e espiritualmente enriquecidas pela visita.

Com uma ideia tão excelente, bem organizada e posta em prática em vários estados, não admira que a comunidade metodista da América seja uma das maiores e mais unidas entre todas as comunidades religiosas daquela "terra de muitas religiões".

Mas retomando o assunto: a Chautauqua de que o Dr. Davidson era responsável situava-se numa das regiões mais encantadoras da Florida, não muito longe da bela baía antiga de Pensacola, no Golfo do México. Chamo-lhe deliberadamente uma "baía do velho mundo", porque nunca em toda a minha vida experimentei a mesma sensação de repouso e paz que senti quando mudámos de comboio e passei algumas horas a vaguear pelas ruas pitorescas daquela velha cidade, com as suas memórias das Índias Espanholas, ou a contemplar a tranquila extensão do seu mar semi-interior, cujas águas azuis banhavam as feridas dos navios destroçados pelas tempestades que ali chegavam — Deus sabe vindo de onde — para repousar um pouco e encontrar paz.

E que navios! Duvido que em qualquer parte do mundo se pudesse encontrar uma coleção tão singular de tipos.

Brigues de velas rasgadas, sem qualquer sinal de vida nos conveses gastos; navios ancorados silenciosamente como fantasmas que tivessem emergido durante a noite do Mar dos Sargaços. Mais ao largo, escunas baixas, negras e de aspeto suspeito entravam ao amanhecer e desapareciam misteriosamente durante a noite. Havia alguns com vergas partidas ou com o "mastro principal perdido", parecendo velhos homens que haviam combatido a tempestade da vida e, depois de muitas provações, alcançado um porto de paz. Senti vontade de interromper ali a minha viagem e descansar — como um daqueles fatigados vagabundos do oceano que carregaram demasiados fardos.

Depois do frio do inverno do norte, o calor dos céus do sul parecia tão agradável que não queria seguir mais longe; mas o meu empresário americano já tinha telegrafado anunciando a nossa chegada para essa noite e, assim, com muitos lamentos, embarquei num comboio noturno e cheguei à Chautauqua perto da meia-noite.

Gostaria de poder ir devagar — até aquele comboio avançava lentamente — pois como poderia qualquer coisa, animada ou inanimada, atravessar a toda a velocidade laranjais, florestas de pinheiros e grinaldas de flores silvestres?

Finalmente chegámos à estação e encontrei o próprio Dr. Davidson à espera para nos dar as boas-vindas. Pareceu surpreendido com a minha "comitiva", pois eu tinha vindo acompanhado pelo meu empresário americano, pela esposa inglesa dele, pelo meu secretário hindu e por um criado.

Caminhámos da estação até ao Hotel da Chautauqua sob uma noite estrelada de indescritível beleza.

À medida que nos aproximávamos da "colónia", avistámos ao longe o enorme edifício ou arena, capaz de acolher quatro ou cinco mil pessoas, onde, na noite seguinte, eu deveria dar a minha palestra. Quando passámos por ele, o Dr. Davidson fez um comentário curioso.

— Tenho pena, de certa forma, que pareça tão jovem.

— Fiz-lhe publicidade por toda a parte, vêm aí vários comboios de excursão, e o meu único receio é saber como uma assistência destas vai reagir a uma palestra sobre o tema das mãos.

— Pela primeira vez na minha experiência de organização destes encontros, talvez tenha cometido um erro; se derem ao seu estranho assunto uma receção hostil, receio que seja demasiado jovem para controlar uma audiência destas.

A minha resposta foi talvez estranha para ser dirigida a um ministro metodista:

— Doutor — disse eu — não apertemos a mão ao diabo antes de o encontrarmos.

Às nove da manhã saí a passear pelos jardins e encontrei o doutor a regressar do serviço religioso matinal.

— Então, doutor — perguntei — como está o diabo esta manhã?

— Muito mal, de facto — respondeu ele, rindo-se — e não temos apenas um para enfrentar, mas dois.

— Acabo de receber um forte protesto de alguns membros contra o facto de lhe ser permitido dar uma palestra na nossa tribuna sobre um tema tão proibido como o estudo das mãos; o segundo problema é que o concerto marcado para as três horas está condenado, porque o comboio vindo do norte, trazendo os artistas, ficou retido por um incêndio florestal que atravessou a linha a menos de cinquenta milhas daqui. Então, que pensa agora dos nossos dois diabos?

— Penso — respondi — que é um metodista demasiado bom para ter medo de dois diabos, ou mesmo de uma legião deles; e, quanto ao concerto, posso facilmente ajudá-lo a resolver a situação.

Olhou para mim surpreendido.

— Acontece — continuei — que o meu empresário americano é um excelente pianista, e a esposa dele, inglesa, tem uma voz lindíssima; antes de casar, foi mesmo uma célebre cantora de concerto. Convencê-la-ei a oferecer hoje os seus serviços e, entre as canções, eu subirei ao palco para fazer algumas recitações. Não mencione o nome "Cheiro"; diga apenas que, devido ao incêndio, os artistas esperados não puderam chegar, mas que outro grupo dará um espetáculo improvisado em seu lugar. Verá, meu caro doutor, que já nos livrámos do Diabo n.º 1, e o Diabo n.º 2 talvez nunca apareça.

Para não estragar o meu plano, não me mostrei no hotel nem nos jardins durante todo o dia e, pouco antes das duas horas, entrámos discretamente pela entrada de artistas, na parte de trás da arena.

Nessa altura, nuvens de fumo do incêndio já atravessavam o céu.

O Dr. Davidson anunciou num breve discurso que o concerto anunciado não podia realizar-se, mas que tinha organizado outro espetáculo em substituição; foi recebido com fortes aplausos.

A "célebre prima-dona inglesa" fez então a sua entrada. Era uma mulher extremamente bonita, com uma magnífica voz de soprano dramático. Escolhera cantar uma série de canções inglesas. A primeira foi "The Last Rose of Summer". Naquele enorme auditório podia ouvir-se cair um alfinete quando as últimas notas da velha canção se extinguiram. Creio nunca ter ouvido na minha vida uma explosão de aplausos semelhante; não a deixaram sair do palco sem repetir a canção pelo menos três vezes.

Chegou então a minha vez. Sem qualquer apresentação do meu nome, de quem eu era ou do que ia fazer, avancei para a tribuna.

Tencionava apresentar algo sério, mas, ao cruzar o olhar com o do Dr. Davidson, lembrei-me do nosso amigo diabo e anunciei o poema humorístico "O Diabo à procura de uma esposa".

Evidentemente, não poderia ter escolhido nada melhor para um público metodista; divertiram-se imenso e tive de o recitar novamente antes que me deixassem sair.

Depois de mais algumas canções, fui chamado outra vez ao palco e então ocorreu uma dessas oportunidades que se encaixam tão maravilhosamente nos fios do destino que, durante alguns segundos, o desígnio e o propósito parecem entrelaçar-se.

Alguns meses antes, tinha lido, como milhares de outras pessoas, a impressionante história de um maquinista que, conduzindo o seu comboio através de um incêndio florestal, parou para recolher todos os habitantes da aldeia de Hinckley, no Minnesota, ameaçada por uma catástrofe certa e que, no final, salvou não só os seus passageiros como todos os habitantes da localidade.

O heroísmo daquele homem na locomotiva impressionara-me tanto que transformei a história num poema, que alguns críticos benevolentes tiveram a amabilidade de elogiar como "uma peça de escrita dramática". Nunca antes pensara utilizar esse poema em público, mas agora surgia a oportunidade de testar o seu efeito perante uma audiência e num cenário que parecia criado para a ocasião.

Durante todo o dia, as nuvens de fumo da floresta em chamas — o mesmo incêndio que impedira os artistas do Dr. Davidson de chegarem à Chautauqua — tinham atravessado o céu; o cheiro da madeira ardida pesava no ar e agora, enquanto eu permanecia diante daquela grande assistência, as janelas tinham escurecido com o fumo, enquanto grandes nuvens sombrias pairavam como um manto de destruição sobre o teto aberto da vasta arena. Era um cenário feito, por assim dizer, para o poema "O Incêndio de Hinckley", e isso servirá também de desculpa para citar aqui os versos.

O INCÊNDIO DE HINCKLEY

Um episódio da vida no Oeste

“‘Todos a bordo! Todos a bordo!’ — o toque estridente da campainha da locomotiva,

E estendemos as mãos pelas janelas, despedindo-nos deles com um longo adeus.

Íamos regressar ao Leste, senhor, porque o Jack tinha uma promessa a cumprir —

‘Uma esposa à espera’, creio que disse, e já estava atrasado uma semana.

Mas isso não se devia a descuido, senhor; devia-se àquela seca terrível

E aos incêndios em volta da quinta, que durante semanas nos tinham mantido em sobressalto;

Pois levantavam-se quando julgávamos tê-los vencido — se alguma vez perdeu o descanso

Ao viajar através do país, talvez saiba o que é um incêndio no Oeste. Bem, naquele ano foi algo terrível, porque as florestas estavam todas a arder,

E ondas de fogo, por milhas e milhas, erguiam-se cada vez mais altas,

E os mais velhos do Minnesota não conseguiam, em toda a memória dos seus dias passados,

Recordar ou sequer imaginar a violência daquele último incêndio.

Se já viu um incêndio no Oeste, senhor, sabe o que quero dizer quando afirmo

Que as imagens do Juízo Final não se lhe comparam, nem de longe,

Com aquelas florestas de pinheiros e matagais, e erva de dois metros de altura,

Que de alguma forma se inflamam e ardem, senhor, manhã, tarde e noite.

Mas o Jack e eu tínhamos vencido, senhor; estávamos seguros no comboio,

Com muitas queimaduras no rosto e nas mãos, com muitas cicatrizes e manchas,

Mas manchas de trabalho honesto, senhor, e são essas que fazem o mais nobre brasão;

Esses são os sinais heráldicos, senhor, que honramos e amamos no Oeste."

Mas em breve regressaríamos ao Leste — não vínhamos a casa há anos. E enquanto falávamos do querido velho lar, vi grandes lágrimas nos olhos do Jack; porque ele era daquele tipo de homem, senhor, que nunca desistia numa luta, mas bastava mencionar o lar ou a mãe para lhe toldar imediatamente a vista.

Tínhamos estado sentados durante horas, senhor, pois o ruído e o zumbido do comboio tinham um efeito calmante e tranquilizador depois de tantas semanas de tensão, quando o Jack se inclinou e me despertou, apontando para a direita, onde uma massa de fumo subia ao céu, negra como asas da noite; e, com um ligeiro tremor na voz, sussurrou-me ao ouvido: "Companheiro, se aquela floresta pegar fogo, receio que será o nosso fim."

Ri-me dele por um momento, até ver que as matas atrás de nós estavam precisamente nos braços do incêndio e diretamente no caminho do vento; e diante de nós, de ambos os lados, estendiam-se como uma grande muralha escura, enquanto aquela nuvem de fumo avançava, parecendo uma mortalha funerária; e o meu coração quase parou no peito ao pensar nas crianças e nas mulheres que estavam às janelas, meio aterrorizadas pelo fumo ofuscante.

Em frente, em frente seguia o comboio na escuridão, pois, embora fosse apenas meio-dia, tudo à nossa volta estava negro como breu — sim, escuro como o dia do Juízo Final; mas continuávamos a avançar velozmente, aumentando a velocidade a cada segundo, porque havia naquele motor um homem, um herói no pensamento e na ação — um homem que, algumas semanas antes, fora desonrado por apoiar uma greve, mas que, perante o nosso perigo, mostrou o que é verdadeiramente um herói; pois o que fez ele em Hinckley? Embora não tivesse um instante a perder, parou aquele comboio, senhor, e fez embarcar todos os poucos que ali estavam.

Porque Hinckley foi reduzida a cinzas e, perante os nossos olhos quase cegos, as chamas de cada cabana e de cada quinta erguiam-se para os céus enegrecidos, e os corpos de homens e animais, fugindo em desespero, eram alcançados e queimados juntos — quase diante dos nossos olhos.

Mas aquele herói na locomotiva não quis abandonar o lugar sem salvar muitas centenas de pessoas — e então começou aquela corrida louca.

E devia ter visto como as rodas voavam; mas, mesmo que corressem dez vezes mais depressa, muitos de nós nos vagões, senhor, já dávamos aquele dia por perdido; porque o fogo tinha rompido pela floresta — Oh Deus! Como parecia ganhar terreno! Aproximava-se de nós, aproximava-se, aproximava-se, até o calor do comboio em fuga nos queimava, enquanto, amontoados como gado, jazíamos no chão, meio cegos pelo fumo e pelas chamas, meio mortos por aquele rugido terrível; porque as línguas de fogo que nos perseguiam pareciam sibilar com as faúlhas que caíam, como o silvo de um milhão de demónios libertados das chamas do inferno.

E o Jack murmurou de repente: “Se for teu destino escapar daqui, quero que digas à minha velha mulher que fiz o melhor que sabia enquanto lutava para lhe construir um lar, e que, enquanto vivi no Oeste, fui sempre honesto e íntegro — procurei fazer o que era certo; e diz-lhe, companheiro, quanto a amei, e como neste momento de perdição —”

Mas o Jack não terminou a frase, porque caiu desmaiado aos meus pés.

E eu peguei nele nos braços, senhor, e lutei para lhe conseguir algum ar, e levei-o até à locomotiva, mas tive de o deitar no chão em desespero, porque as chamas saltavam à volta dela — sim, subiam cada vez mais alto, até a única coisa que se podia ver ser uma ofuscante muralha branca de fogo.

Teria perdido a razão naquele instante se não tivesse fixado o olhar em dois jovens corajosos na locomotiva, ainda mergulhados no meio da luta; as roupas estavam queimadas nas costas, a cabina da máquina estava rubra, a carne das mãos deles coberta de bolhas — e, ainda assim, alimentavam rapidamente a fornalha enquanto faziam avançar aquela locomotiva, porque sabiam que um pequeno riacho pantanoso se encontrava não muito longe à frente, e dirigiam-se para aquela estreita faixa.

Olhei para trás, para o comboio, por um segundo — Oh Deus! Que visão terrível! O fogo já alcançara o último vagão, e ele era agora uma massa de chamas. E os restantes estavam prestes a seguir o mesmo destino quando, nauseado, desviei o olhar — mas ali, mesmo diante de nós, senhor, surgia o primeiro ténue vislumbre da luz do dia; e ali estava o riacho à

nossa frente — tentei gritar de alegria, para anunciar aos companheiros atrás de nós que a ajuda e o salvamento estavam tão próximos.

Mas o meu coração quase parou de terror, senhor, porque o fogo já os alcançava, consumindo cada poste e cada pilar, lambendo cada barra e cada carril. Oh Deus! Era terrível de ver — terrível pensar que poderíamos falhar naquele instante.

Mas aqueles heróis na locomotiva acharam que ainda tinham um momento a perder. Num segundo estávamos sobre a ponte — não houve sequer tempo para uma oração — quando as vigas em chamas cederam com um estrondo e um rugido ensurdecedor; mas tínhamos atravessado, senhor — atravessado em segurança — e estávamos salvos na outra margem.

E agora, uma salva para aqueles heróis; se gostam de prestar honra a quem a merece, se valorizam o historial do vosso país em feitos grandes e nobres, se desejam encorajar o dever e as ações corajosas e justas, então ergam uma vibrante aclamação para aqueles heróis, estejam eles longe ou perto esta noite.

O Almirante convidou-me a visitá-lo novamente na casa que lhe fora oferecida como presente pela nação, e tive o prazer de recolher impressões das suas mãos para acrescentar à minha coleção.

Havia muitas recordações naquela casa, juntamente com presentes e condecorações oferecidos por monarcas, mas a coisa que o Almirante parecia estimar acima de tudo era uma pequena bandeira triangular pendurada sobre a lareira da sala de jantar.

Explicou-me que era a “bandeira noturna”, esquecida no mastro do seu navio quando este entrou em combate naquela célebre manhã em que penetrou na Baía de Santiago e destruiu a frota espanhola ali fundeada quando rebentou a guerra.

O Almirante ofereceu-me uma fotografia autografada sua, que reproduzo nestas páginas. Está datada de 31 de Dezembro de 1899. Encontrava-se então no auge da sua fama e popularidade, e casara poucos meses antes com a senhora McLean Hazen, viúva do General Hazen.

No início viveram muito felizes na casa oferecida pelo povo dos Estados Unidos. Mais tarde, considerando-a demasiado pequena para os entretenimentos que era obrigado a oferecer enquanto Almirante da Marinha, vendeu-a e comprou uma residência muito maior. A venda

casa oferecida provocou uma tempestade de protestos em todo o país, sobretudo porque ofereceu a nova residência à esposa como presente.

Essa decisão foi muito mal compreendida; a sua popularidade ficou diminuída e nunca mais recuperou plenamente. Morreu nessa nova casa, em 1917.

A viúva sobreviveu-lhe durante muitos anos; atingiu a respeitável idade de oitenta anos, falecendo a 21 de Fevereiro de 1931. Era uma mulher encantadora e brilhante; o seu único defeito foi não compreender o sentimento popular ao permitir que o herói nacional se desfizesse da casa oferecida pelo povo no regresso da Guerra Hispano-Americana.

Outras personalidades interessantes que conheci durante a minha visita a Washington foram: Nelson A. Miles, comandante-chefe do Exército dos Estados Unidos; o juiz Fuller, presidente do Supremo Tribunal; H. A. Herbert, secretário da Junta Naval; o senador Frank Hiscock; o senador M. S. Quay; o senador Wolcott; o barão Hengelmuller, embaixador austríaco; o vice-presidente H. E. Stevenson; o senador Charles Crisp; o senador W. B. Allison; o senador Allen, do Maryland; e outros homens notáveis bem conhecidos da vida política.

Outro episódio memorável da minha visita a Washington foi o encontro com a senhora Cleveland, esposa do então Presidente dos Estados Unidos. Numa tarde, a senhora Carlisle apareceu e informou-me de que a senhora Cleveland manifestara o desejo de me conhecer e perguntou-me se poderia acompanhá-la imediatamente à Casa Branca.

O desejo da esposa de um Presidente, nos Estados Unidos, equivale quase a uma ordem real. Naturalmente obedeci com prazer e, cancelando os restantes compromissos do dia, seguimos imediatamente para lá, sendo recebidos sem demora.

Todos os que tiveram a honra de conhecer a senhora Cleveland concordarão comigo em que a esposa do Presidente não era apenas uma mulher extremamente bela, mas, mais ainda, uma mulher de personalidade tão marcante que seria impossível esquecê-la.

Recebeu-me com a maior cordialidade e simplicidade. Disse-me:

— Li os seus livros e há muito desejava conhecê-lo um dia, mas primeiro temos de tomar chá e depois conversaremos demoradamente.

Foi servido chá — chá inglês, devo acrescentar — acompanhado de torradas inglesas, exatamente como se estivéssemos sentados numa elegante sala londrina.

O Presidente entrou por alguns momentos, pediu-me que examinasse as suas mãos, conversou comigo sobre a minha viagem pelos Estados Unidos e, depois de um caloroso aperto de mão, regressou às suas funções de chefe do Executivo.

Terminado o chá, voltei também ao meu dever e contei à "Senhora da Casa Branca" tudo o que pude acerca do passado, do presente e do futuro revelados pelas suas mãos.

Apesar de todo o sucesso da sua vida, havia uma coisa que desejava profundamente, uma ânsia íntima que nunca se realizara: o simples desejo de uma mãe de ter um filho — nada mais.

Imagino que algumas mulheres que leiam estas linhas compreenderão com que alegria recebeu a minha afirmação de que esse desejo do seu coração se realizaria em breve.

A senhora Carlisle escutava com incredulidade visível em cada expressão do rosto; contudo, quando o feliz acontecimento ocorreu no ano seguinte, não hesitou em contar a todos a minha previsão e o modo como ela se concretizara. Tenho neste momento diante de mim um jornal americano que confirma o que digo. Em qualquer caso, a senhora Cleveland acreditou — talvez a crença e a realização sejam almas gémeas no mistério do destino — mas, fosse como fosse, um ano mais tarde toda a América ecoava a notícia de que a senhora Cleveland se tornara a mulher mais feliz do mundo.

À medida que os anos passaram, outras duas previsões também se cumpriram: a morte do senhor Cleveland e o segundo casamento da viúva.

CAPÍTULO XXXVIII

O HOMEM COM A "DUPLA LINHA DA CABEÇA"

Há alguns meses li num jornal inglês a história de um homem que vivera durante quinze anos vestido como mulher e que talvez tivesse continuado assim até ao fim da vida, se um pequeno acidente não tivesse revelado a sua verdadeira identidade.

Posso, contudo, relatar no capítulo seguinte um caso que conheci pessoalmente: o de um homem que não só viveu como mulher, mas que, ao mesmo tempo, manteve também a sua posição como homem, e cuja dupla vida jamais foi revelada exceto a três pessoas — uma delas eu próprio — tendo eu tido o privilégio de conhecer e ouvir ambos os lados da história.

Ao tornar este relato público, ocultei naturalmente os verdadeiros nomes das pessoas envolvidas, mas, em todos os restantes aspetos, este estranho drama da vida é rigorosamente exato.

A ciência admitiu, nos últimos anos, ainda que com alguma relutância, que certas pessoas possuem uma personalidade dupla e são capazes de levar aquilo a que se chama "vidas duplas". Creio que algumas incentivam deliberadamente essa duplicidade, enquanto outras parecem não ter qualquer controlo sobre ela e vivem, muitas vezes inconscientemente, um papel duplo.

No caso da pessoa cuja história vou relatar, nunca consegui descobrir se ele dominava essa dupla personalidade ou se, pelo contrário, era uma ou outra faceta que assumia alternadamente o controlo, obrigando-o a agir como um autómato. Deixo aos meus leitores a liberdade de decidirem a questão segundo a sua própria forma de pensar.

Numa tarde, perto do fim das minhas consultas, um lacaio extremamente pomposo trouxe-me um bilhete e informou que aguardaria resposta. Ao abrir a carta, li:

"Meu caro senhor,

Estou à espera no piso de baixo e agradecer-lhe-ia que me concedesse uma entrevista agora.

Seu, etc.,

William Standish."

Respondi:

— Diga ao cavalheiro que sim, recebê-lo-ei agora.

O pomposo criado desceu com a minha resposta e, enquanto aguardava o visitante, interroguei-me sobre o que poderia desejar Sir William Standish ao consultar-me.

Sir William Standish era, naquela época, um homem muito conhecido em Londres, e conhecido da melhor maneira possível: pela sua enorme

caridade, bondade de coração e generosas contribuições para sociedades de proteção dos animais, defesa das crianças, lares para idosos e instituições semelhantes. Que motivo poderia levá-lo a consultar-me? Além disso, nunca gostei que as pessoas revelassem antecipadamente quem eram.

Nesse instante, o cavalheiro em questão entrou. Era um homem de personalidade extremamente encantadora — bastante jovem, talvez não mais de trinta e cinco anos — barbeado impecavelmente e vestido com perfeição. Aproximou-se e estendeu-me a mão.

— É um grande prazer conhecê-lo, "Cheiro" — disse. — Li muitos dos seus livros sobre este estranho estudo e, como esta tarde estava livre, pensei vir pedir-lhe a interpretação de uma marca peculiar que tenho nas mãos. Não precisa de me falar do meu passado nem do meu futuro, porque não tenho ambições; quero apenas saber o que pensa das duas estranhas linhas que atravessam a minha palma. Nunca vi marcas semelhantes em mais nenhuma mão. Os seus livros são os únicos que mencionam isso — e, se não me engano, chama-lhe "a dupla Linha da Cabeça".

Sentando-se diante da minha mesa, colocou diante de mim duas mãos extremamente pequenas, mas elegantemente formadas.

— Nos seus livros — continuou, conversando agradavelmente — diz que estas linhas duplas da cabeça indicam uma personalidade dupla; um homem destinado a levar uma vida à "Dr. Jekyll e Mr. Hyde". Mas é precisamente isso que me intriga: como poderia tal descrição aplicar-se a mim, exceto pelo facto de reconhecer que uma parte da minha natureza é extremamente feminina?

Como poderia realmente aplicar-se a ele? pensei eu. Um homem de vida limpa e simples, interessado apenas em obras de caridade e em fazer o bem aos outros. Um homem que, como toda a Londres sabia, herdara uma fortuna de um pai muito excêntrico, que deixara em testamento uma cláusula curiosa: o filho deveria distribuir em caridade uma soma não inferior a dez mil libras por ano. Um homem que se casara, ao atingir a maioridade, com uma mulher tão bondosa quanto ele — mãe dedicada do único filho do casal, um rapaz cuja fotografia aparecia frequentemente nos jornais como exemplo de rara beleza infantil.

Em toda a minha experiência, encontrara talvez não mais de uma dúzia de casos do que se chama "a dupla Linha da Cabeça", e a minha memória percorreu rapidamente todos esses exemplos, mas nenhum parecia oferecer qualquer pista para a vida do homem que estava diante de mim.

— Não tentei ocultar a minha identidade — prosseguiu. — Em primeiro lugar, o subterfúgio não faz parte da minha natureza; além disso, admiro tanto a forma como escreveu sobre o seu estudo que não consegui decidir-me a marcar uma consulta sob outro nome, como sei que muitas pessoas fizeram. Detesto o engano e a duplicidade de qualquer espécie; e, no entanto, porque terei eu esta marca da "dupla Linha da Cabeça" é o que me intriga, e é isso que me traz aqui.

— Então acredita realmente neste estudo? — perguntei.

— Sim, admito que acredito — respondeu. — Há qualquer coisa na minha natureza, que não consigo explicar, que sempre me atraiu para livros sobre o carácter revelado no rosto, na cabeça e nas mãos. Ao ler a Bíblia, muitas vezes meditei naquele versículo do Apocalipse que diz: "Colocarei o meu sinal nas suas frontes e nas suas mãos", e não vejo nada de ilógico em pensar que alguém que estudou a mão tão profundamente como o senhor possa interpretar o significado desta estranha marca na minha.

— Se eu não soubesse quem é — respondi — talvez pudesse tentar interpretá-la; mas sabendo quem é, não encontro qualquer explicação para estas estranhas linhas duplas, porque, segundo devem ser lidas, deveriam indicar uma personalidade dupla, simultaneamente boa e má — duas mentalidades distintas, cada uma agindo independentemente da outra, obrigando-o a viver duas vidas diferentes, uma ignorando completamente o que a outra faz; como se duas almas ou espíritos ocupassem o mesmo corpo. Mas, se lhe dissesse tal coisa, certamente me tomaria por louco — e eu próprio sentir-me-ia um louco ao dizê-lo.

— De certo modo tocou num ponto secreto da minha natureza, "Cheiro" — disse ele — porque há ocasiões em que confesso sentir-me e desejar viver como uma mulher. Tenho de satisfazer, por vezes, esse desejo irresistível e, logo depois, mudo subitamente, sentindo-me como alguém que desperta de um sonho e tenta recordar-se do que sonhou.

— Dou-lhe apenas um exemplo. Ainda na semana passada dei comigo sentado, de manhã cedo, na biblioteca, a ler um romance que me interessava profundamente, quando, por acaso, olhei para os meus pés. Para meu espanto, reparei que as botas estavam cobertas de lama, e eram umas botas tão estranhas e ridículas que não conseguia acreditar que me pertencessem. Mas então porque as estaria eu a usar? Olhei para a roupa; estava normal, o habitual fato de manhã que uso frequentemente — mas aquelas botas estranhas e enlameadas! Mal suportava olhar para elas e, no

entanto, pareciam fazer parte de um sonho que tivera; por mais que tentasse, não conseguia recordar mais nada.

— Claro que chamou o criado de quarto e lhe perguntou de onde vinham — disse eu.

Com um ar alarmado, pareceu corar ao responder:

— Vou confessar-lhe uma coisa que não consigo controlar, embora não espere que compreenda o sentimento. Tenho verdadeiro pavor de parecer ridículo aos olhos dos meus criados. Nunca seria capaz de chamar o meu criado de quarto e perguntar-lhe se aquelas botas enlameadas eram minhas, tal como não seria capaz de voar. Conheço alguns homens da minha convivência que também sofrem desta obsessão de terem de parecer absolutamente impecáveis diante do mordomo ou do criado; mas, no meu caso, isso é levado a um extremo quase doloroso.

— Então, o que fez às botas? — perguntei.

— Não o contaria a mais ninguém além de si — respondeu. — Fechei-as num armário que sabia seguro e, quando anoiteceu, saí de casa por uma porta traseira e, sentindo-me exatamente como um ladrão receoso de encontrar um polícia, percorri ruas secundárias até ao dique; e, quando me certifiquei de que ninguém me observava, atirei-as ao rio.

— E nunca resolveu o mistério? — perguntei.

— Nunca. Contudo, aquelas botas enlameadas perseguem-me desde então — e creio sinceramente que foram a causa de eu ter vindo vê-lo hoje.

A ideia parecia tão absurda que mal consegui conter o riso: imaginar aquele homem impecavelmente vestido diante de mim a descobrir-se com umas botas enlameadas nos pés e depois a descer furtivamente até ao rio para se livrar delas. Parecia inacreditável.

O meu riso pareceu fazer-lhe bem. Também se riu e, tornando-se ainda mais confidente, prosseguiu:

— Há outra coisa, "Cheiro", em relação à qual sou extremamente sensível. Tenho pés de mulher — na verdade, mais pequenos do que os da maioria das mulheres — e, por isso, sou obrigado a usar botas especiais, almofadadas, para parecerem de tamanho masculino.

— E aquelas botas enlameadas… que número tinham? — perguntei rapidamente.

— Isso torna tudo ainda mais estranho — e o seu rosto exprimiu verdadeiro medo ao dizê-lo — eram botas de mulher… e de tamanho pequeno.

Confesso que aquele estranho indivíduo me deixava profundamente intrigado. Já tinha reparado que possuía mãos invulgarmente pequenas, mas, à exceção disso — e talvez daquela extrema delicadeza feminina que lhe fazia corar ocasionalmente — nada nele parecia particularmente feminino. Ainda assim, tinha conhecido tantos homens com naturezas parcialmente femininas que as mãos e os pés pequenos do homem diante de mim não me pareciam, afinal, extraordinários.

Subitamente ocorreu-me que talvez aquela fosse precisamente a explicação para a dupla Linha da Cabeça que atravessava as suas mãos; e acabei por lhe dizer que isso apenas podia significar que possuía, mentalmente, uma personalidade dupla, masculina e feminina. Em tom de brincadeira acrescentei:

— Imagino que, por vezes, sinta uma forte tentação de coser meias ou experimentar um chapéu de senhora.

— Sim — respondeu — só que tenho tanto medo de que os criados me vejam que nunca ousaria fazê-lo em casa.

Logo a seguir pareceu perceber que dissera demasiado. Num instante, o tom confidente desapareceu. Voltou a ser o homem refinado e impecável do mundo elegante. Tirou do bolso uma cigarreira de ouro e, durante alguns minutos, fumámos enquanto conversávamos sobre os quadros da Academia e a próxima regata de Henley. Finalmente, ao despedir-se, perguntou-me se eu estava livre e aceitaria jantar em sua casa na noite seguinte.

— Vai gostar de conversar com a minha mulher — disse ele. — É uma das mulheres mais interessantes de Londres. Estuda ocultismo e tenho a certeza de que ficará encantada por conhecê-lo.

Aceitei com prazer e, na noite seguinte, às oito horas, encontrei-me calorosamente recebido na residência dos Standish, em Grosvenor Street.

Poucas casas em Londres transmitiam tão perfeitamente uma sensação de requinte e bom gosto como aquela. Tudo estava decorado com elegância requintada. Não havia demasiados quadros, mas os existentes eram obras raras de arte. Na biblioteca, onde nos sentámos antes do jantar, reparei em

belíssimas peças de bronze; e quanto aos livros, havia estantes intermináveis, muitas delas encadernadas com extraordinário luxo.

Sentámo-nos à mesa apenas os quatro: Sir William, Lady Standish e o filho, apresentado como Arthur, um rapazito de aspeto saudável e viril, com cabeça e rosto dignos de um deus grego.

Se no dia anterior eu considerara o lacaio um modelo de pompa e solenidade, não encontro palavras para descrever o mordomo. Ele irradiava "mordomice" na sua forma mais superior. Não caminhava — deslizava. O lacaio seguia-lhe todos os gestos; sinais silenciosos cruzavam-se entre ambos apenas através do olhar, e atravessámos o primeiro prato em absoluto silêncio. Por fim surgiu um certo degelo e, ainda que parcial, foi profundamente bem-vindo.

Voltaram as conversas sobre os quadros da Academia e a regata de Henley. O pequeno Arthur animou-se imediatamente com este último tema e declarou que o seu maior desejo era viver junto ao rio para poder remar e salpicar as raparigas bonitas quando passassem. O mordomo quase deixou cair o champanhe e precisou de abandonar a sala por um instante para recuperar a compostura. Todos lhe ficámos gratos pela interrupção involuntária, e eu encorajei Arthur a continuar a expor as suas ideias.

Por fim, o jantar terminou; as portas daquela que eu chamaria "a gaiola de jantar" abriram-se. Arthur implorou à mãe que tomássemos o café na biblioteca, pois o pai prometera deixá-lo fumar um cigarro; e, com um suspiro de alívio, regressámos à sala mais descontraída.

Serviu-se o café, os criados desapareceram e voltou a reinar uma agradável sensação de intimidade doméstica.

Lady Standish conversava comigo sobre teatro; Arthur fumava o cigarro empoleirado nas costas da minha cadeira; enquanto Sir William chegou mesmo a colocar carvão na lareira, sujando completamente de negro as pequenas mãos no processo. Antes de me ir embora, conduziu-me aos seus aposentos particulares, noutra ala da casa. Eram quartos tão tipicamente masculinos que observei, brincando:

— Certamente não parece que faça aqui costura ou remendos.

Uma expressão curiosa atravessou-lhe o rosto enquanto respondia:

— Sim, mas gostaria de lhe mostrar onde o faço — é uma parte completamente diferente da minha vida. Deixe-me passar por si amanhã às seis horas e levá-lo-ei a ver os meus outros aposentos.

Concordei e, depois de me despedir de Lady Standish e de Arthur, retirei-me.

Na tarde seguinte, pontualmente às seis horas, Sir William apareceu. Caminhámos juntos por Bond Street, atravessámos Oxford Street e chegámos a um bloco de apartamentos. Entrámos por uma porta lateral e subimos até ao último andar.

Tirando do bolso uma pequena chave Bramah, abriu a porta e entrámos. Como as persianas estavam fechadas, acendeu a luz elétrica e voltou atrás para fechar a porta, trancando-a para minha surpresa.

O compartimento em que entráramos era uma espécie de sala de estar, mas mobilada de forma singular. Todas as cadeiras e sofás estavam revestidos de seda num delicado tom "rosa du Barry". As cortinas e os abat-jours eram da mesma cor, e o efeito geral era o de um elegante boudoir feminino. Como se para reforçar essa impressão, havia pequenos pedaços de seda espalhados sobre a mesa e, junto a uma cadeira de baloiço, um grande cesto de costura, bem cheio, tombado parcialmente no chão. Parecia que uma senhora estivera a coser e tivesse saído apenas por um momento.

Naturalmente, pensei o pior — e histórias de homens que mantinham amantes a poucas ruas das suas residências legítimas atravessaram-me imediatamente a mente.

Sem notar a expressão interrogativa no meu rosto, Sir William disse:

— Venha comigo; deixe-me mostrar-lhe o resto do apartamento.

Entrámos no quarto seguinte — um quarto de dormir — e fiquei por momentos maravilhado perante o luxo e a beleza da decoração. Nenhuma cortesã parisiense teria aposentos mais requintados. A cama era um modelo Luís XV dourado, delicadamente trabalhado, e todo o mobiliário seguia o mesmo estilo. Na penteadeira, escovas de cabo dourado estavam dispostas com tal cuidado que pareciam aguardar a chegada iminente da dona da casa. Havia ainda uma casa de banho igualmente elegante e, depois, uma pequena cozinha, impecavelmente limpa, equipada com um fogão elétrico. Não se via mulher alguma em parte nenhuma — nem sequer um retrato.

— Costuma vir viver aqui frequentemente? — perguntei.

Como se falasse num sonho, respondeu:

— Pergunto-me porque não consigo resistir à necessidade de lhe confessar partes desta minha vida estranha… e, no entanto, é um alívio tão grande poder contá-las a alguém. Peço-lhe apenas que nunca revele o meu segredo antes da minha morte; sinto que posso confiar em si. Mas existem aspetos da minha vida tão vagos e irreais até para mim que tenho consciência de períodos inteiros — semanas, às vezes meses — que permanecem como espaços em branco na minha memória. Essas páginas terão de ficar vazias, porque não sei o que faço durante esses períodos. Não pense que procuro enganá-lo por não conseguir contar-lhe tudo. Há apenas uma coisa de que tenho certeza: embora, por vezes, sinta que não sou responsável pelos meus atos, estou convencido de que esta "dupla Linha da Cabeça" não significa que eu tenha tendências cruéis ou criminosas. Sei apenas que, em certos momentos, abandono Grosvenor Street e vivo uma vida inteiramente diferente… mas que vida é essa, não faço a mínima ideia.

Tínhamos regressado à sala de estar. Quase instintivamente, ele sentou-se na cadeira de baloiço e eu deixei-me cair no belo sofá de brocado diante dele.

Sem perceber o que fazia, estendeu a mão, pegou num pedaço de seda sobre a mesa, recortou algumas formas semelhantes a folhas e, em poucos segundos, transformou-as numa flor lindíssima.

— Quer então dizer — perguntei — que, por vezes, abandona Grosvenor Street e vem viver aqui completamente sozinho?

Semi-inconscientemente, como se falasse consigo mesmo, respondeu:

— Oh, sim, sei que venho viver aqui às vezes e, se pudesse compreender o prazer que isso me dá… a paz e o silêncio, sem os olhares curiosos dos criados a incomodarem-me; poder pegar nestas belas sedas e transformá-las em objetos estranhos, combinar e harmonizar as cores como um pintor mistura as tintas. Sim, sei que aqui vivo como mulher, mas nunca conseguirá imaginar o conforto que isso representa — permitir que essa parte da minha natureza, quando o desejo se torna demasiado forte, encontre liberdade, ainda que apenas por alguns dias ou por uma semana.

E, depois de satisfeita, regressar novamente à vida comum e retomar o meu lugar no mundo dos homens. Mas não são essas fases que me intrigam; o que me perturba são certos períodos mais longos em que sei que abandono este apartamento e parto — para onde, não sei, nem o que faço. E depois, tão subitamente quanto desapareci, dou comigo de novo aqui,

nestes aposentos, despertando como de um sonho estranho, sem saber mais do lugar onde estive ou do que fiz do que alguém que regressasse da morte.

" Mas como é que sabe que esteve longe daqui? ", perguntei. "Talvez tenha pegado no sono e sonhado que esteve fora durante algum tempo, pois nos sonhos o tempo é como se não existisse."

"Não há sonho nenhum nisso", respondeu ele, com um sorriso calmo e gentil. "Vê aquele relógio-calendário em cima da lareira? Aquele relógio, com a corda dada, funciona durante 365 dias. Nunca deixo que pare. Uma vez estive fora por um período tão longo como três meses, e ele registou que esse período tinha passado; mas onde estive durante esse tempo, tudo o que posso dizer é — *não sei*."

" Talvez estivesse de volta à Grosvenor Street. Mas diga-me, o que pensa a sua esposa das suas longas ausências de casa, por vezes? "

" Eles já se habituaram a isso a esta altura ", disse ele. " Claro que, ao princípio, só ficava fora talvez uma semana ou dez dias seguidos, e raramente me ausento por mais de um mapa, com a única exceção dos três meses que mencionei. Além disso, habituei-os a pensar que tenho interesses comerciais em Paris e em Roma. Até organizei as coisas para que as minhas cartas fossem enviadas para moradas em qualquer uma dessas cidades e depois reenviadas para mim, de volta para aqui. Isto já dura há vários anos, eles estão bastante felizes com a situação e não fazem perguntas. Claro que o meu maior receio é que um dia venham a descobrir. À medida que o meu filho cresce, dou por mim muitas vezes a olhar para o outro lado da mesa e a perguntar-me se algum dia ele irá descobrir o meu segredo."

" Mas e a Lady Standish ? ", perguntei. " Certamente ela não se contenta em deixar que vá para, digamos, Paris ou Roma sem ela?"

"Está completamente enganado", disse ele, "ela não é ciumenta como outras mulheres poderiam ser. Sabe, nós casámos sob condições bastante invulgares. Ela sempre detestou a ideia comum da vida de casada — *sabe o que quero dizer* — e assim que o Arthur nasceu, concordámos em viver juntos como bons camaradas e nada mais. Mas não pense por um único momento que não sou feliz na minha vida familiar.

Ela é a companheira mais doce e verdadeira do mundo; nunca temos uma palavra azeda e, quando estou com ela, sou tão feliz como qualquer homem pode ser. Mas, infelizmente! Nem sempre posso estar com ela, *não posso mesmo*. Não, é absolutamente impossível — quando aquele

sentimento de fugir se apodera de mim, não há força de vontade na terra que consiga impedir a minha partida.

" Oh, sim, eu já tentei. Não pense o contrário; tentei arduamente, lutei contra isso; caminhei pelo meu quarto, noite após noite; sim, lutei contra isso até cravar as unhas profundamente nas minhas mãos com agonia, mas tudo sem resultado — *tenho de ir*.

" Sei que é como se ficasse possuído. Algumas pessoas religiosas explicariam que um demónio toma posse da minha mente. Mas, se assim for, deve ser um demónio maravilhosamente inteligente, pois, na minha ansiedade de não ser descoberto, cada detalhe é pensado cuidadosamente; tudo calculado com tamanha precisão que, em todos estes anos, nenhum deslize ou erro ocorreu ainda para impedir que os meus planos fossem executados. Mas a única coisa que não consigo calcular é a duração do tempo que ficarei fora.

" Não imagine por um momento que a minha mulher pensa que tenho outro lar ou uma amante — ela sabe que não tenho paixões, que nunca as tive. Não, esse seria o último pensamento que alguma vez lhe passaria pela mente."

" Mas quando é que esses sentimentos estranhos se apoderam de si ? ", perguntei. " Notou se surgem a intervalos regulares? "

" Sim, notei ", respondeu ele, " surgem com uma regularidade singular a cada vinte e oito dias — às vezes o sentimento é da maior intensidade, outras vezes tão fraco que sou capaz de lhe resistir; mas todos os meses passo pela mesma fase, mais ou menos, conforme o caso. Estou a aproximar-me de uma delas agora, bem sei, e talvez essa seja outra razão pela qual lhe estou a contar tudo isto."

Fiquei sentado em silêncio a fumar um cigarro que ele me tinha dado. Mal sabia o que dizer ou sugerir. O pedaço de seda estava quase terminado, e cerca de uma dúzia de coisas realmente belas, como flores... *ou mais parecidas com orquídeas*, ele tinha feito a partir dali. Parecia perfeitamente feliz a olhar para aquelas coisas, mas quando o relógio deu as sete, levantou-se, guardou-as numa gaveta e, pegando no chapéu, disse:

" Tenho mesmo o tempo contado para me vestir para o jantar. Quer caminhar comigo até Grosvenor Street? "

Na semana seguinte recebi um bilhete de Lady Standish perguntando-me se gostaria de ir jantar na terça-feira, às oito horas. Aceitei e, no devido

tempo, o casaco e o chapéu foram-me retirados pelo pomposo lacaio, sendo escoltado em solene estado até ao andar da sala de estar e conduzido ao *boudoir*.

Lady Standish levantou-se para me cumprimentar, dizendo ao mesmo tempo:

"Espero que não se importe de ter apenas o Arthur e a mim para o jantar de hoje, pois o Sir William teve de ir de forma bastante repentina para Roma ontem."

Para dizer a verdade, fiquei, se alguma coisa, muito contente. Pensei que poderia conseguir obter alguma informação de Lady Standish sobre o que eu considerava agora um dos casos mais estranhos com que alguma vez me tinha deparado.

" O Sir William parecia não fazer ideia, quando o vi há uns dias, de que teria de fazer uma viagem tão longa tão cedo ", disse eu.

" Oh, nunca se pode saber com ele ", riu-se ela. " Já cheguei a vê-lo deixar a mesa do jantar para apanhar o comboio das nove horas para Paris; e nunca sei quando regressa até o ver novamente."

" Um género de marido um pouco desconfortável ", sugeri.

" Sim, mas afinal todos os homens têm os seus defeitos " — sorriu ela — " e, para um homem, ele tem realmente muito poucos."

" Teria imaginado que gostaria de dar um salto a Roma também, não há cidade que eu goste mais de visitar em qualquer estação do ano."

"Não posso dizer que a conheça bem", disse ela. "Prefiro muito mais Paris. Mas nunca acompanho o Sir William em nenhuma das suas viagens. Ele nunca pareceu fazer questão que eu o fizesse, e há muito que desisti da ideia."

"Que esposa maravilhosamente bem ensinada", pensei.

" Sabe ", continuou ela, " vivemos de forma muito independente um do outro. Ele está absorto nas suas várias instituições de caridade e eu estou igualmente absorvida nas minhas. E depois tenho o meu rapaz para cuidar. O Sir William tem os seus próprios rendimentos e eu tenho os meus, por isso nunca sequer discutimos assuntos de dinheiro juntos. É tudo para o melhor, creio eu, pois estamos muito contentes e, desde que ele esteja feliz, isso é tudo o que me importa."

“Mas certamente preocupa-se às vezes quando ele está fora e não sabe quando regressa?”

" Bem, às vezes fico ansiosa. Suponho que não seria humana se não ficasse. Mas estas viagens dele a Roma julgo que as compreendo, e o senhor também compreenderia, se o conhecesse tão bem como eu."

" Mas porquê Roma?", perguntei.

"Bem, vê" — e todo o seu rosto mudou e assumiu um aspeto muito grave — "no fundo, embora nunca fale disso, o Sir William é profundamente religioso, e a minha ideia é que, de vez em quando, ele entra numa espécie de êxtase religioso. Ele detestaria que isso fosse sabido em Londres e, por isso, acredito que vai para o estrangeiro para entrar num Retiro ou numa Ordem durante uma semana ou um mês de cada vez. Com toda a sua família, protestantes estritos como são, ele não se atreveria a admitir tal ideia, pois nenhum homem é mais sensível à crítica do que ele. Mas acredito realmente que é isto que o leva ao estrangeiro por uma semana ou duas quase todos os meses; mas, claro, nunca lhe deve sugerir tal coisa."

Nesse momento, o Arthur entrou a correr.

"Desculpa, Mãe, fiz-te esperar pelo jantar, mas estava a rabiscar umas linhas para o pai e a enviá-las ao cuidado do agente dele em Roma. Espero bem ter acertado na morada."

Ela olhou para o envelope.

"Sim, querido, escreveste-o de forma bastante correta. Ele tem o mesmo homem há dez anos. Espero que lhe tenhas enviado o meu amor?"

"Claro que sim, Mãe." Riu-se ele. "E tive um duplo motivo para o fazer, pois ameacei-o de que, se não me levasse com ele numa dessas viagens a Roma, um dia destes escapava-me para lá atrás dele e obrigava-o a mostrar-me a cidade."

"Seu rapaz travesso", disse ela. "Aqui está o James para anunciar o jantar. Não te esqueças de lhe entregar a tua carta para que seja enviada imediatamente."

O James, mais silencioso e pomposo do que nunca, anunciou o jantar e, juntos, descemos as escadas e entrámos na sala de jantar. Quando o habitual jantar formal terminou — e desta vez mais formal do que nunca porque, no fundo, tenho a certeza de que tanto o mordomo como o lacaio

concordavam em desaprovar que a sua patroa jantasse com um homem, mesmo que o Arthur estivesse presente. Em todo o caso, no final, as portas foram escancaradas com mais dignidade do que nunca, e o mordomo anunciou que o café tinha sido servido na biblioteca.

"Lá em cima", disse Lady Standish, num tom que não admitia contestação, e lá em cima fomos para a sala de onde tínhamos vindo. Terminado o café, o Arthur saiu apressado para fazer alguns trabalhos da escola e, quando ficámos novamente a sós, Lady Standish disse: "

Gostaria tanto que visse as minhas mãos e me dissesse, nas palavras mais breves que desejar, como as coisas vão correr para mim no final."

As dela eram mãos fáceis de ler. Não havia nelas senão bondade e caridade, a rotina diária de ações gentis. Não havia outro amor senão o "amor de mãe" pelo seu marido e pelo seu rapaz. Aquele outro amor, de que os homens e as mulheres quase todos se dão conta mais cedo ou mais tarde, estava completamente ausente — mesmo no futuro longínquo, não havia amor nem novo casamento. Uma marca, contudo, destacava-se estranha e ameaçadora, e não muito distante — o sinal de alguma terrível tragédia pela qual ela passaria, após a qual, embora pudesse continuar a viver, todas as emoções e sentimentos ficariam como mortos.

Começou então aquele esquivar de perguntas — aquela horrível evasão de exigências diretas por que os médicos passam tantas vezes com os seus pacientes —, aquele encobrimento da tragédia que clamava nas mãos dela para ser lida. Pouco mais de um ano, e depois — aquele golpe rápido e súbito de algum choque que lhe paralisaria os próprios sentidos, e depois, esta mulher do mundo nunca mais veria a vida sob a mesma luz que antes. Mas a razão, eu não a sabia, e como poderia dizer-lho se soubesse?

Sim, todos nós temos de mentir às vezes — talvez seja por isso que na terra nos foi dada a fala. A verdade na sua nudez pode, por vezes, tornar-se um monstro tal que um pouco de tinta e pó, ou uma "folha de figueira" extra grande, se torna absolutamente necessária, para que ela não nos envie para um manicómio.

Os olhos rápidos de mulher dela tinham, no entanto, captado algumas das expressões que passaram pelo meu rosto.

" O que é, ' Cheiro? ' ", perguntou ela. " Qual é a tragédia que vê nas minhas mãos? "

"Apenas la tragédia de nunca ter amado", respondi rapidamente — qualquer coisa que me veio à cabeça, apenas para a desviar do assunto.

Corando de um vermelho vivo, "Sim, suponho que seja uma tragédia", disse ela, "mas tantas mulheres casadas são como eu que tais tragédias são vulgares. Talvez, afinal, seja melhor não amar — melhor pedir apenas contentamento e agradecer a Deus se conseguirmos obter mesmo isso. Se eu estivesse loucamente apaixonada pelo meu marido, como poderia suportar a sua partida da forma que ele faz, deixando-me sem sequer uma mensagem durante semanas ou um mês de cada vez? Não, o amor com um homem assim seria um tormento — é melhor assim como está."

Foi totalmente um mês mais tarde quando fui novamente convidado para jantar em Grosvenor Street. O Sir William tinha regressado e as coisas corriam como antes — o mesmo jantar formal, os mesmos silenciosos mordomo e lacaio, café na biblioteca, mas nem uma palavra sobre a sua ausência.

Foi apenas quando estava à porta da rua a despedir-me dele que ganhei coragem para dizer:

"Suponho que esteve no seu apartamento todo este tempo?"

Muito calmamente, ele disse: "Não, não estive lá, pelo menos, não mais do que algumas horas — *quem me dera saber onde estive*."

Meses passaram. O inverno tinha vindo e ido; Londres tinha-se libertado dos seus nevoeiros e peles, e o sussurro das novas folhas verdes no Parque era como o murmúrio de tantos amantes nos seus ouvidos. Eu tinha estado na América e regressado, e para mim o encanto de Londres após cada viagem parecia crescer mais profundo e mais intenso. Há outras grandes cidades no mundo, bem sei: Nova Iorque, com os seus "arranha-céus", tornando a Torre de Babel um brinquedo de criança em comparação, igualando a história bíblica no ruído e confusão das suas línguas; depois há Paris, Roma, Viena, Cairo, Petrogrado — todas com a sua própria beleza — todas maravilhosas à sua maneira —, mas não vale a pena tentar analisar ou explicar, para o coração que conheceu Londres há sempre aquela estranha "nostalgia" de voltar.

Deve ter sido por volta do meio de maio que me encontrei, uma tarde depois das seis, sentado sob as árvores no Green Park, apenas a descansar entre o dia e a noite, a ouvir o canto das ruas ao longe e a tentar decidir que restaurante me tentaria para o jantar.

Não tinha dito aos Standish que tinha regressado, pois não estava de humor para jantares formais, e estava justamente a pensar num curioso lugar francês em Soho, quando notei um homem que não via há anos a caminhar na minha direção sobre a relva.

Nesses dias, confesso que gostava de pessoas excêntricas, e certamente este homem que vinha na minha direção não poderia ser descrito por outra palavra.

Tínhamo-nos conhecido alguns anos antes num Clube de Poetas, uma coisa bizarra, onde cada um trazia a sua própria comida e bebida, e onde a regra era comer o petisco de todos os outros menos o seu próprio. Claro que um clube assim não durou muito, mas enquanto durou foi decididamente interessante. Muitos dos seus membros tornaram-se no final "bastante respeitáveis"; dois deles tinham sido feitos cavaleiros por alguma poesia excecionalmente má; os restantes casaram-se — e a esta altura, provavelmente, divorciaram-se.

O indivíduo que vinha na minha direção sempre tinha atraído o meu interesse — não por causa dos seus versos, que eram das coisas mais loucas que já tinham sido escritas —, mas por causa da sua própria personalidade excêntrica. Ele podia não escrever boa poesia, mas vivia como só um bom poeta deveria viver. Ele realmente vivia nas nuvens, e como mantinha os pés na terra, e não os via ceifados no trânsito de Londres, era mais do que eu alguma vez fui capaz de decifrar.

Quando o conheci no Clube de Poetas, ele tinha dado largas a algumas perspetivas extraordinárias sobre o tema do casamento. A sua ideia era de que deveria ser uma associação mental e não física. Ele teria dividido o mundo em duas seitas — os procriadores e os pensadores —, mas pelos desafortunados "procriadores" ele não tinha nada senão desprezo.

Quando lhe apontei que sem os "procriadores" não haveria população para ler os seus maravilhosos poemas — se é que alguma vez seriam publicados —, ele admitiu que isso era um revés para a sua teoria, mas superou imediatamente a dificuldade sugerindo que o Criador poderia instituir uma espécie de incubadoras de plantas de couve, e cada quintal em Londres e nas Províncias seria então um exemplo fiel da nossa educação habitual na infância.

Eu tinha sugerido que o cabelo dele parecia como se ele tivesse sido encontrado debaixo da proverbial couve, mas isto apenas o levou do reino

vegetal para o das flores, onde imaginou donzelas coradas encontradas sob roseiras, e Poetas a descendência de orquídeas.

À medida que aquele indivíduo esguio vinha lentamente na minha direção — mover-se depressa, para ele, teria sido incompatível com a sua dignidade —, passou-me pelo pensamento que, se as orquídeas tivessem almas, a mais grotesca delas teria reencarnado no corpo dele.

Ainda assim, este homem tinha olhos — olhos maravilhosos —, grandes olhos violeta, com pestanas pretas — olhos que sonhavam e pensavam e mantinham comunhão com outros mundos, de modo que, sob o seu feitiço, esquecia-se o resto do quadro.

"Bem, Algy", disse eu, enquanto ele se sentava ao meu lado, "algum poema já foi publicado?"

"Não", respondeu ele calmamente, "o editor ainda não nasceu que consiga apreciar o meu trabalho."

"Os editores encontram-se debaixo de couves." Ri-me. "Lembra-se da sua teoria de há anos?"

"Lembro-me", respondeu ele, "e nunca vi qualquer razão para a alterar, exceto que as couves são demasiado boas para os editores."

"Não admira que não tenha encontrado nenhum." Ri-me. "Mas diga-me, Algy, como progrediram as suas teorias sobre o casamento durante a minha ausência? Teve alguma boa razão para alterar as suas opiniões sobre esse assunto?"

Que transformação! O próprio pensamento parecia ter mudado o ser estranho ao meu lado em algo que, por um momento, pareceu realmente humano.

"Meu amigo", disse ele, "nunca vai acreditar até a ver. Eu encontrei a minha alma gémea, afinal. Encontrei uma alma excêntrica exatamente como a minha — uma alma a vagar na escuridão da solidão, até nos encontrarmos — e, nesse encontro, saber o que o céu significa enquanto ainda pisamos esta terra."

"Perfeitamente maravilhoso", exclamei, "felicito-o sinceramente. Mas diga-me, onde conheceu esse ser maravilhoso?"

"O encontro foi um pouco estranho, confesso. Não foi nada convencional. Fomos apresentados pela — pela Aurora."

"Justamente o que eu teria pensado, Algy", ri-me. "Uma apresentação para si só poderia ser intermediada pela Lua ou pela Deusa da Aurora. Admira-me que uma das suas Odes a Vénus não a tenha trazido à terra especialmente para si. Mas conte-me tudo sobre isso."

"Bem, sabe como odeio o ridículo; por isso, se não se rir de mim, eu conto-lhe. Mas quando souber o resultado, vai perceber o quão sério tudo isto é."

Acenei com a cabeça em sinal de assentimento, e ele continuou:

"Bem, como é evidente, sabe que não vivo como mais ninguém. Nunca conseguiria. Nunca fui capaz de ganhar dinheiro com nada e, devo dizer, nunca tentei. Tenho a boa fortuna de ter um corretor de bolsa reformado como pai que, embora nunca me veja, me dá trezentas libras por ano só para me manter fora do albergue de mendigos. Com esta miséria, vou conseguindo orientar-me ano após ano, sabendo que um dia os meus talentos serão reconhecidos e que, mais cedo ou mais tarde, um país grato me elegerá Poeta Laureado, Primeiro-Ministro ou para um trabalho qualquer que tenham para dar. Não se esqueça, meu amigo, que Beaconsfield também era escritor."

"Sim", acenei com a cabeça, "mas não se esqueça de que ele também era judeu"

"Bem", continuou ele, "com as minhas trezentas libras por ano, descobri uma coisa que seria preciso mais do que um judeu para descobrir. Resolvi o problema económico do mundo — como viver com a menor quantidade de comida."

"Ora essa, resolveu?", exclamei, "como conseguiu fazer isso?"

"Oh, muito simplesmente, meu amigo. É um problema bastante fácil — apenas a eliminação do desgaste dos tecidos do corpo."

"Soa grandioso", interrompi, "mas explique um pouco melhor."

"Vê", continuou ele, "a comida e o trabalho são duas das coisas mais caras da vida — ambas têm de ser pagas por alguém. Ora, se não fizer nenhum trabalho, não precisa de comida; e se não precisa de comida, está independente do trabalho. Consegue acompanhar?"

"Pergunte ao operário britânico", ri-me, "ele dar-lhe-á uma resposta melhor do que eu."

"Depois", continuou ele, encantado por ter alguém a quem expor as suas opiniões," outra falácia que este mundo tem é a ideia pagã de trabalhar durante o dia. O calor do sol, o brilho da luz, tudo conduz a um aumento do desgaste dos tecidos — resultado: fome, o desejo de comida; consequentemente, despesa para compensar o desperdício e sustentar a vida. O meu sistema é: dormir todo o dia, levantar-me ao cair da noite e vagar pela noite fora.

"Quando não somos empurrados por multidões apressadas, as nossas roupas também duram mais tempo; coma quando tiver algo para comer, mas verá que, com pouco desgaste no corpo, necessitará de muito pouca comida. Com o meu sistema de vida, até poupo dinheiro das minhas trezentas libras por ano."

"Sim, tem o aspeto de quem poupa ", não pude deixar de dizer; " mas suponha agora, para variar, que vem jantar comigo e me conta mais sobre essa mulher maravilhosa que conheceu — o vinho e as mulheres são bons companheiros, mesmo no seu sistema peculiar, tenho a certeza."

"Aceito", disse ele; "teremos a história do vinho e da mulher juntas."

Depois de um bom jantar e de uma garrafa de vinho, o café e os cigarros fizeram a sua aparição, e o meu amigo Algy continuou com a sua história.

"Sim, fui apresentado a ela, como lhe disse, pela Aurora; e foi, de facto, a aurora de uma outra vida para mim. Vê, meu amigo, com a minha pequena mesada não tenho posses para viver em Londres. Vivo rio acima, não muito longe de Richmond.

"Certa noite em junho — faz dois anos agora —, fiel ao meu sistema de viver enquanto os outros dormem, encontrava-me sentado num daqueles bancos junto ao rio, a ver o reflexo das estrelas no Tamisa, aos meus pés. A noite tinha estado muito escura, mas quente com o calor do verão. À medida que os raios cor-de-rosa da aurora surgiam lentamente no Leste e erguiam suavemente a cortina da noite do vale, para minha surpresa, notei pela primeira vez que não estava sozinho. Outro ser humano estava sentado na extremidade mais distante do meu banco. Sim, meu amigo, era uma mulher — e a mulher da minha história.

"Ao início, ela não me notou — limitava-se a estar ali sentada com os olhos fixos, imóveis, nos raios de luz rubi, que rompiam e batiam, por assim dizer, lá no alto, nas margens distantes do céu. Enquanto estava ali sentado a observá-la, comecei a perceber que ela era como eu — uma

adoradora da Natureza, uma alma solitária, alguém que também só vivia à noite e cuja solidão se sentia menos na noite — sim, uma alma gémea, talvez com os mesmos sentimentos, os mesmos anseios, os mesmos ideais.

"Não, não vou entrar em pormenores — o porquê de termos falado, ou como falámos, é inteiramente irrelevante. Basta dizer que foi como o reencontro de velhos amigos que se tivessem separado por um momento e, no entanto, não estivessem separados; cujas mentes retomaram a conversa onde a tinham deixado; cujo reencontro era o que ambos esperavam, uma coisa natural e nada mais.

"Passado algum tempo, como que para evitar a luz forte do dia que avançava, por mútuo consentimento levantámo-nos e caminhámos à beira do rio — éramos as únicas pessoas por ali, continuávamos com o mundo só para nós.

"Caminhámos e caminhámos, até que finalmente chegámos onde eu vivia — à minha humilde e pequena habitação, meio sufocada que estava por rosas e vinha-virgem. Entrámos juntos, como se fosse a coisa mais comum do mundo a fazer.

"Ela sentou-se no longo sofá debaixo da janela, enquanto eu saí para procurar o único criado que alguma vez tive, um velho corcunda que há anos eu tinha resgatado do albergue de mendigos, e que vive comigo sem salário, mas dedicado como um cão ao seu dono.

"O pobre do velho Pat já estava a pé. Como tinha vivido em França em algum período da sua vida, não tinha igual na arte de fazer café. Pouco depois, apareceu com o nosso pequeno-almoço simples e, puxando uma mesa baixa para a frente do sofá, serviu-o diante de nós. Foi de facto uma refeição frugal — apenas um pouco de pão esbagoado, agrião fresco e o café.

"Com um olhar rápido, ele notou a senhora — havia um ar de interrogação nos seus olhos quando estes se cruzaram com os meus, mas nada mais. O Pat era demasiado cavalheiro para fazer perguntas; além disso, a sua única lei absoluta na vida era que tudo o que o seu patrão fazia estava certo, por isso, fechando a porta, deixou-nos mais uma vez sozinhos.

"A minha visitante não falou muito; parecia cansada. Tinha caminhado uma longa distância, talvez, pensei eu; por isso, quando o pequeno-almoço terminou, levei-a para um quarto que estava sempre preparado para um hóspede, mas que nunca tinha sido usado, e dizendo-lhe

que era meu costume dormir todo o dia, e que a chamaria para o jantar, saí e fui para o meu próprio quarto.

"Dormi o dia todo, melhor na verdade do que o tinha feito em anos. Foi como se uma grande paz tivesse entrado no meu coração, como se a solidão partida da minha vida tivesse passado com a noite.

"Os últimos raios do pôr-do-sol vermelho entravam pelas janelas. Levantei-me e fui para a sala de estar. Mal pude acreditar nos meus olhos por um momento, ao notar a transformação que tinha ocorrido. Os móveis tinham sido dispostos de uma forma diferente que tornava a sala muito mais confortável e acolhedora; as almofadas tinham sido resgatadas de buracos e cantos, e tinham alguma espécie de ordem entre si; uma grande jarra de rosas estava no centro da mesa e outra no parapeito da janela.

"O Pat estava justamente a desaparecer quando entrei, mas voltou e, numa voz misteriosa, meio assustada, meio contente, disse:

"— Foi ela que o fez, senhor, foi ela que o fez, Deus a abençoe. Eu não toquei numa coisa. As mulheres são maravilhosas, senhor, foi tudo feito em cinco minutos. Ela está lá fora no jardim agora, a prender as rosas por cima do alpendre.

"Através da porta aberta, eu conseguia vê-la a erguer ramo após ramo e a prendê-los, de modo a que ficassem com a melhor aparência possível.

O seu longo casaco de poeira cor de camurça, com um chapéu a condizer, parecia fundir-se com o rosa das rosas e, com o rio como pano de fundo, compunha um quadro tão bonito quanto qualquer artista poderia desejar.

"Terminada a sua tarefa, ela entrou. Com o olhar crítico de uma mulher, fez outro exame da sala, recompôs as flores na mesa central e depois reparou em mim, que estava na sombra da porta.

"— Fica melhor assim, não fica? — disse ela simplesmente. — Odeio a desordem. Espero que não se importe, mas não consigo viver num lugar que esteja desarrumado.

"— Então vai viver aqui? — desabafei eu, estupefacto.

"— Sim, vou — respondeu ela —, isto é, se não tiver objeções. O senhor evidentemente precisa de alguém que cuide de si.

"— Tem toda a razão — sorri. — O meu velho Pat não serve para manter um lugar limpo.

"— Claro que não — respondeu ela. — Os homens não servem para esse género de coisas, mas ele certamente sabe fazer café.

"— Sim — disse eu —, mas não sei o que ele nos vai dar para o jantar. Não será melhor eu ir ver disso? Deve estar a ficar com fome a esta altura.

"— Não — respondeu ela —, nunca tenho fome. Consigo passar dias sem comer. É melhor deixar isso com ele. Julgo que ele esteve à pesca, pois vi um peixe em cima da mesa da cozinha há uns momentos. Além disso, os Poetas não deviam pensar nessas coisas; na verdade, acho que os Poetas nem sequer deviam comer.

"— É maravilhoso como as suas ideias são tão parecidas com as minhas — ri-me. — Mas como pôde saber que sou Poeta — ou melhor, que tenho algumas pretensões nessa direção?

"— Como poderia pensar de outra forma? — disse ela. — Depois de ter limpado o pó àquela pilha de papéis em cima da sua mesa?

"Era agora a minha vez de lhe fazer perguntas, mas no momento em que o fiz, a sua conversa cessou. Ela apenas conseguia lembrar-se de que vivia algures em Londres. Não sabia quem era, nem qual era o seu nome, nem o que a tinha trazido percorrendo todo o caminho até à beira do rio na noite anterior, nem como lá tinha chegado, e acrescentou com muita firmeza que, se eu persistisse em fazer perguntas, ela se iria embora.

"O jantar veio e acabou por ser uma excelente truta que o Pat tinha pescado, por acidente, disse ele. Perguntei-me por que razão tais acidentes nunca tinham acontecido antes. Também me perguntei que bom cozinheiro ele se tinha de repente tornado. O Pat sorriu e sussurrou: — A influência de uma senhora na casa, senhor, são coisas maravilhosas, senhor, Deus as abençoe!

"Depois do jantar, os candeeiros foram acesos; ela tirou uma costura de um dos seus bolsos, eu li os meus poemas e maravilhei-me por ter finalmente encontrado alguém que compreendia o que eu escrevia.

"Essa noite passou, e a seguinte, e a outra a seguir; depois uma semana e um mês que pareceram apenas momentos — éramos como duas crianças num sonho, e eu rezava para nunca mais acordar."

"Mas acordou, então ? ", disse eu.

"Sim", respondeu ele. "Aconteceu assim. Uma noite ela parecia angustiada e infeliz. Ia continuamente à porta, abria-a, parecendo escutar algo. Eu estava ainda demasiado envolvido na minha própria felicidade egoísta para notar os detalhes. Dormi pesadamente — a manhã chegou, e quando acordei à noite, ela tinha partido."

"Partiu", disse eu, "tenho tanta pena por si. Mas diga-me, Algy, se isso é tudo realmente verdade. Como sei que não é um dos seus poemas fantásticos que está a experimentar comigo, para ver como resulta?"

"Verdade", repetiu ele tristemente, "acho bem que é verdade. Mas um dia vai conhecê-la, e então saberá o quão verdade tudo isto é."

"Conhecê-la! Então voltou a encontrar-se com ela?", perguntei.

"Ah, sim, voltei de facto", respondeu ele. "Estive miserável e de coração partido durante cerca de um mês, depois ela apareceu na cabana uma manhã e entrou, tal e qual como se nunca tivesse estado fora."

"Que pessoa extraordinária, Algy. Porque não desiste dela?"

"Impossível, meu amigo, impossível. Não desistiria dela mesmo que pudesse. Além disso, agora que estamos casados, seria ainda mais impossível."

"Casados!", exclamei. "Certamente não foi louco ao ponto de casar com uma mulher de quem não sabia nada — e com as suas ideias estranhas sobre o casamento, como pôde fazer uma coisa dessas? "

"Oh, essa parte foi fácil." Ele sorriu. "Ela tem opiniões tão fortes sobre o casamento como eu. Só acredita no lado mental da coisa, tal como eu. Estávamos perfeitamente de acordo quanto a isso, e vivemos como irmão e irmã juntos. Sim, casámo-nos mesmo — tudo culpa minha, calculo. Sim, no meu egoísmo pensei em segurá-la para sempre comigo dessa maneira. Casámo-nos num Registo Civil, tal como os seres humanos comuns."

"E mesmo assim ela deixa-o às vezes?", exclamei, "e não faz ideia de para onde ela desaparece. Ela está fora atualmente?"

"Sim, é por isso que me encontrou a vaguear pelo Parque. Nunca venho a Londres quando ela está comigo. Ela já está fora há quase um mês; estou à espera dela em casa a qualquer momento. Um destes dias envio-lhe um telegrama a dizer 'vou passar por tua casa'. Virá então passar o serão connosco? "

"Sim", disse eu, "pode contar com isso. Gostaria de ver algo dessa misteriosa senhora."

Uma semana mais tarde chegou o telegrama. Mandei vir da Gunter's e preparei uma bela cestinha de ceia; com um par de garrafas de vinho, eu não ia correr riscos com pessoas que conseguiam passar semanas sem comida.

Pontualmente às seis, o Algy apareceu e apanhámos o comboio para Richmond. Estava uma bela noite de verão, passeámos pelo caminho à beira do rio e pensei que afinal havia alguma sabedoria na ideia dele de viver longe do pó e do calor de Londres.

Os candeeiros já tinham sido acesos na sala de estar quando chegámos; havia flores na mesa, na cornija da lareira e numa grande taça de latão na lareira. Por toda a sala, notava-se o toque de uma mulher, e de uma mulher de bom gosto, ainda por cima. De uma forma distraída, ela levantou-se para me cumprimentar — tinha regressado apenas no dia anterior, dissera-me o Algy no comboio.

Não havia nada de muito notável na beleza dela, pensei eu. O seu cabelo castanho, com apenas um reflexo de ouro, parecia inequivocamente uma peruca. De corpo, não parecia ter muito, mas em todo o caso estava escondido num fato de corte direito, de cima a baixo. Não usava anéis ou joias de qualquer espécie — um ramo de rosas na cintura era a única tentativa de ornamento.

Olhou para mim de uma forma sonhadora, como se não estivesse bem acordada. Olhei para ela, talvez de forma um pouco ousada, pois ela pareceu senti-lo e encolheu-se para o canto do sofá, onde permaneceu até tomarmos os nossos lugares à mesa.

A minha cesta de ceia foi uma adição bem-vinda, caso contrário não parecia haver muito para comer. O Algy pediu desculpa, dizendo que a sua mulher tinha estado fora, e o Pat trouxe agrião suficiente para cobrir a mesa inteira.

O vinho que eu tinha trazido era bom; ela chegou a beber um golo e depois brincou com a cauda de uma sardinha até o meu frango frio fazer a sua aparição.

O Algy estava muito falador e feliz, entrou em detalhes sobre a vida maravilhosa que levavam — as suas caminhadas pelo rio à luz da lua, o

brilho prateado da aurora quando iam para a cama e a glória dourada do pôr-do-sol quando acordavam à noite.

Tudo muito bonito, pensei eu, mas aqueles quartos separados de cada lado da casa não apelavam muito às minhas ideias de amor, por isso, por pura travessura, também pintei um quadro de pés de crianças a correr pelas salas e o tagarelar de vozes infantis de manhã cedo.

Como é óbvio, eu tinha feito a coisa errada; o Algy contorcia-se e virava-se na cadeira, como uma enguia numa frigideira quente, enquanto ela me olhava fixamente como se eu fosse um touro bravo numa loja de porcelanas. Claro que eu estava numa loja de porcelanas, e sabia-o, por isso continuei com a minha destruição e tive a satisfação de ouvir o Pat sussurrar-me ao ouvido: — Continue assim, senhor, essa é que é a conversa que eles precisam — vai fazer-lhes bem, senhor, Deus os abençoe.

Fazer-lhes bem, pensei eu — haveria alguma coisa que lhes fizesse bem?

O Algy tinha-se engasgado com agrião, e ela tinha-se encolhido para o seu canto do sofá, onde abraçava uma enorme almofada contra o seu flanco, como uma espécie de protetor. Tinha pensado em fazê-la falar e ouvi-la defender as suas teorias, mas nisso estava enganado — limitava-se a olhar para mim como se o Algy tivesse trazido o próprio diabo para a casa deles.

Como aquilo não resultava, sugeri que ouvíssemos alguns dos poemas do Algy, e a harmonia foi imediatamente restaurada. Com a ajuda de um copo de vinho, o Algy desenredou o agrião das suas amígdalas e presenteou-nos com um verso atrás do outro. O de que me lembro mais é o seguinte:

"O amor sem paixão é o Amor mais puro, O amor pelo Amor é o Amor mais seguro. O amor sem sexo, só ele pode ser A alma do Amor para mim e para ti viver. O amor perfeito é o Amor sublime, Deusa do Destino e Senhora do Tempo."

"Maravilhoso, maravilhoso", disse ela lentamente e, depois, de uma forma quase sonhadora, remexeu nos bolsos e tirou, um após outro, primeiro uma tesoura, depois um pedaço de seda, a seguir um dedal e, por último, um carretel de linha. Em seguida, a seda foi cortada em formas curiosas; a agulha e a linha voavam entre os seus dedos e, em poucos minutos, ela tinha formado duas flores de formato estranho, mas belas, que caíram aos seus pés, como se ela mal tivesse reparado que as tinha feito.

Antes que o Algy se pudesse mover, eu já as tinha apanhado e, ao entregá-las a ela, os nossos olhos cruzaram-se por um momento. Com certeza eu já tinha visto aqueles olhos antes, mas, no entanto, não podia ser, pois os olhos dela olhavam fixamente para os meus, mas sem qualquer centelha de reconhecimento.

Voltei para a minha cadeira e observei-a mais atentamente do que nunca. O Algy estava agora a ler um dos seus poemas verdadeiramente exóticos, no qual os pores-do-sol eram roxos, os lírios pretos, a relva azul e as estrelas chamavam-se umas às outras por nomes carinhosos.

Outra flor caiu dos dedos dela; votei a apanhá-la, mas desta vez levei-a comigo para a minha cadeira.

Ela estava tão encantada com o poema do Algy que não tinha reparado em mim.

Rodei a flor entre os meus dedos. Com certeza eu já tinha visto algo parecido antes — mas, de novo, afastei essa ideia da minha mente. Não, não podia ser possível, pensei; não podia ser possível.

Tinha-me mantido muito silencioso durante algum tempo — não tinha apresentado quaisquer pontos de vista ou ideias que colidissem com as deles —, uma harmonia perfeita reinava na sala. Eles tinham começado a sentir que eu estava a ser convertido à sua própria maneira de pensar; a almofada protetora tinha até caído do flanco dela; eu já não era a pessoa de mente impura que ela tinha imaginado que eu fosse. Puxei a minha cadeira para mais perto dela; ela não se ressentiu.

Os meus olhos estavam cheios de admiração por aquelas maravilhosas flores de seda que ela fazia tão rapidamente. Um pouco mais de admiração e o lisonjeio disso já tinha atingido o seu coração feminino.

Olhando para mim com bastante gentileza, deu-me uma para examinar. Dali, os meus olhos passaram para as mãos dela.

"Que mãos maravilhosas tem, Madame", disse eu.

"Está a falar a sério?", sorriu ela. " Acho que são um bocado grandes para uma mulher."

"Certamente que não", respondi, "há muitas senhoras com mãos muito maiores do que as suas; e depois as suas parecem tão leves e rápidas com a agulha. Não admira que consiga fazer coisas tão maravilhosas. Posso olhar para elas?"

O lisonjeio tinha feito o seu efeito. A agulha e a linha foram calmamente pousadas e, durante um minuto inteiro, examinei as mãos dela, observando cada linha e marca. De repente, pareceu-me compreender o que tudo aquilo significava. Ao fazê-lo, o meu cérebro ficou gelado — em ambas as mãos, esquerda e direita, estava a "dupla Linha da Cabeça" que eu tinha visto nas mãos de um homem, e não há muito tempo atrás.

Com todo o género de ideias a correr-me pela mente, cambaleei de volta para a minha cadeira, mal sabendo o que fazer ou dizer.

Justamente nessa altura, o Algy parou de ler. Aproveitei a oportunidade para dizer que as horas de vida deles não eram as minhas horas e, despedindo-me o mais depressa que pude, saí para a frescura da noite.

Como voltei para os meus aposentos, mal o sei; caminhei a maior parte do trajeto, mas creio que encontrei um táxi tardio algures perto de Chiswick.

O que deveria eu fazer? Revirava isto uma e outra vez nos meus pensamentos. Poderia eu ter cometido um erro? Às vezes agarrava-me a essa ideia e depois abandonava-a novamente em desespero. Não podia haver erro — eu tinha visto aquelas mãos num apartamento perto de Oxford Street — aquele apartamento mobilado apenas como uma mulher o teria mobilado —, também a cortar pedaços de seda e a transformá-los em flores; e, como prova de que eu não estava louco, aqui na minha posse estava aquela outra flor, feita diante dos meus olhos naquela pequena cabana junto ao Tamisa.

Num dos roupeiros entreabertos no apartamento de Oxford Street, eu tinha visto vestidos de mulher; ele próprio me tinha dito que havia lapsos na sua memória em que o relógio-calendário na cornija da lareira registava que ele tinha estado fora durante semanas e meses de cada vez — e sem saber o que fazia ou para onde ia.

Depois, não havia como enganar aquela "dupla Linha da Cabeça" ao longo das mãos — mais uma vez, eu tinha-a visto naquela cabana há apenas algumas horas.

Não havia como enganar aquele sinal nas mãos que eu conhecia tão bem. Não, não havia como fugir ao facto de que o Sir William Standish, de Grosvenor Street e do apartamento perto de Oxford Street, era o mesmo indivíduo com quem, escassas horas antes, eu estivera a jantar e que era a suposta esposa daquele pobre poeta chalado.

Mas o que deveria eu fazer? Percebi que não podia deixar as coisas como estavam. Contudo, se eu fosse contar à Lady Standish, duas coisas muito provavelmente aconteceriam — o choque dar-lhe-ia a loucura ou ela expulsar-me-ia de casa. Se eu fosse à polícia, poderia ser ainda pior — haveria um dos maiores escândalos de Londres e, provavelmente, uma tragédia acumulada sobre outra.

Durante o dia inteiro andei de um lado para o outro nos meus aposentos — mandei embora todos os que me procuraram — não consegui comparecer a nenhum compromisso. Finalmente, por volta das seis horas, saí para o meio da habitual multidão de Bond Street.

Grosvenor Street parecia calma e solitária e, quase inconscientemente, virei para ela.

Ao passar pela casa dos Standish, olhei para lá. Nada tinha mudado — tinha o mesmo aspeto respeitável e convencional que todas as outras casas tinham naquela rua tão convencional.

E se eu estivesse errado — e se o Sir William estivesse naquele momento a ler o *The Times* na sua biblioteca — ou a tomar chá lá em cima com a Lady Standish? A multidão em Bond Street tinha-me feito bem, tinha-me trazido de volta ao mundo quotidiano das realidades. Atravessei a rua e toquei à campainha.

"O Sir William está em casa?", perguntei ao lacaio.

A Lady Standish viu-me a partir do átrio.

"Entre", disse ela, "estou tão contente por vê-lo, parece que faz uma eternidade que não nos visita. Suba para tomar um chá."

Subimos para a sala de estar, onde o chá já tinha sido servido.

"Eles retiveram-no mesmo muito tempo nos Estados Unidos", disse ela. "Suponho que conheceu muitas pessoas interessantes, tem de me contar tudo."

"Tenho tanta pena que o Sir William não esteja", continuou ela. "Ele teve outra das suas viagens a Roma há cerca de um mês — e ainda na semana passada partiu outra vez. Estou finalmente a ficar cansada destas suas contínuas viagens; estão a ficar piores do que nunca; quanto ao Arthur, ele ameaça com todo o género de coisas, acabou de ir à estação ver os horários dos comboios; diz que vai a Roma descobrir o que leva o pai lá tantas vezes."

Eu não tinha grande alma para falar. Sentia que a comédia se aproximava do fim — os passos da tragédia já se tinham posto em movimento. Se o Arthur for a Roma, pensei eu, depressa descobrirá que o pai não esteve lá — e isso, por si só, trará um desfecho.

"Está com aspeto de doente e cansado", continuou Lady Standish, "o que se passa?"

Não tive tempo de responder. Ouvimos passos rápidos a correr escadas acima e, num momento, o Algy estava de pé diante de nós.

"A minha mulher, a minha mulher", gritou ele, "onde está a minha mulher?"

Dei um salto. "Pelo amor de Deus, acalme-se, homem", clamei, "o que aconteceu?"

Deixando-se cair numa cadeira, ele quase gemeu: "Não me consigo lembrar de tudo. Depois de ter saído ontem à noite, parece que fiquei meio louco a ler os meus poemas em voz alta. Aproximei-me dela, peguei-a nos meus braços, tentei beijá-la pela primeira vez na nossa vida de casados. Ela debateu-se — eu consegui e beijei-a diretamente nos lábios. Com um grito de terror, atirou-me para longe dela e correu para a noite.

"Pensei que ela voltaria, mas hora após hora passou; então decidi segui-la. Passado algum tempo, segui-lhe o rasto até Londres — até esta rua — para meu espanto, vi-a entrar nesta mesma casa com uma chave de fenda. Encontrei a porta aberta e entrei a correr. A minha mulher está aqui — tenho de a encontrar", gritou ele, "eu *vou* encontrá-la."

Fiquei sem fala, horrorizado.

"O homem está louco", disse Lady Standish. "Toque a campainha."

Antes que algo pudesse ser feito, ouviram-se passos no patamar exterior, passos que vinham na direção da porta — passos de um género estranho, arrastado, e depois um tatear no puxador. Lady Standish estava branca como a morte no centro da sala, com cada nervo do seu corpo em tensão.

Muito lentamente a porta abriu-se, e a figura da noite ergueu-se diante de mim.

Lady Standish não se moveu — parecia transformada em pedra.

O Poeta, com as mãos estendidas, saltou na direção da figura.

Aquela criatura de aspeto deplorável e desalinhado, com um ramo de rosas ainda na cintura, deteve-se por um momento a olhar de um para o outro; os olhos muito abertos, de aparência extasiada, fixaram-se finalmente no rosto branco de Lady Standish — um par de mãos trémulas estendeu-se lentamente para ela; com um grito quebrado de reconhecimento — "Minha Esposa, minha Esposa" —, o Sir William Standish caiu morto aos seus pés. 1

1 Tão recentemente como em 1929, um exemplo semelhante ao relatado na história acima foi levado perante os Tribunais em Londres no caso conhecido como "Coronel Ivor Barker". Foi revelado, nesta instância, que a pessoa que durante seis anos tinha vivido sob este nome, e que tinha ocupado cargos importantes em Londres, tais como secretária do Movimento Nacional Fascista, etc., e que realmente se casou com uma jovem numa igreja em Brighton e viveu com ela durante vários anos — era uma mulher. Relatos completos deste caso extraordinário foram impressos em todos os jornais de Londres depois de esta pessoa ter sido detida enquanto preenchia um cargo como funcionária de receção no Regent Palace Hotel, a 28 de fevereiro de 1929.

CAPÍTULO XXXIX

ALGUNS JOGADORES QUE ME CONSULTARAM SOBRE A SORTE.

LORD CLANRICARDE E AS SUAS "APOSTAS DE UM XELIM".

ARTHUR DE COURCY BOWER — COMO O AJUDEI A "BANCO QUEBRADO" EM MONTE CARLO.

UMA das minhas visitas mais curiosas foi um velho cavalheiro extremamente desalinhado, que me procurou para fazer uma indagação a respeito do Acaso. As suas roupas mostravam tal evidência de pobreza que a minha secretária estava hesitante em admiti-lo; mas havia algo naquele velho cavalheiro que impunha respeito e, profundamente intrigada com o enigma, foi-lhe dada entrada.

A longa experiência tinha-me ensinado que as aparências são enganadoras e depressa fiquei convencido de que o meu visitante desalinhado era um "alguém".

Explicou bruscamente que desejava ter alguma informação sobre o tema da "sorte".

Quando terminou de regatear o preço dos honorários com a minha secretária, examinei as suas mãos e, francamente, elas espantaram-me. Indicavam bom nascimento, riqueza e posição, e sugeriam uma aliança no futuro que apontava para a realeza. Disse-lhe tudo isto, esperando que ele escarnecesse ruidosamente, mas ele sorriu sarcasticamente e disse: "Por que não?"

Mas as corridas eram o seu tema favorito. Contou-me, num ímpeto de confidência, que costumava apostar um "xelim ocasional", mas lamentava o facto de os cavalos geralmente perderem. "Não haveria algum sistema pelo qual os eventos nas corridas pudessem ser prognosticados com precisão?" Era o anseio milenar dos cobiçosos para encontrar o caminho mais curto para o dinheiro fácil. Assegurei ao meu cliente que a sua indagação sobre a sorte neste aspeto estava além da minha arte.

"As minhas apostas são pequenas", disse ele, "pois sou cuidadoso com o meu dinheiro e não tenciono desperdiçá-lo. Mas nos meus tempos de juventude, 'Cheiro', cheguei a apostar as minhas libras — sim, e tanto ganhei como perdi. Mas é um jogo de tolos", acrescentou irritado, e preparou-se para partir.

"Gostaria de assinar o meu Livro de Visitas?", perguntei. Ele hesitou por um momento e depois disse: "Não, estaria a fazer-lhe uma boa publicidade e o senhor poderia beneficiar com isso. Vou dizer-lhe quem sou, embora possa não acreditar." Endireitou o corpo e disse: "Sou Lord Clanricarde, um nobre irlandês, e vivo com dez xelins por dia", e com isto saiu da sala.

Como a maioria das pessoas sabe, o falecido Lord Clanricarde era um avarento e, embora vivesse na sua magnífica mansão citadina, Chesterfield House, existia como um eremita. Todos os seus esplêndidos móveis e quadros eram mantidos cobertos, enquanto ele era frequentemente visto a comer o seu almoço de um saco de papel no Hyde Park. Morreu dono de uma vasta fortuna, que deixou ao seu sobrinho, o Visconde Lascelles, que mais tarde se tornou o marido da Princesa Mary. 1

Era estranho o quão claramente eu tinha visto naquela velha palma murcha a história de uma linhagem antiga, grande riqueza e um capítulo mais esplêndido a abrir-se quando, no devido tempo, Lord Lascelles se tornou genro do Rei de Inglaterra.

1 Única filha dos atuais Rei e Rainha.

Por esta altura, fui visitado por outro jogador inveterado. Veio ver-me várias vezes e, um dia, ao sair, escreveu o seguinte testemunho no meu Livro de Visitas na sala exterior:

" Visitei 'Cheiro' nos seus aposentos em Bond Street em março passado, quando ele me contou com a mais maravilhosa precisão os eventos dos três meses seguintes. À data da minha visita, eu estava a ter a mais notável sorte nas corridas. Ele previu um grande desastre. Isto concretizou-se na quinzena seguinte, quando perdi mais de £4000. Ao mesmo tempo, disse que eu recuperaria esta perda de uma forma totalmente inesperada. Assim aconteceu a 17 de abril, pois ganhei 84 000 francos no *trente-et-quarante* em Monte Carlo. No meu regresso, visitei-o novamente e ele previu duas boas vitórias e, depois, um mau período. As coisas boas confirmaram-se em Isinglass e Orvieto e, agora, Ascot trouxe o mau período. Os factos vão mais longe do que as palavras vazias de louvor. G. MacCARTIE."

Alegra-me acrescentar que recomendei ao meu visitante que voltasse a Monte Carlo no mês de setembro seguinte e jogasse em certos números, e apenas nesses, de 15 a 25 de setembro. Ele obedeceu a isto à letra e regressou a Londres com os seus ganhos de mais de 150 000 francos. Muito generosamente, insistiu para que eu aceitasse como presente um belo alfinete de diamantes, como recordação.

Uma das minhas experiências notáveis, contudo, nesta linha, aconteceu com aquele "Rei dos Jogadores", o Capitão Arthur de Courcy Bower. A sua recente morte em Londres foi o motivo para inundar os jornais com todo o género de histórias sobre as suas aventuras em Monte Carlo. Penso, portanto, que um relato da minha experiência com este homem verdadeiramente invulgar poderá ser de interesse nestas páginas.

Quando ouvi falar de Bower pela primeira vez, ele estava no auge da sua fama como homem de negócios e associado do famoso Coronel North, que fez a sua fortuna em especulações com o Nitrato do Chile.

Tanto quanto consegui apurar, o Coronel North, que era um homem com muito pouca instrução, devia a fundação da sua imensa fortuna a Arthur de Courcy Bower. Foi graças a ele que North ouviu falar pela primeira vez dos enormes depósitos de Nitratos no Chile. Foi Bower quem planeou a sua primeira visita àquele país e quem, pela sua fluência em

espanhol, juntamente com o seu charme e diplomacia, abriu todas as portas ao Coronel North quando visitaram o Chile.

Um dos maiores prazeres de Bower era "mexer os cordelinhos" e encontrou no Coronel North um excelente sujeito para efeitos espetaculares.

À chegada de ambos ao Chile, Bower fez saber através dos canais da Imprensa e de outros meios que o único objetivo de vida do seu amigo Coronel era desenvolver os recursos das partes desconhecidas do mundo.

No espaço de uma semana após a sua chegada, Bower organizou que fosse oferecido um banquete para dar as boas-vindas ao grande capitalista inglês. Este banquete, sob os auspícios do Governo, foi um evento enorme. Como o Coronel North parecia a personificação da solidez e respeitabilidade britânicas, ele apenas tinha de fazer uma aparição para que Bower fizesse o resto.

O Coronel não tinha o dom da eloquência. Bower respondeu aos brindes. North apenas tinha de se levantar e curvar-se de forma tão rígida e britânica como só um inglês sabe fazer quando não consegue falar outra língua a não ser a sua.

O banquete foi um grande sucesso. Minas de prata e todas as concessões possíveis e impossíveis foram oferecidas ao grande inglês. Bower estava, contudo, focado nos depósitos de Nitrato e conseguiu-os; antes de passar um mês, os dois partiram para Londres com concessões que foram a fundação de um dos maiores comércios do mundo e que fizeram fortunas para os compradores originais das ações do Nitrato do Chile.

O Coronel North tornou-se milionário e Bower um homem muito rico. Depois, os dois desentenderam-se e cada um seguiu o seu caminho. O Coronel North apegou-se ao seu dinheiro e, como diz a Escritura, "multiplicou-se grandemente". Bower perdeu o seu — riu-se do Destino e recomeçou.

Arthur de Courcy Bower não fora talhado para se tornar um membro convencional da Sociedade. Tinha estado em Eton, mas tinha quebrado todas as regras daquele colégio altamente respeitável — aquele cadinho de maneiras onde a juventude inglesa é moldada em modelos de Aristocracia.

Bower era um cavalheiro até à ponta dos dedos, mas não conseguia tornar-se uma couve. Não tinha ambição de possuir uma propriedade no campo, ler as Escrituras aos domingos e ter J.P. ou M.P. atrás do seu nome.

Ele queria ver a vida em todas as suas formas. Queria jogar o "cara ou coroa" com o Destino, e pouco se importava com qual dos dois vencia.

Ele era um dos homens mais versáteis que alguma vez conheci; era um bom químico, um excelente geólogo, um matemático que em algarismos não tinha igual e, no entanto, com tudo isso, uma criança rebelde.

No Norte de África, conquistou o coração dos árabes e, durante um ano, tornou-se numa espécie de Xeque. Regressou a Inglaterra com concessões valiosas que nunca utilizou; fundou Empresas que nunca concluiu, esbanjou dinheiro como se fosse lama.

Foi um caso amoroso, no fim de contas, que o levou a consultar-me. E que enigma era toda aquela situação! Eis um homem que as mulheres mais belas do mundo tinham idolatrado e a cujos pés se tinham lançado, um homem que casara com uma das mulheres mais ricas de Londres para descobrir, infelizmente, que o amor e o dinheiro raramente correm bem juntos em parelha.

Depois veio a história de amor. Não posso escrevê-la toda aqui, pois daria um volume por si só. Numa obra como esta, apenas posso apresentar um mero esboço.

Após uma cena de ciúmes com a esposa — farto até à morte de tentar levar uma vida convencional —, o Bower abandonou um dia o seu ambiente luxuoso e chegou a Londres com a avultada soma de Duas Libras no bolso.

Estava determinado a começar a vida do zero, mas o Destino estava igualmente determinado a que o seu favorito mimado recebesse primeiro uma dura lição.

O Destino planeou que um forte ataque de pneumonia lhe derrubasse o orgulho e as forças ao mesmo tempo e, num apartamento de dois quartos que ele tinha alugado a crédito numa rua secundária de Chelsea, deixou-o muito perto da morte, sem comida nem um amigo no mundo.

Foi então que a Lydia apareceu. Não me perguntem quem era a Lydia, ou de onde vinha, porque não sei.

Apenas sei que esta mulher maravilhosa amou este homem destroçado com uma devoção que quase não tem igual, mesmo entre as páginas do sacrifício das mulheres pelos homens, o que mais do que equilibrou o mal

que lhes tem sido creditado desde o tempo em que a Mãe Eva quase sufocou o primeiro homem com uma maçã.

Noite e dia, durante semanas e meses, a Lydia tratou, vigiou e esperou. Quando as suas pequenas poupanças se esgotaram, as joias que possuía foram-se também, e assim a luta continuou — até que a Lydia venceu.

O Destino, também, não tinha abandonado o seu favorito para sempre. Estaria, talvez, à espreita numa das esquinas da vida para ver o efeito da sua lição.

Quer tenha sido assim quer não, o Bower, durante a sua convalescença, desenvolveu um processo extremamente engenhoso para reduzir o custo das baterias elétricas para quase metade.

A eletricidade estava na sua infância nesses dias. O processo do Bower preencheu a lacuna do momento; em menos de um mês, ele teve a satisfação de vender os seus direitos por £10 000 em dinheiro vivo.

Escusado será acrescentar que a Lydia recuperou as suas joias e quaisquer outras que quisesse, enquanto o Bower se dirigiu à *City*, fez algumas jogadas extremamente afortunadas na Bolsa de Valores e tornou-se novamente um homem muito rico.

Havia uma coisa, contudo, que ainda faltava. Ele queria fazer da Lydia a sua esposa — mas essa única questão não se endireitava.

Foi por isso que ele me procurou. Muito nervoso, colocou as mãos sobre a almofada da minha mesa. Conseguiria alguma vez a sua liberdade? Poderia alguma vez casar-se com a Lydia? Seria capaz de lhe dar a posição que desejava que ela tivesse?

Era um daqueles casos em que eu não podia dar — nenhuma esperança. A mulher com quem estava casado morreria antes de lhe conceder a liberdade. A morte dela situava-se também num futuro muito, muito distante.

Não lhe pude dar esperança alguma.

A partir daí, estive com o Bower muitas vezes e, pouco tempo depois, conheci a Lydia. Certa noite, ele passou por minha casa num magnífico Rolls-Royce. Tinha sido um dia quente, perto do fim de junho. "Vou dar-lhe um pouco de ar fresco primeiro", disse ele, "e depois jantamos."

Durante a viagem de ida e volta a Hampton Court, ele explicou-me que o nosso jantar seria inteiramente boémio.

"A Lydia vai cozinhá-lo", disse ele, "e provavelmente iremos comer na mesa da cozinha."

Quando chegámos ao apartamento — um espaço pequeno, mas belissimamente mobilado, devo acrescentar —, a Lydia juntou-se a nós na sala de estar. Usava um vestido de seda branca que lhe assentava na perfeição, com um avental de cozinheira em azul-escuro que, atado à cintura, realçava a sua silhueta de forma perfeita.

As mulheres tinham curvas naqueles dias e orgulhavam-se delas. Não tinha chegado a época em que rivalizavam com "canos de escoamento", com uma linha de cintura ao nível das ancas e a frente e as costas direitas como ferros de engomar.

Não! A Lydia tinha o que se chamava naqueles dias "uma silhueta perfeita", uma em que o peito e as ancas mantinham as suas linhas naturais e contornos femininos. O cabelo também era o seu próprio, e o rico reflexo dourado nele realçava a requintada brancura da sua pele.

Ela não era apenas uma mulher extremamente bonita, possuía também o maior encanto de todos: personalidade e magnetismo.

A sua devoção ao Bower era algo realmente belo. Não havia nada de espalhafatoso nisso. Não consistia em chamar-lhe "querido" a cada minuto, como algumas mulheres apaixonadas fazem, irritando toda a gente. Sentia-se, simplesmente, na atmosfera que ela criava ao seu redor, um algo caloroso, genial, afetuoso, que se consegue compreender, embora não se seja capaz de descrever.

Quanto ao Bower, ele simplesmente banhava-se neste sol eterno. Isso trazia ao de cima tudo o que havia de bom na sua natureza; de libertino transformou-se em amante, de erva daninha a girassol, voltando-se sempre para a sua dadora de luz e vida.

Seguimo-la até à cozinha, com o Bower a explicar-me que dispensavam todos os criados por volta das seis horas.

Ele também pôs um avental. Ri-me ao ver o homem que outrora tivera dois mordomos e quatro lacaios a servi-lo, ocupado a descascar batatas para ajudar a Lydia, e tão feliz como um estudante num dia de férias.

O amor opera de facto milagres — que pena nós, mortais, sabermos tão pouco sobre ele.

Sentados em redor da mesa da cozinha, branca como a neve, tivemos um jantar simples, mas verdadeiramente delicioso, acompanhado por uma das melhores garrafas de Borgonha que se poderia provar.

Foi então que "o esqueleto" apareceu pela primeira vez no banquete. O Bower foi à sala de jantar buscar uma garrafa de brandy. Era a única coisa no mundo que ele mais amava — a seguir à Lydia.

Rápida como um relâmpago, ela sussurrou-me:

— A desculpa dele esta noite será que precisa de brandy para o convidado. Pelo amor de Deus, recuse-o. Ele seria o maior homem de Inglaterra se não fosse esta maldição.

O Bower regressou segurando a garrafa com mais cuidado do que se fosse um bebé. Pousando-a diante de mim, disse:

— Meu amigo, deve agora juntar-se a mim para beber o melhor Cognac do mundo. Comprei tudo o que consegui no Café Voisin da última vez que estive em Paris. A Lydia odeia que eu lhe toque, por isso só tenho uma oportunidade quando tenho um amigo como você para jantar.

Como é óbvio, eu recusei.

Ele já tinha servido um grande copo para si próprio. A Lydia pediu-lhe que não o bebesse, mas de nada serviu. Segurou o copo perto do rosto, aquecendo-o carinhosamente com ambas as mãos, e cheirou-o; toda a expressão do seu rosto mudou, um olhar maligno surgiu nos seus olhos.

— Eu tenho de o beber, Lydia — gritou ele. — Eu tenho de o beber.

A Lydia não perdeu a cabeça por um único momento. Muito calmamente, disse:

— E pensar, Arthur, que esperei o dia inteiro a pensar e a ansiar por aquele passeio de carro que me prometeste para esta noite... detestaria ver-se na pele de quem quebra uma promessa feita a mim.

O rosto de Bower contraiu-se como se tivesse sido atingido por um chicote. Podia ver-se a luta a passar-se na sua mente, e um silêncio de morte pareceu insinuar-se pelas janelas.

Como um homem hipnotizado, os seus olhos desviaram-se lentamente do copo que tinha nas mãos — cruzaram-se com os dela — o Amor venceu.

No segundo seguinte, o copo voou pela janela fora, desfazendo-se em mil pedaços no jardim lá em baixo.

Mas a Lydia nem sempre podia estar com ele. A tentação esperava e vigiava-o em cada esquina da *City*; homens que sabiam da sua fraqueza visitavam o seu escritório com frascos de brandy nos bolsos e contratos forjados nas mãos.

Não durou muito. Um erro seguiu-se logo nos calcanhares de outro. Em breve, os boatos espalharam-se de que o Bower estava arruinado, e o Tribunal de Falências surgiu mesmo à sua frente.

Uma tarde, por volta das três horas, ele passou pelos meus aposentos. Estava muito calmo, muito pálido, com um terrível olhar de animal caçado nos olhos. Não o via há mais de um ano. Fiquei chocado com a mudança que se tinha operado nele.

"Santos Deus, Bower", disse eu. "O que se passa — esteve doente?"

"Sim", disse ele, "muito doente."

"Está a caminho de casa agora?", foi a minha pergunta seguinte.

"Não", respondeu ele. "Estou a caminho de Monte Carlo, se conseguir apanhar o comboio das nove horas."

"Mas onde está a Lydia?"

"Não sei", gemeu ele. "Parti-lhe o coração, por isso ela deixou-me."

"Olhe para aqui", começou ele, falando muito depressa. "Não vamos andar com rodeios um com o outro — no último ano desci até aos cães — até ao próprio Inferno —, perdi tudo, até a Lydia. Mereço tudo por que passei e mais ainda. Sei que não me vai pregar sermões. Preciso da sua ajuda numa crise terrível, foi por isso que o vim procurar. Tenho de conseguir oitenta mil libras nas próximas duas semanas. Tenho mesmo, senão haverá um mandado de captura contra mim — agora compreende a minha posição desesperada?"

"Mas...", comecei eu.

"Não há 'mas'", continuou ele. "Sei que não consigo encontrar oitenta mil libras só por pedir em Londres, mas elas estão à minha espera em Monte Carlo e o senhor tem de me ajudar a chegar lá."

O Bower tinha uma daquelas personalidades magnéticas a que era impossível resistir.

Eu sabia que ele tinha estudado o meu sistema de números durante anos; ele tinha-me provocado muitas vezes dizendo que eu não tinha coragem ou fé suficiente em mim próprio para aplicar as minhas ideias de forma prática. Tinha a memória para números mais prodigiosa de qualquer homem com quem eu já me deparara. Conseguia lembrar-se de cada sequência de vermelho ou preto que ocorria numa mesa de *trente-et-quarante* numa noite de jogo e, quanto à roleta, era um verdadeiro mestre das várias combinações do jogo.

"De quanto dinheiro precisa?", perguntei.

"Quinhentas libras", foi a resposta. "Temos o tempo justo para chegar ao seu banco antes de fechar; traga o seu livro de cheques e venha comigo."

Havia um olhar tão patético nos seus olhos que não consegui recusar.

Fomos ao banco, levantámos o dinheiro e, algumas horas mais tarde, vi-o partir no comboio noturno para o Continente.

"Adeus", disse ele. "Terá as suas quinhentas libras de volta no prazo de uma semana, e mais quinhentas de lucro."

"Não quero lucro nenhum", respondi. "Só quero que resolva as suas dificuldades e que conquiste a Lydia de volta também."

Ele apertou-me a mão. "Tente encontrar a Lydia", conseguiu dizer. "Diga-lhe que não tocarei numa gota de bebida até me ter redimido."

Passaram duas semanas e não chegou nenhuma notícia, de espécie alguma. No primeiríssimo dia útil após esse prazo, encontrei a Lydia, uma mulher miserável, de coração partido, a trabalhar como costureira numa oficina de modista numa rua transversal da Brompton Road.

Na manhã seguinte, um parágrafo num jornal saltou-me à vista; tinha como título:

"Sensação em Monte Carlo: Arthur de Courcy Bower quebra a banca três vezes numa única noite."

Poucas horas depois, foram-me entregues dois telegramas; um era uma ordem para o Crédit Lyonnais para me pagar £1000, o outro era para a Lydia, dizendo que £5000 tinham sido depositadas na sua conta no mesmo banco.

Encontrei a Lydia na oficina da modista. Mostrei-lhe os telegramas, ela desabou e chorou como uma criança. Fomos juntos ao banco e levantámos o dinheiro. A primeira coisa que ela fez foi voltar para a modista o mais depressa que pôde e pagar uma ordem de execução que tinha sido entregue à mulher nessa manhã.

A Lydia era a mulher com o melhor coração do mundo e merecia melhor sorte do que ter amado o Bower.

Todos os dias, durante a semana seguinte, ordens de transferência de dinheiro por via telegráfica continuaram a chegar em catadupa. Ele tinha-me deixado uma lista dos seus credores; as suas £80 000 de dívidas esfumaram-se como fumo.

Depois, um dia, chegou o telegrama mais bem-vindo de todos. "Junta-te a mim com a Lydia, Hotel Continental, Paris, fim de semana."

Não vou descrever esse encontro; nenhum reencontro de amantes o poderia ter igualado. Como duas crianças felizes acabadas de sair da escola, passearam por Paris juntos.

A Lydia comprou algumas roupas belíssimas, e o Bower mal conseguia passar pela montra de um joalheiro sem lhe comprar anéis ou pedras preciosas, para compensar aquelas que ela tinha perdido durante os dias sombrios, antes de ele ir para Monte Carlo.

É em momentos como estes que se percebe o valor do dinheiro e a felicidade que ele pode trazer. O prazer de o gastar pode não durar muito, é verdade, mas, enquanto dura, pode proporcionar a mais requintada satisfação.

Depois de pagar todas as suas dívidas, o Bower ainda tinha quase cinquenta mil libras de sobra; com isso como capital, regressou a Londres para começar a vida de novo.

Pouco tempo depois, despedi-me do feliz casal e regressei novamente para os Estados Unidos.

Quando voltei a Londres, tinham passado cerca de quatro anos. Tinha perdido o contacto com o Bower, mas ouvira casualmente através de amigos o que tinha acontecido entretanto.

O Bower tinha ganho dinheiro na *City* e tinha-o perdido novamente. Mais uma vez as joias da Lydia foram empenhadas, mais uma vez ele repetiu o seu extraordinário sucesso em Monte Carlo, ganhando numa noite, segundo os jornais, mais de duzentas mil libras.

Desta vez, contudo, fizera-o à custa de brandy, chegando a beber uma garrafa inteira antes de enfrentar as mesas de jogo. Ao passar por Paris, foi roubado do que lhe restava... não havia nenhuma Lydia para o receber nessa ocasião. Em vez disso, um telegrama com poucas e breves palavras de um médico dizia que ela estava no London Hospital a morrer de pneumonia, não se esperando que sobrevivesse vinte e quatro horas.

Chamado à sobriedade num instante pela má notícia, vendeu até o próprio sobretudo para conseguir regressar a Londres.

O Destino tinha virado a cara ao seu favorito; aquelas pavorosas palavras, "demasiado tarde", ecoavam nos seus ouvidos. O nevoeiro no Canal atrasou o barco, um vagão descarrilado reteve o comboio. Finalmente, o hospital foi alcançado. O Bower correu e passou pelo porteiro nos portões, apenas para ir ao encontro do corpo sem vida da Lydia a ser transportado para fora da sua enfermaria.

A partir desse dia, o Bower nunca mais provou bebida de qualquer forma ou espécie; era um homem mudado, mas a mudança tinha também chegado "demasiado tarde".

Na véspera de Natal, enviou o que chamou de S.O.S. aos amigos que o conheciam nos seus dias de sorte. Disse que eu fora o único a responder "ao Chamado". Encontrei-o num quarto miserável abaixo do nível da rua, com as paredes a verterem humidade. Apenas me pediu um favor: algum dinheiro para colocar flores na campa da Lydia, o que ele nunca tinha deixado de fazer em cada manhã de Natal.

Na semana seguinte, aluguei um escritório para ele e estabeleci-o no mundo dos negócios na Kingsway House.

Mais uma vez, aquelas terríveis palavras, "demasiado tarde", pareciam escritas em tudo o que ele fazia.

Um ano passou; o Natal chegou novamente. Ele tinha ido à campa da Lydia pela manhã; tinha colocado uma cruz de lírios brancos onde pensava

que o coração dela deveria estar — e nessa mesma noite, Arthur de Courcy Bower partiu para o seu próprio e longo descanso.

CAPÍTULO XL

O CRIME TEM UM FASCÍNIO PECULIAR QUE LHE É PRÓPRIO. COMO WHITTAKER WRIGHT ENCONTROU O SEU WATERLOO

O PROFESSOR LOMBROSO, o célebre criminologista, fez-me a seguinte afirmação após uma conversa sobre o meu Estudo das Mãos.

"Há indubitavelmente uma mão criminosa, uma mão 'má'. Acho estranho que o Estudo da Mão não tenha sido cultivado mais assiduamente pelo patologista e pelo criminologista especialista. "

A Natureza, certamente assim parece, imprime os seus avisos na palma da mão — mas poucos conseguem ler, e menos ainda atendem à testemunha silenciosa.

Devo confessar que não há departamento da minha arte que me tenha fascinado mais fortemente do que o rastrear do que se pode chamar de instintos criminosos, conforme retratados pelas linhas da mão.

Dizia-se que Caim, o assassino, carregava a sua marca na testa; pergunto-me quantas pessoas se dão conta de que as palavras da Sagrada Escritura dizem na realidade: "Colocarei uma marca na tua testa e na tua mão."

Tal como existe a mão do suicida, assim existe a mão do assassino e, como se isso não bastasse, há influências planetárias fatais predominantes mostradas pelos Planetas ao nascimento que parecem marcar muitos ocupantes da vala dos assassinos no recinto da prisão.

Por outro lado, os instintos criminosos podem ser combatidos pela força de caráter e por um treino criterioso. É por isso que este estudo deveria desempenhar um papel tão diferente no nosso esquema social. Se os pais ao menos conhecessem a inclinação da sua descendência, estariam de guarda — mas, infelizmente, isto raramente é feito.

A este propósito, o relato que se segue poderá ser considerado de interesse.

Logo no início da minha carreira, uma senhora trouxe-me o seu filho de dez anos de idade e perguntou-me se eu faria uma caraterização da sua mão.

Fiz um exame e posso escrever com verdade que fiquei horrorizado com as linhas que ali vi. Não apenas com isso, mas o formato anormal, com os dedos preênseis e em forma de garra, indicava o verdadeiro ladrão que rouba por amor à aquisição. Examinei a Linha da Cabeça; era boa, mostrando uma inteligência invulgar; a Linha do Coração era quase impercetível, enquanto a Linha do Destino terminava abruptamente.

Depois de o rapaz ter sido retirado pela tia, que estava com eles, a mãe contou-me uma história para a qual eu estava totalmente preparado. O rapaz era mentiroso, ladrão, insensível a um ponto surpreendente e incontrolável. O pai tinha morrido; era, de facto, o problema de uma viúva.

Expliquei, com o maior tato que me foi possível, que a única esperança era um regime firme, dirigido com simpatia e inteligência; que uma escola rigorosa seria, sem dúvida, o melhor local para onde o enviar.

Os anos passaram e, um dia, recebi a visita de um jovem de boa aparência. Tinha obtido um cargo governamental importante e estava, evidentemente, muito satisfeito com o mundo e consigo próprio.

Para minha surpresa, ele relembrou como a mãe o tinha trazido a mim quando era um rapazinho. Procurei o caso nos meus livros. Certamente, pensei eu, este é um exemplo de como o conhecimento derivado do estudo da mão pode combater instintos malignos.

Creio que foi cerca de dois meses mais tarde que se gerou uma sensação devido ao roubo de dinheiro num departamento do Tesouro de Whitehall. Alegou-se que um assaltante tinha atacado um funcionário; este tinha certamente perdido algumas centenas de libras.

Eventualmente, os detetives prenderam um homem; ele foi julgado no Old Bailey e foi revelada uma singular vida dupla. Ele tinha conseguido manter o seu verniz de respeitabilidade exterior, mas, à noite, afundava-se em profundezas abismais de depravação. Era o jovem que parecia ter lutado com sucesso contra a sua inclinação para o mal. Depois de ele sair da prisão, voltei a vê-lo, mas a droga tinha-o agora dominado; desceu cada vez mais baixo e morreu de uma overdose de *veronal*. Neste caso, as tendências para o crime tinham sido, evidentemente, demasiado fortes, ou a Vontade tinha sido demasiado fraca.

Antes de fazer o relato de alguns dos criminosos interessantes que conheci, poderá interessar aos meus leitores ouvir algo sobre os grandes financeiros que me vinham consultar de tempos a tempos.

Uma noite, estava prestes a sentar-me para jantar no meu apartamento em Paris, quando a campainha tocou e o meu criado anunciou que um homem que ele supunha ser inglês estava na sala de espera e insistia em ver-me imediatamente.

Saí determinado a dizer-lhe que já tinha terminado o trabalho por aquele dia e que passasse noutra altura. Encontrei um homem bastante alto e de forte compleição física a caminhar impacientemente de um lado para o outro da sala.

"«Cheiro»", disse ele abruptamente, "lamento incomodar a esta hora, mas tem de me receber. Há apenas uma pergunta a que quero que responda. Vou apanhar o comboio para Havre esta noite e não me foi possível vir durante o dia."

Havia algo de tão majestoso e imponente na sua personalidade que não consegui recusar. Havia também um olhar de intenso anseio e nostalgia nos seus olhos que me tocou diretamente o coração.

Entrámos no meu gabinete de consulta; ele colocou as mãos sobre a almofada da minha mesa.

"A única pergunta que quero fazer", começou ele, fazendo ao mesmo tempo um esforço para parecer calmo e sereno, "é esta: encontro-me neste momento numa crise terrível na minha vida. Conseguirei superá-la? É tudo o que quero saber. Posso ajudá-lo a chegar à sua decisão dizendo-lhe que tudo depende de quanto tempo me resta de vida. Olhe atentamente para a minha Linha da Vida. Há nela alguma indicação de um sinal de morte imediata, súbita ou violenta?"

Era uma pergunta invulgar para um homem tão robusto e de aparência saudável fazer.

Sem falar, examinei as linhas principais da mão direita muito de perto. A Linha da Mentalidade ou da Cabeça era significativa; era longa, reta e nítida, o tipo que está sempre associado ao homem de negócios ou ao financeiro.

Disse-lho e uma expressão sarcástica cruzou o seu rosto.

"Está enganado", disse ele. "Sou o maior tolo que já viveu. Se assim não fosse, não estaria hoje na posição crucial em que me encontro."

"O problema é", respondi, "que as suas ideias são demasiado grandes; tornaram-se desequilibradas e incontroláveis nos últimos anos, mas com tal mentalidade, deveria ser capaz de levar a cabo todos os seus planos até um fim bem-sucedido."

"Esse é exatamente o ponto: viverei o suficiente para o fazer?"

Pressionei a Linha da Vida. Na parte que correspondia à idade que ele tinha atingido (disse-me que tinha nascido em Cheshire em 1845 e que estava, consequentemente, no seu quinquagésimo oitavo ano quando me visitou, no mês de março de 1903), havia uma linha vermelha peculiar e nítida que parecia cortá-la nessa data. Era uma marca sinistra diretamente sob o que se chama o Monte de Saturno.

Fiz um rápido cálculo por Astrologia; a partir da sua data de nascimento, era decididamente ominoso.

"Neste momento", disse eu, "encontra-se sob condições terrivelmente más. Não consegue evitar cometer erros de julgamento em cada passo que dá. Esta longa viagem que está prestes a empreender irá, temo, terminar mal. Não vejo senão confusão e fracasso para si." Depois, num esforço para suavizar o efeito das minhas palavras, acrescentei rapidamente: "Não há, contudo, perigo de morte para si durante cerca de um ano; talvez seja a preocupação e a tensão que o estejam a matar. Doze meses é muito tempo para um homem com o seu temperamento. Não poderia, nesse tempo, endireitar as coisas?"

Como resposta, disse muito calmamente: "Acha, pelo que vê, que há probabilidade de morte no espaço de um ano?"

"Sim", respondi, "se as coisas não mudarem para si. Acho que sim. O seu coração não está realmente são; há todas as indicações de morte súbita."

Ele retirou as mãos. "Disse-me", disse abruptamente, "exatamente o que eu queria saber. Significa que não serei capaz de dar a volta às coisas. Estou a ser perseguido até à morte neste preciso momento. Estou a caminho de Nova Iorque esta noite, para ver um homem que poderia salvar-me e colocar-me em posição de regressar e enfrentar os meus inimigos. Pelo que diz, vou evidentemente fazer esta viagem em vão. Se falhar, tomei a

decisão de pôr fim à minha vida; agora já sabe por que razão existe a indicação de morte súbita."

"Mas...", interrompi.

"Não há cá mas nem meios mas", retorquiu. "Lerá tudo sobre mim nos jornais nos próximos dias. Tenho de ir embora agora, tenho o tempo a contar para apanhar o meu comboio em St. Lazare. Se encontrar o meu amigo em Nova Iorque e obtiver a sua ajuda, enviar-lhe-ei um cabo. O meu nome é Wright — Whittaker Wright."

O resto da história é história pública. À chegada do navio, Whittaker Wright foi preso ao abrigo de uma ordem de extradição de Inglaterra. O seu amigo banqueiro não veio em seu auxílio.

Após considerável atraso e formalidades legais, foi trazido de volta a Londres, passou por um dos julgamentos mais surpreendentes da história perante o juiz Bigham, que o condenou a sete anos de trabalhos forçados.

Ao fim de um longo julgamento que durou doze dias, ele manteve a serenidade até ao último momento. Quando a sentença foi proferida, num silêncio no qual se poderia ter ouvido a queda de um alfinete, ele curvou-se perante o Juiz e disse: "Meu Lorde, tudo o que posso dizer é que sou inocente de qualquer intenção de enganar quem quer que seja."

Deixando o banco dos réus, acompanhado por quatro homens, entrou numa pequena sala com o seu advogado, Sir George Lewis. Discutiu a questão de um recurso. Os seus solicitadores disseram-lhe que tal coisa era impossível.

Muito calmamente, tirou um charuto do bolso, cortou a extremidade com os dentes, aceitou um fósforo de Sir George Lewis, acendeu-o e permaneceu por um momento sem falar, olhando pela janela.

De repente, virou-se, cambaleou em direção a uma cadeira, desmoronou-se nela e morreu em poucos momentos.

O fim tinha chegado dentro do ano previsto.

Quando um médico do King's College Hospital chegou, descobriu-se que, ao cortar a extremidade do charuto com os dentes, ele tinha engolido uma pequena pílula que continha cianeto de potássio, o que tinha provocado uma paragem cardíaca quase instantânea.

Assim foi o fim de um homem que tinha controlado algumas das maiores empresas financeiras de Inglaterra, que tinha financiado a agora

bem-sucedida Linha de Baker Street-Waterloo, que foi a precursora do atual sistema de linhas ferroviárias subterrâneas de Londres.

Por uma extraordinária ironia do Destino, foi o apoio a este grande projeto ferroviário, destinado mais tarde a desempenhar um papel tão fulcral no progresso de Londres, que tinha imobilizado todo o dinheiro do seu grupo, a London and Globe Financial Corporation, e provocado o fracasso pelo qual Whittaker Wright encontrou o seu... Waterloo.

CAPÍTULO XLI

MATA HARI, A FAMOSA ESPIA

Conheci esta mulher extraordinária várias vezes. Conheci-a sob os seus muitos nomes de Madame Zelle, Mata Hari, Baronesa von Mingen e, na última fase da sua vida, quando durante a Guerra se fez passar por neutra sob o nome de Madame van Hontin.

De todas as mulheres notáveis que a minha profissão me levou a conhecer, devo dar um lugar único a Mata Hari e penso que, se não a posso classificar como a mais bela, posso afirmar que era a mais encantadora, a mais fascinante e a mais perigosa.

A única razão pela qual escapei de cair nas suas teias, como homens muito melhores e mais inteligentes tinham feito, foi simples e puramente porque, como mulher bonita — ela não tinha coração.

Na minha invulgar carreira conheci muitas chamadas "mulheres más", mas, embora possa parecer algo extraordinário de se dizer, creio que posso afirmar com verdade que nunca conheci uma "mulher má" que não tivesse algum traço redentor de autossacrifício, amor ou afeto que corresse como um fio de ouro ao longo da sua vida.

Mata Hari era a única exceção; era altiva como uma rainha, fascinante, inteligente, bela.

A minha natureza de estrutura curiosa, contudo, clamava por sentimento. A esse apelo não houve resposta — essa foi a única razão pela qual escapei.

Talvez na altura em que a conheci, o seu coração já estivesse morto.

Toda a espécie de histórias tem circulado sobre a sua nacionalidade. Depois de a passar a conhecer bem, a história que ela me contou foi a de que era uma "mestiça". O pai, disse ela, era um próspero plantador holandês em Java, e a mãe uma japonesa. O pai tinha morrido quando ela tinha apenas alguns meses de vida. A mãe levou-a para a Birmânia e colocou-a num Templo onde foi treinada como dançarina religiosa.

Com apenas catorze anos de idade, apaixonou-se por um distinto oficial britânico que visitou o Templo no momento de um festival budista anual. Escapou do Templo, encontrou-o na capital e acabou por casar com ele.

Este homem, pelo que ela me contou, ocupava uma posição muito distinta, representando a Inglaterra numa alta capacidade oficial; com a morte do pai, tornou-se par do reino e, durante muitos anos, foi um membro ilustre da Câmara dos Lordes.

Nasceram dois filhos, um rapaz e uma rapariga, mas o casamento provou ser tudo menos feliz; a explicação dela era que o marido se tornou frio e indiferente para com ela, ela passou a odiá-lo e, a partir daí, a odiar o país a que ele pertencia e tudo o que era inglês.

A sua primeira tragédia foi a morte do seu filhinho. Tinha razões para supor que ele tinha sido envenenado por um jardineiro que não gostava dela. Não podia mandar prender o homem, uma vez que este tinha utilizado o veneno de uma planta que não deixara vestígios no corpo, mas, num momento de tolice, ele tinha-se gabado perante a criada dela de que se tinha vingado.

Como o marido não tomava qualquer medida, ela pegou no revólver dele, que estava sempre carregado, aproveitou a oportunidade de encontrar o jardineiro a sós, disse-lhe o que pretendia fazer e deu-lhe um tiro na cabeça enquanto ele se ajoelhava para implorar clemência.

A alta posição do marido salvou-a de ser presa; mas foi compelida a deixar a Birmânia. O marido recusou acompanhá-la; levando a sua filhinha consigo, despediu-se dele e nunca mais teve notícias suas.

A menina morreu num convento em Amesterdão escassos meses mais tarde.

Livre de todos os laços, virou-se para Paris para tentar a fortuna, como tantas mulheres tinham feito antes dela.

As poucas peças de joalharia que possuía depressa desapareceram nos seus esforços infrutíferos para conseguir trabalho como dançarina nos *music-halls*.

Dançar era a única coisa que sabia ou conseguia fazer, contudo, nas fases iniciais da sua carreira, não conseguia obter nenhum contrato de espécie alguma.

Foi por essa altura que a conheci.

Regressava a casa a pé, uma noite, vindo de uma reunião organizada por uma mulher inglesa para auxílio dos gatos e cães maltratados de Paris, quando notei, a escassos passos à frente, a silhueta extremamente graciosa de uma mulher que não pude deixar de admirar.

Era uma noite gélida, a mulher diante de mim não usava casaco: vaidade, pensei eu — as mulheres fazem tudo por vaidade, só porque tem uma silhueta tão graciosa vai arriscar uma pneumonia para a exibir.

Nesse preciso momento, ela virou para os Campos Elísios; vinte jardas à frente encontrava-se um braseiro aceso onde alguns operários reparavam fios telefónicos.

Ela dirigiu-se diretamente para o fogo; pude vê-la estender as mãos em direção a ele enquanto eu passava.

Talvez tenha frio, pensei — ainda assim, não é assunto meu. Não posso ir em auxílio de cada mulher desconhecida que encontro nas ruas de Paris.

Segui em frente; teria caminhado cerca de cem pés quando alguns daqueles sentimentos que a mulher inglesa tinha expressado na reunião sobre gatos famintos e cães sem abrigo se agitaram e reviraram no meu cérebro.

Poderei eu entrar na minha casa, sentar-me e ler o jornal da noite à minha lareira acolhedora, e ser assombrado pela silhueta desta mulher a aquecer os dedos num braseiro de rua?

Nesse preciso momento, uma lufada de água-neve atingiu-me no rosto.

Voltei-me e regressei em direção ao braseiro; ela continuava ali de pé, com as mãos estendidas em direção ao fogo.

Presumo que disse a coisa errada. Os homens dizem-na sempre quando tentam ser gentis.

Como um relâmpago, ela virou-se para mim.

"Como se atreve a dirigir-me a palavra?", ripostou agressivamente. "Julga que sou uma mulher da rua?"

Fiquei demasiado confuso para saber o que disse. Pedi desculpa da forma mais humilde.

Depois, sob aqueles olhos magníficos que faiscavam de desprezo, vi-me a implorar perdão e a soltar algo sobre a minha simpatia por cães perdidos, gatos e a reunião a que tinha assistido.

Isto tocou o seu sentido de humor.

"Então sou uma gata perdida, é? Ora bem, vocês, os ingleses, são sempre *gauche*; o que se pode esperar deles?"

"Pode esperar simpatia de mim", disse rapidamente. "Não posso deixá-la aqui a tentar aquecer-se num braseiro numa noite como esta. Não tem casa?"

"Não!", disse ela, e afastou-se rapidamente.

Sim, admito que a segui. Falei rapidamente enquanto caminhava ao seu lado. Não gostava de lhe oferecer dinheiro, mas também não gostava de a deixar a tiritar nas ruas.

A minha casa ficava a pouca distância. Desejaria vir até lá e aquecer-se?

Uma hora mais tarde, após alguma ceia e uma boa quantidade de cigarros, ela enrodilhou-se no tapete da lareira e dormiu até de manhã.

Foi desta forma que fiz o conhecimento de Mata Hari.

Algumas semanas mais tarde, uma tarde, ela veio visitar-me. Parecia radiante de esperança e entusiasmo. "A maré mudou, tal como disse que mudaria", riu-se ela. "Parto para Berlim amanhã. Terei mil marcos por semana e hotel gratuito. Não é maravilhoso?"

"Como é que isso aconteceu?", perguntei.

"Oh, de forma bastante simples e, no entanto, tão engraçada. Estava a fazer um teste de exibição no palco do Olympia e tinha sido rejeitada, pois disseram que a minha dança era demasiado oriental, demasiado exótica. Estava tão destroçada com as minhas repetidas deceções ao tentar conseguir um contrato que me recolhi numa das cadeiras da plateia, ao fundo do teatro, e chorei copiosamente.

Duas pessoas estavam sentadas perto de mim, um homem e uma mulher. De repente, a mulher aproximou-se e, falando em alemão, disse:

'Não fique destroçada, pequena *Fräulein*, o francês é um tolo, não compreende a sua arte maravilhosa, a mente dele nunca conseguiria elevar-se acima de saias de balé. Venha connosco para Berlim, será apreciada lá.'

Ela apresentou-me ao marido, o Barão von Werthim; jantámos juntos nessa noite e muitas vezes desde então. Finalmente, fez-me a proposta que mencionei. Aceitei. O meu Horóscopo diz que Berlim me trará sorte?"

Algum tempo antes, ela tinha-me dado a sua data de nascimento. Tinha nascido em Java, a 31 de março de 1879. Tirei-o da minha secretária e mostrei-lho.

"Curiosamente", disse eu, "pelo seu Horóscopo, Berlim e a Alemanha, como nação, exercerão uma grande atração sobre si e deverão estar fadas a desempenhar um papel importante na sua vida. Sob as regras estabelecidas por aquilo que se chama Astrologia Mundial, a Alemanha é governada por Carneiro, a Casa do Planeta Marte, e a senhora também. À data do seu nascimento, tinha aquilo que é conhecido como o Sol em Carneiro, o que a influenciará ao longo de toda a sua vida.

Ao mesmo tempo, devido a alguns dos aspetos no seu Horóscopo, a sua vida será notável, mas cheia de tragédia.

O ciclo que está a iniciar agora atingirá o seu clímax por volta de outubro de 1917. Aí terminará numa morte violenta para si."

Ela partiu para Berlim no dia seguinte.

A vez seguinte em que nos encontrámos foi no Hotel de l'Europe, em São Petersburgo. Ela ocupava o conjunto de aposentos mais caro; recebia sumptuosamente, mas notei que os convidados eram principalmente chefes importantes do Governo ou oficiais do Estado-Maior do Exército Russo. O nome sob o qual vivia era Baronesa von Mingen; era considerada extremamente rica, com uma fraqueza por fazer coisas caritativas e excêntricas.

Uma noite, já muito tarde, estava a terminar de escrever nos meus aposentos no hotel, quando o puxador da porta girou e ela entrou.

"Meu querido amigo", disse ela, "vou dar-me ao luxo de passar uma hora tranquila consigo — importa-se muito?"

Como poderia algum homem recusar? Sinto-me contente, pela reputação da Igreja Católica, que Santo António tenha morrido muito antes de Mata Hari ter nascido; foi o único homem, diz-se, a quem a beleza não atraiu — não admira que tenha sido feito Santo.

Estava requintadamente deslumbrante no vestido de baile que trazia, estava coberta de joias, com uma magnífica fieira de pérolas em redor do seu pescoço bem esculpido.

"O palco alemão parece ser uma profissão lucrativa", disse eu.

"O palco do Mundo paga ainda melhor, meu amigo."

Depois, contou-me uma história extraordinária. À sua chegada a Berlim, tinha descoberto que nenhum contrato teatral a aguardava.

Em vez disso, o Barão tinha-a instalado no hotel particular gerido pelo Departamento de Espionagem Internacional do Serviço Secreto Alemão.

Foi sendo gradualmente incutido na sua mente que a sua beleza, os seus talentos, o seu conhecimento de línguas seriam desperdiçados numa carreira artística comum como dançarina, mas que, como "investigadora diplomática", teria uma carreira maravilhosa.

Durante três meses, passou diariamente por um treino sistemático sobre os objetivos políticos gerais dos principais países do mundo. Planos navais e militares foram-lhe dados para copiar, foi também instruída na decifração de códigos secretos, bem como em como criá-los e como enviar e receber mensagens através de sinais de código Morse.

Foi convidada por altos funcionários para assistir a manobras militares, exibições do exército e a muitas das importantes cerimónias da Corte.

O próprio Kaiser tinha sido especialmente benevolente para com ela em muitas ocasiões, resultando daí que ela concebeu uma admiração pela Alemanha e por tudo o que era alemão que se tornou tão fanática como a devoção de qualquer convertido a uma nova religião.

"Como obteve o seu título?", perguntei.

"Supõe-se que sou viúva de um rico Barão alemão", riu-se ela. "Se for tentado a fazer investigações na Legação alemã aqui, ou em qualquer outro país, descobrirá que os meus papéis estão perfeitamente em ordem; além disso, obterá a informação de que o meu falecido marido e eu apenas estamos interessados em obras de caridade e na promoção da Paz Internacional."

"E o fim de tudo isso será", disse eu tristemente, "que se a guerra alguma vez chegar, será fuzilada algures '*Ao Alvorecer*' como espia alemã."

"Sim", assentiu ela, "nunca me esqueci da sua previsão para outubro de 1917, mas acredite em mim ou não, como desejar, a vida que escolhi bem vale o risco.

A 'espionagem' é o maior jogo de todos", continuou ela; "é a batalha de cérebros no tabuleiro de xadrez da vida, um jogo no qual até o mais humilde espião desempenha um papel no destino dos Impérios.

Pense nisso, gente pequena que se contenta em viver na monotonia de 'uma existência de comer, beber e dormir'. O fim para si poderá ser uma cruz de mármore num cemitério de aldeia qualquer, algumas coroas de flores ou um anúncio fúnebre provavelmente pago com o dinheiro que deixou a algum parente pobre.

Algum jornal de tostão, se fosse acionista, poderá elogiar o bem que fez ao seu país. Um ano mais tarde, o seu 'orgulhoso país' poderá esquecer o seu próprio nome. Pense na zombaria de tudo isto!

Para nós, espiões, a vida não tem ilusões. Sabemos que o ouro que ganhamos está maculado. Não temos de nos iludir de que somos lojistas honestos que nunca enganaram o vizinho, que nunca adicionaram água ao leite das crianças, giz à farinha ou humedeceram o açúcar para ganhar mais um tostão por libra.

Acredite em mim, o dinheiro que ganhamos é igualmente limpo — se é que ganhar dinheiro alguma vez pode ser chamado limpo —, vendemos os nossos cérebros pelo preço mais alto. Se por vezes vendemos vidas — não se esqueça de que com a mesma frequência vendemos as nossas —, mas nesse caso o 'Fuzilado ao Alvorecer' cancela as notas promissórias.

Para nós não há montículo de relva num cemitério de aldeia, nem cruz de mármore — um leito de cal viva é a nossa mortalha — um número num pátio de prisão — a nossa recompensa.

Para nós não há patente de Mérito, nem *Légion d'Honneur*, como para o soldado que matou quantos pôde antes de cair na glória. O lançador de bombas ou o químico de gases podem ser honrados pelo seu país grato. O traiçoeiro fabricante de minas que escava sob a terra, que faz explodir regimentos inteiros ao premir um botão, pode ser condecorado ou receber colunas de louvor pela sua bravura.

O nosso Anúncio Fúnebre é uma propaganda de mentiras; o país que servimos nega ter-nos empregado, nega ter-nos pago, nega que nos comprou com o seu ouro ou que nos atraiu para o serviço através de ardis.

Para nós não há recurso — nenhum amigo que se chegue à frente para testemunhar quão bem obedecemos às ordens.

Assim como trabalhámos em silêncio — assim devemos morrer em silêncio."

Ela tinha-me feito estremecer com a amargura das suas palavras.

"A imagem que pinta é terrível", disse eu. "Pelo amor de Deus, desista de tudo isso."

"Os espiões nunca desistem", retorquiu ela. "Nenhuma febre do jogo, nenhuma droga que alguma vez tenha sido inventada tem tanto poder de dependência.

Não", interrompeu ela asperamente, "não me diga que posso casar e assentar. Tentei-o uma vez — o que é que me deu? Um marido que me usou como um brinquedo, que me deu dois filhos e depois não se importou se morríamos de fome ou se íamos para o inferno.

O casamento é bom q.b. para a mulher do tipo couve — toda folhas e nenhum coração. Por sua vez, ela é o alimento ideal para as lagartas que rastejam sobre ela — que a comem — e que a abandonam quando já não resta nada senão o talo.

Não me pregue sermões sobre o amor — ele existe unicamente nos cérebros egoístas de tolos inebriados. Amizade, camaradagem, paixão entre homens e mulheres, se quiser. Além disto, não há nada senão uma guerra de sexos que não conhece tréguas nem paz.

A única carreira em que as mulheres podem sobressair — é a de espiã profissional. Nisto, todas as suas qualidades naturais podem encontrar pleno alcance. Os seus poderes como atriz, o seu amor pela intriga, o seu desejo de riqueza, a dissimulação, a sua intuição, o seu dom inerente para a mentira, a sua arte para o roubo, a sua curiosidade inata, o seu corpo serpentino, a sua beleza e, por último — o seu sexo.

Uma das máximas do Serviço Secreto Alemão é: 'A única espia perfeita é uma mulher perfeita — desde que não tenha coração'."

"Deve ser a perfeição", não pude deixar de dizer baixinho.

Ela tinha ouvido ou lido os meus pensamentos.

"Sou", admitiu ela francamente, "e, no entanto, com a fraqueza da mulher em mim, queria desabafar os meus pensamentos com alguém — com alguém em quem pudesse confiar — foi por isso que vim ter consigo esta noite.

Só Deus sabe quando nos poderemos voltar a encontrar. Parto da Rússia pela manhã, mas, meu bom amigo, se os nossos caminhos se cruzarem no futuro, virei sempre dizer-lhe se continuo a ter sucesso como mulher espia."

Os nossos caminhos não se cruzaram de novo até escassos meses antes da eclosão da Grande Guerra.

A campainha do telefone tocou no meu quarto; a voz de Mata Hari soou muito clara e distinta. A sua voz, tal como o seu rosto, ela era capaz de a mudar num instante para se adequar a qualquer papel que estivesse a desempenhar. A sua própria voz natural era suave, de tom grave, com uma curiosa cadência de tristeza que, uma vez ouvida, nunca mais se podia esquecer.

"«Cheiro»", disse a voz, "estou em Londres por uns dias. Venha jantar esta noite ao «Savoy». Estará presente um outro homem, mas um estudo interessante para si."

"Um estudo, em que sentido?", perguntei.

Pelo fio do telefone veio aquela mesma gargalhada baixa e curiosa que ela soltava quando estava agradada com algo que tinha alcançado.

"Um estudo sobre o amor", veio a resposta. "Seguramente nada poderia ser mais interessante para si."

"Foste apanhada finalmente, Mata?"

"Venha e julgue por si próprio", ronronou ela. "Mal sei o que dizer. O amor é uma coisa tão maravilhosa, assume tantas formas e feitios."

"Por quem devo perguntar quando chegar ao «Savoy»?"

"Pela Baronesa von Mingen, claro. Acha que mudo de nome com a mesma frequência com que mudo de vestido?"

Às oito horas apresentei-me nos seus aposentos. Enquanto descia o corredor, entretive-me a tentar imaginar como seria este seu maravilhoso amante. A sua observação ao telefone sobre "tantas formas e feitios" tinha decididamente despertado a minha curiosidade. Estava preparado para encontrar qualquer coisa, desde um anão a um elefante, mas mal estava preparado para a surpresa que me aguardava.

Era meado do verão, as persianas ainda não tinham sido baixadas, o pôr do sol de cor rubi que brilhava sobre o Tamisa tinha transformado Londres numa cidade de ouro.

Perdido em admiração, encontrava-se diante de mim um dos homens mais proeminentes da política francesa. Um daqueles poucos homens realmente grandes que a França criou nos anos recentes.

Ele virou-se enquanto eu atravessava a sala e reconheceu-me. Tínhamos nos encontrado várias vezes em Paris, quando eu dirigia o jornal *L'Entente Cordiale*, ao qual aludi num capítulo anterior.

"Quem diria encontrar-se aqui", disse ele, enquanto apertava cordialmente a minha mão. "Mas, claro, é natural que conheça a nossa encantadora anfitriã, devido ao seu maravilhoso trabalho em prol da boa vontade internacional entre as nações.

Que mulher maravilhosa, não é?", continuou ele entusiasmado. "Quem diria que o bom entendimento que surgiu entre a França e a Inglaterra, e também com a Alemanha, desde aquela noite em que eu e o amigo nos encontrámos no banquete oferecido ao falecido Rei Eduardo aquando da sua visita a Paris em 1903. São mulheres como a nossa anfitriã que tanto

têm feito para conseguir tudo isto. A Baronesa von Mingen pode, é verdade, ser alemã por casamento, mas é um Anjo da Paz por nascimento."

Não tive tempo de responder, apenas pude olhar para este homem notável e maravilhar-me — maravilhar-me com a metamorfose que o amor pode fazer quando toca o coração e o cérebro de homens que se supõe serem duros como a pedra.

Quando conheci este homem pela primeira vez, ele era tão francês que a simples menção à Alemanha era suficiente para lhe dar um ataque de apoplexia. Quanto à Inglaterra, tinha sido sempre "*la perfide Albion*" aos seus olhos, tanto assim que pessoas de todas as tendências políticas tinham perguntado quanto ele fora subornado para comparecer ao banquete do Rei Eduardo.

Nesse momento, "o Anjo" entrou.

Se a tinha achado bela da última vez que a vira em São Petersburgo, como poderia descrevê-la agora? Apenas posso dizer que, se alguma vez um anjo tivesse descido à terra e se tivesse vestido com os mestres da arte parisiense — era a mulher que entrava na sala naquele momento.

Estando mais perto dela, saudou-me quase afetuosamente como um velho amigo, mas eu era apenas um contraste, um prelúdio, uma sinfonia em Si Bemol para a saudação que dirigiu ao político francês.

Ela não caminhou — deslizou pela carpete em direção a ele. Os seus olhos gloriosos — tornados, sem dúvida, mais brilhantes por uma gota extra de beladona — brilhavam com um fulgor quase divino. Estendeu ambas as mãos. Ele inclinou-se e beijou-as tão devotamente como teria feito às mãos de uma santa.

"*Mon cher ami*", foi tudo o que ela disse, mas aquelas três palavras vibraram com uma emoção e um significado tão aparentes que o pobre francês pareceu, por um momento, fraquejar das pernas.

Depois soube que, em resposta ao telegrama dela, ele tinha arriscado a vida vindo num aeroplano de Paris, e tais coisas eram um risco naqueles primórdios da aviação.

Ela recompensou-o com um cocktail de absinto feito pelas suas próprias mãos, e sentámo-nos para jantar.

Que jantar foi aquele! Como cortesia para com o seu convidado, tudo era francês; de facto, ela disse-lhe que as pernas de rã — e os caracóis — tinham vindo de aeroplano — talvez o mesmo que o trouxera.

"*Mon Dieu*", suspirou ela. "Se tudo se tivesse despenhado junto — que desastre!

Mas porquê ter pensamentos sombrios?", acrescentou rapidamente, vendo o olhar de horror dele. "Deus é tão bom, a vida é tão bela, um desastre não poderia acontecer a nenhum amigo meu — levo os nomes deles nas minhas orações todas as noites ao Trono da Graça."

O jantar, como todas as coisas boas, chegou ao fim. Os empregados tinham desaparecido, acendemos os nossos cigarros e mudámo-nos para as cadeiras na varanda.

O vinho, as suas belas palavras, a cena abaixo de nós, o Tamisa correndo silenciosamente em direção ao mar, os últimos raios de luz tocando a cúpula do Centro de São Paulo, dourando a sua Cruz com ouro, tudo conspirava para dar uma sensação de paz com um mesmo e com a humanidade em geral.

Se o rosto do francês parecia benigno antes do jantar, ostentava agora uma expressão de satisfeita beatitude, algo como o que se vê no rosto de um padre gordo quando quebra o jejum após a Missa do meio-dia.

"Sim", continuou Mata, "sei que os meus sonhos de Paz Universal seriam realizados dentro de pouco tempo. Sei que está a chegar. Como são tão bons amigos meus, confiar-vos-ei um segredo. Ainda na semana passada, quando entrevistava o Kaiser para a sua subscrição para a Cruz Vermelha Internacional, encontrei-o no seu gabinete a retirar o quadro do couraçado mais antigo da Alemanha e a pendurar no seu lugar um texto iluminado. O que imaginam que eram as palavras?"

Inclinámo-nos para a frente, suspensos.

"Eram: 'Transformarei as suas espadas em relhas de arado e os seus couraçados em Arcas de Noé'."

"*Mon Dieu!* Que maravilhoso", disse o francês.

Depois, por sua vez, ele confidenciou que o Ministro da Guerra tinha um tal défice no seu Orçamento que certos mantimentos se tinham esgotado, que o Exército não tinha botas suficientes para durar três meses, que o novo rifle não tinha sido fornecido e que aquele famoso gás que tinha

sido testado num rebanho de ovelhas e as matara num instante não podia ser fabricado em nenhuma quantidade, por ser demasiado perigoso de manusear.

"Como eu dizia", sussurrou Mata, "tudo caminha para a paz internacional. Que lugar glorioso este mundo será para se viver nos próximos anos."

"Deve-se a nobres mulheres como a senhora, Madame, que tudo isto tenha acontecido", disse o francês. "Os ingleses têm um provérbio verdadeiro: 'A mão que embala o berço governa o mundo'."

Como a conversa tinha agora mudado para berços e a partir daí poderia mudar para bebés, achei que era altura de me retirar.

Ela saiu ao patamar para se despedir de mim.

"O meu francês está muito apaixonado, não acha?", riu-se ela.

"Sim", respondi. "Mas por que me convidou para o jantar?"

"Porque", riu-se ela, "sou uma atriz de coração e preciso de público. Adeus — não se esqueça de mim em outubro de 1917."

Mas talvez a experiência mais dramática que tive em ligação com Mata Hari foi um estranho encontro com as suas atividades na Irlanda, por volta do fim da Guerra. Tinha corrido até Dublin para passar lá algumas horas e tratar de alguns negócios. Por volta das sete horas de uma noite, entrei num restaurante de terceira categoria na zona portuária do Liffey.

Estava mesmo a terminar um chá com torradas antes de partir para casa, quando notei, do outro lado do restaurante, uma decrépita camponesa irlandesa, prestes a terminar a sua refeição.

Depois de pagar a conta, olhou para mim de um modo nostálgico e solitário, como se quisesse perguntar algo. Depois levantou-se, veio até à minha mesa e disse, num sotaque irlandês carregado — mais propriamente do Sul da Irlanda: "Com certeza, senhor, e pode dizer-me que horas são?" Puxei do meu relógio e disse: "Minha boa mulher, são agora sete e meia." Pareceu angustiá-la.

"Com certeza, senhor", disse ela agudamente, "como poderei então apanhar o meu comboio para o Sul, que deve partir de Kingsbridge às oito horas?"

Respondi: "Certamente vai precisar de todo o tempo disponível para lá chegar. Suponho que o melhor plano seria caminhar até à Ponte O'Connell e apanhar um elétrico dali para a Estação de Kingsbridge." Enquanto dizia as palavras, percebi que ela não conseguiria de modo algum chegar lá a tempo. Senti pena da coitada da velha e, por impulso, decidi ajudá-la.

Disse rapidamente: "Nunca conseguirá apanhar esse comboio a tempo. Para onde deseja ir?"

Ela respondeu: "Com certeza que tenho de chegar a Cork ainda esta noite e, dali, seguir para Kinsale, e tenho de o fazer. Oh Deus, senhor — se ao menos soubesse por que razão tenho de o fazer!"

Tocado pelo olhar de agonia no seu rosto, disse: "O meu carro está à porta. Não me desviará muito do meu caminho. Salte para dentro e eu fá-la-ei chegar lá a tempo."

"Com certeza — e que o bom Deus o abençoe", disse ela, no seu pitoresco sotaque irlandês e, pegando na sua trouxa, que era a de uma camponesa irlandesa, ela e eu saímos para o carro e fomos rapidamente correndo para Kingsbridge, para a estação.

Ela tinha um bilhete de ida e volta de terceira classe, instalei-a num compartimento. Quando me despedi e me afastei, a mulher inclinou-se para fora da janela e, numa voz muito suave, chamou-me de volta. Com um sorriso doce, disse:

"«Cheiro», meu querido, estou tão contente por não me ter reconhecido. Dá-me uma confiança implícita no meu disfarce." Por um momento, fiquei estupefacto. Não era outra senão Mata Hari.

Na manhã seguinte ela chegou a Kinsale e, tanto quanto alguém consegue seguir a história, foi recolhida por um barco desmontável e apanhada por um submarino alemão que aguardava ao largo da costa, o qual a levou para Espanha.

Dali, ela poderia facilmente ter escapado. Sabia que a polícia de todos os países estava agora vigiando-a. Em vez disso, contudo, arriscou a vida regressando a França. Dirigiu-se diretamente para as trincheiras perto de Verdun, onde assumiu novamente o seu papel de dançarina.

Uma noite, esgueirou-se através das trincheiras para as linhas alemãs, mas tinha sido vigiada e seguida. Quando regressou, foi colocada sob prisão, transferida para Paris, julgada e condenada à morte de um espião.

Numa manhã sombria de outubro de 1917, ela encontrou o seu destino, no ano e no mês da minha trágica previsão. Actriz e soldado de fortuna até ao fim, recusou que lhe vendassem os olhos, atirou beijos com as mãos aos soldados e conheceu o seu destino com um sorriso nos lábios.

CAPÍTULO XLII

VISITO MONTE CARLO PARA PROVAR O MEU SISTEMA DE NÚMEROS. O SEU FUNDAMENTO ASTROLÓGICO

Após uma longa viagem na Rússia, concluí que daria aos meus nervos um descanso muito necessário, por isso, estando no sul, perto de Odessa, tomei a rota do Mar Negro para a Europa, parei uns dias em Constantinopla e, finalmente, encontrei-me em Génova.

Após um bom descanso em Itália, pensei que gostaria de experimentar uma nova forma de emoção, por isso deixei-me ir à deriva para aquele turbilhão de humanidade que circula e surge em redor das mesas de Monte Carlo.

Havia, contudo, um método na minha loucura. Queria ver por mim próprio se aquela estranha lei dos números a que tantas vezes tenho aludido nos meus livros teria algum significado prático quando aplicada aos números da roleta.

Poderá surpreender algumas pessoas ouvir que pode ser amplamente demonstrado que este jogo extraordinário, que para muitos não transmite qualquer significado aos seus ouvidos exceto o de uma ideia de jogo que não tem igual, é na realidade um sistema maravilhosamente pensado, cuja base repousa no conhecimento astrológico.

Sem entrar em demasiados detalhes que poderiam revelar-se confusos para a maioria dos meus leitores, limitar-me-ei a apontar algumas das principais peculiaridades sobre a roleta que vão longe no sentido de provar a minha tese.

Por que foram os 36 números e um zero colocados em redor da circunferência da roda? Adicione o zero aos 36 e terá imediatamente a resposta. Representará então os 360 graus do Zodíaco da Terra.

A cruz de quatro pontas pela qual a roda é girada corresponde, por sua vez, aos quatro pontos cardeais do Zodíaco e às quatro divisões do ano.

Não importa de que maneira se somem os números que jazem sobre o pano verde (o qual, até pela sua própria cor — verde —, representa a vegetação ou a Terra), só se pode obter o número 9 como total, o qual é em si mesmo o número exato de planetas do nosso Sistema Solar.

Em todos os estudos ocultos o número 7 é considerado como o número criativo "sagrado" ou espiritual, enquanto o 9, em todos os casos, representa o "material".

É um facto curioso digno de memória que existem sete planetas que giram no seu eixo através do Zodíaco numa direção, e dois dos planetas mais distantes, Úrano e Neptuno, que giram no eixo na direção oposta.

Os sete tons da Música representam o seu "Espírito da Música" a partir do qual toda a harmonia é produzida, as sete cores representam o "Espírito da Cor" que se manifesta em tudo o que se relaciona com a cor e, de passagem, pode ser observado que em toda a Bíblia o "sete", onde quer que seja mencionado, está sempre em relação com a misteriosa força de Deus que influencia a humanidade.

Nas regras mais antigas da filosofia oculta pode encontrar-se a lei estabelecida de que o número 7 é o único número capaz de dividir o que é chamado de "Número da Eternidade" e continuar a fazê-lo enquanto o símbolo que representa a Eternidade durar, e no entanto, a cada adição da sua divisão, produzir o número 9, ou por outras palavras, cria o número básico sobre o qual todos os cálculos materialistas são construídos e do qual depende todo o esforço humano.

Exemplo. — O número 1, o primeiro número, representa a Causa Primeira ou o Criador, enquanto um círculo ou zero tem sido dado, desde tempos imemoriais, para representar o sem-fim — ou por outras palavras, a Eternidade.

Coloque o 1 e este símbolo de zero lado a lado como sete algarismos, divida pelo "número sagrado", o 7, e obtém-se o número 142857, que se somado até ao último dígito produz o número 9, ou por outras palavras, o símbolo materialista ou da Terra, como:

$$7) \overline {1000000} $$

$$142857 = 27 = 9$$

No Livro do Apocalipse lemos as seguintes palavras enigmáticas:

"Aqui há Sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta; porque é o número de homem; e o seu número é 666." (Apoc. xiii, v. 18.)

Somando este número, o resultado é 18, e reduzindo-o a um único dígito, 1 mais 8, obtemos o número 9 "que é o número de homem".

Olhando para o quadro da mesa de roleta, não importa de que maneira se somem os números nele contidos, seja na horizontal ou na vertical das colunas, o total em cada caso é o misterioso número 9, o "número de homem" e o número dos planetas que governam o homem.

As próprias cores dos números atribuídas na roleta como Vermelho e Preto transmitem, no simbolismo mais preciso, as qualidades dos planetas que esses números representam, a saber, masculino e feminino, e ajustam-se à seguinte série:

- Número da Lua: 2, 11, 20, 29 são Preto (feminino)
- De Marte: 9, 18, 27, 36 são Vermelho (masculino)
- De Vénus: 6, 15, 24, 33 são Preto (feminino)
- De Júpiter: 3, 12, 21, 30 são Vermelho (masculino)
- De Úrano: 4, 13, 22, 31 são Preto (feminino)
- De Mercúrio: 5, 14, 23, 32 são Vermelho (masculino)
- De Saturno: 8, 17, 26, 35 são Preto (feminino)
- De Neptuno: 7, 16, 25, 34 são Vermelho (masculino)
- Do Sol: 1, 19, 28 são Vermelho (masculino)
- O número 10 do Sol é Preto (feminino)
- E o Zero é Preto (feminino)

Os números acima indicados como pertencentes aos nove planetas não são uma fantasia dos tempos modernos, mas foram transmitidos ao homem como representativos dos vários planetas.

Nessas eras longínquas, certas seitas de homens dedicavam as suas vidas a estes estudos. Tais homens eram os mestres absolutos do significado oculto ou escondido dos números, tanto na sua aplicação ao Tempo como na sua relação com a vida humana. Não podemos esquecer que foram os antigos hindus que descobriram o que é conhecido como "a precessão dos Equinócios" e, nos seus cálculos, determinaram que tal acontecimento ocorre a cada 25 850 anos. A nossa ciência moderna, com todas as suas vantagens de dispositivos mecânicos, após um trabalho

infindável, apenas provou que a descoberta deste antigo povo estava correta em todos os detalhes.

Como, ou por que meios, estes admiráveis estudantes dos céus foram capazes de chegar a tal cálculo nunca foi descoberto, mas a sua decisão quanto a este notável acontecimento foi-nos transmitida desde as eras mais remotas e, pelos nossos aparelhos modernos, provou-se correta. Não é, portanto, ilógico aceitar a ideia de que eles possam ter estado igualmente certos nos números que atribuíram a cada planeta e que, de alguma forma misteriosa, estão intimamente relacionados com eles.

Não seria apropriado para mim, num livro desta natureza, expor os argumentos que se podem levantar a favor da teoria de que o Sol, a Lua e outros planetas influenciam não apenas a mais pequena ação das nossas vidas, mas também as vibrações das mais diminutas moléculas de matéria. Foi recentemente demonstrado por cientistas que os eletrões no átomo giram a uma velocidade de 1800 rotações por segundo.

Como até o maior cético destas coisas é forçado a admitir a influência da Lua nas marés do oceano e no cérebro dos lunáticos, é também forçado a admitir que, quando ocorre uma conjunção do Sol e da Lua numa determinada longitude e latitude, as marés mais altas têm de se verificar. Seguindo esta linha de raciocínio, não é ilógico assumir que, quando ocorre a conjunção de planetas, digamos, diretamente sobre Monte Carlo, todas as coisas, até mesmo a sucessão de números saídos da roda da roleta, possam também ser afetadas.

Trabalhando brevemente nesta ideia, e calculando as conjunções e aspetos do planetas para um período exato, como uma hora em Monte Carlo, fui capaz, após algum tempo, de determinar com considerável precisão a provável sequência de números que mais ocorreria durante uma hora, num determinado dia em que me dirigi às "mesas".

Levaria demasiado espaço e talvez fosse enfadonho para a maioria dos meus leitores se eu me aprofundasse mais neste assunto num livro de Memórias como este. Posso, contudo, afirmar e sem medo de contradição, uma vez que guardei os registos, que após uma prática considerável fui capaz de ganhar, em média, cerca de 5000 francos (200 libras) durante a hora que tinha selecionado para jogar.

Fazer isto, contudo, dia após dia, não era tarefa fácil; a elaboração dos cálculos que eram necessários, juntamente com a tensão nervosa envolvida, tornou-se tão grande que confesso ter ficado bastante contente quando o

período do meu teste autoimposto terminou e disse *au revoir* àquele "pedaço de Paraíso terrestre com uma milha quadrada" chamado Monte Carlo.

Creio ter dito o suficiente para mostrar a ligação astrológica que se pode encontrar entre os números em si e o famoso jogo da roleta — mas especifico como é jogado em Monte Carlo, pois não há lugar no mundo onde este jogo seja jogado com mais honestidade ou sob tão boas condições.

Levou-me certamente um mês de trabalho realmente árduo para finalmente demonstrar com sucesso que se pode calcular a relação entre os números dados pela roleta e a Astrologia, mas devo alertar aqueles que pensam que tal ideia é uma forma fácil de ganhar dinheiro que, a menos que estejam armados com um sistema de progressão igualmente bem pensado em ligação com a quantia que estão preparados para apostar, não há sistema que os incumba de ganhar, pois o lado financeiro do jogo foi tão engenhosamente pensado quanto o próprio jogo.

A verdadeira origem da roleta pode ser traçada até ao primo do Mah-Jongg, que inventou o famoso jogo chinês com esse nome que recentemente se tornou uma grande voga na Europa e na América. Diz-se que ele ensinou a roleta a um padre jesuíta na Mongólia, que a trouxe consigo de volta para França, onde foi reconstruída na sua forma atual por um monge que descobriu o segredo do jogo através do seu conhecimento de Astrologia, como exporei no capítulo seguinte. A França reivindica que foi inventada pelo seu célebre matemático, Pascal, que foi o criador da aceite Teoria das Probabilidades. Eu, contudo, considero que a história do monge é a mais provável das duas.

CAPÍTULO XLIII

A LENDA DE MONTE CARLO

O SEGREDO QUE SE PERDEU

Vou agora contar "A Lenda de Monte Carlo". Recebi-a de um bom e velho padre que vivia a não grande distância do Casino, e tenho todos os motivos para acreditar que esta história é a correta.

Muito antes de se ouvir falar de Monte Carlo, reza a história, tratava-se de uma aldeia desconhecida no falido Principado de Mónaco e, bem alto

nas montanhas que a dominavam, erguia-se um mosteiro também igualmente falido.

Os bons monges rezavam ao bom Deus dia após dia e noite após noite por dinheiro para prosseguirem o seu trabalho, mas o bom Deus, na Sua sabedoria, até então apenas tinha achado por bem aumentar, ano após ano, o seu rebanho de camponeses empobrecidos, e o dia não estava longe em que o mosteiro seria penhorado por dívidas e os bons monges entregues à mercê de um mundo frio e cruel.

Incapazes de suportar a ansiedade por mais tempo, uma noite, após as Vésperas, os monges dirigiram-se em grupo a visitar o Chefe do mosteiro para lhe incutir que era seu dever zelar para que algo fosse feito.

Esta importante personagem, que era para eles uma espécie de semideus, o mais velho de todos, vivia isolado no topo de uma das torres, tão perto do Céu quanto lhe era possível estar.

Durante todo o dia estudava manuscritos antigos e livros, à noite estudava as estrelas e, entre as duas coisas, tinha perdido a confiança dos seus inferiores, pois ele também, tal como Deus, não parecia escutar as suas preces e tinha igualmente fechado os olhos para o tamanho rapidamente decrescente das cinturas deles.

Na noite em que subiram à sua morada mais elevada, encontraram-no com a melhor das disposições, girando folgadamente uma roda de aspeto curioso e anotando algarismos num papel ao seu lado.

Os bons monges ficaram, escusado será dizer, terrivelmente chocados — tanto que mal conseguiam falar. Quando o fizeram, falaram todos ao mesmo tempo, mas o velho monge desviou-se deles e continuou a girar a sua roda.

Finalmente, quando já se tinham cansado, ele ouviu a história deles. Perguntou de quanto dinheiro precisavam até ao fim do ano.

"Cem mil francos", sufocaram todos a uma só voz.

"Uma mera bagatela", sorriu ele. "Venham ter comigo no primeiro dia do ano e tê-lo-ão."

Quando eles se retiraram, o velho monge, ainda a sorrir, guardou a sua roda num saco, meteu os seus papéis no bolso e, no dia seguinte, desceu do mosteiro, tomou o estreito trilho montanha abaixo e, em pouco tempo, poderia ter sido visto a dirigir-se para um pequeno restaurante que ficava

sob a sombra do castelo de Mónaco, mantido por um homem conhecido como Monsieur Blanc.

Monsieur Blanc não era um homem de sucesso, mas era empreendedor; tinha também algo de artista na sua composição, pois tinha construído o seu pequeno café num dos locais mais belos da Natureza, acreditando com o verdadeiro espírito artístico que um dia a Natureza chamaria ali os seus adoradores para se deleitarem com a sua beleza e, quando tivessem alimentado os olhos, ele alimentaria os seus estômagos, e então a sua fortuna estaria feita.

Ai de mim! Como muitos outros artistas, Monsieur Blanc tinha sido um pouco prematuro demais nos seus sonhos. Os adoradores da Natureza não tinham ouvido o seu apelo. Nenhuma linha de caminho-de-ferro tinha ainda ido além de Nice e a carruagem solitária que passava apenas ocasionalmente depositava um visitante à sua porta.

Lá no alto, no seu castelo solitário, o Príncipe de Mónaco era quase tão pobre como ele próprio e, sendo pobre, talvez raramente visse um visitante à sua porta.

Monsieur Blanc recebeu o velho monge de forma um pouco duvidosa: os monges geralmente vinham mendigar, e ele não estava num estado de espírito muito caritativo naquele dia.

Imagine-se a sua surpresa quando o estranho de túnica negra lhe apertou a mão e disse: "*Mon cher* Monsieur Blanc, vim trazer-lhe uma fortuna, vim fazer de si o homem mais rico do mundo, vim fazer deste lugar a Meca da terra."

Monsieur Blanc pensou a princípio que o seu visitante era um louco evadido, mas como o pequeno restaurante estava vazio, talvez tenha pensado que mais valia perder o seu tempo com um louco do que não ter ninguém com quem falar. Sentaram-se a uma pequena mesa com tampo de ferro junto à janela e, partilhando um copo de vinho tinto, deixou o velho falar.

"Monsieur Blanc", disse ele, acenando com a mão em direção à janela, "olhe para a beleza daquela cena requintada abaixo de nós, e nem uma pessoa aqui para a apreciar exceto os nossos próprios dois eus."

Monsieur Blanc acenou com a cabeça. Ele próprio já tinha pensado muitas vezes na mesma coisa.

"Bem", continuou o velho monge, "o que precisamos aqui é de algo que atraia as pessoas — um íman carregado com a maior de todas as atrações humanas, um íman cujas linhas de força irradiem para norte, sul, este e oeste. Sim, um íman para atrair as pessoas e para as prender aqui quando vierem."

"Sim, *mon cher* Monsieur Blanc", continuou o monge, "o amigo quase teve a mesma ideia quando construiu o seu restaurante. Pensou que atrairia as pessoas pelos seus estômagos, mas há demasiados outros restaurantes em competição — e esquece-se, *cher* Monsieur, que existe um outro íman ainda mais forte do que o estômago."

"Qual é?", perguntou Monsieur Blanc.

"O bolso", respondeu prontamente o velho.

Monsieur Blanc tinha-se, apesar de si próprio, tornado interessado. Havia algo na filosofia do monge que apelava à sua razão.

"Continue, Padre", disse ele, "conte-me mais sobre o seu íman."

"Ah, *cher* Monsieur", prosseguiu o monge, "a Natureza é uma deusa estranha. Tive tempo para estudar os seus caminhos e, em troca, ela revelou-me alguns dos seus segredos. Ela joga com o homem como uma mulher joga com o seu amante. Beija-o num momento e arruína-o no seguinte. Traz à vida a fim de matar. Dá a fim de tirar. Não é assim, *cher* Monsieur?"

Monsieur Blanc não soube o que responder, e o velho continuou.

"O homem é vaidoso, Monsieur Blanc. Pensa que tem inteligência, mas a Natureza apenas lhe deu a suficiente para iluminar a sua própria estupidez.

O homem finge que adora a Deus, mas é apenas para obter algo d'Ele que se põe de joelhos; ele até roubaria o seu Deus se apenas soubesse que não seria descoberto.

Não, acredite em-mim, Monsieur Blanc, o homem não adora nem a Natureza nem a Deus. Se o fizesse, este pequeno paraíso aqui estaria apinhado até à sua beira-mar e o seu pequeno espaço seria um templo e não um café."

"But I don't want a temple, my good friend" [Mas eu não quero um templo, meu bom amigo], disse Monsieur Blanc.

"Sei que não quer, *cher* Monsieur, mas terá um da mesma forma — e o seu templo fará também um grande bem ao mundo. Humilhará os ricos, elevará os pobres, encorajará a Arte; a Música encontrará o seu lar aqui entre estes jardins, a Pintura terá galerias construídas para si entre estas rochas. Milhares que nunca viram a Natureza no seu melhor olharão um dia a partir daqui nos seus olhos pela primeira vez — e se nunca fizesse mais do que isso, Monsieur Blanc, teria mesmo assim feito uma grande obra."

"Mas como se há de fazer tudo isto?", perguntou Monsieur Blanc.

"Oh, tão facilmente", sorriu o velho, "que nunca teria adivinhado — é apenas um jogo, Monsieur Blanc — apenas um jogo. Mas não esqueçamos que toda a vida não é senão um jogo e os homens e as mulheres apenas jogadores estúpidos."

Abrindo a sua mala, retirou o seu pano e a roda de roleta e explicou a sua invenção. Mostrou em seguida como matematicamente tinha calculado todas as probabilidades, e como todas estavam, no fim, a favor da banca.

"O instinto do jogo", continuou a dizer, "é, na família humana, o mais forte de todos, à exceção do instinto de sobrevivênia.

O amigo jogou", continuou ele, "quando apostou o seu dinheiro neste pequeno restaurante. O lojista respeitável em Londres joga quando escolhe Oxford Street em vez de Regent Street para a sua loja. Cada homem joga, mesmo quando toma uma mulher para ser sua legítima esposa. Todos jogam! Nações em marinhas, Reis em exércitos, é o único princípio ativo da vida e sem ele haveria estagnação.

No caso da minha invenção, *cher* Monsieur", continuou ele, "é o jogo mais honesto de todos. A maioria das pessoas apenas consegue 'probabilidades equilibradas' na vida, mas aqui o amigo pode dar uma probabilidade de trinta e cinco para um contra qualquer número escolhido que saia e, se isto for demasiado para a mente do jogador alcançar, ou se ele for tão religioso que não gostaria de tirar tal vantagem da sua generosidade, então pode consolar a sua consciência nas probabilidades equilibradas do preto e do vermelho, tal como sabe que faz nos assuntos do dia a dia da vida.

Sim, Monsieur, o amigo tem aqui o íman para atrair todas as classes. Apela ao instinto mais forte de todos.

Por último, é apenas um brinquedo — um divertimento — e lembre-se, *cher* Monsieur, todos os seres humanos adoram brinquedos. Quando são novos, são-lhes dados e quando são velhos, pagam-nos eles próprios."

Girou então a roda da roleta. Monsieur Blanc colocou fichas nos diferentes números e nas outras combinações e, como umas vezes ganhava e outras perdia, maravilhou-se com a maravilhosa combinação financeira do monge que estava calculada com tal precisão que, embora perfeitamente justa para os jogadores, resultava em dar uma percentagem à banca de, em média, 1,5 a 2 por cento em cada transação.

Embora aparentemente uma percentagem tão pequena a favor da banca, cada hora de jogo traria um lucro tal que era inimaginável em qualquer outro negócio.

Monsieur Blanc ficou encantado com a ideia. Por fim, numa voz hesitante, disse: "Diga-me, Padre, quais serão as suas condições se eu concordar em iniciar este jogo maravilhoso?"

"Meu bom Monsieur Blanc", respondeu o monge, "as riquezas não têm significado aos meus olhos; é apenas para o bem do meu mosteiro que elaborei esta ideia. Todos os anos os encargos sobre a minha pequena comunidade tornam-se mais e mais pesados, e é apenas para nos capacitar a prosseguir a nossa boa obra que lhe daria este plano.

Mas não lhe vou pedir comissões ou percentagens regulares sobre os lucros que fará, pois isso seria um fardo que estaria a colocar sobre si, e teria o efeito de tornar a minha comunidade tão rica que aqueles que viessem depois de mim poderiam deixar de trabalhar, pois o dinheiro ganho demasiado facilmente gera preguiça, mesmo entre os melhores.

Não, *mon cher* Monsieur, as minhas condições serão mais fáceis do que pensa. Serão as seguintes: no encerramento de cada ano, quando tiver as contas do mosteiro trazidas perante mim, verei qual é a dívida que temos de enfrentar. Descerei ao seu casino (vestido como civil) e terei o direito de ir ao seu banco e levantar a quantia de capital de que necessitarei (mas não pareça assustado, *cher* Monsieur, apenas a requererei como um empréstimo).

Com este capital, que por sua vez será apenas a quarta parte da soma de que estaremos necessitados no fim de qualquer ano, jogarei o meu sistema e, numa noite, ganharei a quantia necessária para as nossas dívidas, mais a quantia que possa ter pedido emprestada ao seu banco. Antes de

partir, reembolsarei o seu banco de qualquer quantia que este tenha adiantado e regressarei ao meu mosteiro com o saldo.

Quando a minha vida chegar ao fim, como brevemente acontecerá, legarei o meu sistema ao meu sucessor, ele fará o mesmo no fim de cada ano, e o seu sucessor depois dele, e assim sucessivamente, ano após ano. Teremos a satisfação de olhar para baixo a partir das nossas janelas e ver estas rochas estéreis a ficarem cobertas de jardins.

Belas moradias serão construídas ao longo das encostas destas montanhas selvagens, o caminho-de-ferro será trazido até aqui e os comboios virão de todas as partes da Europa.

A Música fará aqui a sua morada, e as pinturas de grandes mestres serão penduradas nas suas galerias. Os impostos serão desconhecidos, as lamentações dos pobres não se ouvirão nas suas ruas, peregrinos virão de todas as partes do mundo à sua Meca de ouro, mas serão peregrinos ricos, Monsieur Blanc — e como os peregrinos deixam sempre algumas recordações da sua peregrinação atrás de si, assim os seus peregrinos ricos deixarão a sua riqueza e as suas joias consigo, em troca da nova sensação que o seu empreendimento lhes dará.

Alguns serão humilhados enquanto outros serão exaltados, alguns virão na pobreza e partirão na riqueza, alguns aprenderão lições que nenhuma outra escola lhes poderia ensinar e, por último, embora alguns possam perder, Monsieur Blanc ganhará sempre. Agrada-lhe a imagem, *cher* Monsieur?"

No espaço de um mês, Monsieur Blanc já tinha começado com a primeira mesa de roleta no seu pequeno restaurante sob as muralhas cinzentas do castelo de Mónaco.

Carruagens e diligências carregadas de passageiros depressa chegavam diariamente de Nice, Cannes, Menton e de Itália; em poucos meses, a Linha de Caminho-de-Ferro P.L.M. pediu ao Príncipe de Mónaco uma concessão para fazer passar a sua linha; moradias surgiram como que numa noite e grandes hotéis começaram a assentar os seus alicerces.

O então semifalido Príncipe de Mónaco acordou de um pesadelo de pobreza para um sonho acordado de riqueza. Deu a Monsieur Blanc uma concessão de terrenos para um novo casino em Monte Carlo, sob a contrapartida de uma realeza a ser paga à sua família para sempre.

Depois, uma aliança foi concretizada. A principesca casa de Mónaco uniu-se à humilde casa de Blanc, nos "sagrados laços do matrimónio". Monte Carlo tornou-se o íman do mundo — a visão profética do velho monge tinha-se tornado uma realidade.

Entretanto, o pequeno mosteiro lá no alto das montanhas tinha também progredido; no fim de cada ano, o velho Superior tinha sempre o dinheiro para cobrir as suas dívidas. As flores raras do jardim podiam agora ser destiladas e o seu perfume enviado para todas as partes da terra; os velhos monges já não tinham de morrer na pobreza ou esperar pela caridade de um mundo ingrato.

E quando o Ângelus tocava ao pôr do sol, as preces que subiam daquele mosteiro na colina estavam tão cheias de gratidão e agradecimentos sinceros que posso imaginar que as harpas do Céu emudeciam por um momento para as deixar passar.

Ai de mim! Que assim tenha de ser neste mundo de mudança, este "lugar de passagem" onde nenhuma felicidade pode durar muito; os dias do velho Superior estavam contados, a areia na ampulheta da Vida estava a esgotar-se.

Tinha sido com passos lentos e penosos que ele fizera, no final de um dos seus anos, a sua última viagem ao casino e, quando o dinheiro necessário foi ganho, o peso do ouro era tão grande que o amanhecer já despontava quando ele finalmente alcançou de novo o mosteiro.

Olhando para o alto com uma prece de gratidão nos seus lábios trémulos, leu o seu próprio fim próximo nas estrelas cadentes que se apagavam uma a uma com a aproximação de mais um dia. "Eu também devo designar outro para tomar o meu lugar", murmurou ele, ao abrir o portão lateral que o conduzia à sua morada.

Com um suspiro tranquilo de alívio entregou o dinheiro, mas, enquanto os monges se retiravam com rostos alegres, chamou um de volta e fechou a porta.

Aquele sobre quem a sua escolha recaíra fora o Padre Ambrósio, um homem por volta da meia-idade, mas tão atraente que, se não fosse monge, a própria deusa da Fortuna poderia ter abandonado o seu trono para seguir o seu destino.

O Padre Ambrósio também tinha estudado Astrologia; era tão bom matemático que "as estrelas nos seus cursos" não podiam errar para ele na

fração de um segundo num ciclo de tempo. O velho Superior pensara muitas vezes nele para a escolha de um sucessor — e assim o momento chegara finalmente para que o segredo que guardava tão caro ao seu coração fosse entregue a outrem.

Lá no alto, no silêncio das colinas, dia após dia e mês após mês, interrompido apenas pelas horas de devoção, o velho monge ensinou ao mais novo o seu maravilhoso sistema.

Como ele tinha criado o jogo baseado na Astrologia, só ele poderia ensinar as conjunções e combinações dos planetas que produziam certos efeitos sobre as coisas animadas e inanimadas, cuja mais ínfima vibração mudava as cores das flores, os pensamentos dos homens e afetava a formação da rocha mais dura nas próprias profundezas da própria terra.

Uma noite, quando tudo tinha sido ensinado, quando o erro de julgamento fora tornado impossível — o voto foi proferido —, o voto de manter o segredo inviolável, de o guardar até que os passos da morte se aproximassem o suficiente para o alertar de que era tempo de passar a sua responsabilidade a outro.

O Padre Ambrósio, com os lábios trémulos, fez o juramento.

Os últimos raios do pôr do sol iluminaram o Mediterrâneo com ouro, púrpura e azul; a noite que se aproximava deteve-se por um momento para ver a luz tremeluzir através das janelas do mosteiro, depois o ouro e o azul desvaneceram-se e a majestade púrpura da morte assumiu o seu lugar.

O ano estava novamente a chegar ao fim; os monges tinham entregado as suas contas ao Padre Ambrósio e muitos pensamentos ansiosos circulavam sobre se o segredo lhe teria sido transmitido — o segredo que pagava as suas dívidas no primeiro dia de cada ano.

O novo Superior parecia o menos preocupado de todos. Os seus deveres tinham sido sempre cumpridos à risca da lei e, sob o seu governo, o mosteiro tinha progredido em muitos aspetos, ainda melhor do que quando o velho monge estava à sua frente.

Ao cair da noite, um homem em traje de rigor com uma capa *Inverness* escura lançada sobre os ombros, poderia ter sido visto a deixar o portão lateral do mosteiro e, com passos longos e vigorosos, a fazer o seu caminho pelo estreito e sinuoso trilho da montanha em direção ao casino de Monte Carlo, que jazia como uma joia cintilante lá em baixo.

Sendo a última noite do ano velho, a leveza de coração e a alegria reinavam supremas. Os restaurantes e hotéis, alegres com flores e brilhantes com luz, rivalizavam entre si nas suas atrações multifacetadas; a música flutuava pelo ar e subia e descia como que marcando o tempo com o ondular das águas do mar sem marés do Mediterrâneo.

Homens em traje de noite e mulheres vestidas como rainhas passavam e repassavam pelos jardins e pelas ruas. Poetas, filósofos, políticos, financeiros, judeus e gentios, todas as descrições da humanidade se acotovelavam, gracejavam e eram felizes juntos.

Mulheres de todas as condições e de todas as partes da terra — as morenas, as loiras, as feias e as belas — exibiam as suas joias tão levianamente como os seus sorrisos. O dinheiro parecia ter perdido o seu valor; aparecia num momento para desaparecer no seguinte.

A luz brilhante do casino projetava-se mar adentro; os navios que passavam apanhavam os seus raios por um momento, brilhavam como espectros e desapareciam.

Gaivotas brancas, como almas de jogadores mortos, pareciam girar e flutuar para todo o sempre em redor da sua cúpula cintilante. E abaixo — o esvoaçar das traças vivas entrando, saindo e rondando as mesas e regressando de novo às pilhas reluzentes de ouro.

Como se surgisse de repente do meio da noite, a silhueta alta do Padre Ambrósio passou pelas ruas brilhantemente iluminadas e pelas multidões e entrou no casino.

Dirigiu-se ao banco perto da porta, trocou alguns momentos de conversa com o caixa, trocou um papel por um saco de dinheiro e, encontrando um lugar numa das mesas centrais, começou a jogar sem qualquer hesitação.

Colocando o limite em ouro num conjunto de números, fez o mesmo com o quadrado, a transversal, a dúzia, a coluna e a cor do número. "*Rien ne va plus*", gritou o croupier. Um momento de silêncio, depois o clique da bola de marfim ao cair na casa do número que ele tinha escolhido. Levou alguns momentos para o croupier pagar a enorme quantia dos ganhos e, entretanto, os olhos de todos pareciam fixos no rosto firme do atraente desconhecido.

Para ele, a cena parecia não ter interesse. Não havia sorriso de prazer nos seus lábios — os seus olhos não tinham vislumbre de triunfo.

De novo a roda girou com o mesmo resultado e repetidamente, sem uma única falha.

Foi então que ele parou de repente e, com um lápis, somou rapidamente num pedaço de papel a quantia que tinha ganho. Foi o primeiro momento em que uma expressão passou pelo seu rosto — era uma expressão de surpresa. Tinha ganho mais do que pretendia.

Para ele, o jogo tinha terminado. Reclinou-se na cadeira enquanto enchia um saco de camurça com o ouro que tinha ganho.

Não tinha reparado que ao seu lado estava sentada uma rapariga frágil, mas de aspeto belo — mal se lhe podia chamar mulher, parecia tão jovem e doce e, no seu vestido bastante simples, parecia estranhamente fora de lugar em tais ambientes.

Ela também tinha algum sistema e estava tão absorta no seu jogo que nem uma única vez olhou para o rosto atraente ao seu lado.

Peça a peça, o seu dinheiro desaparecia. Nunca vacilou ou murmurou, mas continuou firmemente até ao fim.

Quando chegou à sua última peça de ouro, pela primeira vez uma luta mental travou-se na sua mente. Virou-a na mão e por duas vezes fez um movimento para a colocar num número, mas de cada vez retirou a moeda.

O desconhecido ao seu lado estivera a observá-la durante alguns minutos — ela parecia a única coisa que ele via na sala. Fez um esforço para se levantar e depois, tão repentinamente, inclinou-se para a frente e indicou-lhe um número.

Ela não hesitou — não havia um momento a perder — o croupier já tinha começado o seu "*Rien ne va...*", mas ela tinha conseguido colocá-la. Um segundo depois, a bola caiu — ela tinha ganho.

Por um momento, pareceu atordoada com a pilha de ouro que foi empurrada diante de si.

O desconhecido sussurrou de novo e ela colocou todos os seus ganhos de volta num número, no seu quadrado, transversal, coluna, dúzia e cor. Podia ouvir-se a queda de um alfinete naquele momento de tensão; as veias sobressaíam como cordas no seu pescoço delicado e bem proporcionado; os seus lábios tornaram-se tão brancos como o seu rosto. Mal parecia ouvir o clique da bola.

Mal se deu conta de que tinha ganho de novo e, desta vez, uma quantia muito grande.

As suas mãos brancas tocaram o ouro, deitaram-no no seu saco — um suspiro curto e rápido saiu dos seus lábios, escorregou da cadeira e caiu desmaiada ao lado do homem de quem até então mal se tinha apercebido.

O desconhecido levantou-a gentilmente e carregou-a através das longas janelas para o jardim.

Tinha ouvido a sua história, tinha sentido as suas lágrimas de gratidão caírem sobre as suas mãos fortes — o seu rosto, tão belo como o de uma Madona, estava erguido em direção ao dele; os seus olhos estavam fixos nos dele. E que olhos — ele, que apenas tinha visto os olhos pintados de santas, tremeu diante dos olhos humanos desta mulher.

Como num sonho, ouviu a sua história. Uma confissão curta foi, ali fora no jardim com a abóbada do Céu por confessionário, a mesma velha história humana — a mulher que se tinha perdido num sonho e, quando o acordar chegou, o Amor tinha partido e tudo tinha partido com ele.

De novo era a mesma velha história — por que haveria de me dar ao trabalho de a repetir? —, alguma estranha lei de afinidade tinha aproximado estes dois; fez de um uma Madalena e do outro um proscrito.

O amanhecer despontava sobre o mar enquanto eles se afastavam do jardim do terraço e alcançavam os limites da cidade. No início do trilho sinuoso em direção às montanhas, ele despediu-se dela, depois voltou-se de novo e atraiu-a para si.

Há algo de terrível no amor de um homem de vontade forte — especialmente um homem que já passou da meia-idade, e mais ainda se nunca amou antes. É o irromper na existência de um novo céu e de uma nova terra — a quebra de ideais passados —, o despedaçar dos antigos ídolos que se julgava adorar e a colocação do verdadeiro deus no altar do próprio coração.

É o nascimento do real que torna o trabalho e as dores de parto tão intensos; este nascimento da alma que arrasta tudo para o nada, aquele único momento na existência em que o homem pode olhar a Ambição, a Riqueza, a própria Vida de frente — e responder a tudo isso que apenas o Amor importa.

Ao sentir este amor que descrevo correr pelas suas veias, o Padre Ambrósio tomou a sua decisão.

"Voltarei amanhã à noite", disse ele. "Jogarei até fazer dinheiro suficiente para vivermos ambos. Tu abandonarás a tua vida. Eu abandonarei a minha. Juntos saberemos o que significa o amor — o amor que tem ciúmes de todas as coisas, o amor pelo qual devemos sacrificar tudo, o amor que é em si mesmo tudo."

Nunca olhou para trás; sentiu que não se atrevia.

Com novo vigor e nova vida, escalou o trilho da montanha até ao portão do mosteiro.

Alcançou a sua cela quando o amanhecer despontava.

Os monges esperavam ansiosa e impacientemente. Mudando para o seu hábito, chamou-os e esvaziou o seu saco de couro de ouro diante dos seus olhos. Rapidamente o contaram e, pela segunda vez, era mais do que queriam ou esperavam receber.

"Estão satisfeitos?", perguntou o Padre Ambrósio.

"Mais do que satisfeitos", responderam.

"E eu também", disse ele, enquanto eles saíam da sala e o deixavam sozinho.

A noite caiu; de novo o portão lateral do mosteiro se abriu, de novo um homem esteve ali por um momento, mas desta vez ele hesitou e as suas mãos tremiam tanto que mal conseguia decidir-se a fechar o portão.

O seu coração e a sua alma pareciam dilacerados em dois; estava a renunciar a tudo o que tinha acalentado mais e, como fora ensinado a acreditar, a abandonar a sua esperança de salvação.

A luta era mais do que podia suportar. Caiu de joelhos, mas não se atreveu a rezar. Tentou fazer o sinal da cruz, mas o seu braço parecia paralisado; não conseguia levantá-lo. As palavras do seu voto ecoavam pelos seus ouvidos e congelavam-lhe o cérebro — aquele voto de usar até à morte o segredo que o velho monge lhe tinha ensinado, não para ganho próprio, mas para o seu mosteiro.

A noite tinha-se tornado subitamente escura; um vento cortante vindo dos distantes Alpes gelava-o até aos ossos. A neve já tinha começado a cair.

No momento seguinte, uma tempestade de gelo e granizo enfureceu-se e sibilou, apagando o caminho sinuoso da sua vista. De novo ele hesitou e, desta vez, olhou para trás.

As janelas da capela do mosteiro brilhavam com luz; um sino tocava suavemente a chamada para as orações.

Tremendo em cada membro, caiu de joelhos na neve. De novo tentou rezar, mas prece alguma vinha. Erguendo-se num momento de agonia, gritou:

"Até Deus me abandonou. Renunciei a tudo — para quê?"

Poderá ter sido um eco — poderá ter sido o delírio do seu próprio cérebro —, mas a resposta veio de volta do vale lá em baixo — Pelo Amor.

"Pelo Amor", gritou ele, "pelo Amor renunciei a tudo."

CAMINHANDO aos tropeços com as mãos estendidas em direção ao vale, a tempestade colheu-o nos seus braços — arremessou-o pelo precipício para o seu destino; e o segredo de Monte Carlo perdeu-se para sempre.

CAPÍTULO XLIV

UMA TRANSAÇÃO NUMA MINA SUL-AFRICANA.

UMA SENHORA PAGA A SUA APOSTA DE 100 LIBRAS.

SOU SUPERADO EM ASTÚCIA

POR UMA AVENTUREIRA FRANCESA

Como afirmei no Prefácio no início destas *Confissões*, já não tenho qualquer razão para tentar convencer os meus leitores da verdade daquele estranho estudo que me deu o material sobre o qual escrevo estas reminiscências; e estas não são escritas com o objetivo de "converter" o público a qualquer teoria ou crença minha.

Terminei "o período" que me estipulei para o que considerava uma espécie de missão na vida. Consequentemente, não tenho hoje "interesses pessoais a defender" ao prestar contas de uma carreira invulgar.

Por mim, serei sempre grato por ter tido o privilégio de levar uma vida tão invulgar, de conhecer as personalidades interessantes que conheci, de

me ser permitido aproximar-me tão de perto e tão intimamente do lado humano de tantos daqueles que me vinham consultar.

Embora nunca me tenha feito passar por filantropo, de bom grado dei o meu tempo, e muitas vezes o meu dinheiro, àqueles que pensava poder ajudar; estava sempre pronto a sacrificar o ganho pessoal no interesse do meu estudo; e talvez porque não fiz do dinheiro o meu único objetivo, o dinheiro choveu da mesma forma, e "o pão" que lancei "sobre as águas" regressou a mim multiplicado mesmo mil vezes.

À parte os meus honorários habituais, conseguia oportunidades ocasionais de ganhar dinheiro; mas, em todos os casos, devido a algo relacionado com a minha estranha profissão. Uma ou duas ilustrações poderão ser de interesse para os meus leitores.

UMA TRANSAÇÃO NUMA MINA SUL-AFRICANA

No encerramento de um dos meus dias atrafegados em Londres, um homem de aspeto peculiar e olhar selvagem insistiu numa entrevista e não se deixou dissuadir por desculpa alguma.

Talvez por esta razão eu não me conseguisse sentir muito simpático, pelo que confesso que lhe disse o que via, sem grande consideração sobre se ele gostava ou não da imagem de si próprio.

Disse-lhe que tinha subido do nada; não tinha educação e muito poucos cérebros; que o Destino tinha sido invulgarmente bondoso para com ele e lhe tinha dado oportunidades que poucos homens conseguem; que tinha apenas um dom, o único que eu conseguia descortinar, um instinto para a especulação em terras e minas, que lhe tinha trazido sempre dinheiro e que ele com a mesma rapidez deitava fora através de jogadas em Ações e Títulos e coisas que não compreendia.

Disse-lhe também que era um beberrão, mas com uma única caraterística redentora: que bebia apenas quando era bem-sucedido, mas que, em poucos anos, beberia até à morte.

Perante esta observação, ele olhou para cima pela primeira vez. "Então serei bem-sucedido novamente", disse ele.

Quase me ri da expressão de desejo nos seus olhos. "Sim", disse eu, "tenho a certeza de que será. Pelo que vejo, o Destino dar-lhe-á uma última oportunidade ao entrar no seu quadragésimo oitavo ano."

"Tem a certeza absoluta de que no meu quadragésimo oitavo ano a minha sorte vai mudar?"

"Sim", disse eu, "absolutamente seguro."

Falando lenta e deliberadamente, olhou-me diretamente nos olhos e continuou: "Fiz quarenta e oito anos a 14 de setembro — há precisamente um mês a contar de hoje — e as coisas têm estado piores do que nunca desde então. Mantém ainda o que disse?"

Hesitei um momento e depois lancei outro olhar para uma certa linha que sobressaía nítida e distinta no quadragésimo oitavo ano. Podia sentir o homem a tremer; as minhas palavras significavam talvez a vida ou a morte para ele. Depois, algo pareceu apoderar-se de mim e dar-me confiança.

"Sim", respondi, "mantenho o que disse — ao entrar no seu quadragésimo oitavo ano conseguirá a sua última oportunidade; será bem-sucedido seja qual for o seu plano, desde que seja em terras ou minas."

"Olhe aqui, chefe", disse ele. "Vou dizer-lhe qual é a situação. Sou um australiano, nascido na terra, criado nela e, como diz, ganhei dinheiro tanto com terras como com minas, e com mais nada. Estou agora em Londres há oito meses a tentar interessar as pessoas numa opção que tenho sobre terras perto de Joanesburgo, nas quais sei que se encontram os melhores diamantes alguma vez descobertos na África do Sul.

Não tenho dinheiro meu para exercer a minha opção, que em breve vai expirar. Não consigo que nenhum grupo na City se junte a mim. Estou, de facto, 'falido perante o mundo'. Continua a acreditar no que disse?"

"Sim", disse eu, "acredito."

"Muito bem, então. Vai apoiar este estudo em que tanto acredita, entregando-me cinquenta libras para me aguentar por mais um mês?"

Sem uma palavra, dirigi-me à minha secretária e entreguei-lhe o dinheiro que pedia. Nem sequer pedi um recibo.

Ele limitou-se a dizer: "Obrigado, chefe — o senhor é um homem honrado", enfiou as notas no bolso e saiu.

Admito que me senti um tolo, mas senti-me um ainda maior quando, um mês mais tarde, ele apareceu de novo.

"Bem, chefe", disse ele, "o mês passou e as coisas estão tão más como sempre. Vai apostar outras cinquenta e dar-me a hipótese de correr mais um mês?"

Havia um olhar faminto e nostálgico nos seus olhos que era terrível de ver. Senti-me um tolo maior do que antes e, no entanto, não consegui recusar. Dei-lhe as segundas cinquenta libras sem uma palavra.

Deu à minha mão um aperto que a deixou a doer durante uma semana. Dirigiu-se à porta, parou e disse: "Olhe aqui, chefe — não pense que vou cair-lhe em cima todos os meses desta maneira. Se não conseguir safar-me desta vez, não será incomodado voltando a ver-me —, mas, por Deus, se me safar, não se vai arrepender."

Cerca de dez dias mais tarde ligou-me da City, pedindo-me para me juntar a ele imediatamente num endereço que indicou em Austin Friars.

Ele tinha de facto "safado-se". Tinha vendido a sua opção por completo por uma soma muito grande de dinheiro — e regressei aos meus aposentos com um bom par de milhares de libras que, disse ele, era a minha parte no negócio.

A última coisa que soube dele foi que tinha regressado à África do Sul, onde persistentemente bebeu até à morte e morreu sem um tostão, escassos anos mais tarde.

UMA SENHORA PAGA A SUA APOSTA DE 100 LIBRAS

Outro caso de eu conseguir um "golpe" de dinheiro de uma forma inesperada foi igualmente misterioso. As pessoas estão inclinadas a pensar que as mulheres não são boas a pagar apostas, mas no caso que estou prestes a relatar, conheci certamente uma mulher que foi extremamente escrupulosa no "ajuste de contas".

Uma manhã recebi pelo correio algumas excelentes impressões em papel das mãos de um homem e de uma mulher, pedindo a minha opinião quanto às perspetivas se o casamento se realizasse e o ano provável em que tal ocorreria, se é que ocorreria de todo. Era também referido que a idade do homem era de vinte e oito anos e a da mulher de vinte. Fui acima de tudo instado a declarar exatamente o que via nessas mãos e uma quantia de vinte guineus vinha anexa pelo meu trabalho. O único endereço fornecido para a minha resposta era: "X, Poste Restante, Estação de Correios de Charing Cross".

As mãos da mulher estavam particularmente bem marcadas: as linhas eram invulgarmente nítidas e fáceis de ler. Mostravam todos os indícios de ela ser não apenas rica, mas com grande promessa de sucesso e de uma posição distinta na vida, e um casamento esplêndido e feliz se ela esperasse até atingir os vinte e quatro anos.

As mãos do homem eram o exato oposto. Indicavam uma natureza magnética, mas fortemente animal: um homem sem verdadeiro propósito ou ambição, exceto o de obter dinheiro por qualquer meio — fosse honesto ou não.

Respondi-lhe que "raramente tinha visto as mãos de duas pessoas tão dissimilares em caráter ou temperamento, e que, se ocorresse um casamento entre tais pessoas, este só poderia terminar em separação, escândalo e desastre para a senhora". Acrescentei ainda: "Se este homem tem agora vinte e oito anos de idade, há todos os indícios de que já foi casado antes: não há qualquer indicação de que esse casamento tenha sido dissolvido; e creio que um homem assim não está livre para casar novamente no seu quadragésimo oitavo ano."

No devido tempo, veio uma resposta, e novamente com a caligrafia da mesma senhora. Era no sentido de que tudo o que eu tinha dito sobre ela própria estava correto; mas tudo o que eu tinha dito sobre o homem estava errado — que ele nunca tinha sido casado, nem sequer tinha estado noivo, ou alguma vez tivera um caso amoroso na sua vida antes.

E acrescentou: "Casar-nos-emos no próximo mês e, para mostrar como está errado, aposto consigo cem libras contra dez que, no prazo de dois anos a contar desta data, o nosso casamento, em vez de ser um desastre, será feliz e bem-sucedido; e considerarei apenas honroso da sua parte (e sublinhou-o) reconhecer este desafio e aceitar a minha aposta."

Aceitei a aposta e enviei a minha resposta para "X, Poste Restante, Charing Cross", como anteriormente.

No mês seguinte, voltei a partir para a América, e passaram-se exatamente dois anos antes de me encontrar de regresso a Londres.

Uma tarde, alguém marcou uma consulta por telefone para as cinco horas e, pontualmente a essa hora, uma senhora apareceu e reclamou a consulta.

Mal olhando para a pessoa que entrava, coloquei uma cadeira para ela junto à pequena mesa de consulta perto da janela.

Afastando o seu véu, disse: "Não vim consultar-me consigo, «Cheiro»; vim apenas pagar a minha aposta." Abrindo a sua mala, colocou diante de mim a carta com a minha própria caligrafia aceitando a aposta de há dois anos, juntamente com uma nota do Banco de Inglaterra de 100 libras.

"Nunca paguei uma aposta com maior prazer", disse ela. "Ele revelou-se em todos os aspetos como o senhor descreveu. Já tinha sido casado antes; uns meses após o nosso casamento, foi preso. Apanhou uma pena pesada por bigamia, mas, graças a Deus, fiquei livre e recuperei o meu nome de solteira. Talvez saiba agora quem eu sou."

"Sim", respondi, "toda a gente leu o caso nos jornais. Até na América foi publicado, por causa da sua família; mas não tinha pensado em associar o escândalo à minha aposta para um endereço de Poste Restante."

"Claro que não", riu-se ela, "mas como foi tão preciso em relação a isso, vivo agora na esperança de que o casamento feliz que previu para mim aos vinte e quatro anos venha a realizar-se."

Tenho o prazer de dizer que, menos de dois anos mais tarde, fui um dos muitos convidados para o seu casamento na Igreja de St. Margaret, em Westminster, que foi um dos mais distintos que tiveram lugar nessa temporada.

SUPERADO EM ASTÚCIA POR UMA AVENTUREIRA FRANCESA

Os meus leitores não devem concluir, após a leitura de algumas das experiências anteriores, que a minha vida foi sempre fácil, ou que a minha profissão não me conduziu por vezes a perigos que, em uma ou duas ocasiões, muito perto estiveram de me custar a vida.

A meio da minha segunda temporada em Nova Iorque, um homem tentou esfaquear-me e, de facto, conseguiu fazer-me um golpe mesmo acima do coração — cuja cicatriz carregarei até ao fim da minha vida; o objetivo do meu atacante era pôr-me fora do mundo antes que uma senhora — o objeto dos seus afetos — pudesse ter as suas mãos lidas por mim no dia seguinte. Essa história, contudo, deixá-la-ei de lado, já que tantos jornais a citaram, e contarei uma mais divertida, mas na qual a personagem principal jurou tirar-me a vida se alguma vez nos voltássemos a encontrar

— o que, graças ao Destino, uma outra visita aos Estados Unidos muito gentilmente evitou, e permitiu tempo suficiente para que uma Providência benfazeja removesse o cavalheiro para outro mundo.

Uma noite, um distinto diplomata francês procurou os meus aposentos em Londres e insistiu numa entrevista imediata, embora não tivesse marcado nenhuma consulta específica com antecedência.

Trazia debaixo do braço uma pequena caixa de madeira e colocou-a sobre la mesa diante de mim com tanto cuidado como se contivesse algum tesouro inestimável.

Um único olhar foi suficiente para mostrar que ele se encontrava num estado de grande excitação nervosa que exigia todo o seu autocontrolo para dominar.

Vendo que a forma mais fácil de resolver o assunto era concluir a entrevista o mais rapidamente possível, convidei o meu visitante a sentar-se.

Falava com grande impetuosidade e misturava o seu elegantíssimo francês com um inglês muito macarrónico, explicando a sua missão em poucas palavras. Era "*ze affairs of ze heart*" [os assuntos do coração], como dizia, "*and ze affection is here*" [e o afeto está aqui], acrescentou enquanto dava palmadinhas na pequena caixa da maneira mais terna.

De acordo com as suas declarações, estava loucamente apaixonado por uma mulher contra a qual todos os seus amigos se tinham alinhado. O preconceito deles contra a senhora era, na sua mente, tão inexplicável quanto violento. Tinham-lhe dito que ela era uma aventureira do pior tipo, cujo único objetivo só poderia ser alguma intriga política e consumar a ruína dele. Ele, como é próprio dos homens, naturalmente não acreditava em tais bisbilhotices. Estava apaixonado pela mulher — e um homem apaixonado é uma criança a brincar.

"Acredito na grande ciência da mão, Monsieur", continuou ele entusiasticamente, "por isso trouxe as palmas das mãos do meu anjo aqui nesta caixinha. Quero que escreva o que nelas vê. Sei que estará de pleno acordo com o meu julgamento de que ela tem grandes inimigos que contam mentiras, mas que ela é pura como um grande pedaço de neve branca.

Durante muitas semanas", prosseguiu, "ela recusou modestamente aos meus muitos pedidos para me enviar moldes das suas mãozinhas de Paris, mas finalmente cedeu e os moldes chegaram esta manhã."

A caixa que ele abriu reverentemente continha as preciosas mãos que tinham sido feitas em gesso, pois era impossível para ela deixar Paris naquele momento e trazer as suas belas mãos para eu ler.

Com muito cuidado, desfez o algodão em que estavam embaladas e, depois, ao colocá-las diante de mim, tocou-as levemente com os lábios, como se estivesse a prestar adoração às relíquias de uma santa qualquer.

Olhei para os moldes. Estavam extremamente bem feitos; cada linha sobressaía nítida e distinta; até as unhas eram do tipo delicado em forma de amêndoa. Sim, um par de mãos que pareciam feitas mais para a oração do que para o amor. Peguei nelas com muito cuidado — ele tremia de medo que eu as deixasse cair. Eram mãos maravilhosas, cada linha e marca indicando inocência, ternura, constância, devoção — todas as virtudes que se supõe que um anjo, e não uma mulher, possui.

Olhei para o meu visitante. Notei o seu bigode encerado, pintado nas pontas, os seus lábios sensuais, os seus olhos brilhantes e cruéis, e maravilhei-me com o milagre que o amor opera.

"Monsieur", disse eu, "permita-me resumir estas mãos numa única frase. Seja quem for a sua proprietária, ela é mil vezes boa demais para si."

"*Oui, Oui!*", interrompeu ele, com incontível deleite. "*She is one angel*" [Ela é um anjo]; eu sabia que diria a verdade. Sou um porco indigno, mas tornar-me-ei bom quando a tiver como minha anjo esposa.

Peguei numa folha de papel e escrevi o meu veredicto e, ao fazê-lo, entusiasmei-me eu próprio. Apontei-lhe os lados bons do caráter, conforme mostravam as várias marcas. Chamei a sua atenção para a indicação de extrema honestidade e sinceridade; que a duplicidade e a intriga seriam impossíveis para a proprietária de tais mãos; que eram quase ideais e mostravam uma natureza com elevada devoção espiritual, com quase todas as virtudes do calendário. Em resposta a cada afirmação que eu fazia, ele sorria com profuso deleite e reafirmava a cada momento a sua crença e admiração pela "minha maravilhosa ciência".

Passaram-se alguns meses. Tinha esquecido completamente o incidente, quando um dia uma mulher extremamente bela, exibindo uma deslumbrante coleção de joias, apareceu para ter as suas mãos lidas. A sua visita constava na ordem regular das consultas marcadas com antecedência pelo meu secretário.

À medida que cruzava a sala em minha direção, não pude deixar de notar um curioso sorriso cínico nos seus lábios e um olhar desafiador nos seus olhos. Sem uma palavra, tomou o lugar que lhe ofereci e colocou imediatamente ambas as mãos sobre a almofada, com as palmas voltadas para cima.

Se alguma vez fiz uma leitura realmente desfavorável, foi neste caso. A minha análise do seu caráter foi contundente ao extremo, mas totalmente justificada pelo par de mãos estendidas sobre a almofada diante de mim.

Ela não se irritou; permaneceu perfeitamente calma até eu terminar. Depois, reclinou-se e entregou-se por um momento a uma gargalhada contida, cheia de um triunfo frio e cruel.

"Como os homens mudam de ideias!", disse ela, com ironia. "Como tudo isto é diferente do veredicto que emitiu há menos de um ano. Nessa altura eu era 'um anjo' mil vezes boa demais para me tornar a esposa de um astuto diplomata francês. Eu era um prodígio de devoção espiritual, um ser desprovido de duplicidade, fiel, amorosa, virtuosa — de facto, na sua opinião profissional, o oposto direto de tudo o que acaba de ter a bondade de declarar que sou hoje."

"Mas", soltei eu em estupor, "as suas mãos não são aquelas a partir das quais os moldes foram..."

"Espere um momento, por favor", interrompeu ela. "Vim com o propósito expresso de me rir bem de si e também de expressar o meu agradecimento.

Ao maravilhoso 'estudo' que fez desses mesmos moldes, devo o facto de ser agora a 'anjo esposa' do Monsieur Fulano de Tal, e posso assegurar-lhe que fiz bom uso da minha posição. Sim, usei-o a si e à crença dele na sua 'grande ciência' para o meu próprio fim.

Ele tomou conhecimento deste facto, pelo que pensei que seria melhor informá-lo e também avisá-lo, pois a primeira coisa que o meu encantador marido fará quando se levantar da sua cama de doente será dar-lhe um tiro mal o veja. Mas", acrescentou ela, "de certa forma duvido que ele se levante. Não fique tão triste com isso. Resolver-lhe-ei o mistério em poucas palavras. Foi simplesmente que havia certas coisas que eu estava determinada a alcançar por via política, e a única forma era através do casamento com o homem que lhe trouxe os moldes.

A família dele sabia demasiado, mas ainda assim, meu amigo, felizmente para mim, o Amor é cego e um pouco surdo também. Sabia que ele tinha confiança absoluta na sua capacidade de ler o caráter pelas linhas da mão. Tinha medo de si e estava determinada a não satisfazer o desejo dele de que eu fizesse moldes das minhas mãos para lhe serem submetidos.

Ele insistiu, por isso tive de ceder; mas, ainda assim, não fui estúpida demais. Dirigi-me ao convento mais próximo e convenci a freirinha mais devota e angelical, que possuía umas mãos requintadas, a permitir-me fazer moldes delas. O resto da história o senhor já sabe. Mas não fique tão desgostoso com isso. Apenas o usei, Monsieur, como uso todos os homens. *Au revoir*."

CAPÍTULO XLV

ESTRANHAS FATALIDADES DA GRANDE GUERRA. COMO PREDIZEI UMA MORTE VIOLENTA PARA LENA GUILBERT FORD, AUTORA DA FAMOSA CANÇÃO "KEEP THE HOME FIRES BURNING"

"Que estranha fatalidade", dizia a gente, "que a dotada autora de 'Keep the Home Fires Burning' encontre a morte num ataque aéreo a Londres, sepultada nas ruínas fumegantes da sua própria casa."

A história seguinte é ainda mais estranha; indica como, para certas pessoas, a fuga ao Destino parece ser impossível.

Assim foi com Lena Guilbert Ford, uma mulher encantadora e de grande coração, vinda dos Estados do Sul da América do Norte.

Conheci-a quando era uma jornalista que trabalhava arduamente em Londres, onde o seu nome é ainda venerado em Fleet Street, não por qualquer grande brilhantismo no seu trabalho, mas pela sua bondade em nunca falhar no auxílio a outros em aflição ou dificuldades de qualquer espécie.

A sua reputação de dar cada cêntimo que ganhava tornou-se tão conhecida que os editores insistiam em que ela tinha de ser paga através de cheques com a menção "não negociável", para que não os pudesse levantar para obter dinheiro imediato, sendo assim compelida a depositá-los no seu banco.

Contudo, nenhuma mulher trabalhava mais arduamente para ganhar dinheiro do que esta "escritora a jorro" de Fleet Street — tinha um filho deficiente e uma mãe idosa e inválida para sustentar.

Uma tarde, ela procurou-me para me entrevistar para um jornal, pelo que, muito naturalmente, lhe examinei as mãos.

Tinha bastantes sinais de possuir inteligência e mentalidade, a sua Linha da Cabeça estava finamente traçada; mas o que me impressionou mais poderosamente foi que a Linha do Coração (a linha sob a base dos dedos) dominava todas as outras marcas e jazia como um sulco profundo através da sua palma.

O seu polegar também tinha a articulação flexível e dobrava-se para fora, outra indicação de uma natureza generosa, enquanto o quarto dedo era tão extremamente curto que chegava a ser anormal. O quarto dedo, ou como é chamado "o dedo mindinho", para benefício dos meus leitores devo observar *en passant*, é chamado no simbolismo "o rodo do croupier". Se for longo, o homem ou a mulher possui a qualidade de "recolher" dinheiro ou coisas para si próprio; se for curto, são deficientes nesta qualidade, carecem também de ganância, e especialmente assim com um polegar de articulação flexível. Não admira que esta mulher inteligente nunca conseguisse guardar um cêntimo para si.

Outra marca que sobressaía nítida e distinta era a de perigo por fogo ou explosões.

Ela riu-se quando lhe disse isto, dizendo: "Que curioso que é, onde quer que eu vá, o fogo parece ser atraído por mim. Mal me consigo lembrar de um mês em que não tenha tido algum acidente com fogo de uma forma ou de outra. Mas diga-me, «Cheiro»", acrescentou ela, "quando é que ganharei alguma vez aquilo a que chamaria dinheiro real com a minha pena?"

"Ganharia", respondi, "se surgisse alguma guerra; seria inspirada a escrever algum 'Hino de Batalha', como Julia Ward Howe fez na Guerra Civil." Sendo americana, soube imediatamente a que me referia e, com a

mesma rapidez, tomou nota disso num pequeno caderno vermelho que trazia sempre consigo.

Não nos voltámos a encontrar durante alguns anos. A Grande Guerra surgiu, arremessando a ruína e a destruição pelo mundo fora. Lena Guilbert Ford escreveu "Keep the Home Fires Burning" [Mantém as Fogueiras de Casa Acesas] e, como os jornais disseram após a sua morte, "provavelmente nunca houve uma canção de soldados tão inspiradora".

Muitas vezes me tinha sentido orgulhoso por conhecer esta mulher bela e dotada, quando regimento após regimento desfilava marchando e cantando a sua famosa canção.

Depois, encontrei-a novamente; foi uma noite na extremidade superior de Baker Street. Esperava por uma abertura no trânsito que me permitisse atravessar, quando vi Lena Guilbert Ford caminhar na minha direção.

Parecia tão feliz por me ver. "Tinha razão, meu amigo", riu-se ela, "foi precisa uma guerra para me despertar."

"Bem, espero que a canção lhe tenha trazido algum dinheiro?", perguntei.

"Vendi-a por duas guinas, mas que importa isso?" Encolheu os ombros. "Os soldados adoram-na, isso é recompensa suficiente. Mas", acrescentou ela, "curiosamente, deu-me o meu impulso. As minhas outras canções que se seguiram, 'When God Gave You to Me' [Quando Deus Te Deu a Mim] e 'We are Coming, Mother England' [Estamos a Chegar, Mãe Inglaterra], estão a render-me bons direitos de autor. Lembro-me tão bem de me ter dito que um dia ganharia mais dinheiro a escrever versos do que alguma vez ganharia como jornalista, mas que seria precisa uma guerra para me fazer fazê-lo — e certamente que sim."

"Venha jantar comigo", disse eu. "A minha casa fica a pouca distância."

"Com certeza que sim", respondeu ela. "Adoraria conversar consigo sobre aquele perigo de fogo que me disse ser o meu destino. Ultimamente tem-se tornado pior do que nunca."

Tínhamos caminhado por cerca de cinco minutos. De repente, um canhão na distância longínqua deu o alarme de que um Zeppelin tinha sido avistado. Depois outro e outro estrondo; as pessoas começaram a correr por nós com rostos assustados, as luzes das ruas apagaram-se uma a uma.

Londres lançou sobre os ombros um manto de escuridão, esperou e esperou pelo melhor.

Ao primeiro estrondo daquele canhão distante, Lena tinha-se agarrado ao meu braço com um aperto como o de um torno; tremia por todo o corpo. "Estamos mesmo junto à minha casa", sussurrei. "Estaremos seguros ali até o ataque passar."

"Não, não", respondeu ela. "Tenho de ir para casa, algo me está a puxar para lá. A minha mãe e o meu rapaz já ouviram os canhões — tenho de ir para casa."

"Pelo menos levá-la-ei de carro." Chamei um táxi que passava. Saltámos para dentro. "Warrington Crescent, Maida Vale", indicou ela ao motorista.

Em muito poucos minutos tínhamos chegado à casa. Estava numa escuridão total, como todas as casas tinham de estar quando um ataque de Zeppelins era sinalizado.

Lena Guilbert Ford acenou-me com a mão enquanto subia a correr os degraus. Foi a última vez que a vi.

Os canhões nas defesas mais próximas de Londres já estrondavam incessantemente. O seu círculo de metralha protetora e obuses explosivos parecia perfurar o céu a partir de todos os pontos de vantagem. Aeroplanos de defesa rugiam sobre a cidade agora silenciosa. Táxis, autocarros, carruagens, pessoas tinham corrido a abrigar-se.

O meu motorista de táxi recusou-se a ir mais longe. Tive de sair e fazer o meu caminho para casa o melhor que pude.

Tinha chegado à minha porta e tateava com a chave para encontrar a fechadura. Ao entrar, olhei para o céu negro acima de mim. Ao longe, a uma altura enorme, como o clarão de um meteoro cadente, avistei um torpedo aéreo a rasgar para baixo — depois o rugido crescente que tais engenhos de destruição fazem. Fiquei pregado ao chão. Onde iria atingir? Essa era a questão.

Os segundos que passavam pareciam eternidades — o rugido do torpedo parecia agora mesmo por cima da minha cabeça — depois o estrondo — e uma explosão que abanou as portas e as janelas ao longo da rua.

Na manhã seguinte, as notícias foram-se filtrando. O torpedo inimigo tinha caído bem no centro de Warrington Crescent. A casa de Lena Guilbert Ford tinha sido pulverizada. A sua mãe idosa, o seu filho deficiente e ela própria tinham partido para sempre, sepultados sob as ruínas fumegantes daquilo a que ela outrora chamara lar.

CAPÍTULO XLVI

COMO O CAPITÃO LIONEL BOWLES GANHOU A CRUZ DE VITÓRIA, PARA SER MORTO POR UMA BOMBA NUMA RUA DE LONDRES

Outra tragédia durante a Grande Guerra na qual fui forçado a desempenhar um papel foi no caso do Capitão Lionel Bowles. Aconteceu da seguinte forma:

Aquando da eclosão da Guerra dos Bóeres, em 1899, Lionel Bowles, então um homem entre os vinte e nove e os trinta anos de idade, era um dos meus clientes. Na sua mão direita havia uma marca sinistra de fatalidade, indicada para o seu quadragésimo quarto ano. Parecia tão distante que ambos nos rimos disso.

Até essa data, as linhas da sua mão prometiam um sucesso excecional em tudo o que empreendesse — o tipo de homem a quem se chamaria um "gajo de sorte".

Apesar de ser um jovem, já tinha ganho nome como um dos especuladores mais afortunados na Bolsa de Valores. Tudo o que tocava transformava-se em ouro — até um cavalo de corrida velho e decrépito que tinha comprado num momento de capricho num leilão público pela pequena soma de 50 libras tinha, no ano anterior, ganho quatro das grandes corridas em Inglaterra e trazido-lhe uma pequena fortuna.

"Vou alistar-me, «Cheiro»", riu-se ele. "Acha pelas minhas linhas que serei tão afortunado na guerra como tenho sido até agora em tudo o resto?"

"Sem a menor dúvida", respondi. "Com certeza que regressará com a Cruz de Vitória estendida no seu peito." E foi exatamente isso o que aconteceu.

Eis a história tal como a ouvi dos seus próprios lábios pouco depois de a Guerra dos Bóeres ter terminado.

Alistou-se como soldado raso naquele famoso batalhão chamado C.I.V. (City Imperial Volunteers) e, no devido tempo, foi enviado para a África do Sul. Lá fora, a sua sorte não o abandonou por um único momento; teve as mais maravilhosas e milagrosas fugas da morte que se pudesse conceber, tendo numa ocasião sido apanhado numa emboscada da qual foi o único homem a sair vivo.

A sua indiferença ao perigo valeu-lhe uma rápida promoção. Foi transferido de um destacamento para outro e, num combate onde todos os oficiais foram mortos, assumiu o comando do regimento e trouxe os seus homens em segurança de volta ao acampamento. Por esta ação recebeu a sua patente e, a seu tempo, tornou-se capitão. E agora entra na história o curioso relato de como ganhou a mais alta condecoração do Exército Britânico — a Cruz de Vitória.

Curiosamente, após o fim da guerra, exibia esta tão cobiçada condecoração o mais raramente possível.

"Quase se diria que tem vergonha de a possuir", disse-lhe eu uma noite em que usou os meus aposentos para se vestir para um importante jantar militar.

"Tenho dez minutos livres", disse ele, olhando para o relógio. "Vou contar-lhe a verdadeira história sobre isso, mas guarde-a para si até depois do meu colapso no meu quadragésimo quarto ano."

Acenei em concordância e ele continuou.

"Supõe-se que sou um homem corajoso, alguém nascido com uma suprema indiferença ao perigo, à morte e a toda essa espécie de conversa fiada.

Bem, deixe-me dizer-lhe, meu amigo, que tudo isso é farsa. Fui excecionalmente afortunado, apenas isso. Na guerra eu sabia que tinha sorte. Sabia que a minha hora não tinha chegado, por isso corria riscos excecionais — mas não se devia à coragem. Quando o verdadeiro teste chegou, percebi que era o cobarde mais cobarde que alguma vez respirou. Vou contar-lhe como o teste surgiu; poderá pensar o que quiser depois de o ouvir. Contar-lhe-ei a história diretamente da minha própria alma — a alma que me despreza desde então."

Acendendo um cigarro e caminhando de um lado para o outro da sala, prosseguiu:

"Na loucura e no entusiasmo da guerra, os homens mal sabem o que fazem, ou o que são capazes de fazer, mas no silêncio da noite, quando se está sozinho e face a face com a morte, é aí que um homem sabe qual é realmente a sua verdadeira natureza.

Sob a luz radiante do dia, com os meus camaradas ao meu redor, ou galopando pelo *veldt* para o ataque, onde se podia ver o inimigo em campo aberto, a loucura da sede de sangue vinha em meu auxílio e sentia que era capaz de passar por tudo.

No Spion Kop, contudo, passei pelo meu primeiro teste e percebi quão cobarde de coração eu realmente era.

Ali, expostos durante dias e noites sem abrigo, superados em estratégia pelos bóeres, incapazes de ver os seus atiradores de elite a disparar lá de cima de uma posição mais elevada, a história era bem diferente, garanto-lhe.

A minha chamada coragem escorria-me pelas próprias pontas dos dedos. Jacia num suor frio de medo abjeto, perguntando-me se a próxima bala me teria como alvo. Passei por aquilo sem um arranhão — apenas sorte, pura sorte.

Depois veio a batalha do Rio Modder.

Imagine, se puder, uma vasta extensão de *veldt* aberto entre nós e a água, nenhum sinal de qualquer inimigo, nem uma árvore ou arbusto para dar cobertura, nem um tiro disparado.

As nossas ordens eram para atravessar o rio para ocupar as colinas baixas na margem oposta.

As ordens têm de ser cumpridas, nenhum homem entre nós esquivou o avanço, muito embora o mais humilde soldado raso nas fileiras sentisse no coração que 'alguém tinha metido os pés pelas mãos'.

O rio era largo mas podia ser atravessado; os nossos cavalos mergulharam, os homens seguiram-nos segurando as suas espingardas e munições acima das cabeças para as manter secas.

Tínhamos avançado mais de metade do caminho — nenhum inimigo era visível; aquele produto admirável, o soldado britânico, já tinha recuperado o ânimo, trocavam-se piadas de um homem para o outro.

De repente, ecoou um tiro, depois outro e outro — a margem oposta tornou-se uma linha lívida de fogo, estávamos virtualmente a olhar para as

bocas das espingardas, diante de nós, além de nós e a partir das colinas acima.

As balas sibilavam pelo ar, salpicavam a água, corpos mortos de cavalos e homens flutuavam rio abaixo. Estávamos encurralados como as tropas britânicas nunca tinham estado antes em toda a sua história.

E a luta continuava mesmo assim; alguns homens conseguiram passar a custo e combateram o inimigo corpo a corpo.

As peças de artilharia de campanha troavam em nosso auxílio, os obuses despedaçavam as trincheiras bóeres, mas em vão; atiradores de elite a partir de buracos e rochas acima de nós abatiam primeiro os comandantes, depois os sargentos, depois os soldados.

A noite estava a cair, soou a retirada. Mas como é que algum de nós conseguiu regressar, não sei.

Durante horas deitei-me atrás de um cavalo morto para me abrigar. Os bóeres tinham atravessado o rio; os seus atiradores abatiam qualquer vulto que se movesse na noite sombria.

Não me atrevia a mexer-me. Estava paralisado de medo, o silêncio pavoroso quebrado apenas pelos gemidos dos homens moribundos descontrolou-me por completo os nervos.

Foi então que soube que era um cobarde. Não conseguia encarar a morte que outros homens tinham encontrado com um sorriso.

Não era assim tão longe de volta às nossas linhas avançadas. Na luz difusa eu conseguia ver as unidades da Cruz Vermelha a recolher os feridos e os moribundos, mas estava apavorado demais para fazer aquela corrida pelo *veldt* aberto.

De repente, vi não muito longe de mim um homem gravemente ferido a erguer-se a custo. Um atirador de elite viu-o também e respondeu com o estalido de uma espingarda. A bala falhou; o homem continuou.

Estava tão debilitado que só se movia lentamente, mas mesmo assim as balas falhavam.

'Eu não estou ferido', pensei. 'Se ele consegue fazer a tentativa, com certeza eu posso fazer o mesmo.'

Rastejando de mãos e joelhos, passei por entre corpos de mortos e moribundos. Os meus olhos estavam fixos no Hospital da Cruz Vermelha mais próximo — não pensava em mais nada.

Fazendo um grande esforço, forcei-me a erguer-me de pé. Não tinha corrido dez jardas quando uma bala de um atirador me roçou o rosto, depois outra atravessou a manga da minha túnica. Quase sem saber o que fazia, agarrei no corpo de um homem caído no chão aos meus pés. Foi o trabalho de um instante lançá-lo sobre as minhas costas. 'Ele parará as balas', pensei. 'Tenho ainda um par de centenas de jardas para percorrer.'

Corri, como só o medo sabe fazer um homem correr. Alcancei a unidade da Cruz Vermelha, com o meu pesado fardo a escorregar-me dos ombros.

Sorte — suponho que lhe deva chamar assim —, tinha carregado um oficial gravemente ferido de alta patente e ganhei a Cruz de Vitória por bravura em campo."

Anos mais tarde encontrámo-nos de novo. Foi na pior fase da Grande Guerra, em outubro de 1916. Almoçava sozinho na sala de grelhados do Carlton. Bowles viu-me e aproximou-se da minha mesa. Parecia desgastado, depauperado, uma sombra do seu antigo eu.

"Sim", disse ele, em resposta ao meu olhar interrogativo, "a minha maravilhosa sorte abandonou-me. Nem sequer consigo um emprego para encher obuses.

Quando a guerra rebentou tentei alistar-me, mas não serviu de nada. Não consegui passar no exame médico. Em 1913 tive pneumonia e os médicos disseram que os nevoeiros de Londres fizeram o resto.

Sou um 'velho chaço partido', sentenciaram eles. Esta guerra convoca apenas os jovens, os aptos, o melhor que a nação pode produzir. Carne para canhão, todos concordaram, deve ser a fina flor da masculinidade; o grande deus Moloch não pode ser insultado com oferendas dos 'inaptos'.

O meu historial na Guerra dos Bóeres não me ajuda um único átomo. A minha V.C. foi ganha a combater agricultores, ridicularizam eles, mas combater alemães é uma coisa completamente diferente.

Por isso aqui estou eu, meu amigo, sem emprego de espécie alguma. O meu antigo negócio como corretor na falência, a Bolsa de Valores num estado de caos, eu próprio um náufrago por motivos de saúde e, pior ainda, estou no meu temido quadragésimo quarto ano.

A única coisa que posso fazer", continuou ele, "é ir ao encontro dos comboios que trazem os feridos às várias estações e ajudar os homens no regresso às suas diferentes casas."

Poucas semanas mais tarde, encontrava-se na Estação de Liverpool Street, em Londres, num dos piores ataques de Zeppelins; uma grande bomba caiu sobre uma casa na esquina de uma rua em frente de onde ele estava, demolindo-a por completo e matando um número de pessoas.

Acometido por um paroxismo de medo, começou a correr em direção à sua casa, a uns bons dois quilómetros de distância. Pelas ruas agora desertas correu até a alcançar — um apartamento na cave em Grays Inn Road.

A tremer de medo, lançou-se na sua cama, puxou os cobertores para cima da cabeça — e esperou.

O Zeppelin tinha-o seguido — bem alto, fora de vista nas nuvens distantes, pairou por um momento —, lançou outra bomba e desapareceu.

Após o estrondo, quando os escombros foram removidos, os bombeiros encontraram o corpo mutilado do Capitão Lionel Bowles deitado na sua cama.

CAPÍTULO XLVII

A ESTRANHA HISTÓRIA DA DUQUESA D'AVARAY, PRINCESA DE MONTGLYON

Num capítulo anterior destas Memórias, relatei como conheci o falecido Rei Eduardo VII, então Príncipe de Gales, no salão da Princesca de Montglyon no Berkeley Hotel, em Londres.

Algum tempo antes, ela tinha me procurado como cliente. As linhas nas suas mãos tinham-me contado uma história estranha, algo tão extraordinário e tão inigualável na ficção, e na qual me vi pessoalmente envolvido, que penso que interessará aos meus leitores se a relatar nestas páginas.

Na minha obra recente, *You and Your Hand*, reproduzi uma impressão autografada da notável mão direita desta senhora, usando-a como exemplo para aqueles que desejam aprender mais sobre este estudo por si próprios. Nestas Memórias posso, contudo, permitir-me aprofundar mais os detalhes

da sua vida do que o poderia fazer num livro que trata do lado técnico do estudo das mãos.

Esta mulher notável era uma "Filha do Destino" em todo o sentido dessa expressão. Nascida no berço do luxo, descendente de uma das famílias mais nobres da Europa, desde o nascimento carregava nas linhas das suas mãos os avisos prévios de um destino terrivelmente trágico que, aparentemente, tinha de ser cumprido.

Quando a conheci, era uma mulher de cerca de trinta e cinco anos de idade, notavelmente bela, invulgarmente inteligente, dotada de um encanto de personalidade e magnetismo que era irresistível no que tocava à maioria dos homens — contudo, um fracasso completo na forma como o sucesso mundano é medido.

O seu nascimento e ambiente tinham sido tão igualmente "fora do comum" como a sua vida subsequente provou ser.

A sua mãe, a Condessa de Mercy Argenteau, por direito próprio Princesa de Montglyon, foi uma das mais famosas "Damas de Companhia" na brilhante Corte de Napoleão III.

Não há dúvida de que esta mulher extraordinariamente bela desempenhou um papel importante na vida do Imperador dos Franceses, como ele era orgulhosamente designado.

Rodeado como estava pelas mulheres mais fascinantes da época, casado com a bela Eugénia de Espanha, o "belo sexo" teve indubitavelmente grande influência na sua carreira, mas ninguém mais do que a orgulhosa e imperiosa Condessa de Mercy Argenteau.

E no entanto este "caso amoroso", ou como quer que se lhe chame, foi deixado imaculado pelo escândalo, o que é uma coisa notável em si mesma.

Em todas as crónicas daquela alegre Corte de Napoleão III, nenhum sopro de calúnia chamuscou alguma vez o nome da Condessa de Mercy Argenteau, mesmo quando, após a queda do Imperador, foi descoberta em Paris uma passagem secreta que conduzia da casa dela para os aposentos privados dele no Palácio.

Oito anos antes de o Imperador perder o seu trono, nasceu a única filha da Condessa, o sujeito desta história. O acontecimento foi aclamado com festividades por toda a Corte francesa, sendo o próprio Imperador o padrinho da recém-chegada.

Para a Condessa de Mercy Argenteau, contudo, tinha sido uma amarga desilusão. Ela queria um filho e, em consequência, diz-se que quase odiava a pequenina por ser uma menina.

O Destino, desta forma cruel, iniciou a pequena Princesa sob condições desfavoráveis, as quais se tornaram ainda piores com a derrota da França e a queda do Imperador nas mãos do Exército Alemão.

A Condessa, sua mãe, fez todos os esforços possíveis para ir em auxílio de Napoleão, agora prisioneiro na Alemanha. Com o risco da própria vida, deixando a filha para trás, escapou do Cerco de Paris, fez o seu caminho sozinha e por si mesma diretamente até Bismarck e, de alguma forma extraordinária, conquistou o Homem de Ferro o suficiente para que este lhe concedesse permissão para ver o Imperador a sós no castelo onde se encontrava prisioneiro.

Por este meio, obteve as próprias opiniões e sugestões de Napoleão quanto aos termos do tratado que teria, mais cedo ou mais tarde, de ser redigido aquando da rendição de Paris.

Que cenas ternas se terão passado entre o homem decaído do poder e a mulher que tanto tinha arriscado para aquela entrevista de escassas horas, pode ser mais bem imaginado do que descrito.

Ao chegarem os últimos momentos, antes de se separarem para sempre, o ex-Imperador enviou apenas um pedido ao seu conquistador, "que a Condessa de Mercy Argenteau fosse escoltada em segurança de volta a Paris e poupada a qualquer indignidade pelo caminho".

Por ordens especiais de Bismarck, assim foi cumprido, com os seus soldados a fazerem a saudação militar onde quer que a carruagem dela parasse.

À sua chegada a Paris, a Condessa fez mais uma tentativa ousada para levar a cabo o que dizia serem os últimos desejos de Napoleão antes que o Tratado de Versalhes pudesse ser redigido.

Confiando na sua beleza e extraordinário encanto, forçou uma entrevista pessoal com o Rei da Prússia e com Bismarck no Palácio de Versalhes.

Nesta entrevista, expôs durante mais de uma hora os pontos de vista do ex-Imperador a favor de um tratamento indulgente para a França vencida. "Tudo em vão", escreveu ela nas notas que deixou. "Bismarck foi

absolutamente indiferente às minhas lágrimas ou aos meus encantos — o brutal Tratado de Versalhes foi redigido ontem à noite."

Falhando por completo nos seus desejos de ser prestável para o seu Imperador, retirou-se para a sua propriedade, o Château d'Argenteau na Bélgica, e ali permaneceu até à morte.

Entretanto, a sua filha, a pequena Princesa de Montglyon, o sujeito desta Memória, tinha crescido para ser uma rapariga belíssima e talentosa.

Sozinha, rodeada pelas muralhas históricas de um dos mais antigos castelos da Bélgica, encontrava-se isolada do mundo, sem companheiros ou distrações de qualquer espécie.

A sua mãe tinha, contudo, planeado para ela um "casamento brilhante" e, no devido tempo, casou-se com o Duque d'Avaray, um dos nomes mais orgulhosos da França.

O Destino tomou agora as rédeas nas suas próprias mãos. Paris abriu-lhe os braços para a acolher. À idade de dezoito anos, reinava como uma rainha de beleza entre as mais belas mulheres daquela época.

O seu salão era procurado pelos homens e mulheres mais brilhantes da atualidade, os maiores nomes da Europa frequentavam as suas receções. O Príncipe de Gales, mais tarde Rei Eduardo VII, tornou-se um dos seus mais devotos admiradores e vinha de Londres sempre que possível para estar presente nas suas festas.

O seu casamento foi, contudo, infeliz; o Duque e ela afastaram-se e levavam as suas próprias vidas independentes um do outro.

Por fora tudo parecia bem durante alguns anos, depois o ciúme e a inimizade de uma mulher a azedaram tanto que, um dia, simplesmente "bateu com a porta", deixando tudo para trás — até mesmo Paris.

Retirou-se para o Château d'Argenteau que tinha herdado da mãe e, com os seus cães e o seu maravilhoso bando de pavões e pavoas, pareceu viver feliz durante algum tempo.

Foi aqui, naquele belo e antigo castelo, que a vi no seu maior esplendor.

Durante um inverno invulgarmente rigoroso, num certo mês de dezembro, ela convidou-me para formar um grupo de convidados em sua casa e passar o Natal com ela.

Alcancei Ostende sob uma tempestade tal que fui o único passageiro a fazer a travessia a partir de Inglaterra nessa noite.

Pela altura em que o comboio alcançou Gante, a neve tinha começado a cair pesadamente e, quando cheguei a Liège, a estação mais próxima do castelo, as estradas tinham-se já tornado quase intransitáveis.

Tinha, contudo, tomado a decisão de alcançar o meu destino. Encarei tudo com um espírito de aventura, pelo que mais algumas dificuldades ou menos algumas não pareciam importar. Após alguma negociação e considerável perda de tempo, um trenó e quatro cavalos de aspeto muito decrépito foram finalmente colocados à minha disposição e, sob uma tempestade de neve fustigante, parti para o Château de Argenteau.

Não preciso de relatar esta parte da minha experiência; muitos outros já passaram por tempestades de neve antes e as tempestades de neve, tal como as pessoas, são muito construídas sobre as mesmas linhas monótonas. Bastará dizer que a viagem levou horas, mas, a dada altura da tarde, alcancei o meu destino.

Os magníficos portões de ferro forjado do Parque não estavam abertos; ninguém poderia ser esperado sob uma tempestade daquelas. O guarda do portão e a mulher tinham-se deitado, embora fossem apenas quatro horas, mas os guardas dos portões fazem sempre coisas assim em tais ocasiões. O atraso, contudo, deu-me a oportunidade de admirar os exemplares mais finos de portões de ferro forjado que talvez existam na Europa.

De uma grande altura, encimados por lanças douradas, ostentavam em cada centro um escudo coberto por quarenta e dois punhos de adaga feitos para representar quarenta e duas flores-de-lis num campo de azul. Este exemplar de trabalho heráldico soube mais tarde, pelos próprios lábios da Princesa, representava quarenta e duas adagas encontradas cravadas no peito de um dos seus antepassados sob as muralhas de Jerusalém durante a primeira Cruzada, e assim permaneceu como brasão de armas da família Argenteau desde então.

Finalmente, o guarda do portão foi arrancado da cama e, com a ajuda de pás e da sua rotunda mulher, os portões foram abertos o suficiente para o meu trenó entrar.

Alcançámos o pórtico do castelo, o som dos guizos do trenó tinha sido ouvido, as pesadas portas de carvalho foram abertas de par em par e a própria Princesa apareceu para me acolher, juntamente com a sua dama de

companhia inglesa, as únicas ocupantes do lugar, pois nenhum dos outros convidados tinha desafiado o tempo.

Durante quase uma semana ficámos retidos pela neve no castelo. Ao fim de uma tarde, ouvimos guizos de trenó na distância. Seria possível que alguém nos viesse visitar?

Um trenó puxado por dois esplêndidos cavalos dirigiu-se ao pórtico. Corremos para o átrio de entrada para ver quem tinha desafiado a neve. Para meu profundo espanto, o Rei dos Belgas e a Princesa Clementina, a sua real filha, entraram.

Sua Majestade reconheceu-me imediatamente. Num capítulo anterior, relatei o meu encontro com ele em Paris e no Palácio de Laeken mais tarde.

"Quem diria encontrar-se aqui", disse ele cordialmente, "e no castelo de um dos meus mais queridos amigos." Voltando-se para a minha anfitriã, a Princesa, tratou-a por "Prima" e anunciou calmamente que ela teria de o alojar a ele e à Princesca Clementina para a noite, pois estaria escuro demais para arriscar os bancos de neve na longa viagem de automóvel de regresso a Bruxelas.

Mais tarde, encontrámo-nos todos para o jantar; nesta ocasião foi servido na sala de jantar principal do castelo. Até então a Princesa, a sua dama de companhia inglesa e eu tínhamos feito todas as nossas refeições na sala de jantar mais acolhedora anexa aos próprios aposentos da Princesa.

A sala maior era quase régia no seu tamanho e mobiliário. As paredes de veludo carmesim estavam cobertas com as pinturas de antepassados que datavam do tempo da primeira Cruzada. Todo o serviço de mesa era de ouro — não admira, pensei eu, que os Reis tenham más digestões.

Sua Majestade da Bélgica comeu pouco; olhando do outro lado da mesa, troçou comigo por causa do ensopado irlandês que eu lhe tinha servido na minha casa em Paris e contou a história de como ele me tinha servido o mesmo prato quando o visitei no Palácio de Laeken, "mas o «Cheiro»", riu-se ele, "vingou-se ao predizer-me problemas de estômago para os anos vindouros."

E acrescentou: "Acredito que a sua previsão já está a ser cumprida."

A Princesa Clementina estava com o mesmo bom humor do seu real pai e contou de forma divertida como tinha ajudado a puxar os cavalos de um profundo banco de neve não muito longe do castelo.

O jantar decorreu alegremente, mas nada conseguia impedir o frio intenso de se infiltrar naquela sala imensa. Apesar de três enormes lareiras cheias de toros a arder, ficámos todos contentes quando a nossa anfitriã sugeriu que o café e os licores nos fossem servidos no andar de cima, nos seus próprios aposentos acolhedores. Uma vez lá em cima, as coisas pareceram melhores; além de duas grandes lareiras a lenha, havia nada menos do que quatro braseiros de carvão, um em cada canto da sala.

Sua Majestade sugeriu uma cartada de póquer, "para desviar os nossos pensamentos do tempo", riu-se ele; por isso jogámos até muito depois da meia-noite. Poderíamos ter continuado até de manhã se Sua Majestade não nos tivesse ganho o dinheiro todo. Não estava disposto a jogar por "papel", por isso parámos e despedimo-nos uns dos outros com um *au revoir* até ao almoço do dia seguinte.

A caminho dos meus aposentos, tive de passar pela capela privada onde o Padre Confessor, com dois acólitos, celebrava uma missa matutina. Estava, contudo, tanto frio que o padre usava um casaco de peles por baixo das suas vestes; enquanto os seus dois rapazinhos, também com peles, pareciam exatamente dois ursinhos "*Teddy Bears*".

Póquer, religião e uma personagem real sob o mesmo teto; que mistura, pensei eu, enquanto fechava a minha porta e adormecia.

Na manhã seguinte, a neve que tinha caído durante a noite estava acumulada nas janelas e continuava a cair. Encontrámo-nos todos ao almoço, mas na calorosa sala de jantar dos próprios aposentos da nossa anfitriã, onde a conversa foi naturalmente sobre o tempo. Decidiu-se finalmente que Sua Majestade e a Princesa Clementina não poderiam tentar a viagem de regresso a Bruxelas nesse dia. Sua Majestade aceitou o facto de ser um prisioneiro com muito boa graça e enviou um par de homens a cavalo ao Palácio para dar a saber ao seu Governo onde se encontrava.

Não havia telefone nos castelos belgas naqueles tempos, por isso ele teve um bom descanso e, creio eu, dormiu durante o resto do dia.

Na manhã seguinte, uma escolta chegou do Palácio de Laeken e Sua Majestade da Bélgica e a sua real filha regressaram a casa. Como não havia escolta para mim, tive de permanecer outros quatro dias antes que as estradas ficassem suficientemente passáveis para alcançar Liège e apanhar o meu comboio para Inglaterra.

Essa foi a última vez que vi Mercy de Argenteau, Princesa de Montglyon, rodeada pela magnificência na qual tinha nascido.

A vez seguinte em que nos encontrámos, o seu esplendor tinha diminuído, a sua fortuna tinha partido para sempre, com os credores a atacarem-na de todos os lados. Durante os nossos muitos anos de amizade, eu tinha muitas vezes previsto para ela a crise financeira que se aproximava e que ela parecia estranhamente incapaz de evitar. Tinha-lhe mostrado nas suas mãos como as Linhas do Destino e do Sucesso se estavam a desvanecer rapidamente.

Era uma fatalista até à medula e recebia cada golpe com um sorriso. No topo do seu papel de carta privado tinha gravadas em relevo as palavras em francês: *"Et ceci aussi passera"* (e isto também passará). Esta era a perspetiva com que encarava a vida e era impossível fazê-la ver as coisas de outra maneira.

Uma especulação atrás da outra a arruinou. O dinheiro derretia-se nas suas mãos como se fosse neve; joias e relíquias preciosas da sua família tiveram de ser vendidas para pagar as suas dívidas. Finalmente, os credores penhoraram o Château de Argenteau e, por uma estranha ironia do Destino, o último quarto a ser vendido, e o último em que ela dormiu antes de deixar o castelo para sempre, foi o próprio quarto no qual tinha nascido. Nessa noite partiu para Paris, tendo como único companheiro "Shamrock", um belo cão *collie* que ela adorava.

O Destino não tinha terminado com ela mesmo assim. Eu tinha-lhe sempre previsto que, quando tudo tivesse partido, algum caso de amor romântico entraria na sua vida, o qual faria com que ela deixasse o seu próprio país e começasse uma nova vida num mundo como os Estados Unidos. Disso ria-se ela, dizendo que uma coisa como o amor era impossível. Contudo, curiosamente, estava fado que eu estivesse presente quando a cortina subiu para o romance mais estranho desta vida estranha.

Uma noite, em Paris, enviou-me um convite para estar presente na grande arena do antigo Moulin Rouge. Queria que eu visse, escreveu ela, uma ousada exibição de domador de leões onde Bonavita, o famoso domador americano, iria aparecer pela primeira vez. De facto, acrescentou ela: "Quanto mais vejo os homens, mais amo os bichos."

Tínhamos lugares na frente, nas cadeiras da plateia.

As grandes cortinas carmesins abriram-se. Todo o palco tinha sido substituído por uma jaula de aço; enormes leões africanos caminhavam de um lado para o outro diante de nós, olhavam fixamente e rugiam para o

público, investiam e rosnavam uns para os outros e comportavam-se de uma forma geral como se supõe que o "Rei dos Animais" faz.

O famoso domador de leões entrou, fechou o portão de aço atrás de si e permaneceu por um momento como uma estátua.

Bonavita era um homem de físico esplêndido; vestido com uma espécie de uniforme militar mitigado, causava uma impressão imponente. O público fez-lhe uma ovação magnífica. Era o único domador de leões no mundo que nunca usava chicote.

Indiferente, caminhou para o meio dos leões e obrigou-os a fazer os seus exercícios. Obedeciam aos seus comandos como crianças — todos menos um.

Um animal possante e fulvo retirou-se amuado para um canto, fustigou a cauda e rosnou para Bonavita de forma ameaçadora.

O público ficou encantado. Para eles era um duelo entre a coragem de um homem e o génio de um animal perigoso.

Bonavita ordenou ao leão que se deslocasse para o centro. Por um momento pareceu pronto a obedecer, mas foi apenas por um momento; moveu-se pesadamente para as traseiras da jaula e depois agachou-se, olhando furioso para o seu domador.

O homem virou-se. De costas para o público, enfrentou o leão. Os outros animais escaparam para vários cantos, deixando o homem e o bicho resolverem o assunto entre si.

O teatro apinhado ficou silencioso na expectativa, tão silencioso que se poderia ter ouvido a queda de um alfinete.

A Princesa ao meu lado agarrou-me o braço na intensidade do momento.

De repente, o grande bicho deu um rugido de desafio que ecoou pelo teatro. O momento tinha chegado. Com outro rugido saltou sobre o homem indefeso, derrubou-o no chão e começou a despedaçar-lhe o ombro e o braço esquerdos.

Então o inesperado aconteceu. Com toda a gente paralisada pelo medo, a Princesa saltou do seu lugar; num segundo alcançou a jaula, picando e golpeando a face do leão com o cabo da sombrinha que trazia.

Rosnando de dor, o bicho recuou alguns passos da sua vítima; um funcionário abriu o portão de aço, mas, demasiado apavorado para entrar, permaneceu a segurá-lo aberto enquanto os outros leões, agora excitados, rondavam pela jaula.

Empurrando o homem para um lado, a Princesa entrou. Ajoelhando-se, levantou a cabeça do homem ferido para o seu regaço e depois, com a ajuda do funcionário, carregou-o por entre os leões e para fora do portão, em segurança.

Bonavita foi levado à pressa para um hospital, indo a Princesa com ele na ambulância. Uma operação salvou-lhe a vida, mas não conseguiu salvar-lhe o braço.

E no entanto o Destino não tinha jogado todas as suas cartas. Algumas semanas mais tarde, os jornais anunciaram que o grande domador de leões americano embarcaria no dia seguinte para Nova Iorque.

Nessa noite a Princesa passou pela minha casa. "Vim despedir-me", disse ela. "Parto para os Estados Unidos pela manhã. Bonavita não está suficientemente forte para viajar sozinho."

Um mês ou pouco mais tarde recebi uma carta de Nova Iorque. "Meu querido «Cheiro»", escreveu ela, "pode anunciar aos seus amigos — não se preocupe com os meus, já não tenho nenhum — que a Princesa de Montglyon casou com Bonavita, o domador de leões. Posso ter perdido uma grande parte na minha vida — mas acabei por encontrar... o amor."

E mesmo assim o Destino não tinha ainda terminado. Dois anos mais tarde chegou outra carta — o sonho de amor tinha terminado.

"Bonavita era o melhor e o mais nobre homem que alguma vez conheci", escreveu ela, "mas os seus caminhos não eram os meus caminhos, nem os meus caminhos os dele. Separámo-nos para sempre. Permanecerei na América — mas sozinha. Faça o uso que quiser daquela impressão que tirou da minha mão."

CAPÍTULO XLVIII

COMO CASEI — E PORQUÊ

Como tenho recebido tantas cartas perguntando sem rodeios se alguma vez fui casado, talvez não seja considerado fora de propósito se responder à questão nestas Memórias.

Não sei por que razão alguém haveria de estar interessado na minha própria vida privada, mas como evidentemente estão, e não apenas mulheres mas homens, esforçar-me-ei por satisfazer esta curiosidade de uma vez por todas.

Para o fazer, terei de expor a minha própria alma e apresentar os meus sentimentos e razões sobre este assunto, os quais poderão não estar de acordo com as perspetivas ou opiniões de alguns dos meus leitores.

A correr-me pela mente enquanto escrevo está aquela citação bem conhecida:

"To thine ownself be true, And it shall follow, as the night the day, Thou can'st not then be false to any man." *(Sê fiel a ti próprio, e seguir-se-á, como a noite ao dia, que não poderás então ser falso com ninguém.)*

Declararei portanto abertamente que, ao longo de toda a minha invulgar carreira, o casamento foi a última coisa que me passou pela mente. Não o aprovava, pelo menos não para mim próprio, por muitas razões. Em primeiro lugar, amava a independência mais do que qualquer outra coisa no mundo. Em segundo, tinha em mim aquela têmpera que faz de alguém um rebelde contra a convencionalidade. Terceiro, levava uma vida invulgar que teria sido dolorosa para qualquer mulher comum acompanhar — a vida de uma pedra rolante, pronta a um momento de aviso a ir para qualquer lugar na busca de material para o meu próprio estudo particular. Por último, não compreendia por que razão duas pessoas tinham de estar unidas pela lei — quando o amor é o único laço que une —, e como esse amor nunca tinha entrado no meu coração, a necessidade de casamento nos meus primeiros anos nunca me passou pela mente.

Poderá surpreender muitas pessoas saber que na Europa existem uma ou mais sociedades secretas que existem com o propósito declarado de que nenhum dos seus membros se casará. Com a minha propensão peculiar para as coisas fora do comum, não foi de surpreender que me tenha juntado a uma destas sociedades no início dos meus vinte anos. A que me juntei consistia em quinhentos membros vinculados sob um juramento comum de nunca entrarem nos laços do matrimónio.

Essa palavra no nosso ritual, posso acrescentar, era escrita e pronunciada "*weed-lock*" [bloqueio de ervas daninhas], e desempenhava um papel importante na nossa cerimónia de iniciação.

Cada membro pagava quotas de cem libras por ano para uma espécie de fundo de pensões, dinheiro esse que, acrescido de juros compostos,

ascendia a uma quantia considerável quando se atingia a suposta idade inacessível ao casamento de sessenta anos — chamada no nosso ritual "a idade da sabedoria".

Não suponham por um único momento que os membros de tal associação eram "misóginos"; muito pelo contrário, eram "amantes das mulheres", mas no sentido mais elevado desse termo.

Numa parte do nosso ritual prestávamos o juramento de ajudar as mulheres de todas as formas que fosse possível; de não respeitar nenhum estatuto mais do que outro — que o título 'mulher' cobria todos os estatutos. Noutra parte éramos admoestados a doar generosamente para o fundo para as mulheres em aflição, de modo a que as parentes femininas dos nossos membros pudessem ser ajudadas em tempos de dificuldade. Além disso, éramos da forma mais estrita conjurados a respeitar a liberdade das mulheres tanto quanto respeitávamos a nossa própria; a nunca forçar as nossas atenções sobre ela quando esta não desse encorajamento; a esperar que ela desse antes de nós tomarmos. De facto, a considerá-la como uma dádiva de Deus e não como uma escrava do homem.

O casamento era considerado o inimigo de tais sentimentos, e era a única razão pela qual prestávamos o juramento de nos mantermos livres dos seus enredos.

No meu próprio caso, embora as linhas da minha mão previssem distintamente que estava fado a casar tardiamente na vida, ria-me de tal possibilidade e sentia-me forte no facto de ser membro de uma sociedade antimarriage.

Os desígnios do Destino são, contudo, tão irresistíveis quanto escrutináveis. Pouco depois de me ter juntado à sociedade, veio um dia aos meus aposentos em Londres, como cliente, uma jovem rapariga cujas mãos pequenas e belamente formadas me atraíram ainda mais do que ela própria. Mãos bonitas foram sempre uma fraqueza minha; assim como um conhecedor de arte quase adora uma pintura requintada, assim considero eu as mãos bonitas.

Previ que esta jovem rapariga teria um destino cruel diante de si; casaria no prazo de um ano, perderia o marido de alguma forma misteriosa que por muito tempo a impediria de voltar a casar. Encontraria repetidamente o homem com quem acabaria por casar, mas seria impedida de o fazer durante muitos anos; finalmente, superando todas as dificuldades, seria bem-sucedida no fim.

Olhando-me diretamente nos olhos, esta jovem rapariga de dezasseis anos disse com toda a inocência mas por impulso:

"O senhor é o único homem com quem eu desejaria casar; se, como diz, estou fada a perder o meu primeiro marido, não pode tentar fazer com que o segundo aconteça um pouco mais cedo?"

"O que quer dizer?", perguntei.

"Simplesmente que pretendo tê-lo para meu segundo marido, se não o puder ter para primeiro."

Agradeci-lhe o cumprimento que me tinha feito, sorri com o sorriso de um homem seguro de si, acompanhei-a até à porta, mas não consegui esquecer as suas mãos pequenas e belas.

Anos mais tarde encontrámo-nos em Nova Iorque. Trajava vestes de viúva, mas como o corpo do marido não tinha sido encontrado, sendo ambos de nacionalidade inglesa, teria de esperar sete anos, disse-me ela, antes que os tribunais permitissem que a morte dele fosse presumida.

Encontrámo-nos de novo na China, no Cairo, em Monte Carlo e em Paris, mas como pelo meu juramento eu não podia casar, permanecemos bons amigos e nada mais. No fim, talvez para esquecer, partiu para o Egito e viveu durante mais de quatro anos na sua própria caravana, viajando nos confins do Sahara.

Um dia, de regresso ao Sul de Inglaterra, leu o seguinte no *Daily Mail*: "Lamentamos anunciar que «Cheiro», o bem conhecido vidente, se encontra tão gravemente doente com pneumonia dupla que não se espera que sobreviva. Se quaisquer parentes virem este anúncio deverão dirigir-se a Devonshire Lodge, Londres, sem demora."

Não houve parentes que aparecessem, mas no dia seguinte ela alcançou Londres e tomou conta de mim como se fosse a coisa mais natural do mundo a fazer.

Tive uma longa e dura luta pela vida; ela tratou de mim noite e dia. Aquelas mãozinhas provaram que podiam ser úteis, bem como belas.

Fizemos uma viagem ao Mediterrâneo para tornar a minha recuperação completa. Um dia, na viagem de regresso a Inglaterra, lancei um bom olhar para as linhas da minha própria mão. Vi que me aproximava da data em que o casamento estava marcado para mim tardiamente na vida. Desci à sala de escrita e escrevi a minha demissão da Sociedade

Antimarriage, à qual tinha pertencido por quase trinta anos. Com medo de fraquejar na minha resolução, dei a carta à minha futura esposa para a colocar no correio e casámos no meu regresso a casa.

Ao escrever este capítulo não posso deixar de pensar naquele poema bem conhecido que é tão apropriado ao meu próprio caso:

"Two shall be born the whole wide world apart, And speak in different tongues, and have no thought Each of the other's being, and no heed — And these o'er unknown seas to unknown lands Shall cross, escaping wreck, defying death, And all unconsciously, shape every act And bend each wandering step to this one end, That one day, out of darkness they shall meet And read life's meaning in each other's eyes." *(Dois nascerão em extremos opostos do mundo, e falarão em línguas diferentes, e não terão pensamento algum da existência um do outro, nem atenção — e estes por mares desconhecidos para terras desconhecidas cruzarão, escapando ao naufrágio, desafiando a morte, e, de forma totalmente inconsciente, moldarão cada ato e curvarão cada passo errante para este único fim, que um dia, vindos da escuridão, se encontrarão e lerão o significado da vida nos olhos um do outro.)*

Um breve esboço biográfico da carreira da minha esposa poderá ser de interesse. Pelo lado da mãe é de ascendência francesa e inglesa, pelo do pai de estirpe inglesa que traça o seu pedigree até ao "Príncipe Negro", Eduardo I de Inglaterra.

Ela própria teve uma carreira invulgar e cheia de acontecimentos. Com uma propensão muito vincada para a química, foi a primeira mulher em Inglaterra que inventou a joalharia esmaltada, desenhando o seu próprio forno elétrico para o efeito. Como poderá ser lembrado, esta mania da joalharia esmaltada e do trabalho em laca tornou-se a voga em Londres há cerca de vinte anos. Sendo artista por natureza, os desenhos que produzia eram muito originais. Ao mesmo tempo desenvolveu a pintura a pastel, usando as pontas dos dedos em vez de pincéis. Nos seus primeiros anos possuía uma voz extremamente bela, mas infelizmente a sua carreira musical foi interrompida por uma operação à garganta causada por difteria.

Para recuperar a saúde viajou por muitos países, visitou o Egito, o Japão e a China, também a América do Norte e do Sul, e teve a experiência única de ser raptada por bandidos no México. O chefe do bando de salteadores por acaso era um Par do Reino inglês que tinha sacrificado o seu nome e fortuna de modo a proteger uma mulher por quem estava apaixonado. Esta história é muito belamente contada num livro que ela

escreveu, chamado *Outlawed for Love*, o qual foi recentemente publicado em Londres.

Tendo um talento decidido para a geologia, botânica e química, em anos posteriores dedicou o seu tempo ao estudo das pragas que prejudicam a vida vegetal em várias partes do mundo. Em tal trabalho de investigação foi extraordinariamente bem-sucedida, tendo sido convidada por Governos de muitos países para os auxiliar na sua luta contra pragas de insetos de muitas espécies. Escreveu recentemente um tratado exaustivo sobre a causa da destruição generalizada das plantações de coca na América do Sul, e apontou como esta destruição poderia ser evitada e as plantas trazidas de volta à sua produtividade original.

Como tantas vezes tenho chamado a atenção nos meus livros para o facto de que as pessoas com mãos extremamente pequenas têm um desejo natural de tentar grandes coisas, ela é um exemplo notável desta teoria. Tem as mãos mais pequenas de qualquer mulher que alguma vez conheci e o seu trabalho atual, não estando confinado a um único país, poderá no fim estender a sua influência a cada nação do mundo a quem a questão da proteção da vida vegetal apele.

CONCLUSÃO

Em conclusão, gostaria de acrescentar uma breve palavra de agradecimento à Imprensa — britânica, americana e colonial — pela forma generosa como sempre me trataram e pelo encorajamento que deram nas críticas aos meus livros. Muitas vezes a Imprensa sugeriu que eu deveria publicar um volume completo de Memórias. Obedeci ao dar este livro ao público. Ao fazê-lo, tentei colher do Feixe da Memória os incidentes mais variados e do interesse mais amplo possível. Devo, contudo, declarar que este volume, grande como é, apenas cobre uma pequena parte das minhas muitas experiências, mas caso a procura por parte do público seja suficientemente grande, terei todo o prazer em continuar com outro volume.

Se algumas das histórias que relatei são tão estranhas a ponto de serem quase inacreditáveis, apenas posso pedir aos meus leitores que tenham em mente que uma vida fora das autoestradas e caminhos comuns estava fada a atrair o invulgar. Guardei muitas outras histórias, totalmente tão sensacionais como qualquer uma das que aparecem nestas páginas; mas aquelas que apresentei posso garantir que realmente ocorreram, sendo as únicas alterações, em alguns casos, a supressão de nomes verdadeiros para que não seja causada dor desnecessária e, no outro, o uso do privilégio de

descrição do autor, assim como um artista usa o seu pincel — não para obscurecer ou deformar, mas para realçar as luzes e as sombras do quadro.

FINIS